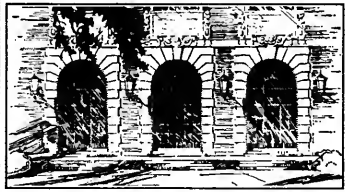


THE
MUSEUM
OF
THE
CITY OF
BOSTON

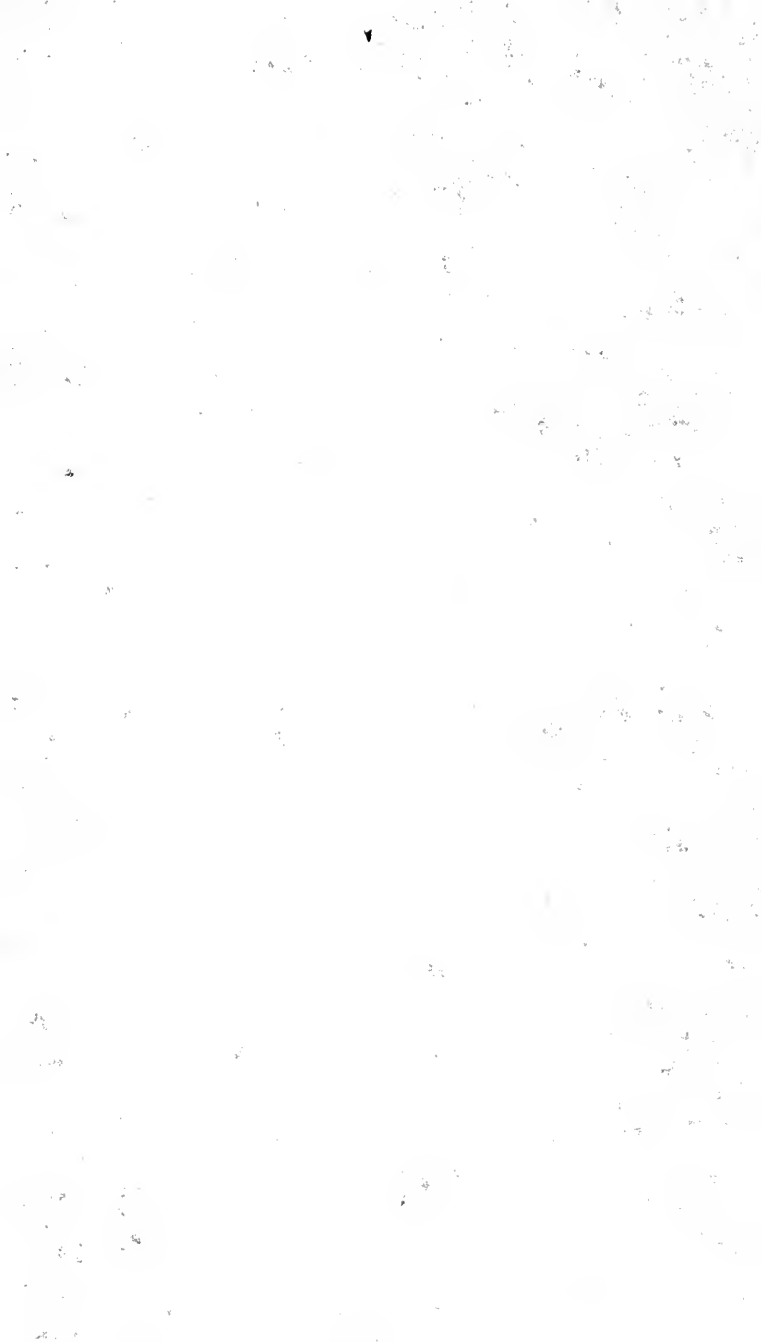
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF ILLINOIS
AT URBANA-CHAMPAIGN

869.9

M456s



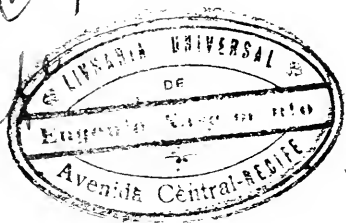




10, W

O SILÊNCIO É DE OURO...

Luís de Lencastre
1911



OBRAS DO MESMO AUTOR

- CANÇÕES DA DECADÊNCIA. — *Poezias* (1883-1887).
PECADOS. — *Poezias* (1887-1889).
O REMORSO. — *Poemeto* (1889).
POEZIAS (1883-1901).
UM HOMEM PRÁTICO. — *Contos*.
MÃI TAPUIA. — *Contos*.
CONTOS ESCOLHIDOS.
O ESCÂNDALO. — *Drama*.
EM VOZ ALTA. — *Conferências literarias*.
SUR UN PHÉNOMÈNE DE SYNOPSIS PRÉSENTÉ
PAR DES MILLIONS DE SUJETS.
PONTOS DE VISTA. — *Ensaio*.
LITERATURA ALHEIA.
O REJIMEN PRESIDENCIAL NO BRAZIL.
O BRAZIL E A GUERRA EUROPÉA. — *Conferência*.
-

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

da Academia Brasileira



O Silêncio é de Ouro...

Conferências literárias

O SILÊNCIO É DE OURO... — ... MAS NÃO CAZAR
É MELHOR. — DINHEIRO HAJA! — CIUME E
CIUMENTOS. — O SONHO. — SOUVENT FEMME
VARIE. — SI SE DEVE MENTIR...

1.º MILHEIRO

FRANCISCO ALVES & C^{ia}

RIO DE JANEIRO

166, RUA DO OUVIDOR, 166

S. PAULO

65, RUA DE S. BENTO, 65

BELLO HORIZONTE

1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C^{ia}

PARIS

96, BOULEVARD MONTPARNAASSE, 96

(LIVRARIA AILLAUD)

LISBOA

75, RUA GARRETT, 75

(LIVRARIA BERTRAND)

—
1916

869.9
M456s

O SILÊNCIO É DE OURO

~~~~~

CONFERÊNCIA REALIZADA NO  
CLUB DOS DIÁRIOS, EM PETRÓ-  
POLIS, EM 22 DE MARÇO DE 1906.

**E**STA conferência não tem um assunto muito precizo. Não será a demonstração de uma teze. Não terá mesmo uma concatenação rigorosa. Irá numa conversa um pouco descozida — descozida e até, ás vezes, um tanto contraditória — borboleteando de umas para outras considerações. Talvez de toda ela só o que se salve seja o título...

Quando eu quiz pôr alguma ordem no seu plano, fui a graves compêndios de retórica, a livros de homens amaveis e experimentados, que dão conselhos aos principiantes. Em todos achei duas indicações, uma de ordem, si assim se póde dizer, física, e outra de ordem moral.

A de ordem física é que sempre se deve

---

começar uma lição, discurso ou conferência em voz baixa, que depois se irá elevando gradualmente, para assim forçar a atenção do auditório. Nada me é mais facil do que seguir este conselho. A memória do famoso tenor Tamagno, cuja voz, quando ele cantava em pequenas salas, chegava a rachar as vidraças, nada tem a receiar da minha concorrência.

A indicação de ordem moral é que convem ao princípio dizer frases de modéstia e mostrar receio pelo éxito da tarefa, que se empreende. Ora, em parte, este segundo conselho não me é facil de tomar. Não que eu hezite em dizer frases modestas : dizendo frases verdadeiras, não terei dúvida em lembrar o meu inexistente mérito. Mas manifestar aqui qualquer temor pelo éxito desta conferência é superior ao que posso fazer : seria mentir á minha consciência. Por que? Porque, de duas uma : — ou eu consigo, hipóteze bem improvavel, agradar ao meu seletto auditório — e nesse cazo terei o melhor dos sucessos; ou, ao contrário, como é de temer, revelar-me-ei o mais insípido e intoleravel dos conferentes. Nesta ultima hipóteze, mais do que nunca, todos os que agora me ouvem sairão murmurando

---

que o silêncio — pelo menos o dos oradores sem eloquência e sem graça — é realmente de ouro. Será ainda o successo — não meu, mas do título da conferência...

Esse título, si se dér crédito á maledicência universal, é inaceitavel pela mais bela metade da espécie humana. A literatura popular, as relijiões, as leis de todos os paizes asseveram de fato que nada é mais difficil ás mulheres do que guardar segredos e falar pouco.

Da literatura popular eu me limitarei a lembrar-lhes duas quadras. Ha dezenas, ha centenas; mas essas bastam :

Mulher não guarda segredos.  
Quem segredos lhe contar  
faz o mesmo que si os fosse  
pelas ruas a gritar.

E' categórica e insolente. A outra, parecendo uma réplica, é uma confirmação não menos forte :

Mulher não guarda segredos?!  
Eu sei de uma que guardou:  
quando acabava de ouvi-lo,  
veio um raio que a matou...

---

Vê-se bem que o autor desta quadra estava convencido de que, si o raio não tivesse acudido tão promptamente, tambem a depositária daquelle segredo tê-lo-ia passado adiante... Foi, portanto, uma exceção das que confirmam as regras.

Essa regra nunca soffreu dúvida para os relijiosos. Não ha livro sagrado que se esqueça de mencionar a tagarelice feminina e de aconselhar discrição á metade mais deliciosamente indiscreta da espécie humana.

S. Paulo recomendava ás mulheres que aprendessem « em silêncio, com toda a sujeição, pois que — acrescentava ele — eu não permito á mulher que ensine nem que tenha domínio sobre o marido, sinão que esteja em silêncio ». E, ríspido, o apóstolo lhes lembrava que Adão não foi seduzido pela serpente e sim unicamente pela loquacidade feminina (1). Tertuliano, grande doutor da Igreja, insistiu nesse ponto. O mal entrou no mundo graças á tagarelice de Eva. Por isso, Tertuliano aconselhava ás mulheres : « Que sejam silenciozas, que fiquem em caza e que consultem os seus maridos (2). »

---

(1) S. PAULO. — *Epistola a Timóteo*, II, 11 a 14.

(2) EM PAUL DE RÉGLA. — *L'Église et l'Amour*, p. 33.



---

Mas, afinal, por importantes que sejam as opiniões de doutores da Igreja e mesmo daquele a que se póde chamar o apóstolo máximo — S. Paulo — nenhuma tem o valor da de Cristo. Essa é deciziva. Tanto mais deciziva quanto ele não a deu em tom de censura ou de prédica. Houve um momento em que precisou de gente que falasse muito. Não teve uma hezitação : procurou mulheres. Dezejando divulgar a sua resurreição, que fez ele? Apareceu a Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé. E foi pozitivamente como se tivesse publicado o fato num jornal de grande circulação... Trez mulheres! Na prática, para a difuzão de uma notícia, isso equivale a uma edição do *Times* ou do *Petit Parisien*, os diários de maior tirajem em todo o mundo...

Mahomet, que veiu alguns séculos depois de Cristo e fundou a última em data das grandes relijiões que existem atualmente, concordava com seu gloriozo predecessor. A opinião de Mahomet é válida por muitos motivos. Válida para os crentes na sua inspiração divina, porque ele falava em nome de Allah. Válida para os descrentes, porque ele se cazou com onze mulheres. Devia, portanto, conhecê-las bem! E ele as proclama

---

incoercivelmente tagarelas. Em uma das suas *suratas* do Alcorão queixa-se de certa mulher que lhe divulgou um segredo (1).

Seria fastidioso multiplicar as citações. A opinião dos fundadores de religiões é unânime. Eu quiz limitar-me ás duas últimas, entre outras razões, porque são as dos povos mais cultos e englobam a maioria da humanidade.

Mas, si Cristo utilizou uma vez a tendência das mulheres para a loquacidade, religião houve que explorou essa tendência de um modo permanente — e aliaz maquiavelicamente habil. Essa religião foi a dos Incas. Nela os homens se confessavam a homens e as mulheres a mulheres. Chegavam assim a um resultado maravilhoso : ao passo que os segredos dos homens eram escrupulozamente guardados, não havia segredo feminino que se não divulgasse! Outra coiza não dezejavam os maridos ciumentos.

Igual providência tomou uma seita cristã da Syria.

Mas a religião dos Incas morreu e a seita dissolveu-se. Essa prática extinguiu-se.

Rabelais conta que as freiras de Fonte-

---

(1) LXVI, 3,

---

vrault tentaram obter o privilégio de se confessarem umas ás outras (1). Certo dia, em que o papa João XXII lhes vizitou o convento, ellas lhe pediram o direito de confissão. Alegaram que, apesar de consagradas ao serviço divino, cometiam pequenos pecados, que tinham muito acanhamento de revelar a confessores homens, embora estes fossem respeitaveis e discretos. O papa ficou de lhes responder no dia immediato. Quando, porém, ia sair, recomendou toda cautela com uma caixinha por ele deixada na meza do seu quarto : si alguem a abrisse, corria o perigo de ser excomungado.

Ora, no dia seguinte, voltando, ele achou a caixa vazia. Deixára nela um pássaro, que fujira. Excitadas pela curiosidade, as freiras, arriscando-se até mesmo á excomunhão, tinham aberto a caixa — e a ave voára. O papa, que só fizera a proibição para as experimentar, mostrou-lhes diante desse fato como não lhes podia conceder o direito de confissão. E foi por isso — talvez infelizmente — que não se deu ás mulheres aquella prerogativa.

Eu digo : — « talvez infelizmente » —

---

(1) Pantagruel.

---

porque muitos incrédulos haveria, incapazes de se confessarem a velhos padres feios e tabaquentos, que não duvidariam referir todos os seus segredos a uma deliciosa *padrinha*, guiado por cujas mãos fosse agradabilíssimo ir para o céu... Haveria até, em alguns casos, quem inventasse pecados inéditos só para ter o prazer de os confessar a essas diretoras espirituais...

Eu não sei si realmente as freiras de Fontevault existiram, si realmente fizeram aquele pedido ou si tudo não passa de invenção de Rabelais. Mas para honra e glória dos nossos Brazís e das brasileiras, que neles habitam, sei que a Igreja católica conhece pelo menos uma mulher confessora. Confessora ortodoxa, autorizada pela Santa Madre Igreja. Confessora, que um austero jesuita proclamava ser-lhe superior nessa delicada função!

Os jesuitas mandavam do Brazil para Portugal minuciozas contas de tudo o que faziam. As cartas em que isso relatavam são uma das fontes de nossa história patria. Na carta que o padre Antonio Pires escrevia de Pernambuco, em 5 de junho de 1552, « vespora (*sic*) do Espírito-Santo », dizia ele falando das suas relações com os índios :

---

« O intérprete é uma mulher cazada, das mais honradas da terra... Com esta mulher confessei algumas Indias cristãs e creio que é melhor confessora que eu... (1) ».

Certo, ela não tinha direito para dar por si a absolvição; mas recebia e transmitia os segredos das que se confessavam. Por que o padre a achava melhor que ele? Ninguém tem duvida em crêr que uma mulher curioza saberá indagar, perscrutar, extrair melhor do que um homem os segredos alheios. O clojio póde ter, portanto, uma certa malícia. Mas para que lhe dessem esse papel necessário se tornava que confiassem na sua discrição.

Os intérpretes masculinos eram então frequentes. Dos femininos só sei deste, que honrou o sexo. Si, por conseguinte, algum dia as mulheres quizessem voltar a pedir o direito de confessar, é para exemplo aqui do Brazil que teriam de recorrer, como um precedente que as reabilita.

E' bom notar que apezar da grande prevenção relijioza contra a tagarelice feminina, a Igreja conhece alguns cazos de santas que

---

(1) *Cartas Jesuíticas. — Cartas Aculsas 1550-1568*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1887. p. 52.

souberam ficar silenciozas por semanas, por mezes, por anos inteiros — o que deve provar que tambem as mulheres pódem, ás vezes, estar caladas... Ás vezes...

Certo, eu não vou aqui percorrer o *Flos Sanctorum* para procurar as santas cuja celebridade vem de serem pouco faladôras. Basta lembrar o cazo de S. Emiliana de Florença, que passava todos os anos quarenta dias de rigorozo silêncio; o de S. Catarina de Siena, que fez essa proeza por trez anos e o de S. Anastázia, que, disfarçada em frade e na companhia do marido, vivendo na mesma cela que ele, — porque os outros frades não sabiam de quem se tratava — conservou-se longos anos sem dizer palavra!

Objetarão os que vivem a falar mal das mulheres que foi exatamente porque essas falavam pouco que foram canonizadas — o que prova como a discrição é para elas uma virtude difficil. Não precisaram, talvez, fazer mais do que isso, afim de irem direitinhas para o céu! E ainda assim é lícito perguntar: si S. Emiliana estava calada quarenta dias cada ano, quanto falaria nos restantes 325? Quem sabe si não era para descansar a lingua? Quanto a Santa Anastázia, nem vale a pena tratar dela... Uma pobre mulher, que

---

durante anos inteiros consegue a olhos argutos e maliciosos de frades passar como homem, — calculem como devia ser feia!

Em todo cazo, pois que dois exemplos existem, era exajerado de mais aquelle poeta francez, Grécourt, que proclamava a absoluta impossibilidade das mulheres discretas :

Etre discrète et femme tout ensemble,  
ce sont deux points que jamais on n'assemble.

Corneille ficou dentro dos limites da verdade, dizendo que o fato póde ocorrer; mas, á força de raro, chega a ser miraculozo :

Quand une femme a le don de se taire,  
elle a des qualités au-dessus du vulgaire.  
C'est un effort du Ciel qu'on a peine à trouver,  
sans un petit miracle il ne peut l'achever.

Ha, entretanto, uma objecção possivel ás alegações relijiozas.

As relijiões pedem o absoluto. Elas querem certas virtudes em toda a sua pureza — e essa pureza é sobreumana.

Valia a pena examinar o ponto de vista da prática : o dos costumes e, sobretudo, o das leis pozitivas.

A relijião quer o amor de todos os homens

e considera pecado atentar contra ele por pensamentos, palavras e obras. As leis não levam tão longe as suas pretenções. Elas nos dizem : « Amai, ou não amai o vosso próximo. O que nós não consentimos é que o molesteis por obras ou por ações ». É uma restrição consideravel do que constitui o ponto de vista relijiozo.

Admitindo tudo isso, ainda assim o sexo feminino não ganha muito : várias legislações previram certas penas para as mulheres que falam muito. E, si só para elas a sabedoria dos antigos juristas julgou util crear castigos á parte, foi porque de certo reconheceu que só elas os mereciam.

Dessas punições as mais célebres consistiam na cadeira de mergulhar e na máscara (1).

A primeira era uma cadeira na qual se atava a paciente perfeitamente vestida, e que se mergulhava em quaquer rio, pôço ou mesmo no mar, um certo número de vezes. Algumas se fixavam em uma longa trave com a qual se armava uma espécie de gangorra. Sentada e amarrada a faladeira, punha-se a

---

1) ANDREWS. — *Les châtimens de jadis*, p. 302 a 365.



---

ponta da trave sobre o rio e, pelo número de vezes marcado, fazia-se que ela caísse dentro d'agua. Como facilmente se imagina, toda a população vinha acumular-se nas margens para assistir ao espetáculo e havia uma troça, uma galhofa enorme, quando a infeliz surjia meio sufocada de dentro d'agua. Sufocada e encharcada.

Este castigo persistiu durante séculos. Todos os que o viram aplicar garantem-lhe a eficácia. Ha mesmo um pormenor interessante: em muitos pontos da Inglaterra, dos Estados Unidos e do Canadá ainda não está abolido por lei. Está pelos costumes. Ainda assim, em 1869, em Jersey City, o tribunal condenou uma mulher como faladeira e rabujenta. Mas o castigo foi comutado: em vez de mergulhar num rio, mergulhou em uma prisão...

A máscara, como o seu nome está dizendo, consistia em um aparelho para ser posto na cara. Geralmente tinha o aspeto de uma açaimo de metal, onde havia, á altura da bôca, para o lado de dentro, uma chapa de ferro que impedia de levantar a lingua e, portanto, de falar. Fechava-se o aparelho com um cadeado e deixava-se a mulher amarrada em qualquer lugar publico, sujeita ás zombarias

dos que passavam, zombarias ás quais ela não podia responder.

Tambem da efficácia deste castigo os juristas da época diziam maravilhas.

Os lejisladòres chinezes, inspirados por Confúcio, mencionam os sete motivos pelos quais o divórcio póde ser pedido pelos maridos : a esterilidade, a impudicicia, a falta de consideração, a tagarelice, o roubo, o mau carater e uma moléstia incuravel (1).

Esses dois exemplos, de uma lista que podia ser extraordinariamente alongada, tem o mérito de ser tirados de duas legislações bem dissemelhantes em tudo mais : a da China e a da Inglaterra.

Não ha, portanto, dúvida que ao das afirmações relijiosas se junta o testemunho das leis para declarar que as mulheres são naturalmente mais incontinentes de palavras.

Mas para tratar do assunto com toda a imparcialidade é preciso examinar o que as mulheres podem responder.

Para começar, elas podiam citar um fato que não tem paralelo entre os homens.

Na Arménia toda moça que se caza é obrigada, a partir do dia do cazamento até a data

---

(1) WESTERMACK. — *Les origines du mariage*, p. 492.

---

do nascimento do primeiro filho ou filha, a ficar absolutamente calada. Ao marido, aos parentes, aos criados a todos enfim só se pode dirigir por gestos (1). No mínimo, nove mezes de silêncio, impostos, não a monjas ou relijiozas, mas a todas as mulheres de todo um povo! Podem os homens citar qualquer ponto do mundo em que eles se tenham submetido a essa prova heroica? Creio que não.

Eu confesso, entretanto, que não acredito muito na afirmação do grave autor germânico, em cujo livro achei esse curiozo costume. Ha numerosos povos selvajens em que durante certo tempo o genro e a nora não podem falar aos sogros, nem mesmo olhar para eles. É uma restrição limitada a um pequeno grupo de pessoas e, portanto, relativamente facil de ser mantida. A de que fala o autor a que me refiro é absoluta e por consequência, difficilima.

Em todo cazo, como os advogados devem mencionar todos os fatos que podem ser favoraveis aos seus clientes e como eu quero por-me na situação de um verdadeiro advo-

---

(1) SCHWEIGER-LERCHENFELD. — *I costumi delle donne*. Tradução italiana de E. Migliorini.

---

gado do sexo feminino, aqui deixo a alegação que lhe é favorável.

Mas o melhor seria talvez não bazear a defeza em cazos avulsos e abordar a questão na sua máxima dificuldade.

Uma resposta audacioza consistiria em não negar nada: mas converter a acuzação em elogio, provando que a loquacidade feminina é uma virtude. Remy de Gourmont tentou essa empreza (1).

Ele disse que as mulheres são as grandes artífices da palavra. E' bem verdade que elas não se distinguem pela invenção verbal. Embora tenha havido e haja ainda grandes escritoras, nenhuma creou um estilo especial de alta orijinalidade. Mas as mulheres são a força conservadora das linguas. Uzando muito os vocábulos correntes, elas opõem uma certa rezistência á invasão dos termos novos. E essa rezistência, que não é excessiva, apresenta grandes vantajens. Por outro lado, é a mulher a iniciadora das crianças: ela as ensina a falar. Aí o seu prurido de loquacidade tem um valor inestimavel. « Uma criança, educada por uma mulher muito mulher e muito tagarela, forma-se mais cedo

---

(1) REMY DE GOURMONT. — *Le chemin de velours*, p. 97.

---

para o uzo da palavra e por consequência para a consciência psicológica. A cargo de um homem taciturno, a mesma criança se desenvolveria muito lentamente; tão lentamente, que talvez nunca atinjisse o limite da inteliência pratica. »

E' de notar aliaz que a terra de nossos pais se chama a *pátria*; mas que a lingua que aí se fala é a *lingua materna*. Para a censura ou para o elogio o que ha na escolha desses qualificativos universalmente adotados é a confirmação de que todos reconhecem a função palrativa da mulher.

Remy de Gourmont, que aliaz não alude a isto, dizia que o cazo é de elogio. Ele fala do *folklore*. De fato, um dos grandes tezouros da humanidade é a massa consideravel das lendas e canções populares: todo o *folklore*. Tezouro, não só do ponto de vista literário, como do ponto de vista científico e histórico. Muitas aquizições da humanidade se teriam perdido, si não tivessem ficado nessas narrações populares, que passam de geração em geração, pela tradição oral. E dessa transmissão quem se encarrega são as mulheres.

Assim, fazendo frente ás acuzações e transformando-as em louvores, as mulheres pode-

---

riam dizer : « E' bem verdade que nós somos tagarelas ; mas isso, em vez de ser um defeito, é uma alta virtude ! » E tomariam o ponto de vista de Remy de Gourmont.

Como, porém, a maioria começa por contestar o proprio fato, mais simples seria mostrar a suspeição dos acuzadôres. Homens foram os que fizeram as religiões, homens os que fizeram as leis. Esqueceram a propria para só condenar a feminina loquacidade.

Pensem, por exemplo, no caso de Mahomet, queixando-se de que uma das suas mulheres lhe traia certo segredo. Quem lhe mandára confia-lo a ela? — Fôra ele, portanto, o primeiro indiscreto.

E' mesmo interessante notar que um grande poeta árabe, anterior a Mahomet, no poema de Schanfara fazia sobresair como caraterística do homem forte a discrição para com as mulheres : « Eu não sou, diziam os seus versos, como esses covardes e estúpidos espozos, que, sempre perto das mulheres, não têm segredos para elas e nada sabem tentar sem ouvir-lhes os conselhos... (1) » O profeta incidiu nessas violentas censuras.

Receiando a incapacidade das mulheres

---

(1) LETOURNEAU. — *L'Évolution littéraire*, p. 260.

---

para guardar segredos, esses moralistas se esquecem que começam por acuzar a dos homens.

A parcialidade é evidente. Evidente e universal. E' assim sob o céu candente do Sahara e perto das solidões geladas do polo: os habitantes das ilhas Auleucianas tambem incluem no código dos seus costumes, como um grande crime para qualquer marido: « divulgar um segredo dos negócios públicos a sua mulher (1). »

Assim, nenhuma conclusão se póde tirar do fato das leis terem previsto com especial rigor a tagarelice e indiscrição das mulheres. Leis promulgadas por homens, a sua parcialidade as demoraliza. Olvidam a deles e só punem a alheia, talvez mais inofensiva ..

Depois, mesmo admitindo que tais castigos tenham sido justos, o simples fato de que caíram em dezuzo pode provar que um progresso se fez e as mulheres de nosso tempo dispensam meios coercitivos tão bárbaros.

Hoje, como digno de ser citado entre os processos para fazer calar uma mulher, o melhor, talvez, é o daquele namorado que, esperando uma desforra, dizia :

Fala de mim, si tu queres...  
Fala mais, si é teu desejo...

---

Para calar tua bôca,  
hei de tapa-la com um beijo...

Mas a defeza feminina pôde ser mais completa. Em especial a das mulheres brasileiras talvez ainda se torne mais facil, porque, si acima já se falou de uma confessora, que houve no Brazil, aqui se podia referir o de uma vitória obtida pelo silêncio de mulheres brasileiras. E é tambem um relijiozo que no-la conta.

O fato passou-se no seculo 16. A villa da Igaracú fôra fundada havia pouco tempo. Ocorreu que, um dia, índios bêbedos travaram luta uns com os outros. Ficou por terra um, morto. Como, porém, os brancos tivessem acudido para apartar a rixa, os índios os acuzaram da morte e começou uma luta tremenda entre os da vila e o gentio. Houve um verdadeiro cerco, que durou dois anos. Nada menos de dois anos! Até as mulheres faziam guarda.

Ora, uma noite em que a fortaleza estava patrulhada femininamente, conta Frei Vicente do Salvador que « vendo o inimigo tanto silêncio, que parecia não haver ali gente, subiram alguns e começaram a entrar pelas portinholas das peças, mas elas — as mulheres — que os haviam sentido subir, os



---

estavam aguardando, com as suas partazanas nas mãos e quando estavam já com meio corpo dentro lhas meteram pelos peitos, e os passaram de parte a parte, e uma, não contente com isso, tomou um tição, e pôz fogo a uma peça com que fez fugir os outros e espartar os nossos... » (1)

Frei Vicente do Salvador, um dos cronistas mais respeitadas dos primeiros tempos da nossa história, refere o fato, mas termina a narração com uma pequena perversidade: « que foi, diz ele, um fato heroico para mulheres terem tanto silêncio e tanto ânimo ». Dá, portanto, a entender que o silêncio nas mulheres chega a ser heroismo.

Mas, heroismo ou não — que o frade guarde os seus comentários! — o certo é que no Brazil se verifica que as mulheres sabem estar caladas.

Melhor seria, porém ainda aqui não discutir com pequenas citações de ocorrências que podem ser tidas por excepcionais; vale a pena aceitar a polémica em toda a sua generalidade e ver si é possível defender as mulheres da pecha de indiscrição.

---

(1) FREI VICENTE DO SALVADOR. — *Historia do Brazil*. Anais da Biblioteca Nacional, p. 47.

E é perfeitamente possível.

A verdade é que o critério da discrição e da indiscrição varia muito de sexo para sexo. O que se admite em um homem como natural, não se perdôa a uma mulher: é um crime grave que lhe afeta a honra.

Si por diante de um grupo de homens vão passando diversas mulheres, elles as analysarão sem cerimonia, dirão as que acham belas e as que acham feias, explicarão o motivo das suas preferências induzindo do que se vê o que não se vê. Não é preciso que os homens reunidos tenham a menor intimidade para que sejam perfeitamente explícitos. Os delicados dirão a couza polidamente, os outros grosseiramente, mas salvo a hipótese de recciarem falar de alguém que interesse a algum dos presentes, essa análise se faz sempre com uma grande liberdade.

Nas rodas femininas isso não occorre. Num grupo de senhoras, que acabassem de travar conhecimento, si alguma se lembrasse de ir examinando as perfeições anatómicas dos cavalheiros, que por diante delas desfilassem, estaria desde logo julgada como uma senhora sem seriedade. Haveria, não só o direito, mais a natural tendência, a considerá-la como pouco honesta.

---

Numa roda masculina a evocação de velhos amores nada tem de raro. Os fátuos gabam-se, os grosseiros dizem os nomes, mas ainda os mais corretos podem contar sem escândalo epizódios de namôros e de ligações pouco inocentes.

Ai da senhora que fizesse isso, a não ser na mais estrita intimidade! E ainda assim...

A verdade é, portanto, que nós exigimos das mulheres uma discrição muito mais rigorosa. A menor transgressão aos preceitos que estabelecemos dejenera em uma questão de honra. Mudado o sexo, uma mulher indiscretíssima seria um homem de alta discrição : o que teria escandalizado nela, quando Eva, appareceria em Adão como um prodígio de reserva, porque o que um homem póde dizer sem o mínimo inconveniente, basta para dezonrar irremissivelmente uma mulher. Por isso, elas sabem guardar perfeitamente os segredos de suas vidas. E os maliciosos não tem razão quando asseveram que o único que nunca lhes escapa é o da própria idade...

Uma contradição interessante é a que apresentam tantos homens, que têm exaltado o silêncio... falando abundantemente. Falando

---

e escrevendo a favor dele... mas, o que é certo, gastando inúmeras palavras para dizer que melhor seria não proferir nenhuma!

Não ha, por exemplo, nada mais frequente do que lèr poezias louvando a solidão e o desprezo pelos homens. Fagundes Varella cantava a beleza dos ermos :

Salve, erguidas cordilheiras,  
brenhas, rochas altaneiras,  
donde as alvas cachoeiras  
se arrojam troando os ares!  
Folhas que ranjem, caindo,  
feras que passam, rujindo,  
génios que dormem sorrindo,  
no fresco chão dos palmares!

Salve, espléndida espessura,  
mares de sombra e verdura,  
donde a briza etérea e pura  
faz brotar a inspiração,  
quando á luz dos vagalumes,  
da mariposa aos cardumes  
se cazam moles queixumes  
dos filhos da solidão.

Abre-me os braços, ó fada,  
fada do ermo profundo,  
onde o bulício do mundo  
não ouza siquer bater!

Outro poeta, Francisco de Castro, que

---

deixou grande nome como médico, mas não deixaria menor, si se tivesse dedicado á poesia, exclamava, do mesmo modo :

Abre-me o seio, solidão amiga,  
dos meus segredos precioso cofre,  
ninho bemdito de quem perde o berço,  
azilo santo de quem muito sofre !

E João Ribeiro, fazendo a promessa, a que felizmente tem faltado, de não mais escrever, escrevia :

E nunca mais hei de escrever, porquanto  
perdem á luz os nossos dissabores  
o proprio aroma, tal si fossem flôres.

E o que dizem poetas brasileiros repetem os de todo o mundo. Aqui está um colombiano, José David Guarín :

Salve, tranquila soledad augusta,  
dulce consuelo del que sufre y calla,  
ángel que cruzas con quietud el mundo,  
amiga del misterio y de la calma.

Es el silencio el himno misterioso  
que en tus altares en tu honor se canta...

Paulin Brougneaux, cujo livro tem o título

— *L'Isolement* — diz, em versos aliaz bonitos :

Et j'ouvre un monde en moi plein d'un doux sortilège,  
si grand, si haut muré, si loin de tout bruit vain,  
que jamais nul mortel de son pas sacrilège,  
n'en franchira l'enceinte et l'horizon divin.

Être seul! Être seul! enfermé dans ses rêves  
sur les faites des monts d'orgueil vertigineux,  
suivant les bleus sentiers des insondables grèves,  
où roulent éperdus les globes lumineux!

Être seul! Toujours seul! dans l'âme de l'espace,  
le front près des soleils, au seuil des paradis,  
étréignant sur son cœur le songe, quand il passe,  
goûtant, entre ses bras les bonheurs de jadis!

Être seul! et rêver dans les forêts magiques,  
être seul! et rythmer les églogues des champs;  
être seul! et prier dans les soirs léthargiques;  
être seul! et planer sur nos tristes penchants.

Lamartine asseverou « que nunca tinha posto a felicidade sinão na solidão. »

Enrico Panzacchi :

Sospir di flauti, strepito di trombe,  
note di rosignuol, sibili d'idre,  
mentre che il tempo vuota le clepsidre  
e la pallida Morte empie le tombe,

---

e rantoli e canzoni e baci e strida  
e per le vie bestemmie e preci in duomo,  
mentre che su la favola dell'uomo  
la profunda Ironia par che sorrida,

questa é la vita. A che parlare e scrivere,  
sempre l'istesso calice d'assenzio  
rimescolando? Savio é chi sa vivere  
e morire in silenzio...

Conceito em tudo igual ao de Antonio  
Ferreira, um dos velhos e clássicos escri-  
tôres portuguezes :

Ditozos os que vivem bem calados;  
metidos em si mesmos e contentes  
de não serem ouvidos nem julgados!

Seria possível alongar quazi indefinida-  
mente a lista de citações dos cantores do  
silêncio. Nela, entretanto, os de lingua por-  
tugueza não constituiriam maioria; não da-  
riam sequer um continjente muito numerozo.  
É isso por uma razão simples e técnica;  
porque a palavra *silêncio* é uma rima detes-  
tavel em portuguez. Para rimar com silêncio  
nós só temos meia duzia de nomes próprios  
masculinos e alguns verbos raros, seguidos  
de variações pronominais: *dispense-o, con-*

---

*dense-o, vence-o, etc.*, ao passo que o silêncio francez tem mais de quatrocentas rimas.

Evidentemente isso não quer dizer que não seja possível aos nossos poetas cantar o silêncio. Do mesmo modo quem tiver uma namorada que se chame Andrómeda, Bráulía, Cleópatra ou Bárbara — nomes que não tem rima em portuguez — não está por isso impedido de fazer-lhe versos. Evitará apenas termina-los por tais nomes. Foi o que fez Camões, quando se apaixonou pela preta Bárbara e dedicou-lhe as estrofes célebres sobre a « pretidão do amor ». Mas enfim a grande abundância de rimas para uma palavra de significação poética, que se presta a numerosas referências, convida naturalmente os poetas a tratarem do assumpto.

Nas citações acima feitas, de Varella, Francisco de Castro e João Ribeiro, vê-se que eles souberam esquivar a rima difficil, mas nem por isso deixaram de exaltar a solidão e o silêncio.

Sincera ou finjidamente?

Tão sincera ou finjidamente como os poetas de outras linguas. Os que têm e os que não têm a seu dispor muitas rimas, equivalem-se psicologicamente.

Certo caricaturista francez representou uma



---

mulher empunhando um frasco de remédio e procurando acordar alguém, que dorme pesadamente. A mulher se lastima : « Que massada! O doente caiu num sono tão profundo, que não consigo acordá-lo para dar-lhe o narcótico ».

Essa enfermeira, esforçando-se por acordar alguém que dormia, afim de dar-lhe um remédio para fazê-lo dormir, lembra-me esses poetas que, para provarem o mérito do silêncio e da solidão, falam abundantemente em longas poezias e procuram a mais ampla publicidade. Si fossem sinceros, o que primeiro tinham a fazer era calar-se, era não publicar nada!

Um grave autor latino escreveu um livro sobre a tagarelice. É bom acrescentar que não foi esse livro que lhe deu renome. Nele, o autor, Plutarco, narra uma historieta engraçada.

A mulher de um senador romano insistia por saber do que se ia tratar na sessão secreta desse dia. O marido, para se vêr livre da importunação, disse-lhe que os áugures tinham tido notícia da aparição estranha de uma ave, que passara sobre Roma, armada de uma lança e tendo sobre a cabeça um capacete. O senado ia reunir-se

---

para que os sacerdotes competentes o informassem si isso era um bom ou máu presájo. Era preciso, porém, que se guardasse o máximo segredo.

Mas, assim que o marido saiu, a mulher contou o fato á criada e por aí o rastilho de indiscrições pegou tão bem que, quando o senador chegou á assemblea, já a achou assediada por uma grande multidão, que dezejava saber si o augúrio era feliz ou nefasto.

A mulher, quando mais tarde o marido a interpelou, disse-lhe que certamente a indiscrição fôra cometida pela espoza de algum dos outros trezentos senadores. Era o pretexto por traz do qual contava esconder-se. Mas teve de reconhecer a sua culpa e cobrir-se de vergonha, quando soube que a história tinha sido uma fábula, inventada unicamente para experimentar a sua discrição (1).

A anedota, verdadeira ou falsa, é curioza; mas o fato de que Plutarco escreveu um livro inteiro sobre « o falar de mais » mostra que tambem ele não pccava por falar de menos. Podia ter-se contentado com um período, uma pájina ou um capítulo. Entra, portanto, muito justamente na lista dos apo-

---

(1) R. CAGNAT. — *A travers le monde romain*, p. 50.

---

lojistas do silêncio, que primam pela incoerência.

Mentirozos!

De resto, ha profissões e ha povos célebres pela sua infinita loquacidade. Os poetas figuram na primeira daquelas categorias. Todos sabem com que desplante eles publicam geralmente os seus amores. Salomão foi o mais lonje possível nesse terreno, descrevendo-nos com uma minúcia difícil de ser excedida todas as perfeições da Sulamita do Cântico dos Cânticos. Si tivesse feito igual trabalho para as suas restantes 699 espozas — que tal é a conta das que a Bíblia lhe imputa — teria deixado uma biblioteca.

Guerra Junqueiro, criticando os poetas líricos, diz que, ás vezes, em um só livro de duzentas pajinas, eles cantam trezentas namoradas — o que dá aproximadamente namorada e meia por pájina.

Stechetti procurou pôr còbro a isso dirijindo um apêlo :

#### AOS COLEGAS

O' faladores bardos tagarelas,  
que andais a publicar vossos amores  
e assim comprometeis todas aquelas,  
que vos cáem nos braços sedutores,

— os amores melhores são secretos!  
Imitai o sistema preferido  
pelos padres, que são sempre discretos,  
e tudo arranjam sem fazer ruído...

É necessário que vocês não grem  
o nome das senhoras a quem beijam :  
— o amor a certa discrição obriga...

Não pensem que as mulheres inda hezitem  
em dar-nos trela... Só o que dezejam  
é ter certeza que ninguem o diga...

E' claro que eu não subscrevo todas as impertinências deste soneto... O grande poeta italiano, que já provou as agruras do cárcere por causa dos seus versos, não é aliaz homem que precise de endossante para as suas opiniões. Quando, porém, alguém faz uma confissão, em que envolve culpas próprias e alheias, a confissão só é válida para as próprias. Para as alheias representa uma acuação, que precisa de provas. Assim, si naquele soneto Stechetti proclama simultaneamente que os poetas são indiscretos e as mulheres levianas e faceis, admitamos só a primeira parte. Poeta, ele está autorizado a confessar-se em nome dos poetas. Aceitemos isso e não discutamos a sua afirmação, de que, si as mulheres tivessem bastante cer-

---

teza do segredo dos homens, far-lhes-iam concessões mais frequentes...

É verdade que Molière já afirmara, de modo dogmático, uma couza muito parecida com o que diz Stechetti :

Le scandale — du monde est ce qui fait l'offense  
et ce n'est pas pécher que pécher en silence...

E na poezia popular se acham quadras que completam a confissão do grande poeta italiano.

Você diz que não diz nada,  
amanhã vai se gabar :  
— só quem não tem que dizer  
é que sabe se calar.

Vê-se bem que o autor desta quadra é uma autôra e que, ela daria o que lhe pediam, si tivesse certeza do silêncio... Mas o silêncio é difícil aos amantes e aos poetas :

O amor é paixão de alma,  
que rouba a joia mais rica...  
Emquanto pretende — cala.  
Depois de lograr — publica...

Olavo Bilac terminava um soneto, confessando também quanto lhe pezava a discrição :

E fatigado de calar teu nome  
quazi o revelo no final de um verso...

---

E quando alguém diga que deve ser mais fatigante *falar* do que *calar*, porque falar é fazer qualquer couza e calar é abster-se de uma ação, esteja certo de que se engana. Bojardo, o autor do *Orlando Innamorato* já discutiu esse ponto :

... piú fatica é tacer che parlare ;  
quantunque alle ignorantí gente stolte  
strana proposta questa forse pare.

Admitindo mesmo que Stechetti generalize de mais, o certo é que nós temos uma série de confissões de poetas, que provam bem como a profissão deles se caracteriza pela indiscrição.

Que é também esse o caso da dos barbeiros não se precisa provar, tanto o fato se tornou de evidência universal.

Conta-se que uma vez Ernesto Renan, que uzava o rosto inteiramente raspado, foi barbear-se.

Para encetar conversa, formulando a mais inútil das perguntas, o fígaro inquiriu amavel :

— Como dezeja que lhe faça a barba?

E Renan, maliciozo, respondeu-lhe :

— Em silêncio...

Era pedir muito... O que ha de máu é que

---

os barbeiros são de algum modo covardes. Ensabôam o freguez e, quando começam a escanhoar-lo, começam também a falar-lhe. A vítima não pôde responder, porque um movimento qualquer das bochechas, dos lábios, do queixo, do pescoço, pôde provocar um córte da navalha. Não ha oradores mais certos de que terão um auditório atento e dócil.

Talvez se ache alguma couza de chocante em reunir essas duas profissões : barbeiros e poetas... Mas é forçozo convir que do ponto de vista da tagarelice elas oferecem semelhanças.

E, si se encontram profissões — em que aliaz os homens predominam — votadas á incontinência da linguaagem, também se encontram com o mesmo vício povos inteiros. O povo hespanhol é desse número. Um dos seus homens mais illustres, Emilio Castelar, confessava-o alegremente, dizendo que « em hespanhol ninguem sabe se calar » (1).

Vê-se bem por tudo isso que o silêncio não é uma virtude facil... Si é certo que algumas mulheres foram por causa dele canoizadas, os homens não deixam de reconhe-

---

(1) HENRY ROUJON. — *Souvenirs d'art et de littérature.*

---

cer-lhe alto valor, e pelo apreço que lhe ligam mostram quanto lhes custa.

Ha profissões de que ele é um dos requisitos essenciaes. A diplomacia figura nesse número. Um diplomata inglez dizia que na sua classe era indispensavel ser poliglota, não para falar muito, mas, ao contrário, para saber calar-se pelo menos em cinco linguas.

Por isso mesmo o silêncio tem apparecido como uma virtude máxima para os génios, para os grandes pensadores.

Schopenauer escreveu sobre a vida desses pensadores solitários que ella crece, não em superficie, mas em profundidade. Podem izolar-se, porque deles o centro de gravidade cai dentro do proprio espirito. Podem dispensar companhia (1).

É aos génios dessa envergadura que se dirige o admiravel poeta Santos Chocano, quando lembra que os pardais precisam juntar-se em bandos, ao passo que as águias cruzam livres e sós o azul do céu.

Cual puñado de arenas, en su añelo  
se unen las ambiciones despechadas  
y se esparcen al golpe de las olas...

---

(1) SCHOPENAUER. — *Aphorismes sur la sagesse dans la vie*, p. 43.



---

Para cruzar por el azul del cielo  
los gorriones se juntan en parvadas,  
en tanto que las águilas van solas!...

E' tambem ele que aconselha aos que tem  
revelações de talento a fazer que saibam  
guardar silêncio até o momento oportuno :

Tu sabes que tu afan es prematuro ;  
tú sabes que no es tiempo todavia  
de que derrame el suspirado dia  
luz de justicia sobre el antro obscuro.

Si el porvenir es sordo a tu conjuro,  
si es inutil tu ardor en la porfia,  
calla y contempla com mirada fria  
las penumbras inquietas del futuro.

Canta al sol, quando el sol bese la cumbre ;  
pero hoy, sumido en ti, sella tu boca :  
¡y que rueda a tus piés la muchedumbre!

¡Más vale ser, guardando el pensamiento,  
mudo y firme á la vez, como la roca,  
que hablador y volubre como el viento!

Tasso já dera igual conselho :

Ascolta e taci,  
poi muove a tempo le parole audaci.

Os que dezejam preparar-se para grandes  
empresas precisam preparar-se em silêncio.

E' uma regra que todos formulam. E para a dizerem parece que todos os poetas notaveis acham versos admiraveis :

Ármati, ma in silenzio, ma con gioia  
per vincere la tua fortuna avversa...

Ármati, spinge il rostro che penetra  
nel mare sconosciuto — e il tuo vascello  
romperá il cerchio della nebbia tetra (1).

Carlyle dizia que uma nação em que não houvesse grandes homens silenciosos, seria como uma floresta sem raizes, cujas árvores fossem apenas feitas de folhas e ramos. Tinha por força de secar e perecer! Porque é no silêncio da meditação que mergulham as raizes das grandes ideias, dos nobres pensamentos, dos sentimentos generozos, que levam o mundo.

E exortando os inglezes a manterem « o seu grande talento para o silêncio » ele exclamava : « O Silêncio, o Grande Imperio do Silêncio : mais alto que as estrelas, mais profundo que os Reinos da Morte! » (2) Essa fraze do extraordinario pensador inglez

(1) F. SALVATORI. — *Terra promessa*, L'atto, p. 297.

(2) *Les Héros*. Trad. franceza, p. 351-352.

---

faz, de fato, com que nos lembremos do que na natureza é silencioso e do que nela é ruído. Ha um pouco de ruído sómente á superficie. Ainda assim os dezertos são silenciosos, silenciosas são as altas montanhas. O oceano só ruje e clama perto das praias. No alto mar, ouve-se apenas o ruído das vagas que batem de encontro ao navio. Ermo de náus, ele é majestozo e silencioso. Si alguém mergulha em uma mina : silêncio! Si um balão ou um aeroplano se eleva a alguns metros : silêncio! Carlyle tinha razão em dizer, não só figuradamente, como real e positivamente, que o reino do Silêncio é formidavel. Ele vai do centro do globo até as estrelas remotíssimas, apenas perturbado, aqui e ali, na superficie da terra, por barulhos, que, no conjunto assombrozo do Universo, são quazi como si não fossem... Mínimos, insignificantes.

Que é a vida, perguntou alguém? Um intervalo de barulho entre dois siléncios. Um intervalo mínimo entre siléncios infinitos...

Emerson, outro grande pensador, fez também a apolojia do silêncio e da solidão.

« E por que, perguntava ele, o homem de estudo, deve procurar a solidão e o silêncio?

---

Afim de conhecer melhor os seus pensamentos. »

E adiante : « Protejei a vossa alma ; afastai as companhias ; habituai-vos a uma vida solitária. Desde logo vossas faculdades se desenvolverão em beleza e plenitude como as árvores da floresta e as flores do prado... »

« A superioridade que esperam de vós é a de um pensamento nobre, viril, justo, e é da solidão que o deveis esperar. As multidões não conferem essa elevação. »

Mas Emerson mostra que não é preciso ir buscar a solidão física, a solidão material. Ela póde ser um adjuvante mas não é um requizito indispensavel :

Aprendeí a pensar sózinho e todos os logares vos parecerão amaveis e sagrados. Os poetas que habitaram cidades souberam viver nelas como eremitas. A inspiração creá em toda a parte para seu uzo uma verdadeira solidão (1).

O autor da *Imitação de Christo*, encarando a questão do ponto de vista relijiozo, figura tambem entre os conselheiros de silêncio :

Mais facil é calar de todo  
do que a falar não se exceder.

---

(1) EMERSON. — *Pages choisies*.

---

A turba evita. Ao seu engôdo  
prefere em caza te esconder.

Mais facil é viver oculto  
do que nas ruas se guardar ;  
eleje, fora do tumulto,  
servir a Deus e meditar (1).

Ha pouco, nós zombámos dos poetas que  
falam abundantemente para nos incitar a não  
falarmos. Poder-se-ia gracejar tambem com  
Emerson, com Carlyle, com o autor da *Imi-  
tação de Christo*?

Seria injusto. Pouco importa, por exem-  
plo, que Madame Carlyle tenha dito que o  
amor de seu marido pelo silêncio era inteira-  
mente platónico (2). Moralistas e pensadores,  
Carlyle, Emerson e o autor da *Imitação de  
Christo*, — qualquer que tenha sido o carácter  
de cada um deles — foram altos espíritos que  
souberam ver a fecundidade da meditação  
solitária. Nenhum deles fez o que fizeram  
tantos poetas, declarando amar pessoal-  
mente, amar profundamente o silêncio e a  
solidão. Empreenderam o elogio do silêncio  
como um conselho moral, como a receita

---

(1) Trad. de Affonso Celso, p. 88-89.

(2) BENDA. — *Sur le succès du Bergsonisme*, p. 65.

---

para a formação do carácter dos grandes condutores da Humanidade.

Esse silêncio é verdadeiramente de ouro! Mas por outro lado ele representa uma especie de tagarelice... a prazo. São pessoas que se calam por alguns annos, para ficarem conversando com a humanidade durante muitos séculos! O silêncio deles vale, portanto, como um preparo para essa longa palestra.

Mas como ninguem conhece o que virá depois de um silêncio, é um velho e sábio conselho dado aos tolos que se calem. Bonnard, repetindo com pequena modificação uma sentença de Publius Syrius, afirmava que « O silêncio é o espirito dos tolos ». Calados ambos, como, de fato distinguir um imbecil de um homem de espirito?

Isso justifica a opinião de alguem a quem, falando-se dos monumentos do Egipto, perguntavam porque a Esfinje tinha uma tão alta reputação de sabedoria :

— Porque está calada ha trez mil annos.

Maupassant dizia em uma de suas poezias preferir o tolo que se cala ao que fala :

...Car je ne comprends pas, ô cuistres, qu'on préfère la bêtise qui parle à celle qui se tait...

E outro poeta, Victor-Emile Michelet, pedia

---

aos que nada têm para dizer, aos que não alimentam sonhos nem aspirações, que ao menos guardassem a beleza do silêncio :

Si tu n'es qu'un passant de hasard, si ta faim  
ne veut que le pain de la terre et que ses joies,  
garde au moins la beauté du silence : tais-toi !

A beleza do silêncio...

Que por si só o silêncio possa ser uma beleza é incontestável. Vêde um mendigo, que pede esmola, suplicando, exorando. Póde ser comovedor, mas é humilhante. Pensai, porém, no mesmo gesto feito em silêncio e notai como ele ganha em beleza. Os religiosos budistas deviam ir de porta em porta mendigar o seu sustento. Era-lhes, porém, defêzo articularem qualquer pedido (1). Chegavam, estendiam o vazo e recebiam o que lhes queriam dar. A serenidade desse gesto parece engrandecer-se com o silêncio. Nem uma súplica. Nem um agradecimento. Nem uma queixa. Cada um cumpria o seu dever. Para que palavras?

Mas, si os que têm muito que dizer devessem calar-se — e devessem calar-se também

---

(1) A. COSTA. — *Il Budha*, p. 93.

---

os que nada têm a dizer, ninguém falaria...

Ha nisso um exajêro. Compreende-se que os elaboradores de altos pensamentos os preparem silenciozamente, por algum tempo. Mas os que estão no meio termo, que fazem a vida corrente, a vida de todo o dia, e que nem são génios nem imbecís, esses precisam expandir-se em palavras.

O silêncio póde servir para amadurecê-la; mas é a Palavra que faz a civilização. Os pensadores recolhem-se e meditam; mas vêm depois trazer-nos o fruto das suas cojitações e é em palavras que se expandem.

Seria longo de mais estudar aqui como todo o progresso vem... da conversa. Um grande pensador francez, Tarde, já fez aliaz esse estudo, mostrando como é ela que crêa e dirige opinião publica.

A humanidade ainda hoje recorda com orgulho a civilização dos gregos e precisamente os gregos sempre se mostraram grandes faladores. Ninguém como eles para apreciar as bôas palestras, os discursos formozos e eloquentes.

A relijião católica teve na Rússia uma seita que se condenava ao silêncio perpétuo como penitência. Fizeram os seus adeptos atos de



---

um heroísmo, que se pôde chamar estúpido. Deixaram-se torturar e matar sem dizer uma só palavra. Não consta, entretanto, que tal seita tenha dado mais glória á igreja do que S. João Crizóstomo — o « bôca de ouro » — ou que S. Francisco de Assis, o qual, á falta de interlocutores humanos, recorria aos peixes e aos pássaros, falando-lhes.

Póde dizer-se que a família moderna, sobretudo a família pobre, cujos membros se dispersam durante o dia em occupaões muito várias, se mantem unida principalmente pela conversa em torno á meza das refeições. E' aí que todos se encontram e transmitem os seus pensamentos. A alegria de um bom jantar é feita pela alegria das palestras que aí se travam.

No emtanto, isso não ocorre em todos os povos. Exatamente no nosso Brazil ha numerosas tribus em que é uma profunda indecência comer á vista de outras pessoas. Um explorador alemão, Von den Steinen, escandalizou os Babairís, fazendo esse ato inconvenientíssimo. Os Maorís, os Siamezes, os Arabes da Syria, os habitantes do distrito de Baram, em Bornéu, comem em silêncio. Em silêncio, izolado, comem o rei da Abissínia, o rei de Loango.

---

Ninguém dirá que esses silenciosos sejam espécimens de alta civilização!

E' verdade que o isolamento a que eles se condenam em tais ocasiões vem da crença de que é esse o momento propício para os mal intencionados lhes fazerem feitiços, lhes lançarem « sortes » (1).

Essa credence subziste ainda, embora sem tal explicação, mas incontestavelmente com essa orijem, no fato de que o Papa não póde comer sinão sózinho.

Em todo cazo, deixando de lado pequenos fatos, que são sobrevivências obscuras de tempos idos, o incontestavel é que, si o silêncio tivesse um mérito proprio, esses povos que, sabem tão bem calar-se quando nós mais falamos, deveriam ser superiores. E ninguem o dirá...

Ainda uma vez : o que faz a civilização é a conversa...

O dezejo de estar ás vezes izolado, póde incontestavelmente justificar-se. E' uma reação. E' um descanso. E' um preparo. Um poeta portuguez, Antonio Patrício, dizia em uma fraze muito feliz o dezejo que

---

(1) S. REINACH. — *Cultes, mythes et religions*, I, 113-114.

---

ás vezes temos de fugir até de nós mesmos :

De que me río eu? Eu río horas inteiras só para me esquecer, para me não sentir.

Dezejo tranzitório... O homem não se fez para a solidão. O salmista clamou : ai dos que estão sós! *Væ soli!* E' preciso misturar-se ás multidões para lutar e vencer :

Non é campo dell'uom la solitudine  
chi non pugnó, non vinse (1).

E si Haraucourt, em certa ocazião, falou no prazer sobreumano de não ser compreendido,

— Le surhumain plaisir de n'être pas compris —

aludia aí aos génios — e aos que se julgam génios. — Esses têm um certo prazer satânico, uma alegria em que entra um pouco de cólera e vingança contra os que os cercam e os não entendem, esperando depois desforrar-se deles, quando a humanidade reconhe-

---

(1) RAPISARDI.

---

cer o mérito dos seus trabalhos e fulminar a incompreensão desses contemporâneos tão pouco inteligentes. Deixam-se ficar orgulhosamente satisfeitos de não serem entendidos, mas é como si esperassem voltar mais tarde, á frente de inúmeras gerações futuras, para acabrunhar com a sua vitória a estupidéz dos homens do seu tempo, que não lhes souberam dar o devido apreço!

Esse izolamento é um desejo de companhia.

Os talentos simples e modestos contentam-se com serem apreciados dos homens do seu tempo. Vão com os da sua geração, conhecidos por ela, mas certos de que com ela passarão ao esquecimento. Os que são ou se julgam geniais afastam-se dessa geração para incorporar-se ás futuras — muito mais numerosas.

O natural, o humano é achar companhia. Quem vai sózinho pela noite, pela escuridão, canta ou assobia para que a sua voz pareça uma couza estranha que o vai seguindo. E o proprio Haraucourt teve um verso mais feliz quando pintou nas solidões tristes da Bretanha um grande Cristo crucificado, posto, segundo é lá costume, em pleno campo, junto a uma lagôa e, como que para

---

se duplicar pela imajem, refletindo-se na superfície líquida :

Comme pour être deux, se regarde dans l'eau.

O silêncio é uma angústia : peza terrivelmente! Mesmo os que o exaltam, não deixam de fazer sentir o que ha na sua majestade de solene, de trágico. Alfredo de Vigny, que era, escrevendo estes versos, profundamente sincero, disse admiravelmente :

Seul le silence est grand, tout le reste est faiblesse.  
Gémir, pleurer, prier — est également lâche!

Muitas vezes depois disso o mesmo tema tem sido tomado e retomado. Louis Ménard proclamava :

Sois fort, tu seras libre; accepte la souffrance  
qui grandit ton courage et l'épure; sois roi  
du monde intérieur et suis ta conscience,  
cet infallible dieu que chacun porte en soi.

Espères-tu que ceux qui par leur providence  
guident les sphères d'or, vont violer pour toi  
l'ordre de l'univers? — Allons, souffre en silence  
et tâche d'être un homme et d'accomplir ta loi.

E outro poeta, Sylvain Royé, dava mais

---

carinhosamente este conselho aos que sofrem :

Il ne faut pas aller, le soir, de seuil en seuil  
raconter ta souffrance et divulguer ton deuil  
dans l'insensé désir d'une parole amie.  
Il ne faut pas frapper à la porte endormie  
dans le but d'éveiller l'écho de ta douleur.  
Qu'importe aux autres cœurs ce que pleure ton cœur?  
Penses-tu rencontrer chez autrui ton image?  
Et ne croirais-tu pas qu'il te serait plus sage  
de t'asseoir solitaire, à l'heure du sommeil,  
loin de toute ironie et loin de tout conseil,  
pour bercer calmement ton intime détresse  
dans l'ombre confidente épandue en caresses,  
sentant, fraîches de paix, de silence et d'espoir,  
se poser à ton front les mains souples du soir?

Não era diverso o sentimento de quem,  
inspirando-se talvez no mesmo modo de sentir  
de Alfredo de Vigny, escreveu :

Pranto ou Palavra — em nada disso cabe  
todo o amargor de um coração enfermo,  
profundamente vilipendiado.

Nada é tão nobre como vêr quem sabe,  
trancado dentro de uma dôr sem termo,  
máguas terríveis suportar calado!

Cruz e Souza, em vez de exaltar o si-

---

lêncio e a solidão, queixava-se magoadamente :

Muito embora as estrelas do infinito  
lá de cima me acenem carinhosas  
e dêça das esferas luminosas  
a doce graça de um clarão bemdito;

embora o mar como um revel proscrito  
chame por mim nas vagas ondulosas  
e o vento venha em cóleras medrozas  
o meu destino proclamar num grito ;

neste mundo tão trágico, tamanho,  
como eu me sinto fundamente estranho  
e o amor e tudo para mim avaro !...

Ah! como eu sinto cumpunidamente,  
por entre tanto horror indiferente,  
um frio sepulcral de desamparo !

Mas que o horror da solidão se revele pelos que o exaltam, pelos que o aconselham ou pelos que se lastimam, é sempre o mesmo.

Uma grande poetiza brasileira, cujas produções são raras, mas cuja inspiração é sempre elevada, Julia Cortines, exortava a si mesma para guardar silêncio diante de uma dor. Ela receiava, de certo, incorrer na con-

denação de Vigny e fazer ato de covardia si se queixasse :

Muza, cerra o teu lábio, e indiferente e enxuto  
 abre o límpido olhar.  
 Que essa dôr, que te morde o coração em luto  
 e que o faz sufocar,  
 nem de leve contráia o teu plácido rosto !

Cala o acerbo sofrer.  
 Cala, Muza, esse amargo e profundo desgosto  
 peor do que o morrer.  
 Nem uma queixa, um grito, uma súplica, um canto  
 o revele jamais !  
 O momento chegou de reter o teu pranto  
 e abafar os teus ais.

A essa poetiza admiravel, Guarini não poderia incluir no numero das mulherezinhas insignificantes — únicas a quem lhe parece que vão bem os suspiros e lástimas :

Il sospirar  
 é debolezza e vanità di cuore  
 e proprio é delle femmine dappoche.

Mas ainda aí reaparece a injustiça contra as mulheres. O calar tristezas comprimindo-as, é uma tortura para todos. Alfieri dizia :

...il sai che chiusa  
 amarezza piú ingrossa.



---

Benserade chegava a achar que Job não tinha sido muito infeliz, porque se expandira em queixas :

Il s'en plaignit, il en parla.  
J'en connais de plus misérables...

A orijem ou antes a justificação psicológica das religiões que têm estabelecido a confissão dos pecados como um preceito, está nessa necessidade de fazer confidências. Um poeta francez, Coubelier de Beynac, dizia bem que um pezar confessado é só por isso um pezar meio apagado :

Je ferai, si tu veux, ma voix plus douce encore ;  
ma part de ta douleur je la veux, je l'implore ;  
un chagrin qu'on avoue est à demi calmé.

O essencial para quem se confessa não é tanto o receber a absolvição; é o ajoelhar-se junto a um confissionário e dizer aí os seus mais íntimos segredos.

Si o sacerdote absolvesse sem nada ter que ouvir, só pela compunção íntima dos penitentes, tudo pareceria mais facil. No emtanto, é bem certo que muitos dos que acham na confissão a tranquilidade do espírito, deixariam de procurar o consolo reli-

jioso e elegeriam um confidente leigo, com quem repartiriam seus segredos.

Nem todos têm a envergadura do Príncipe de Orange a quem um amigo pedia com muita insistência que lhe fizesse uma confidência. O príncipe chamou o amigo á parte e indagou : « *Você se sente bastante discreto para guardar um segredo? É capaz de m'o afirmar sob sua palavra de honra?* » O outro, um pouco melindrado pelo que parecia haver de desconfiança nessa pergunta, garantiu que o saberia fazer. O príncipe bateu-lhe no hombro e replicou-lhe sorrindo : « *E' exatamente o meu caso ! Tambem eu sei perfeitamente bem conservar um segredo* ». E não lhe disse nada.

Todos conhecem a história do rei Midas, a quem Apolo tinha feito crescer orelhas de burro. Só o seu barbeiro conhecia esse fato. E o barbeiro tinha interesse em guardar segredo, porque estava certo de que o rei o faria matar, si ele divulgasse a existência daquele defeito afrontoso. Para não correr perigo, mas ao mesmo tempo para não deixar de passar adiante o que vira, o barbeiro tomou a deliberação de cavar um buraco no chão e contar á Terra o que sabia. Tempos depois. naccu aí um canavial e, quando o

---

vento o sacudia, as canas gritavam : « O rei Midas tem orelhas de burro. » — Midas suicidou-se.

Nessa fábula se pinta bem o desejo para tanta gente irrezistível de ser indiscreto : o barbeiro, não podendo achar um confidente seguro, lembrou-se de contar o que sabia á Terra. Mas a propria Terra não poude tambem conter-se...

D'antes, para não terem que lidar com servidores incapazes da necessária continência, os senhores de escravos praticavam neles a « clinguação » : « Fazia-se arrancar a lingua a um escravo, ou para o punir por ter falado de mais, ou para o impedir de trair um segredo (1). »

Si os reis de hoje se rezolvessem a imitar Midas e a suicidar-se sempre que os seus segredos fossem divulgados, já não restaria vivo nem um, porque a vida deles é cada vez mais pública.

O jornal, a tribuna, o cinematógrafo — tudo contribui para a universal indiscreção. E' mesmo curiozo ver o que está succedendo

---

(1) BROCA. — *Conférences Historiques faites pendant l'année 1865*, p. 492.

---

com o segredo médico. Nada mais característico.

Uma das objeções feitas ás primeiras mulheres, que dezejaram formar-se em medicina, foi o preconceito de que são incapazes de guardar segredos.

Mas o segredo médico é uma sobrevivência de velhas crenças abolidas. Hoje, ha uma tendência muito grande para restringi-lo. Tempo houve, em que se considerava a moléstia um castigo dos deuzes. Nada mais justo do que dezejar que os outros não soubessem que havia na família alguém enfermo. Desde, porém, que se verificaram as cauzas naturais das moléstias, o segredo profissional deixou de ter tanta razão como outr'ora, sobretudo quando se tratava de certas moléstias, entre as quais figurava a morfêa, que tinham nitidamente aquele caráter de castigo. Em compensação ninguem escondia um louco ou um epilético, porque a loucura e a epilepsia não se consideravam moléstias : eram dons celestes, que tornavam a pessoa de algum modo sagrada! Só depois foi que a epilepsia se viu confundida com a possessão diabólica e só muito tarde se deu á loucura o seu verdadeiro caráter.

A tendência moderna é claramente para a

---

restrição do segredo profissional médico. Um alto personagem, um ministro, um príncipe, um rei, um papa, quando estão doentes, dão aos seus médicos a obrigação de informarem o público dia a dia do seu estado de saúde. Si se trata de uma moléstia contagiosa, já também a mesma quebra de discrição é legalmente exigida : cada vez a lista das moléstias que forçam á declaração ás autoridades sanitárias vai sendo maior. As pessoas das classes abastadas, que para si dezejam a manutenção do segredo profissional, são as primeiras a pedir aos médicos que examinem as amas de leite e as criadas que as servem, para que, violando o referido segredo, lhes digam si sofrem de quaisquer moléstias contagiosas.

Vê-se, pois, que este preconceito tende a desaparecer (1). Evidentemente o que nunca desaparecerá — por ser uma questão de cavalheirismo — é a obrigação de todo médico não publicar levianamente o que viér a conhecer em virtude da sua profissão. Mas o segredo das moléstias vai deixando de ser, como já foi, uma espécie de dogma. Os

---

(1) DR. TH. DUPUY. — *Le dogme du secret médical. Essai de réfutation.* Paris 1903.

---

doentes são os primeiros a não esconder mais a maioria das suas enfermidades, que não podem envergonhar a ninguém.

Ha mesmo, em outro domínio, a prova da indiscrição crecente. D'antes, os autores dramáticos incluíam frequentemente nas suas peças o tipo do confidente. Era uma fórmula uzual dos dramaturgos. Em regra, no primeiro ato, aparecia o confidente, a quem o personagem principal expunha todas as circumstâncias que os espectadores precisavam conhecer.

Hoje, o confidente passou de moda. Os autores dramáticos continuam a precisar pòrnos a par dos antecedentes dos personagens, para que compreendamos a ação. Mas, em vez de uma confissão seguida, feita a uma só pessoa, os referidos personagens se multiplicam em indiscrições com vários interlocutores — e, no fim do primeiro ato, estamos, segundo é necessário, inteiramente senhores da situação.

Todos, hoje, são indiscretos. E' da essência da vida moderna. Por isso mesmo, mais vale dispersar fragmentos de segredos por muitos ouvidos do que confia-los em massa aos de uma só pessôa.

Como escolher essa pessôa? Como saber

---

quem é e quem não é discreto? O que se conhece é até certo ponto valioso; mas não basta.

A grafologia assegura que as pessoas que em geral fecham meticolosamente a curva dos *a*, dos *o*, dos *b*, dos *d*, dos *q* são quasi sempre discretas. Discrição maior, discrição calculista, sistemática, é a dos que terminam todos os parágrafos por um ponto e um traço — uma pequena barra horizontal, que é como uma tranca posta ao fim de cada período.

Este ultimo sinal — eu o considero absolutamente verdadeiro. Poucas vezes o tenho encontrado, mas sempre em tipos notaveis pela sua discrição — tipos de *segredistas* — si assim se póde traduzir a palavra franceza *cachottier*.

Mas infelizmente, ainda que se admita esta afirmação, o mal está em que a auzência daquele sinal não é prova de indiscrição.

Dois homens políticos deixaram pequenas receitas contra esse vício. Um foi o grande vulto da história da Inglaterra : Cromwell. O outro foi a alma danada da célebre negociata administrativa ocorrida na França — a negociata a que a abertura do canal de Panamá deu marjem.

Cromwell, quando tinha de responder a

---

qualquer carta, mandava sempre que o secretário preparasse trez respostas, inteiramente diversas umas das outras. Recebendo-as, era ele, na auzência do secretário ou de qualquer outra testemunha, quem fechava e mandava a que lhe convinha, queimando imediatamente as demais. Deste modo, o próprio secretário não podia saber qual tinha sido a enviada.

Arton uzava de outro sistema. Quando o processo sobre o cazo do Panamá interessava toda a França, appareceram inúmeras cartas de pessoas envolvidas nesse negócio, Só não appareceu nenhuma de Arton, que precisamente era quem mais as tinha escrito. Interrogado sobre este fato, ele o explicou dizendo que sempre, ao escrever qualquer couza de comprometedor a seu respeito, tinha o cuidado de pôr ao lado disso, a respeito de seu correspondente, alguma fraze que tambem o compromettesse. Assim, era o correspondente o primeiro a ter interesse em esconder ou destruir a carta!

Mas a vida seria uma tortura, si nós precisássemos estar, pelo temor de uma possivel traição, em perpétua desconfiança!

Melhor do que esses processos é o pedido injénuo das namoradas, que em todas as



---

cartas fazem um *post-scriptum* (não ha carta de mulher sem *post-scriptum*!) para recomendar áqueles a quem as escrevem, que as rasguem logo que acabem de lê-las. A regra é, entretanto, que todos as conservem — ao menos emquanto dura o amor...

O amor é aliaz uma paixão fundamentalmente indiscreta.

A sua indiscrição é tanto mais difficil de coibir quanto cla não vem apenas de palavras : vem igualmente de gestos ; vem, ás vezes, da alegria, que poreja, que radia através da face e do olhar dos que se amam, quando em presença um do outro ; vem até do silêncio.

Diz uma quadra anónima do cancionero portuguez, recomendando cautelas :

Namorados, falai baixo,  
que as paredes têm ouvidos.  
Os segredos encobertos  
inda são os mais sabidos.

Outra insiste e com uma psicologia muito lúcida explica o mecanismo das indiscrições :

O' meu amor não descubras  
o teu segredo a ninguem :  
si o dizes á tua amiga,  
a amiga outra amiga tem...

Mas ha cazos que escapam a todas essas hipótezes.

AS vezes, é o silêncio embaraçado diante da pessôa querida, que fala mais alto que as mais altas palavras.

Nem mesmo é precizo que essa pessôa querida esteja presente. Para não a comprometter, o apaixonado que discorre facilmente sobre todas as outras, evita pronunciar-se a respeito dela. E é então a rezerva — indiscrição paradoxal! — que compromete e revela o que as palavras calaram... O que ninguém contou, o que os interessados pensam estar bem oculto já anda na bôca do mundo. Saiu deles involuntariamente... Era esta de certo a opinião de Metastázio quando escrevia :

... chi puó mai  
si ben dissimular gli afietti sui  
che gli asconda per sempre agli occhi altrui?

Ninguém o ouviu dizer; todos, entretanto, o adivinharam... Como? Como se adivinha a presença de uma flôr, onde o perfume dessa flôr se espalha. E' a comparação que ha nesta quadra :

O cheiro da madresilva  
na madresilva não cabe...

---

Tu não disseste, eu não disse,  
e toda a gente já sabe.

E' isso que torna absolutamente inverossimil o delicado pensamento que Arvers exprimiu em um soneto maravilhozo, que apesar de infinitamente citado continúa a ser bellissimo. Lucio de Mendonça o traduziu :

Tenho um segredo na alma e um segredo na vida :  
é um eterno amor nacido em um momento.  
E' mal que não tem cura : assim, nenhum lamento  
jámais o revelou á cândida homicida...

Por ela passarei, sombra despercebida,  
e ha de chegar assim meu último momento,  
sempre a seu lado, sempre, e em mudo izolamento,  
sem nenhuma ventura ouzada ou recebida !

Creou-a meiga Deus, e bôa, e carinhoza,  
mas distraída segue e surda á voz ancioza  
deste amor que murmúra a seus pés, onde está.

Fiel ao seu dever, que austeramente zela,  
dirá talvez, ao ler meus versos cheios dela :  
" Que mulher será esta ? " — e não compreenderá...

E' difficil acreditar que uma mulher tão longamente amada, por alguém sempre a segui-la, não acabasse por vêr o sentimento que inspirava ! O segredo desse afeto se trai-

---

ria em qualquer couza : num gesto, numa palavra, numa inflexão de voz — qualquer couza comprometedora e eloquente.

Pailleron exprimiu um pensamento, de algum modo parecido com o do soneto de Arvers, mas que se póde aceitar mais facilmente. Vêr de lonje, em uma sala de baile, em qualquer reunião, uma mulher que nos deslumbra, sentir por ela, de súbito, uma atração profunda e irrezistível, segui-la com o olhar sem ouzar procura-la, sem mesmo se fazer notar, partilhado entre a esperança e o temor — temor de que? esperança de que? — mas deslumbrado e cativo... E como si o olhar tivesse um efeito a distância, o efeito de uma extranha e misterioza telepatia, a mulher assim aflagada de tão lonje, por um enxame tão cúpido de desejos, perguntará a si mesma, sentindo-se de repente perturbada : « Que tenho eu hoje? »

Souvent dans une fête et durant tout un soir,  
il advient qu'on s'éprend d'une femme inconnue,  
brune ou blonde, au hasard, la première venue,  
qu'on aime d'un amour étrange — et sans espoir.

On ne lui parle pas, on ne s'en fait pas voir :  
mais de loin, l'œil fixé sur son épaule nue,  
dans un silence ardent cette amour contenue  
a des muets transports qu'elle ne peut savoir.

---

A travers le tumulte et la foule et l'espace,  
on parle à cette femme, on pleure, on prie, on passe  
de l'ivresse au dédain, de la rage au pardon...

Et la belle ignorante, à sentir autour d'elle  
notre désir ainsi frissonner comme une aile,  
parfois s'arrête et songe et se dit : « Qu'ai-je donc? »

Poezia a parte — ou antes : com toda a  
poezia que ha nesse cazo — eu creio bem que  
ele se realiza frequentemente e que todos ou  
quazi todos temos experiéncias desse género :  
experiéncias de nos deixarmos prender, de  
lonje, por uma figura feminina que, num mo-  
mento, nos enche a imajinação ; experiéncia  
de vêr a mulher que cubiçamos e que nem  
um instante nos prestou a mínima atenção  
perturbada, impaciente, ajitar-se irrequieta,  
como que sentindo qualquer couza, que ela  
mesma não saberia definir...

Isso é profundamente diverso do que diz  
Arvers.

Certo, ninguém nega que todos tenhamos  
segredos. Ha sempre algum que nós não di-  
zemos a ninguem — não o dizemos nem a  
nós mesmos em voz alta ! Marcel Prévost tem  
razão quando assevera que ha em muitas al-  
mas um jardim secreto : aí é que está o que  
dá razão de ser á vida...

---

Em algumas não será um jardim... Será as vezes a jaula de uma fera : um segredo de ciúme, de rancor, de ódio... Será outras vezes a gaiola em que haverá um pássaro prezo : uma pequena esperança, rouxinoleante e vivaz. Quem passa por essas almas não suspeita o que ha lá dentro — seja adoravel, seja abominavel.

Póde ser um amor. Póde ser um pensamento sanguinário. Póde ser uma ambição desmedida. Póde ser uma quimera, uma fantasia louca. Pode ser uma saudade : alguém que passou um momento pela nossa vida e de quem muitas vezes nos lembramos, perguntando a nós mesmos que teria sido o nosso destino, si para junto dessa pessoa nos tivéssemos orientado, si a ela nos tivéssemos unido... Talvez ela não pense mais nisso. Mas quem sabe? Tambem a nós ninguém nos arrancaria a confissão de que pensamos nela... Em quantos corações de esposas honestísimas não haverá esse *flirt* melancólico, essa pequena traição com uma simples lembrança de outros tempos ?

O que não ha é alma alguma que não tenha o seu segredo. Ou si ha, deve ser muito mesquinha... tão mesquinha, tão chatamente terra a terra, que póde esquecer-se em qualquer

---

enumeração psicológica... São almas falhadas!...

No entanto, ha muito quem o proclame, garantindo que « não tem segredos ».

Ai de quem fosse assim : que infeliz e que miseravel!

Miseravel, porque os nossos segredos se entrelaçam sempre aos de outros, que em nós confiaram. E seria traí-los, não saber guardar o que assim nos revelaram.

Infeliz! A alma dos que assim fossem pareceria um caminho por onde todos passam, árido, seco, pizado... Não teria o recanto verde e viçozo, onde ninguem põe o pé.

Nos contos de fadas, frequentemente se encontra a história de um gigante, cuja vida está preza a um objeto que se acha encerrado em um pequeno cofre, por sua vez encerrado dentro de sete outros cofres de ferro, por sua vez encerrados dentro de sete caixas de pedra, no fundo mais profundo do mar alto. Quando alguém consegue vencer esses obstáculos e se apossa do objeto, fica senhor da vida do gigante, Domina-o e escraviza-o.

Ha alguma couza de semelhante a isso dentro de nós. Todas as almas, como a de Arvers, têm o seu segredo, o seu mistério. Quem o logra apanhar fica senhor dessa

---

alma fraca, que permitiu a alheia vitória. E' como uma cidade sitiada que se deixou conquistar. Cairam-lhe os muros : o inimigo pode entrar.

Toda a inverosimilhança do soneto de Arvers está em que ele diga viver sempre ao lado da pessoa que adorava, sem que esta tenha sentido o segredo. Feche alguém entre as mãos uma ámbula de luz elétrica, no meio de uma noite escura é a luz, a despeito de tudo, filtrará entre os dedos, porá uma tonalidade rózea, especial, na carnação das mãos, revelará emfim a sua presença.

Era cega essa mulher ?

O amor é uma paixão essencialmente indiscreta, sobretudo nos homens. Indiscreta quando se quer e quando não se quer.

De resto, o prurido de contar as vitórias dele nem sempre é um vício feio. As vezes, não passa em última análise de uma homenagem. O que os mais indiscretos querem não é tanto publicar sua ventura, como dizer a maravilha de uma beleza, de uma graça, de um encanto sem par, que lhes foi dado ver, sentir, apreciar. Si se soubesse que um viajante tinha chegado ao Polo Norte, a uma rejão extranha e misterioza, e recolhido lá todas as indicações que a ciência espera ; mas que



---

ele se recuzava a dize-las, uma grande indignação se levantaria em todo o mundo contra o egoísmo desse descobridor. Dir-se-á que as descobertas que se podem fazer em amor não têm a importância das de rejiões novas e misteriosas. Tudo está visto e sabido. Mas só se pensa assim a frio, quando o cazo não é conosco. Quando é, tudo nos parece sublime! Quem seria o apaixonado, verdadeiramente apaixonado, que hezitasse entre a conquista da mulher amada e a da mais inacessivel inexplorada rejião!? Depois, o tempo o corrigirá. Mas, no momento, a couza lhe parece estupenda, grandioza, inexcedivel. Vejam com que ardor os jovens poetas nos cantam todas as perfeições das que eles amam! E' frequente que empreendam narrar-nos tudo isso a retalho — e fazem um soneto á boca, outro ás mãos, outro aos pés... Repetem metáforas que já eram veneraveis nos hinos da India e têm mais de 4.000 anos; — mas repetem julgando que dizem couzas inéditas.

Nem sempre, portanto, a indiscrição envolve jactância. O que ha, nos momentos de grandes venturas, é a necessidade por assim dizer *explosiva* de cantar, de publicar uma felicidade, que não cabe dentro de nós, de exalar-se em confidências.

Preciza-se disso tanto mais quanto no momento oportuno, diante da pessoa amada, os grandes apaixonados, os melhores artistas da palavra, perdem o uzo dela. Todas as frases calcadas, acumuladas, concentradas, querem achar saída. Não se expandiram como declarações á interessada ; expandem-se como confidências.

Pailleron disse que o amor passa em geral por trez fazes : *petits mots*, *grands mots*, *gros mots* — que nós poderíamos traduzir por *palavrinhas*, *palavrões*, *palavradas*.

Primeiro, o balbucio tímido de sentimentos, que não acham expressão adequada. De tempos a tempos, uma palavrinha meiga, pontuada ou pelos olhares que se procuram e se evitam ou pelos apertos de mão. Depois, a declamação e a ênfaze, as grandes promessas de amores eternos, os palavrões líricos, retóricos, bombásticos. Por fim, quando o amor passou, quando chega mesmo a transformar-se em aborrecimento ou repugnância, as injúrias, os doestos, as palavradas.

É uma observação exata ; mas incompleta. Antes dos *petits mots* como depois dos *gros mots*, o que ha é o silêncio. Primeiro, uma adoração muda, um éxtazis, uma adoração a distância. Só depois é que começa a faze

das *palavrinhas*, *palavrões* e *palavradas*. Ainda assim, esta última é só reservada aos espíritos grosseiros. Para que insultar o que se amou? Mas o que vem por último é o silêncio — o silêncio e a solidão, mesmo quando os que se amavam ficam juntos, juntos vivem.

Campoamor, que Fernandes Costa traduziu, dizia :

Sem ter o amor, que encanta,  
de um monje ermita a solidão espanta.  
Mas é mais espantosa, todavia,  
a solidão de dois em companhia!

Um personagem de Domício da Gama commentou essa solidão « de dois, em companhia ». Ele se gabava de que, quando solteiro, embora só, estava acompanhadoíssimo : era uma solidão cheia de gente. Cazou-se, expulsou todas as companhias para ficar com uma só companheira. Mas o amor por essa passou e a sua solidão, « de dois, em companhia », começou a ser pavorosa :

« Uma solidão mais povoada que um cortiço a minha ! Tão inteirinho que eu andava, no meio da multidão, no dezerto, onde quer que eu estivesse ! Agora, quando estou só — estou só metade. A outra metade está só. E

---

quando estamos juntos, estamos sós. Eu principalmente.

« O esta horrivel solidão a dois ! »

E' o silêncio amargo dos fins de amores, quando os dois, amarrados por um laço indissolúvel, sentem que não podem, que pelo menos não devem abandonar-se, mas sentem, ao mesmo tempo, que o amor passou, passou a alegria, passou até a amizade ! Os primeiros silêncios do amor provém de que ha tanto para dizer que nada se distingue muito bem. É uma nebulosa cheia de desejos e sonhos. Não se sabe como fazer-lhe a análise, não se sabe por onde começar. Deziste-se de falar, porque de antemão se vê que é impossivel dizer tudo e que, a ter de dizer pouco, melhor é não dizer nada. Mas o silêncio que vem depois do amor, esse, na sua amargura, provém, de que se esgotaram todos os sonhos. Falar para quê ? Para contar as iluzões perdidas ? Para fazer recriminações ? Não vale a pena ! O silêncio diz melhor tudo isso.

É curiozo notar que o número de escritores que tem tratado desse silêncio final não é muito grande. Do inicial, sim, todos falam sem embaraço... depois que ele passou. E diante dele nada mais interessante que ver a attitude de cada um.

---

Uns reconhecem o fato, lastimando-o, um pouco tristes ; outros não se queixam : limitam-se a proclamal-o ; outros enfim o exaltam, o elojiam como um benefício, elevando o que é uma fatalidade a uma teoria.

Luiz Guimarães Junior estava no número dos primeiros, quando se lamentava :

Amo! Amo! Amo! Amo!  
Por toda parte o proclamo,  
a todo o mudo o contei!

Mas, junto d'ela emudeço,  
côro, tremo, empalideço,  
quero dizer-lh'o e não sei...

Dos que dezistem de lamentar-se, referindo apenas o fato, a lista é enorme.

Merimée escrevia á mulher que ele amava :

« Si não me engano, temo-nos visto seis ou sete vezes em seis anos e, somando os minutos, podemos ter passado juntos trez ou quatro horas, das quais a metade sem dizer nada. » (1).

Guizot, reconhecendo a incapacidade de explicar bem o que dezejaria, terminava uma carta de amor :

---

(1) FAGUET. — *Amours d'Hommes de lettres*, p. 295.

---

« Meu coração é infinitamente mais rico que a minha palavra e, pensando em vós, minhas emoções são infinitamente mais novas e mais inauditas. Deixai, portanto, este papel e entrai no meu coração, lêde o que eu não vos escrevo; ouvi o que eu nunca vos disse. (1)

Pailleron contava um longo passeio que fizera, só a só, com a moça que ele amava. Durante esse tempo, não sabia o que lhe dissesse. Apenas de espaço a espaço, quando já tinha havido uma pausa muito grande, ele murmurava: « Belo tempo! » e ela, igualmente acanhada, não achava para dizer sinão esta novidade sensacional: « Belo dia! » Tal embaraço era a melhor confissão de amor:

Ainsi nous avons fait jusqu'à ce qu'il fit noir,  
ayant marché tous deux du matin jusqu'au soir  
la bouche sur le cœur fermée;  
trouble! extase! ô silence adorable et maudit!  
Tu n'avais pas parlé, je ne t'avais rien dit...  
C'était l'aveu, ma bien-aimée.

Haraucourt também assevera que os melhores versos de amor são os que ninguém consegue escrever:

---

(1) *Idem*, p. 280.

---

Les plus beaux vers sont ceux qu'on n'écrira jamais,  
fleurs de rêve dont l'âme a respiré l'arome,  
lueurs d'un infini, sourires d'un fantôme,  
voix des plaines que l'on entend sur les sommets.

L'intraduisible espace est hanté de poèmes,  
mystérieux exil, Eden, jardin sacré  
où le péché de l'art n'a jamais pénétré,  
mais que tu pourras voir quelque jour, si tu m'aimes.

Quelque soir où l'amour fondra nos deux esprits,  
en silence, dans un silence qui se pâme,  
viens pencher longuement ton âme sur mon âme  
pour y lire les vers que je n'ai pas écrits...

O grande poeta italiano Lorenzo Stechetti  
exprimira pensamento análogo, esperando  
que os versos e as palavras de amor que ele  
não dissera nem escrevera se transformassem,  
quando ele morresse, em flores que brotariam  
na sua sepultura :

Quando cadran le foglie e tu verrai  
a cercar la mia croce in camposanto,  
in un cantuccio la ritroverai  
e molti fior le saran nati accanto.

Cogli allora pe' tuoi biondi capelli  
i fior nati dal mio cor. Son quelli

i canti che pensai ma che non scrissi,  
le parole d'amor che non ti dissi.

---

Raimundo Correia tem um soneto intitulado *Despedidas* :

Lúcia teve um desmaio no momento  
em que Amphryzo partiu ; a loira Alice  
de Antenor despedindo-se, lhe disse :  
« Vai, que contigo vai meu pensamento ! »

Fez Júlia a Arthur um grave juramento ;  
e Amélia num acesso de doidice,  
protestou que, si a Alfredo jámais visse,  
não a veriam mais que num convento !

Tu, não ! Nem desse olhar o azul celeste  
desmaiou ; nem de frases prévio estudo,  
como as outras fizeram, tu fizeste :

quando eu parti, teu lábio esteve mudo ;  
tu, formosa Leonor, nada disseste,  
mas, sem nada dizer, disseste tudo !

Humberto de Campos contou as suas  
entrevistas amorozas :

Eu ia vêr-te... Em céleres instantes,  
voava leguas. Em rápida corrida,  
saltava moitas, riachos murmurantes,  
sobre ardente cavalo, a toda brida.

Chegava : e os nossos corações amantes  
apressados batiam. Comovida,  
meiga e triste, a sorrir, mais linda que antes,  
me apertavas as mãos, agradecida...



---

Nada mais murmurávamos; um medo,  
uma indizível timidez nos ia  
dominando, a traír nosso segredo.

Vinha a noite semear astros nos ares...  
E cu de novo mais tímido partia  
sob a bençã de luz dos teus olhares...

Vê-se bem quanto é frequente a mudez  
nas entrevistas amorozas. Reconhecendo-o,  
si uns se lastimam e outros se limitam a  
referir o fato, ha os que tomam o partido de  
exaltar o que não podem suprimir :

Aucun mot virginal ne vaudrait l'indolence  
de nos profonds regards, l'un par l'autre étoilés  
ni l'ombre de nos cœurs où chante le silence...

Um bom, um excelente, um deliciozo poeta  
francez, Albert Samain, o autor do *Jardin  
de l'Infante*, foi tambem dos que empreen-  
deram a apolojia do silêncio em amor :

La parole a des notes d'or;  
le silence est plus doux encor,  
quand les cœurs sont pleins jnsqu'au bord.

Il est des soirs d'amour subtil,  
des soirs où l'âme, semble-t-il,  
ne tient qu'à peine par un fil...

Oh! s'en aller sans violence,

---

s'évanouir sans qu'on y pense  
d'une suprême défaillance...

Silence! Silence! Silence!

Era ele ainda que pedia á mulher amada,  
em um desses momentos, que nos parecem  
divinos :

Ne parle pas,  
ou si bas  
que ce soit un secret amoureux qu'on devine,  
  
et qui se meurt  
dans le cœur  
comme une haleine d'ange en un duvet d'hermine.

Na mesma nota de exaltação dos méritos do silêncio, Renée Vivien, uma poetiza estranha, torturada e melancólica, que morreu, como Samain, em plena mocidade, proclamava na suavidade triste de seus versos que os silêncios são mais perturbadores que os sons mais harmoniosos :

J'apprendrai que les lys sont plus beaux que les roses,  
et que le chant a moins d'infini que les pauses...

E Hinzelin, categoricamente :

Parler en aimant : mais que dire?  
Le moindre aveu pourrait briser

---

le charme infini du sourire,  
ou la puissance du baiser.

Pour tout le désir qui s'élançe,  
pour l'âme en proie à tant d'ardeur,  
ce qui convient c'est le silence,  
le silence et sa profondeur.

Pascal, que escreveu o seu célebre *Discurso sobre as Paixões do amor*, também tomou o mesmo tom doutrinário e didático: « Em amor um silêncio vale mais que um discurso. E' bom estar embaraçado; ha uma eloquência do silêncio mais penetrante do que qualquer linguagem. Como um amante persuade bem a amante quando está embaraçado e como, aliáz, nesse caso, ele tem espírito! » (I).

E' um bom sistema o de erijir em preceitos as couzas que são fatais: assim, ao menos, tem-se a certeza de que esses preceitos não serão violados... O embaraço em amor é irreprimivel. Diante disso, que faz Pascal? Recomenda-o. E' habil, porque, quando o censurasse muito violentamente, nem assim o impediria!

Talvez os pessimistas, que gostam de falar

---

(I) E. FAGUET. — *Op. cit.*, p. 17.

---

mal do amor, dissessem que este conselho de silêncio era bom, — mas por outro motivo... Claude Farrère fez um dos seus personagens asseverar que o amor era um « equívoco que dura ». Um equívoco, um *malentendu*. Assim que o equívoco se dissipa, o amor desaparece. O essencial é, portanto, evitar muitas explicações.

Ja aliaz Rostand tinha generalizado a questão, não só para o amor, como para o mais :

« O silence! Et surtout ne plus jamais entendre ceux qui disent, venant par le bouton vous prendre : « Expliquons-nous! »

Grand dieux! Ne nous expliquons plus, on ne s'entend que grâce à des malentendus.

Em todo cazo, merece bem que se faça notar como esses grandes artistas da palavra, capazes de achar expressões adequadas para todos os sentimentos, ainda os mais raros e peregrinos, — pensem em Pascal! — só não o acham para o sentimento próprio, aliaz perfeitamente natural. E' bom mesmo vêr esse embaraço até em homens familiares dos grandes salões, habituados á vida cortezã, como era o cazo de Merimée.

E quando nós nos lembramos das acuzações, que aliáz são tambem justas, á indis-

---

crição habitual dos poetas, fica-se a pensar na contradição desses fatos. Raça extranha! Falam de menos, quando seria preciso dizer o que sentem; falam de mais, quando seria preciso calar... Parece que essa gente, que tem no cérebro um armazem enorme de palavras e frases, o que não sabe é distribui-las a tempo e a hora...

Boileau afirmou de um modo formal que o que se concebe nitidamente é sempre facil de ser enunciado e que as palavras para dize-lo acodem, promptas, aos lábios. Isso nem sempre é verdade. Mas, admitindo-o como tal, não admiraria que o amor, ao menos nos seus primeiros tempos, fosse naturalmente mudo ou pelo menos muito embaraçado. Por que? Porque quando alguém ama uma mulher, ama com um amor profundo e imenso, não concebe nitidamente o que dela dezeja. E' tanta couza! E' tanto prazer físico! E' tanto prazer intelectual e moral! E' uma vida inteira! Cada vez que nós formulamos bem claramente na nossa imaginação um dos prazêres, que a mulher amada nos póde dar, parece que, si nos detemos a considera-lo, amesquinhamos nosso amor : é preciso lembrar os outros, os inúmeros outros prazêres...

Si um homem, vendo uma mulher se sen-

tisse capaz de tomar papel, pena e tinta e enumerar tudo o que dela podia querer, com a minúcia, clareza e precisão de um guarda-livros fazendo uma escrituração comercial, esse homem não amaria, não saberia o que é o amor! Essa enumeração ou seria de baixezas ou de trivialidades e mesquinhas... No dia em que se pode trocar esta simples palavra de ouro — *Amor* — em moeda miúda, a moeda é um pequeno punhado de cobre imundo e cheio de azinivre...

Ce que l'on conçoit bien s'énonce clairement  
et les mots pour le dire arrivent aisément...

E' duvidozo... Mas, mesmo que fosse certo, o Amor, ninguém que o sinta, o « conçoit bien »... Por isso as palavras para o dizer não acodem facilmente... Boileau, si a sua regra estivesse demonstrada, acharia aí a contraprova da verdade da sua asserção.

Ninguém desconhece os maviozos e sublimes versos de Leopardi, aproximando a beleza da Morte da do Amor :

Fratelli, a un tempo stesso, Amore et Morte  
ingeneró la sorte.  
Cose quaggiú si belle  
altre il mondo non ha, non han le stelle...

---

Não ha nada que se imponha mais diante da morte do que o silêncio. E ainda aí a razão é a mesma : nós não concebemos bem a Morte, não temos dela uma experiência pessoal, profunda, íntima. A desaparição de um sêr qualquer se prende a tantas, tão várias, tão diversas ideias, que ninguem póde dar-lhes balanço exato.

Um grande biologista francez, que é um dos mais lúcidos espíritos filozóficos do nosso tempo, Felix Le Dantec, mostrou bem um dos motivos que nós temos para não « conceber bem » a Morte. A observação, que, ao princípio, parece de uma evidência quazi pueril, não póde ser mais profunda.

Nós temos o conhecimento exterior da morte ; mas não temos a sua experiência pessoal. Nossos pais, ao tempo em que nos transmitiram a vida, já tinham experimentado as sensações de amor, de ódio, de cólera, de alegria, de tristeza... Os pais de nossos pais, os avós de nossos avós, numa cadeia longa e imensa, tambem tinham tido experiências análogas. Elas afeiçoaram, portanto, nosso cérebro, nossos nervos, nossos músculos. Mas ao tempo em que nos transmitiram a vida, nossos pais estavam vivos. Conheciam a morte como um fenómeno exte

---

rior; não o tinham experimentado. Essa ciência não se incorporou á nossa substância, não nos veio no nosso organismo hereditariamente. E como os pais de nossos pais e os avós de nossos avós e todos aqueles de que descendemos nessa cadeia longa e imensa, no momento em que uns transmitiram a vida aos outros, vivos estavam, chega-se a esta verificação estranha: apesar da morte ser o mais vulgar dos fenómenos, nós não temos dele nenhuma concepção atávica e profunda. Uma criança, transportada a um mundo em que todos os seres fossem imortais, não estranharia. Teria movimentos de cólera, de tristeza, de amor — porque o amor, a tristeza, a cólera são paixões, por assim dizer incorporadas á substância de todo o seu organismo. Mas não se admiraria de não ver ninguém morrer.

Uma criança de alguns dias ou de alguns mezes já manifestou quazi todos os sentimentos humanos. Uma criança de alguns anos, que vê pela primeira vez uma pessoa morta, nunca compreende esse fato. Pensa que ela dorme. O sono, ela « concebe bem ». A morte, não.

Mesmo sem poetizar isso, mesmo sem apelar para as crenças religiosas, compreende-se,



---

por conseguinte, que a morte se associe ao silêncio. Ela é o que não se póde exprimir. Nós só temos a experiência da vida — e a vida é o som, é o ruído, é a palavra... O contrário não póde deixar de ser o silêncio...

Os povos selvajens não se limitavam a ficar apavorados diante dos seus mortos : proibiam que por longo tempo se lhes dissesse o nome. Mas a razão disso era mesquinha : queriam que os defuntos não despertassem, que a sua alma — o seu « *duplo* » — não os viesse perseguir. Em alguns cazos a morte de uma pessoa notavel levava quazi a uma reforma da lingua, porque os sobreviventes evitavam qualquer encontro de sílabas que lembrasse o nome do morto. Parecia-lhes que, si falassem nele, ele lhes surjiria diante dos olhos.

E isto não são aliaz velhas crenças deza- parecidas ha séculos.

Ainda ha na Africa povos que procedem assim e foi a descoberta relativamente recente das minas do Klondike em Alaska, que poz termo ás práticas dos Tchuktchi, que matavam as pessoas velhas, davam a comer o cadaver a cachorros para isso adextrados e depois, para que nada se perdesse desses

---

parentes estimados, devoravam os cachorros que os haviam devorado. Tudo isso era feito em profundo silêncio (1).

Depois, por muito tempo, evitavam falar no defunto ou recorda-lo de qualquer modo.

Aí o que ha de horrivel em tais cerimónias faz com que o silêncio perca toda a sua beleza — aquella beleza extraordinária, que ele tem na frase de Hamlet, o principe semi-louco, que, falando da morte, dizia apenas : « O resto é silêncio... ».

Nos nossos sertões, nos campos, por toda a parte onde ainda se uza como meio normal de condução o carro de bois, ha um costume que seria grato a Hamlet.

Esses carros têm eixos e rodas de madeira macissa. Quando eles andam, as rodas guincham, ranjem, fazem ouvir ao lonje o barulho produzido pelo atrito. E' o canto melancólico dos carros de bois, que ás vezes parece irritante aos ouvidos da gente da cidade, mas que os carreiros rústicos apreciam. Para eles isso é realmente um canto — e esse canto lhes faz companhia nas longas travessias pelos caminhos ermos.

Ha, porém, uma circumstancia em que o

---

(1) E. RECLUS. — *L'homme et la Terre*, I, 54.

---

suprimem : é quando se conduz um morto para o cemitério. Nesse caso, untam o eixo com alguma substância gorduroza, de modo que o rodar se faça silenciosamente. Um carro de bois, que se avista de lonje, passando sem ruído, por uma estrada de roça, diz logo, pelo seu silêncio, qual a carga sinistra que leva...

O silêncio da morte — para quem crê como para quem não crê num destino posterior do que chamam a alma — é igualmente apavorador.

Para quem crê — é a pergunta ancioza pelo destino do que morreu. Céu? Inferno? Continuará ainda a lembrar-se dos que ficaram? — E os lábios frios dos mortos não respondem!

Para quem não crê — basta ainda assim considerar o cadaver. Não se lhe vê a mínima vibração. Mas nós sabemos que debaixo desse silêncio está o trabalho caçado, profundo, por assim dizer subterrâneo de miríades de pequenos sêres microscópicos, que, no momento exato em que ele cessou de viver, começaram a obra abominavel de podridão e aniquilamento. E' um rosto de pai, calmo, austero, venerável. E' um rosto de mãe, de uma velhinha que tantas vezes

nos afagou, que tantas vezes nos pôz ao colo. É um rosto de filha, que era para nós a suprema beleza, a suprema ternura. É um rosto de filho, de que nós quereríamos fazer o realizador gloriozo de todos os sonhos que não nos foi dado levar a termo. São outros... outros ainda — e todos, obstinadamente, guardam o mesmo pavorozo silêncio.

Sully-Prudhomme disse que na face dos cadáveres se pinta a expressão real do que o vivo foi. A máscara caiu. A fisionomia do morto diz melhor o que os gestos e a mímica do vivo encobriam :

Le cœur monte au visage, où les plis anxieux  
ne se confondent pas aux lignes du sourire ;  
le regard ne peut pas faire mentir les yeux,  
et ce qu'on n'a pas dit vient aux lèvres s'écrire.

C'est l'heure des aveux. Le cadavre ingénu  
garde du souffle absent une empreinte suprême,  
et l'homme, malgré lui redevenant lui-même,  
devient un étranger pour ceux qui l'ont connu.

Le rire des plus gais se détend et s'attriste,  
les plus graves parfois prennent des airs rians ;  
chacun meurt comme il est, sincère à l'improviste ;  
c'est la candeur des morts qui les rend effrayants.

Fantazia de poeta! Fantazia sinistra! O que

---

torna os mortos amedrontadores é o seu inquebrantavel silêncio...

Os espiritistas evocam os mortos e pretendem entender o que eles dizem. Ha quem se comova ouvindo essas revelações; mas ha tambem quem especule com elas, quem lhes peça prognósticos para os seus negócios, e até quem zombe e graceje. Um centro de evocações espiritistas nada tem de respeitavel, mesmo para os que creem. E' que a loquacidade desses mortos lhes tira o que neles ha de mais punjente e forte : o silêncio!

Silêncio diante das nossas queixas! Silêncio diante das nossas lágrimas! Silêncio! Silêncio! Silêncio!

Mas não basta repetir essa palavra para defini-la, para dizer onde está o seu poder.

E haverá para ela alguma definição possível? Os dicionários dão a noção corrente : auzência de todo ruído. Mas essa definição é relativa. Onde ha silêncio perfeito para qualquer surdo póde haver para ouvintes normais ruídos formidaveis.

Galton fez uma experiência célebre : serviu-se de um apito, que permitia elevar os sons de um modo extraordinário. Ia fazendo com que fossem de mais em mais agudos, até chegar o momento em que mesmo as pessoas

---

de ouvido mais sutil, declaravam não perceber nada. Nada! Era para elas o silêncio absoluto. No entanto, fazia-se entrar na sala um cachorro e ele atendia perfeitamente a esse apito, a esse som que ninguém ouvia, mostrando assim que a faculdade de audição dos cachorros é superior á do homem. Ia-se além, tornando o já inaudível e agudíssimo som mais agudo ainda — e o cão, por sua vez, dava mostras de não ouvir. Vinha então um gato. E o que já nem o homem nem o cão distinguiam ele revelava estar ouvindo. Por fim, elevando ainda a agudez do assobío, mesmo o gato deixava perceber que ele lhe escapava. Talvez outros animais continuassem a ouvir o que já era silêncio para o homem, para o cão e para o gato.

Platão, tendo observado que, quando uma couza corta o ar violentamente, o faz vibrar, achava que os astros, girando nos céus com velocidades vertijinozas, deviam também produzir sons fortíssimos. Ele acreditava mesmo que, além de fortes, seriam harmônicos. Supunha, entretanto, que nós não os ouvíamos, porque, como eles estão sempre soando, a continuidade fazia com que nos escapassem. Já não os distinguíamos.

Mas Platão esquecia que o som é uma pro-

---

priedade do ar e como entre os planetas o que ha é o vácuo, essa « múzica das esferas » não existe. De resto, si os planetas e as estrelas, cortando o éter, fizessem algum ruído, devia ser — dada a rapidez com que passam — o de assobíos agudíssimos e, ao debruçar-se sobre a sua criação, Deus — si houvesse um Deus para ouvir esse barulho — teria de certo a impressão de que o Universo inteiro o estava vaiando...

E não seria sem razão...

Entre os astros deve reinar um silêncio de morte.

Mas não é pelas suas propriedades físicas que o silêncio nos interessa. Embora os fisiologistas procurem determinar o numero mínimo e máximo de vibrações, que é audível para cada um, isso não basta para caraterizar o silêncio debaixo do seu aspeto psicológico. Póde o ar vibrar intensamente, podem os ouvidos humanos, estar recebendo essas vibrações, sem que, entretanto, deixe de haver para eles um silêncio completo.

Lamartine dizia : « a multidão é uma solidão » (1). Por que? Porque os homens capazes de meditação intensa, atravessam as

---

(1) *Nouvelles confidences*. — Préambule, p. 9.

---

multidões sem lhes prestar a mínima atenção. Certo, os sons e ruídos se estão produzindo, estão vindo até seus ouvidos. Mas é em vão; os pensamentos íntimos anulam tudo isso. A multidão esvai-se. O que fica é o silêncio. Era esse mecanismo que Emerson explicava :

« Os poetas que habitaram cidades souberam viver nelas como ermitões. Em toda parte a inspiração erêa para si uma solidão. Píndaro, Rafael, Miguel-Angelo, Dryden, de Stael viviam talvez no meio da multidão; mas, assim que o pensamento chegava, essa multidão se apagava de seus olhos, que se fixavam no horizonte, no espaço livre: esqueciam os assistentes, desdenhavam as relações pessoais, viviam em abstracção, no mundo da Verdade e das Idéas. Estavam face a face, sozinhos com o Espírito. »

Unánimes, todos os aparelhos de física, rejistrariam uma extraordinaria vibração de sons em torno desses grandes homens — que, entretanto, caminhavam pelo meio deles, como si houvesse um perfeito silêncio! E isso não lhes vinha de um defeito fizio-lójico.

Em contrapozição, se poderia citar o nome de um grande génio muzical, que tinha precisamente o defeito fizio-lójico e carregava,



---

entretanto, comsigo um mundo de sons :  
Beethoven!

Não ha, pois, que pensar em caracteres físicos para definir o silêncio, que nos interessa. Por isso mesmo, os poetas nunca cojitaram desse grosseiro e mesquinho critério.

Maurice Rollinat disse suavemente :

Le silence est l'âme des choses  
qui veulent garder leur secret.  
Il s'en va quand le jour paraît  
et revient dans les couchants roses.

Il guérit des longues névroses,  
de la rancune et du regret.  
Le silence est l'âme des choses  
qui veulent garder leur secret.

A tous les parterres de roses  
il préfère un coin de forêt,  
où la lune au rayon discret  
frémit dans les arbres moroses ;  
le silence est l'âme des choses...

Jogo agradavel de palavras, cantante e fluido, que parece dizer qualquer couza, mas que não se entende bem... Que vem a ser, devéras, essa definição : « O silêncio é a alma das couzas » ?

Henri de Regnier tem este verso deliciozo :

Le silence est peut-être une voix qui s'est tue...

---

Como definição, é forçoso, entretanto, convir que também isso deixa a dezejar. Compreende-se, todavia, o que o poeta queria dizer : é que o silêncio mais profundo que se faz dentro em nós provém do apagamento de uma voz querida, que se calou. Que se calou pela auzência, pela morte ou — peor ainda — pela traição!

Ia-se na vida embalado por essa múzica. Ela não passava, ás vezes, de um pequeno gorjeio encantador. No entanto, a despeito de sua fraqueza, quando, de repente, elle cessa — todos os sons que se podem produzir no Universo não chegam para lhe suprir a falta. O que ha dentro em nós é um silêncio sepuleral.

Le silence est peut-être une voix qui s'est tue...

E aí está um caminho, não para a indefinível expressão do que é o silêncio, mas para a explicação do seu mistério. Elle não consiste só em uma privação de sons : é o éco de emoções anteriores, o precursor de emoções que hão de vir.

Os namorados passam sem ouvir nada, porque levam uma múzica dentro de si. Camões escreveu que amar « *é solitário andar*

---

*por entre gente* ». E uma mulher, de que foram publicadas algumas das mais belas cartas de amor de que ha notícia, Margaret Fuller, dizia em uma delas, falando precisamente de um desses momentos de silêncio, que se seguem ás mais apaixonadas entrevistas : « *Não era silêncio. Era música, que se tinha deixado de ouvir...* »

E aí está a escala inteira dos silêncios que se fazem graças a cessação das vozes que nos são queridas.

Si as recordamos intimamente, com a delícia de as termos ouvido e a esperança de que as tornaremos a ouvir, é um silêncio voluptuozo e sublime. Passamos solitários por entre todos os ruídos, como si eles não existissem, porque vamos satisfeitos, radiantes, embevecidos...

Si as evocamos quando estejam afastadas, por tempo incerto e indefinido, é o silêncio doce e amargo da saudade. Porque a saudade é um silêncio. Doce e amargo, como disse o poeta : doce, pela suavidade das lembranças do passado ; amargo, pela privação do presente e o temor da privação no futuro.

Si, porém, as lembramos, sabendo que se calaram definitivamente, porque a Morte ou a Traição não lhes permitirão mais que sõem

---

a nossos ouvidos, é um silêncio pavoroso : fez-se o vácuo em nosso espírito e o vácuo dos espíritos é mais vazio que o dos espaços...

Os silêncios valem e se classificam pelo que veio antes e pelo que tem de vir depois deles. E' um caso de associação de ideias.

Por que o silêncio em que se trancam os artistas, os sábios e os filózofos nos parece augusto? Porque pensamos nas concepções grandiozas que d'aí hão de surjir.

Scipio Sighele falou nos trez grandes silêncios, que a humanidade conhece : o das multidões, o dos céus e o da morte.

O da morte basta lembra-lo para que todos o evoquem, porque não ha, infelizmente, quem não o tenha sentido, ao menos uma vez, sobre o espírito aniquilado.

O das multidões escapa mais á observação. Quando, porém, uma grande massa de povo aglomerada espera ancioza um acontecimento, e, em dado momento, todos se calam, o silêncio é terrivel, é majestozo.

Houve uma batalha. Não se sabe bem o resultado. O povo se reúne para indaga-lo. Gritos, tumulto... De repente, alguém assoma a uma janela para lêr as ultimas notícias.

---

Faz-se um silêncio profundo. Como ele é formidável!

Por que? Porque é feito de milhares de esperanças e de temores angustiosos. Ha os que anceiam pela vitória, por amor da patria, por amor das ideias, que estavam em luta; mas ha tambem os que pensam em vidas queridas de amigos, de parentes, de filhos... Ha mesmo a curiosidade de saber o que a fatalidade decidiu. E tudo isso está sopitado, recalcado...

Mas não é preciso cojitar daquele cazo raro. Lembrai-vos do que succede nos grandes funerais públicos, quando morre um homem querido pelo povo — sobretudo, quando ele sucumbe de um modo trágico. O féretro sái da caza para o carro, diante de uma praça apinhada inteiramente. Milhares, dezenas de milhares de pessoas estão ali; mas faz-se de súbito o silêncio... E, de lonje, ouve-se o atrito do caixão contra o carro... Ouve-se o colocar macio das coròas... Ouvem-se ruídos mínimos, que caem naquele silêncio grandiozo. Silêncio feito de que? Feito de todas as esperanças que aqueles assistentes fundavam sobre o homem que dezapareceu; feito de todas as lembranças dos atos de seu passado; feito de todas as

---

aprecnsões que a sua falta desperta... Cada um fundava nele esperanças diferentes... Diferentes são também os perigos que cada um entrevê... Tudo está sepultado debaixo daquele silêncio. E o carro fúnebre roda pelo meio da multidão fúnebre, sem que se ouça uma voz, um ruído, um sussuro... O silêncio das multidões é, nesses momentos, esmagador e sublime.

Mas ha uma multidão permanente á qual raros prestam atenção: é a multidão dos astros no céu. As multidões da terra olham para eles indiferentemente. Uma ou outra vez terá havido em que os que as compõem tenham achado « bonito » o céu estrelado e silencioso. « Bonito! » Mesquinho termo para tão alta manifestação de beleza!

Quem haja, em qualquer noite, sózinho, voltado um óculo astronómico para as profundezas do espaço e ficado, por horas e horas, absorvido na contemplação dos céus, terá sentido uma das mais fortes, mais solenes emoções que é dado ao homem experimentar.

No meio do bulício da vida, nas cidades povoadas, nos salões, ao lado de outras pessoas, nós não podemos sentir essa comunhão misterioza, que nos liga ao resto do uni-

---

verso. Mas a couza é diferente, quando se tem, de repente, a consciência nítida de se estar em presença de miríades de astros formidáveis ou luminosos e que entre nós e eles ha apenas o silêncio — o silêncio e mais nada!

Que sôem aqui pela terra gritos de dôr, esmagamentos de povos e raças, cataclismas pavorozos — nada perturbará esse silêncio! As estrelas continuarão a deslizar serenamente, majestozamente e, sobretudo — indiferentemente!

Só o sentimento deste contraste bastaria para tornar emocionante o silêncio dos céus. Mas ha ainda outra couza: é que ninguem póde absorver-se nele, sem que o mistério grandiozo das cosmogonias se evoque perturbadoramente em nosso espírito... De onde veio e para onde onde vai essa multidão pululante de astros: sóis que são deslumbramentos luminosos; — planetas, que vão passando, que vão rodopiando numa valsa eterna; — cometas, que cortam o espaço, fujindo desgrenhados, como si alguém os perseguisse; brilhos súbitos que brotam improvizamente, simulam estrelas fulgurantísimas e, porque provieram do encontro de corpos que se chocaram, fazendo nas pro-

---

fundidades remotíssimas do céu uma explosão magnífica, logo apoz se apagam na vastidão do espaço...

E pergunta-se, invariavelmente, como o grande poeta portuguez :

Estrelas, que brilhais nessas moradas,  
quais são vossos destinos?

Os vossos e os nossos...

Foi um deus que creou tudo isso? Si foi, para que o fez? O silêncio não responde... Si foi, onde está ele? O silêncio não responde...

As almas crentes julgam entreve-lo no meio dos astros, a sustenta-los e a encaminha-los...

Mas si não ha deus nem deuzes, ainda a pergunta é mais ancioza :

Estrelas, que brilhais nessas moradas,  
quais são vossos destinos?

O silêncio não responde... Olhando para os céus calados, pensa-se ás vezes nos milhares de povos que se extinguiram, mas que, quando floreceram, pensaram explicar o seu mistério por injénuas cosmogonias. E as divindades, em que esses povos acredi-



---

tavam, passaram e morreram... O céu é um vasto cemitério de deuses mortos...

Não ha contemplação alguma a que se associem tantas, tão sublimes, tão grandiozas ideias, como a do céu noturno e silenciozo.

E ainda uma vez, cojitando nisso, se vê que os silêncios valem pelas associações de ideias que sujerem. Si alguém procurasse classifica-los, eu creio que poria o zero da escala no silêncio dos idiotas : a boca aberta, o olhar parado, o cérebro vazio, silêncio feito de nada — e o máximo se rezervaria para o silêncio dos céus, contemplados por alguém que soubesse ao menos um pouco de astronomia e de história das religiões. Nenhum é tão cheio de ideias!

No meio ficariam todos os outros. Só a classificação dos amores tomaria uma larga parte da escala. Haveria as grandes paixões, que emudccem até mesmo os poetas, os pensadores mais illustres, mas haveria tambem os pequenos amores fugaces, — leves, gentis, graciosos, com as suas faceirices efémeras.

No conjunto, quando se tivessem catalogado todos os silêncios, atendendo á qualidade e á intensidade, pensando nos sublimes, nos deliciosos e nos simplesmente bons, —

---

a zona brilhante; nos indiferentes, — a zona neutra; nos maus e nos angustiosos — a zona sombria de lista, talvez se verificasse que os últimos eram os mais numerosos... Poder-se-ia então apregoar que o silêncio é de ouro.

Esta conferência já está tão cheia de contradições, que eu não quereria acabar fazendo a apolojia da tagarelice. No entanto, sinto que ela não seria impossível. Várias vezes aqui eu tive essa tentação, quando lembrei que toda a civilização foi feita pela Palavra, quando fiz sentir que as dõres silenciosas são mais acerbas... Ha muito crime, que se evita no mundo pelo receio das indiscrições. O silêncio seria frequentemente, não de ouro, mas de sangue, si muitas pessoas, aparentemente honestas, mas intimamente criminosas, tivessem certeza de que ninguem conheceria os seus atos, de que para eles achariam cúmplices que soubessem, houvesse o que houvesse, guardar um silêncio inquebrantavel...

A apolojia da indiscrição e da tagarelice além de não ser impossível, nem mesmo é difficil.

Por que não preferi eu fazê-la?

---

Porque pensei no meu caso, não tendo, como não tenho, dúvida alguma sobre o que dirão, ao sair d'aqui, os que me ouviram. E' sobretudo depois de se ouvir um orador enfadonho que se murmúra ou se pensa, com toda a convicção, o que vós todos estais pensando : o silêncio é de ouro !

---



... MAS NÃO  
CAZAR É MELHOR

~~~~~

CONFERÊNCIA PROFERIDA NO
INSTITUTO NACIONAL DE MUZICA,
EM RESPOSTA Á DE VIRIATO
CORREIA : « CAZAR É BOM... »

COM o título desta conferência podia fazer-se um sermão. Uma das fórmulas tradicionais dos sermões consistia em começar citando — e citando em latim, para dar mais força ao cazo — algum texto do Novo ou do Velho Testamento. Depois seguia-se o comentário feito pelo prégador.

Nenhum assunto se acomodava melhor do que este ao molde clássico : o texto em latim, o comentário sobre ele. O texto seria de S. Paulo, tirado da Epístola aos Coríntios. Nada lhe faltaria, portanto, para ter autoridade.

Essa autoridade, si eu já a estou aqui ci-

tando, é porque dezejo me esconder por traz dela. Talvez isso não prove muita corajem... Mas, emfim, logo ás primeiras palavras, preciso ir dizendo que, si alguem me quizesse condenar por cauza da teze desta palestra, não condenaria a mim — condenaria a S. Paulo...

Não é raro vêr uma criança, achando um protetor poderoso e forte, occultar-se por traz dele e começar a provocar companheiros que, si ela não estivesse a tão bom abrigo, poderiam castiga-la. E' o que tenciono fazer...

Aliaz, eu não penso que, por ser de S. Paulo a teze anti-matrimonial aqui dezvoltada, todos estejam obrigados a concordar com ela. O próprio apóstolo era a esse respeito muito tolerante, o que é tanto mais admiravel, quanto se tratava de um homem zangado, brigão, irritadiço. Foi bem bom que ele não se cazasse, porque seria um marido insupportavel.

Conta-se de uma senhora que, ouvindo alguem expôr que a mulher se devia sempre submeter ao marido, protestou. O interlocutor, para reduzi-la ao silêncio, disse-lhe apenas :

— Mas essa é a opinião de S. Paulo!

A senhora replicou :

— Nesse cazo, eu não sou da opinião de S. Paulo...

O interlocutor, teimozo, querendo apoiar-se em autoridade ainda mais alta, insistiu :

— Mas S. Paulo era um apóstolo inspirado : quem falava pela bôca dele era o Espírito Santo.

A senhora não se deixou perturbar por tão pouco :

— Isso prova, disse ella, que eu tambem não sou da opinião do Espírito Santo.

Mulherzinha de capricho ! Mas assim é que deve ser ? Quem tenha sua opinião deve mantê-la contra S. Paulo, contra o Espírito Santo, contra o céu inteiro...

De resto, eu não pretendo convencer ninguém.

S. Paulo não formulou nunca de um modo imperativo o seu preceito. Mandando uma epístola ao Coríntios, elle dizia :

« Pelo que pertence, porém, ás couzas sobre que me escrevestes, digo que bom seria a um homem não tocar em mulher alguma. »

Depois, em versículos successivos, elle atenuava essa afirmação absoluta. Reconhecia que alguns ha que têm um temperamento

conjugal tão ardente, que não é bom contra-riá-los de todo. Que esses se cazassem! Mas acrecentava logo ser isso um mal, que podia ser tolerado, porém não recomendado.

« ... eu vos digo isso como uma couza que se vos perdôa, não por mandamento ».

E citando se, como exemplo, voltava á carga :

« Digo tambem ás solteiras e ás viúvas que lhes é bom si permanecerem assim, como tambem eu ».

E explicava que o cazamento é uma fonte de preocupações :

« ... o que está com mulher está cuidadozo das couzas que são do mundo, de como ha de dar gosto a sua mulher e anda dividido ».

O mesmo succede ás espozas. Por isso, o apóstolo insiste :

« ...O que caza sua filha donzela faz bem e o que não caza faz melhor ».

Vê-se, pois, que, em bom catolicismo, não ha teze mais ortodoxa.

Resta, porém ás moças sôfregas pelo cazamento repetirem o que dizia uma a quem o pai, querendo dissuadi-la do que projetava, explicava que cazar é bom, mas não cazar é melhor. E a rapariga, ao pé da letra, lhe volveu :

— Pois meu pai, eu sou modesta : contento-me em fazer o que é bom ; quem poder que faça o melhor...

Mas, si a filha era crente e o pai queria citar-lhe autoridades mais decizivas contra o casamento, fosse a S. Jerónimo, fosse a Tertuliano, o sábio doutor da Igreja, fosse a S. Cypriano — santos irados, santos aggressivos contra as mulheres.

O primeiro dizia rezolutamente que era preciso acabar com o matrimónio. « Mulher, bradava Tertuliano, tu não devias apparecer a ninguem sinão coberta de luto e de andrajos, penitenciando-te com as tuas lágrimas do teu crime para com o género humano. Tu és a porta do Diabo. Foi por teu intermédio que Satanaz venceu o homem, a quem não ousava atacar frente a frente ». E no meio de todo esse pessoal grosseiro, São Cipriano ainda é relativamente amavel dizendo que : « As mulheres são demónios que levam o homem para o inferno... pela porta do pa-raizo ».

Valha-nos isto ! Ao menos, ele reconhecia que o amor tinha qualquer couza de paradi-zíaco !

Os santos, que assim se pronunciavam, achavam que o exemplo da Virjem Maria, o

do Cristo e o de S. Paulo tinham sido conde-
nações decizivas do matrimónio.

Aliaz, os adversários do cazamento, mesmo que a teze da Igreja fosse favoravel a ele, poderiam citar uma circunstância importante : o exemplo dos padres. S. Pedro era cazado. Cazados, por alguns séculos, foram os bispos e os padres. Depois, veio o celibato clerical — e veio precisamente em um tempo de grande fé, quando os segredos de todos os lares, pelas confissões dos maridos e das mulheres, estavam mais patentes aos sacerdotes. Ninguem como eles podia apreciar, no mistério das maiores intimidades conjugais, o que valia esse rejimen de vida. E que foi o que decidiram, tendo, como tinham, tão perfeito conhecimento de cauza? Decidiram que não cazar é melhor...

Viriato Corrèa lhes falou aqui das tribulações de Santo António, com quem se apegam as meninas cazadoiras. Ele devia lamentar a sorte dos dois santos que são especialmente advogados contra as discórdias domésticas : São João de S. Facundo e Santa Olívia... Estes é que podem informar que não cazar é melhor...

A tradição, porém, dos tempos antigos era favoravel á instituição matrimonial. Durante

séculos e séculos os judeus sempre acharam que o primeiro dever do homem era cazar-se e ter numerosos filhos. Isso não queria, entretanto, dizer que os maridos daqueles tempos já não se lastimassem.

Ha no Velho Testamento um fato muito notavel a respeito de esposas : é o caso de Job.

Todos lhe conhecem a história. Um dia, conta a Biblia, em que Deus estava tranquilamente pensando em qualquer couza — ou talvez não pensando em nada — surjiu diante dele um grupo, no meio do qual estava Satanaz. Deus, para provoca-lo, perguntou-lhe si já tinha visto Job e si conhecia algumem tão bom e tão justo.

Satanaz respondeu-lhe que o caso não era de admirar, pois que Job tinha tudo o que podia dezejar : saude, riqueza e felicidade. Assim, parecia-lhe que a piedade do santo homem era inteiramente destituida de mérito. Deus então lhe replicou que contra ele fizesse o que quizesse, coíntanto que não lhe tocasse.

Satanaz ouviu e partiu. Matou os bois, as ovelhas, os criados e os camelos de Job.

Por cúmulo de desgraça, a caza, debaixo da qual os filhos e as filhas do pobre homem

estavam comendo alegremente, dezabou e todos perceram sob as suas ruínas.

Pois bem : só o que o Diabo poupou foi a mulher. Por que ? Das duas uma : ou ele achava que mata-la não adiantaria nem atrazaria nada para aumentar a aflição do pobre homem ou, ao contrário, julgava bom conserva-la, como um tormento a mais ao infeliz... Forçozo é convir que não ha outra suposição fóra desta alternativa.

Mademoiselle de Scudéri, escritora célebre do seculo 17, optava — ella, mulher — pela segunda hipóteze. São dela estes versos, que convém mais lêr traduzidos :

Outr'ora contra Job Satanaz irritado,
filhos, saude e bens, tudo lhe arrebatou ;
mas, querendo fazê-lo inda mais desgraçado,
a mulher lhe deixou !

E o Diabo tanto andou bem que, em certo momento, a mulher começou a tentar o mízero, incitando-o a rebelar-se contra Deus — o que aliaz não conseguiu.

No Alcorão, Mahomet fala de Job, conta que elle tinha feito a promessa de que, assim que se curasse, daria cem açoites na mulher, e assevera que Deus, quando o pôz bom, lembrou-lhe esse voto.

De modo que houve apenas um ponto nessa história em que Deus e o Diabo estiveram de pleno acôrdo : foi quanto a Madame Job. O Diabo achou bom conserva-la para que aumentasse a aflicção ao aflito; Deus não quiz que o profeta se esquecesse de lhe dar a surra, a que ela fizera juz... Ambos tinham a mesma opinião sobre o seu caracter...

E' de crêr, á vista disso, que Job fosse dos que pensam que não cazar é melhor...

Mas, emfim, póde ser que, com a volta da prosperidade e o efeito sedativo da sova, a mulher se corrijisse. O certo é que ele depois disso teve sete filhos e trez filhas e viveu ainda cento e quarenta anos. Póde-se, por conseguinte, consignar que a mulher não lhe abreviou muito a existência... Quem sabe, porém, quanto ele viveria, si não fosse cazado?

Apezar da veneravel aprovação do Padre Eterno, citada no Alcorão, a ideia de dar em uma mulher é das que nos repugnam profundamente. Mas repugna hoje. Naquela época era corrente. Em uma epopéa do tempo de Nabucodonozor — isto é, de 32 séculos antes dos nossos dias — o heroi, descrevendo os horrores da morte, vai subindo

de grau em grau, até este, que lhe parece o supremo : « Ai de ti! Tu não podes mais beijar a mulher que amas e bater a mulher que detestas! »

Job era um homem de seu tempo...

Houve uma mulher que passou á posteridade só por ter trazido o espozinho em perpétua tortura. Ficou sendo o tipo das espozinhas insupportaveis. A mulher foi Xantipa, o marido o admiravel filózofo grego Sócrates.

Sócrates não figura apenas como um grande pensador : deixou o renome de cidadão perfeito. Esteve trez vezes na guerra, bateu-se contra os tiranos que queriam escravizar sua pátria e fez do seu ensino um verdadeiro apostolado. Por fim, perseguido pelas suas opiniões, teve de se suicidar, envenenando-se com cicuta. Durante toda a vida, achou, porém, o peor dos tormentos na espozinha, na odiosa, na abominavel Xantipa.

Por que escolheu ele essa mejéra? O filózofo nos deixou a explicação do cazo. Porque, segundo disse, querendo aprender a lidar com os homens, pareceu-lhe que, desde o momento em que conseguisse suportar Xantipa, suportaria toda a gente... Esquivalia isso a declara-la o suprasumo da ruindade humana.

Qual podia ser a opinião de Sócrates sobre o casamento ?

Evidentemente, ele não podia erijir em norma habitual de conduta que todos escolhessem mulheres detestáveis para exercitarem a paciência. Sócrates devia ser dos homens que mais estivessem convencidos de que não cazar é melhor...

E não foi! Deixou, ao contrário, conselhos excelentes sobre as vantagens do casamento. Destoou mesmo dos homens do seu tempo, prégando a elevação da mulher. Mas prégou como o Frei Thomaz do ditado popular, de que se deve fazer o que ele diz e não o que ele faz.

Sócrates achava muito bom o casamento, mas tinha práticas de amor singulares e ainda no leito da morte, quando já a cicuta começava a fazer sentir os seus efeitos, um dos seus primeiros cuidados foi o de mandar sair a mulher, para ficar até o derradeiro instante conversando com os discípulos...

Os que lhe lerem os conselhos e lhe souberem a vida é provavel que achem esta última incontestavelmente mais probante — e digam prudentemente : « Não cazar é melhor... Pode por aí vir alguma Xantipa... »

Alguns suporão que, si Sócrates falava

bem do cazamento, não era por convicção : era por medo da mulher... E' realmente sabido que os homens mais audazes, mais valentes, capitulam nessa luta. O fato de Sócrates ter tomado parte em trez guerras e uma longa revolução não o punha a salvo desse temor. Os mais fortes fojem, matam-se, humilham-se...

Vejam, por exemplo, o cazo de André Vesale...

André Vesale é o verdadeiro fundador da ciência anatómica. Durante muitos séculos, o que se sabia do corpo humano era o que se podia aprender nos campos de batalha. Galeno, querendo estudar um pouco mais, fez a anatomia dos macacos e a atribuiu ao homem. Nas faculdades de medicina da idade-média ainda era peor : as lições práticas de anatomia eram dadas — imaginem em que animal! — em porcos! O professor esquarterava um porco e era no corpo desse animal que ensinava anatomia... humana.

Vesale rompeu com isso. Para estudar, precisou peitar coveiros afim de lhe darem cadáveres. Chegou mesmo a organizar expedições noturnas para furtar enforcados, cujos corpos ficavam pendentes da forca alguns dias. Assim, ia arranjan-do material para os

seus estudos. Vejam, meditem longamente que coragem era precisa para furtar cadáveres, como quem furta alfaias preciosas, traze-los para caza e retalha-los avidamente, por áncia, por ambição, por fúria de saber ! Era um homem extraordinário !

A Igreja moveu-lhe uma guerra terrível. A despeito de tudo, ele correu a Bêljica, a França, a Itália, a Hespanha, lutando com uma audácia estupenda. Mas o desgraçado tinha uma mulher, que era parenta espiritual de Xantipa : para fugir-lhe, rezolveu ir á Palestina. Na volta, naufragou.

Tanta coragem contra os sábios do seu tempo, contra a Igreja, contra tudo. Mas contra a mulher...

Vesale morreu pensando, de certo, que não cazar é melhor...

Camerius, um grande naturalista alemão do seculo 16, deixou uma prova do que podem suportar maridos amorozos : a mulher, quando se achava no que se chama « o estado interessante », teve certo dia uma ideia singular. E' sabido que muitos entendem não ser bom contrariar uma mulher que tenha qualquer dezejo, quando esteja nesse período da vida. Camerius pensava desse modo. A mulher lembrou-se de quebrar um

cesto inteiro de ovos, atirando-os um a um na cabeça do paciente marido. E ele se sujeitou! Figurem que omelette!

Acharia esse naturalista que cazar é muito bom?

Mas haverá talvez quem diga: filózofos, anatomistas, naturalistas, gente fraca, gente habituada a trabalhos de gabinete, não admira que as mulheres os dominem.

O cazo é o mesmo para todos.

Parece que Napoleão póde ser citado como um tipo de enerjia: era até brutal. Pois bem: no *Memorial de Santa Helena* está a confissão de que ele quiz elevar os direitos sobre os tecidos inglezes de algodão. O seu intuito era favorecer as outras espécies de tecidos fabricadas na França. Numa questão dessa natureza — questão industrial, questão de doutrina económica — parece que Napoleão não tinha que ouvir a mulher. Pois não foi assim. Ele mesmo refere que a imperatriz Jozefina, tanto lhe esgotou a paciência, que ele rezolveu perder essa batalha — e deixou em paz os tecidos de algodão.

E' verdade que mais tarde repudiou essa imperatriz; mas repudiou por motivos imperiozos de política; em compensação, cazou-se com outra que, assim que o viu partir para

o exílio, provou bem que ele não lhe deixara a mínima saudade. E uma e outra o enganaram largamente...

Napoleão acabou tendo excelentes razões para crer que não cazar é melhor...

* * *

Dir-me-ão, porém, que isto são exemplos individuais, e não provam nada.

Não é tanto assim.

Afinal, Socrates não é um filózofo qualquer : é um tipo de filózofo. Vesale não é um sábio anónimo e secundário : é um grande iniciador científico. Napoleão, esse, não precisa que ninguém o ponha em destaque : é o maior general de quantos a história conhece. Trata-se, portanto, de figuras que valem como a representação de vastas categorias.

Victor Hugo — e eu não quero falar no cazo conjugal de Victor Hugo, cazo discutido em tantos volumes — Victor Hugo deixou uma poesia, em que ele assevera que para se julgar bem um homem qualquer, antes de tudo se precisa saber, não o seu destino, mas a sua história doméstica. Ele diz mesmo que não sabe si Socrates morreu por ter

bebido a cicuta, ou per ter aturado Xanti-
pa...

Um dos nossos maiores poetas — mas um poeta cazado e que por isso mesmo, não me autoriza a dizer o seu nome — quem sabe lá por que razão?... — traduziu os versos de Victor Hugo :

Cazar!... E' encarcerar a alma em prizão eterna.
O homem, fa-lo a mulher a seu geito e o governa.
Eu, si a sorte de alguém reclama por ventura
dar-lhe dos olhos meus uma lágrima pura,
cu costume inquirir antes de o lamentar
não — qual foi seu destino — e sim qual foi seu lar?
Homens fortes na luta, homens fortes na morte,
por felizes vos tenho a todos vós, si a sorte
não vos deu, de mistura aos grandes sofrimentos,
as cazeiras questões de todos os momentos!
Pouco a pouco, de fel uma onda escura e atroz
nos enche o coração, referve dentro em nós.
Simples alfinetada, em covarde desmaio,
nos abate mais prompta e rápida que um raio.
Ah! suportar ao dorso, e dôa onde doer,
essa pezada albarda! e o direito não ter
que ao proprio irracional é dado, de um gemido,
falta nenhuma a gente havendo cometido;
e sobre ser bastante a génios, cuja essência
é oposta, por si mesmo arruinar a existência,
ter a perseguição estúpida, animal,
de dois olhos em nós sempre fixos; brutal
ser, perdendo-se a calma; e, mudada a attitude
de mártir na de algoz, exasperado e rude

rixar, porfiar, teimar : a alma sentir — que horror! —
junjada em posição inversa a uma outra... Dôr,
provação, punição, castigo inominado!
De nada vale ser cordato e ponderado,
resolver-se a viver a gente cada dia
como um santo ou melhor... Caráter, energia,
brios de homem : largar tudo por mão ! Emfim,
reznado dizer comsigo : — « isto é ruim,
mas — que fazer? — a cruz levemos ao calvário !...
Oh! recalçada angústia ! Oh! mudo e solitário
sofrer ! Dando por terra, acaba-se vencido,
sangrento, ôco, esgotado, inerte, envilecido...
Ao certo eu não sei bem si Sócrates morreu
por ter bebido, como impávido bebeu,
farto dos sonhos maus que o despertar dissipa,
de um só trago a cicuta, ou aos poucos Xantipa.

Até aí Victor Hugo. Mas não fuçamos á
objeção dos que dizem que os cazos indivi-
duais nada provam. Vamos procurar alguma
couza de indiscutivelmente geral.

Para enfeitar um pouco estas conferências,
todos temos recorrido á citação de quadras
populares. Em regra, elas são graciosas. Mas
quando se trate de fazer uma prova, podem
ser alegadas ?

A poezia, como hoje fazem os homens de
letras, escrita no silêncio dos seus gabinetes,
publicada depois em revistas ou volumes, só
tem significação social, si se trata de um

poeta muito lido, muito aplaudido. Assim mesmo, resta saber quem é que o lê. Citam-se na literatura contemporânea autores cujas obras se tem divulgado extraordinariamente, não porque as suas ideias sejam muito apreciadas; mas ao contrário, porque entraram em aberto conflito com a sociedade. E então, por curiosidade, e até mesmo por perversão moral, encontraram, semeado pelo mundo afóra, um público numerozo, composto em parte de indivíduos pervertidos. O êxito de suas obras pode provar que eles tinham talento, mas muitas vezes prova também que eles só se fizeram célebres, porque se puzeram em violento antagonismo com o sentimento dos homens do seu tempo, que, por isso mesmo, os quizeram conhecer.

Com a poezia popular, feita de improvizo, em reuniões festivas, ao som da guitarra, ao som do violão, e em alguns pontos da Europa, ao som da gaita de foles e das sanfonas, não succede o mesmo. E' uma poezia sempre social. Ninguem fala ou canta diante de uma multidão, si não está um pouco de acôrdo com ela. O cantor sertanejo que improviza uma quadra, dá apenas forma a um sentimento, que é idéntico ao dos que o ouvem e cujo aplauzo dezeja. Ele não canta nunca,

por isso mesmo, aberrações individuais, extravagâncias, singularidades.

D'aí vem o valor da poezia popular. Mas assim mesmo não basta, para fazer a prova da predominância de um sentimento qualquer, citar meia dúzia de trovas anónimas. Resta saber, si não ha outras tantas, si não ha mesmo muitas mais em sentido oposto, porque na alma popular como na de todos nós, existem sentimentos contraditórios.

Suponhamos, porém, que se trate de saber o que pensa o povo sobre o casamento.

Sylvio Romero colijiu, numa obra em dois volumes, os *Cantos Populares do Brazil*. A obra em conjunto tem mais de 600 pajinas. No segundo volume, só do Rio Grande do Sul ha 815 quadras, afora romances, xácaras, lendas, versos de toda espécie. Por outro lado, dois escritores portuguezes, Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, reuniram tambem num pequeno volume nada menos de mil quadras populares de Portugal.

O livro de Sylvio Romero é de 1883; o dos autores portuguezes de 1903. Ha, portanto, entre os dois vinte anos de intervalo.

Correndo tantos, tantos milhares de versos, reunidos imparcialmente por colecionadores, cujo principal intuito era apenas o de juntar

a maior quantidade possível de material, parece que se póde ter uma ideia por esses versos, da variedade de sentimentos do povo.

Pois bem. Em todos eles não ha uma só afirmação de homem cazado, louvando o cazamento. Uma só!

E ha de mulheres? Ha duas quadras. Duas apenas — e aliaz ainda assim caraterísticas, porque as autoras dessas trovvas anónimas sentem a necessidade de se desculpar; indicam que estão á espera do arrependimento, ou que, pelo menos, ele é a hipóteze mais natural. Uma delas diz :

Eu cazei e cativei-me,
inda não me arrependi :
quanto mais vivo contigo,
menos posso estar sem ti.

Lá está a providência do que era natural :
« inda não me arrependi. » E diz a outra
trova :

Senhores não se admirem
de eu cantar e ser cazada :
eu canto com a alegria
de me vêr bem amparada.

Começa por confessar quanto ha de espan-

tozo em que, sendo cazada, ainda assim esteja alegre e cante.

Mas, batendo o Brazil, do Amazonas ao Prata, em toda a sua vastidão; batendo Portugal, do Minho ao Algarve, accitando subsídios de milhares de colaboradores, o que nenhum desses livros pode reproduzir foi a quadra de um marido satisfeito!

E' forçozo convir que o cazo é digno de nota.

Em compensação as manifestações contrárias são numerozas.

Nunca vi ventar do sul,
que aos trez dias não chovesse...
Nunca vi homem cazado
que se não arrependesse...

Si o cazar fosse tão bom
no fim, como é no começo,
eu pedia á minha mãe
que me cazasse no berço.

Uma estrofe, ouvida em Mato Grosso diz :

Em cima daquele morro
Siá Dona
tem um pé de jatobá.
Não ha nada mais peó
ai, Siá Dona,
do que um home se cazá

Pensando de igual modo, não é difícil achar também mulheres...

Sylvio Romero cita uma quadra do Rio Grande do Sul :

Solteirinha não te cazes,
goza tua bôa vida,
que eu já vi uma cazada,
chorando de arrependida...

E outra de Portugal, recolhida pelos colecionadores das *Mil Trovas*, lhe responde :

Tu dizes que não teus cruz
para rezar o rozário :
— caza-te, minha menina,
e terás cruz e calvário.

Algumas quadras fazem, por atacado, a filozofia do casamento.

O cantar é dom dos Anjos
o bailar dos namorados
a alegria dos solteiros,
a tristeza dos cazados...

E' o rio dos barqueiros,
a porta — dos namorados,
a praça — das regateiras,
o calvário — dos cazados...

E em detalhe, prevendo cazos diversos e afastando todos eles, ha os que dizem que não devemos cazar, nem com mulheres pobres nem com mulheres ricas :

Ser pobre e cazar com pobre
é remar contra a maré...
Cazar com mulher sem dote
é andar com um só pé...

Mas a este espertalhão, outro responde :

Quem quer ser muito finório
e caza com mulher rica
não fica como marido :
é como escravo que fica.

Outros procuram afastar os noivos das
mulheres gordas :

Cazar com mulher papuda
que desgraça não será :
quando a gente fôr dormir,
que roncós ella dará.

E' o cazo talvez de escolher uma mulher
magra. Mas já outro trovador nos adverte :

Toda a palha enche palheiro,
todo o fiado faz pano :
quem caza com mulher magra
tem bacalháu todo o ano.

E assim, si as pobres são más e as ricas pcores; si as gordas incomodam roncando e as magras são bacalhaus, a conclusão a tirar d'aí é a de S. Paulo : não cazar é melhor... O *folk-lore* luzo-brazileiro não nos diz outra couza.

E' certo que tambem nele se encontram apolojias ao cazamento; embora em pequeno número; mas todas feitas por homens solteiros.

Sofre só quem é solteiro,
vou cazar com meu amor
Quando eu chorar, chora ele,
partimos ao meio a dôr.

Mas os solteiros não podem ter voz no capítulo, porque, segundo dizem os árabes, o cazamento é como uma praça sitiada : os que estão nela querem sair, os que estão fóra quereriam entrar. — Entrem; e depois conversaremos... Além de tudo, essa história de partir dôres ao meio é bõa em verso. Na vida real a couza muda de figura. Gringoire, un poeta francez do sculo 15, dizia muito bem que nos momentos de apuros os solteiros têm a vantajem de perguntar : « Que hei de eu fazer? » ao passo que para os cazados a atrapalhação é maior, porque

tem de perguntar; « Que havemos nós de fazer? »

Vamos, porém, á demonstração por outro modo. Corremos cazos individuais de representantes de vastas categorias : filózofos, sábios, guerreiros. Vimos o depoimento unânime dos cazados na poezia popular. — Unânime, notem bem!

Ha outro meio de decer ao mais íntimo dos sentimentos dos povos : é correr as colleções de provérbios. Eles representam tambem a quintessência do pensamento popular. — Neles se cristalizam em fórmãs aforismáticas as verdades de senso comum que todos admitem.

Pois bem, percorrendo as colleções melhores de provérbios de todas as nações, se verifica que muitos acuzam a fatalidade dos cazamentos; a enorme maioria, a quazi totalidade zomba ou ataca essa veneravel instituição e só trez ou quatro a louvam discretamente.

« Cazamento e mortalha no céu se talha » — diz o nosso velho rifão, significando assim que ninguem foge ao seu destino, quando chega a hora de cazar ou de morrer. Ha nas outras linguas ditados idénticos. E'

bom não esquecer que por si só essa aproximação do casamento e da morte já não é muito amavel. Mas os provérbios francamente hostís ao casamento são inumeraveis.

Diz um italiano : não ha matrimónio em que não entre o demónio.

Os alemães fizeram um provérbio feroz : « o casamento só tem dois dias bons : o das bodas e o da morte da mulher! » Os francezes garantem que « si o casamento vai na sela, o arrependimento vai na garupa. » E o resto é mais ou menos assim.

Mas, dir-se-á, si as relijiões, si os filózofos, si a sabedoria popular, si todos condenam o casamento, como se mantem essa instituição? De onde, pelo menos lhe vem o mal?

Em geral, os casamentos se dividem em casamentos de amor e casamentos de interesse. E' uma enumeração muito omissa. Talvez nela falte exactamente a bôa categoria.

De que os casamentos por amor sejam em geral deploraveis ha numerosos testemunhos nos ditados populares.

O tipo de matrimónio desse género é o que se faz quando duas pessoas se viram

um dia, ao acaso de um encontro, e ficaram imediatamente enamoradas.

Havia — ou ha talvez ainda — um livro precioso, que os namorados sem eloquência costumavam d'antes consultar : era o *Conselheiro dos Amantes*. Nele se encontravam modelos abundantes de cartas de namôro; sobretudo as declarações eram numerosas.

A primeira, a que, portanto, devia parecer ao autor dessa obra tão lida, a mais ardente, começava assim : « *Minha senhora, vê-la e ama-la foi obra de um momento.* » Uma rapariga de juizo — admitindo que alguma exista nessas condições — devia, si acreditasse naquela declaração, responder ao cavalleiro : « *Meu caro senhor, si vêr-me e amar-me foi obra de um momento, ter-me e dezamar-me será obra de outro momento...* »

E é geralmente assim que acabam essas paixões fulminantes, explozivas. Parecem foguetes... De repente, é uma caudal de luz riscando a noite... Passam, brilham, sobem, estouram... Mas, dois minutos depois, cái uma flecha e um tubo vazio.

Alfredo de Musset resume a filozofia do cazo, dizendo que os amores que duram são os que não chegam á posse do objeto

amado. Nós morremos de fome; de fome é que o amor vive :

O amor, contraditória e estranha creatura,
vive de inanição e morre de fartura...

Estes dois versos lembram um pouco o que se faz nas grandes fábricas de doces, quando se toma um empregado novo. Dá-se-lhe ampla licença para comer o que quizer, á vontade. Ele empanturra-se. Dias depois, farto, passa a detestar tudo aquilo.

E' curiozo notar que a esse recurso só chegaram os fabricantes depois que verificaram o que succedia, quando proibiam aos empregados tirar os doces. Os furtos eram maiores. Embora nunca ninguem pudesse tirar muito de cada vez, como todos continuavam a furtar sempre um bocadinho cada dia, a perda para as fábricas era maior.

A fartura inicial leva ao enfartamento...

Não ha sentimento que faça mais consumo do adjetivo « doce » que o amor. « Tão doce amor travou tão fortes laços » dizia Garrett. Pois quando no cazamento, ao princípio, se faz um consumo imoderado dessas doçuras, o resultado é deazastrozo...

A saciedade é o peor inimigo desses cazamentos feitos por um impulso súbito.

Matrimonio per amore finisce con dolore dizem os italianos.

Provérbios análogos ha em todas as linguas.

Quem se caza de pressa se arrepende de vagar...

O prestígio das paixões por mulheres formozissimas foi feito principalmente pelos poetas. Mas as almas incautas fazem muito mal em acreditar em poezias. Por pouco que procurassem conhecer a história dos maiores poetas, veriam que as paixões deles foram apenas literatura. Em todo cazo, o incontestavel é que nenhum tipo de grande apaixonada cazou-se e continuou a merecer grandes manifestações líricas.

Pensem em Petrarca.

Petrarca foi, Petrarca é ainda hoje um poeta extraordinário. Quando se evoca o seu nome, imediatamente ocorre o de Laura, que ele exalçou, que ele deificou. Seus versos garantem que ele não comprehende sinão o amor puríssimo, castíssimo.

Historias! Laura era cazada e teve onze filhos. Durante toda a vida dela, Petrarca lhe fez versos. E' de crêr que essa mãe de onze filhos ainda nos seus últimos tempos mere-

cesse os arroubos exagerados do poeta? Está claro que não! Laura era apenas um pretexto poético. Póde ter sido, em moça, muito bonita. Parece que realmente foi. Tanto foi, que o nosso amigo Petrarca tentou seduzi-la e o marido precisou pô-lo fóra de caza.

Por fim, o poeta se habituou a dirigir-lhe os seus versos. Depois dela morta, depois que ele mesmo cantára sua morte, ainda lhe fez poesias, como si estivesse viva. — E creiam na sinceridade dos poetas!

Mas ha melhor. Ha a certeza de que Petrarca entendia o amor de um modo muito menos puro do que ele dizia em verso. Nós o sabemos hoje porque ele teve a imprudência de deixar um caderninho em que tomava nota das suas empreitadas amorozas — e o que se admira diante desse caderninho, que o desmoraliza completamente, é que ele era... um tipo de primeira ordem, de se lhe tirar o chapéu!

Comparem a attitude desse poeta tão meigo, tão delicado, diante de Laura, que ele nunca possuiu e de uma outra senhora, de quem teve dois filhos, dois filhos que o papa consentiu em lejitimar. De Laura, namorada apenas, nós sabemos maravilhosamente o nome; da outra, com que ele não

se cazou, mas que foi de fato, uma espoza, não sabemos nada!

Mas o cúmulo — si é verdade — está no que afirmam alguns dos seus biógrafos de que houve momento em que o papa, de quem ele era íntimo amigo, lhe ofereceu a anulação do casamento de Laura para que ele se podesse cazar com ela. Mas Petrarca não teve uma hezitação : poz-se logo de largo! Versos são versos e a vida é proza e, em regra, proza muito ruim. Rejeitou. Não cazar é melhor... Figurem Petrarca, cazado com uma senhora mãe de onze filhos; Petrarca padrasto de todo esse pessoal e fazendo versos á que ele chamava (mas chamava de lonje) Madonna Laura! Seria cómico...

Não cazar é melhor...

As meninas que acreditam em couzas ditas em verso, devem sempre repelir com indignação qualquer confronto com esses grandes tipos de amantes célebres. Ou os poetas que fazem esses confrontos não sabem o que dizem ou, si sabem, quando não seja troça, é dezafôro.

Garrett, no seu poema sobre Camões, dá o grande poeta luzitano como apaixonado da que ele chama — « Roza d'amor, roza pur-

púrea e bela ». Essa roza era Catarina de Ataíde, a decantada Natércia...

E todos nós temos a impressão de um Camões poeta e guerreiro que passou a vida suspirando por essa delicada flôr aristocrática. Por ela queria os louros da guerra, batendo-se em lonjínquas rejiões: por ela queria os louros da poezia, compondo os *Luziadas*...

E tudo isso é mentira! Camões amou solteiras, cazadas e viúvas. Amou brancas e pretas. Era de um ecletismo admiravel. No *Cancioneiro Alegre*, Camillo Castelo Branco enumera nada menos de onze, entre as quais lá está a preta Barbara :

Aquela cativa
que me tem cativo
porque nela vivo
— já não quer que viva...

Pretidão de amor
tão doce a figura
que a neve lhe jura,
que trocara a côr...

Mas esse é o capítulo das infidelidades. Ha, porém, peor. Parece que algum tempo houve em que Camões pode-ter entrevistas

com a sua Natércia. Desde logo succedeu o que tinha de succeder : o amor começou a murchar. Como o sabemos? Porque temos uma de suas quadras, tambem citada por Castelo Branco, e que é um prodijio de grosseria e brutalidade.

Catarina é mais formoza
para mim que a luz do dia ;
mas mais formoza seria,
si não fosse mentiroza.

Jurou-me aquella cadela
de vir, pela alma que tinha.
Enganou-me. Tinha a minha,
deu-se pouco de perdê-la.

Si, sendo apenas namorada, ele já lhe dizia tais amenidades, figurem si fosse cazado !

Não cazar é melhor...

E si o cazamento por paixão, súbito, inflamado, explozivo, dá em regra detestaveis resultados, do que é feito simplesmente por interesse, não tentarei a mínima justificação. Esse nem devia figurar no Codigo Civil; devia ser um capítulo do Código Commercial : é uma tranzação e mais nada.

Viriato Correia, querendo aqui entrar um pouco pela minha seára, falava em certos máus cazamentos, que máus se tornam porque a mulher, uma vez conquistado o espozó que cubiçava, não cuida mais de enfeitar-se, de fazer-se gentil, amavel, tentadora.

Certo, ele tem razão nesse ponto — nesse ponto em que expõe um dos muitos motivos pelos quaes *não cazar é melhor...*

A fórmula mais admiravel para se conservar o amor foi a que deu Verlaine na primeira quadra do seu mais célebre soneto, em que diz sonhar ás vezes uma mulher que ele ame e de quem seja amado, mulher que cada vez que dela se aproxime, ele não a ache nem completamente mudada, nem exactamente como a deixou :

Je fais souvent ce rêve étrange et pénétrant
d'une femme inconnue et que j'aime et qui m'aime,
et qui n'est chaque fois ni tout à fait la même
ni tout à fait une autre, et m'aime et me comprend.

Isto é em amor para a mulher a suprema ciência. Que não se saiba de antemão quando se vai dizer qualquer couza, que palavra, que gesto, que pensamento responderá : para que então dizer, si já se conhece

a réplica? D'aí a necessidade para os que se cazam de ficarem no firme propósito de continuarem sempre como namorados, sempre procurando quebrar a monotonia da vida comum com encantos, com seduções novas.

Tem de ser, precisa ser uma luta de cada dia.

Ha mulheres que dizem, quando alguem lhes aconselha que se enfeitem e se façam bonitas :

— Meu marido gostou de mim sem nada disso... Quem quer bem não precisa enfeites...

E' um engano. Os cazamentos chegam quazi sempre ao dezastré final por uma questão que se pode dizer que é de estatística.

Não ha na afirmação nem gracejo nem paradoxo.

Cada pessôa é para as que a conhecem um rezumo ou, si preferem, uma média de imajens diversas. Pensando em alguem, nós temos desse alguem uma representação que é mais ou menos a média de todas as vezes que a temos visto e ouvido. Algumas das imajens terão evidentemente mais importância que as outras.

Ora, quando os noivos se cazam, cada um, até aí, só tem do outro, em regra, uma

coleção de imajens agradaveis, de imajens formozas, de imajens graciozas. O noivo só viu a noiva em salões, na rua, em teatros, em festas. Certo, ele sabe bem que ela não passa os dias assim vestida e paramentada. Sabe; mas não viu.

A vida em comum começa — e como ela tem muitas vulgaridades, a soma de imajens banais, de imajens vulgares e até dezagradaveis principia a se avolumar. Ha uma infinidade de gestos triviais, a que a vida constranje cada um de nós.

Pensem neste cazo simplíssimo : nenhum dos dois ignora que o outro dorme. Mas, no sono, que atitudes, que mímica desgraciosa e ás vezes ridícula assume o rosto mais lindo! Como estarão talvez ao acordar os formozos olhos, que só até então tinham sido vistos limpos e radiantes?!

E' fatal! — Ninguem o nega. Mas, si se escolhe uma pessoa entre milhares, entre milhões de outras, é sempre porque se acha nela alguma couza de menos comum. No dia em que a primeira estatística de imajens bonitas fica submerjida pela estatística oposta de imajens triviais, a superioridade, a razão de ser da escolha desapareceu.

Por isso mesmo que se sabe que a vida em

comum comporta um grande numero dessas imajens, é preciso evita-las, tanto quanto fôr possível. A conservação do amor não se consegue como a de um cadaver embalsamado, posto em uma redôma, que se subtraiu á ação das variações atmosféricas, do ar e da luz. Consegue-se por uma luta incessante. A cada gesto trivial é preciso opôr um gesto gracioso. Podar, cortar, eliminar, sinão a execução — o que é impossivel — ao menos a vista de tudo o que não é agradável.

Poucos tem a firmeza, a constância, a perseverança para sustentar essa atitude durante toda a vida. — E é o deazastre dos cazamentos. Raros escapam.

De mais, por um hábito muito pouco intelligente, são as mãis que, na véspera do cazamento, dão ás filhas os supremos conselhos, que precedem a iniciação deciziva do amor.

E' um erro. Quem devia aconselhar á filha era o pai, ao filho era a mãe. Cada um precisaria dizer o que convinha fazer para atrair o outro. O pai diria muito melhor á filha o que procurara e não achara na espoza; o que ela devia fazer para seduzir e manter o cónjuje. E' verdade que esses conselhos equivaleriam muitas vezes a uma queixa. A filha sentiria as deziluzões que a mãe inflijira ao

pai; mas por isso mesmo ficaria talvez prevenida para não cair nos mesmos erros. A mãe deveria proceder de igual modo com o filho, decendo a todas as intimidades. Mas por isso mesmo a couza é impossível. Os cazamentos não terão esse corretivo salutar. As conveniências exigem que cada um dos projenitores declare aos filhos que se acha encantado com o outro e, mesmo quando os filhos vêm que essa não é a verdade, não sabem onde está o mal e como evita-lo.

E por tudo isso... não cazar é melhor!

Diz-se que o ideal do cazamento é a fuzão completa das almas, de maneira que os dois cônjuges sintam, pensem sempre do mesmo modo.

Evidentemente, não póde ser um ideal que os dois vivam a contradizer-se. Mas si esse sonho de fuzão de pensamentos é bem completo, si nenhum dos dois tem nenhuma surpresa para o outro, é também deploravel.

Scribe dizia nada ser mais natural que o aborrecimento dos cazados : pois si os dois fazem uma só pessoa — uma pessoa que permanece só, por muito tempo, acaba por aborrecer-se...

Campoamor declarou que, si a vida de um

ermitão sem amor é espantosa, não ha nada mais desesperador do que essas solidões de pares, a solidão de dois em companhia :

Sin el amor que encanta
la soledad de un ermitaño espanta
; Pero es mas espantosa, todavia,
la soledad de dos en compañía !

Necessidade de concordar, sim ; mas necessidade tambem de ter sempre alguma couza de inédito...

Todos conhecem esses dezenhos muito complicados que algum tempo estiveram em moda, e no qual o dezenhista figura, disfarçadamente, um gato, um rosto, qualquer couza, emfim. Emquanto não se descobre onde está o gato, o dezenho é picante, é curiozo. Depois que se sabe, é insípido, é tolo, porque assim que lançamos os olhos para o papel, o gato aparece logo, no primeiro plano, bem á vista e todos se admiram de o não terem descoberto imediatamente.

Assim, no cazamento, quando um dos dois nada tem para oferecer de novo ao outro, é o enigma descoberto, adivinhado, sabido.

Viriato Correia, querendo atenuar um pouco esse possivel inconveniente lembrava

que o cazamento não deve impedir a faceirice. E citava Ovídio.

Mas ainda aí é preciso ir com cautela. Ha faceirices contraproducentes para a harmonia conjugal. Figurem uma senhora que dejeza ter cabellos crespos e põe papelotes. Põe papelotes á noite, conserva-os até de manhã. De tarde, as vizitas com que ella está acham-na linda. Que admiraveis cabellos! E espantam-se de que o marido pareça indifferente áquella sedução. Mas é que se esquecem que essa beleza é uma beleza de exportação, para uzo do público. O marido, exatamente ás horas em que elle mais está com a espoza, está com uma senhora cheia de torcidas de papel, ou de grampos especiais, com a cabeça transformada num verdadeiro taboleiro de balas. Para o público é que a mulher se apresenta linda...

Outras ha que têm uma pele que é maravilha de freseura. Por que? Porque á noite, á hora de se deitarem, untam-se com cremes e cosméticos, cheios de drogas complicadas. Nos jornais de modas ha mesmo o anúncio de máscaras de pelica para esticar, para amaciar, para conservar a eútis. Devem ser pavozas... Mas quem vê esse pavor é o marido. E' o marido que vê a cara seboza, gordu-

roza, cosmeticada, mascarada. O público vê a tez fresca, liza, deliciosa.

Quem se acha de melhor partido? O que não cazou. Não cazar é melhor! O celibatário está na platéa, vendo a beleza da cena. O marido está nos bastidores, vendo as *ficelles*, os maquinismos, as cenografias mal pintadas...

Alguem já disse que a pessoa que visse tratar um peixe não o comeria. E' um exagero. Os cozinheiros fazem essas duas operações sem dificuldade. Em todo caso, não se póde negar que haja pormenores de cozinha que são francamente repugnantes. O prato na meza, á vista dos convidados, é tão appetitozo!

Mas no banquete conjugal o marido estava na cozinha! Ele viu preparar o prato!

Ser apenas e sempre o convidado — não cazar — é melhor...

Esta lembrança culinária é tanto mais natural quanto algumas das receitas que se dão para a conservação da beleza são espantozas. As Romanas antigas uzavam cosméticos que eram feitos com cuspo — a saliva cuspada pelas escravas sobre certos ingredientes para dissolvê-los. A palavra franceza « fard », que quer dizer pintura das faces, vem do italiano « farda » que quer dizer escarro!

Mas isso enfim passou. No entanto, ainda em nossos dias, uma grande atriz, célebre pela sua beleza, Lina Cavalieri, receitava para a conservação da beleza das faces, dormir tendo dois bifés de vitela encostados a elas!

Certo, é de esperar que nenhuma mulher empregasse essa receita junto do marido. Mas só o fato de se saber que ela uzava tal processo devia tirar todo o gosto aos beijos que o marido pensasse em dar-lhe... Por mim, eu ereio que não poderia conter nesses momentos o desejo de vêr si ela ainda cheirava a vitela...

Os estranhos ignoram quem uza e quem não uza tais processos... Não cazar é melhor!

Uma afirmação célebre diz que não ha grande homem para o seu criado de quarto.

Por que o criado de quarto do homem o mais notavel não o considera um grande homem? Porque lhe vê de perto as mizérias, as fraquezas, todo o lado pequeno e mesquinho da vida corrente.

Pelas mesmas, pelas mesmíssimas razões, se pode dizer que não ha mulher bonita para seu marido...

Alguns, é bem verdade, sabem que suas mulheres são consideradas bonitas; lembram-se mesmo de que elcs já as julgaram assim e tiram uma certa vaidade de possuilas. Mas intimamente, agora que conhecem como se faz e se mantém essa beleza, não partilham mais a admiração geral.

Estão no cazo de alguém que tivesse comprado, como verdadeira, uma pérola magnífica. Um joalheiro experimentado lhe mostrou depois como a pérola, embora admiravelmente imitada, era falsa. O possuidor sabe, no emtanto, que ela ilude tão bem que todos se enganam. Continua, portanto, a ostenta-la, como si a julgasse verdadeira.

O joalheiro experimentado, que demonstra a falsidade das pérolas, é o Cazamento. Sua experiência e sua habilidade perversa vão mesmo tão lonje que nenhuma pérola escapa : ele mostra aos maridos a falsidade de todas elas, — de todas, mesmo as mais autênticas...

Que as que se julgam formozas, as que são ou que se creem pérolas verdadeiras convençam-se disto : não cazar é melhor...

Mas si assim se rejeitam os cazamentos por amor e os por interesse, si assim se cen-

suram as que não se enfeitam e as que se enfeitam de mais, que resta?

Resta talvez a única especie dos que são razoaveis : os cazamentos, que se podem chamar por amizade. Nem fúrias de paixão, nem baixezas de cálculo : o acôrdo sereno para a vida em comum, o conhecimento recíproco dos caracteres... E' a única fórmula acci-tavel.

Mas o acôrdo é tão difficil !

Não ha aqui quem não tenha visto, ao menos em dezenho, um cérebro humano. Como ele é complicado, cheio de circumvo-luções diversas ! E quantos milhões, quantas miríades de células.

Será possivel achar dois iguais ?

Pensem, para responder a isso, no que succede com as cabeças dos dedos. E' pelo de-zenho da pòlpa deles que se identificam os criminozos. Esses dezenhos não são, entre-tanto, tão complicados como um cerebro. E, todavia, nunca se acharam dois homens que tivessem 17 particularidades idénticas nesses dezenhos ! A regra é que se procuram apenas 10 a 12 coincidências. Isso basta para afirmar que se trata do mesmo indivíduo.

Si nunca se acharam 17 particularidades idénticas nos dezenhos dos dedos de duas

pessoas diferentes, como esperar que se ache o número de particularidades necessário para pôr em acôrdo perfeito duas vidas por longos anos! E' impossivel. O acôrdo se terá de realizar sempre com sacrifícios recíprocos.

No emtanto, si alguma couza ha a fazer, é procurar esse acôrdo de caracteres. Ainda uma vez repito : é a unica fórmula aceitavel.

Aceitavel. Só aceitavel. Eu não serei traidor á teze de S. Paulo. La Rochefoucauld dizia que ha alguns cazamentos bons; deliciosos é que não... Por isso, cazar é bom, mas não cazar é melhor...

Para ser, entretanto, inteiramente justo, é necessário pensar tambem na questão do ponto de vista feminino. Longamente, eu só tenho falado dos maridos infelizes. E as espozas?

Ah! essas... essas é que devem dizer que não cazar é melhor!

Nós é que fazemos as leis, que afeiçoamos a sociedade, que fabricamos a literatura. Por isso os queixumes que mais se ouvem são os dos homens. Mas ás mulheres nós não damos siquer o direito de queixa. O cazamento nunca fecha de todo o homem dentro do seu cárcere : deixa-lhe sempre abertas para fóra. Quando ele não escancara a porta e sai

dezabuzadamente, tem frestas, postigos, alça-pões... A mulher, si entrecabre qualquer dessas saídas, sente que elas dão para a dezonra; dão pelo menos, para as murmurações do mundo...

Assim, não falando aqui desse ponto de vista, foi exactamente porque não dezejava levar nada para o trájico... Poucas couzas entretanto, são mais dolorozas que a situação de uma espoza infeliz.

A prova de que elas tambem acham que não cazar é melhor está em que o número de divórcios requeridos por mulheres é superior ao requerido por homens... E cada ano nos paizes mais civilizados o número de cazamentos vae baixando... A estatística é uma ciência implacavel; ela tambem apregòa que não cazar é melhor.

Alguem já propoz que ao crime de bigamia se applicasse como punição, não a cadeia, mas a obrigação do bigamo viver com as várias espozas que tivesse tomado. Castigo feroz! A proposta seria, entretanto, justa, si a segunda espoza, enganada quanto ao estado civil do marido, não devesse desse modo sofrer injustamente.

Mas essa aluzão á bigamia faz lembrar o cazo daquele corretíssimo marido, a quem a

espôza um dia interpelou. Ela achara um pedaço de jornal, no qual havia o título de uma notícia : « *Tinha uma mulher a mais.* » O resto estava rasgado.

— Era então, perguntou, um bígamo?

E o marido desconsolado :

— Quem sabe ! Talvez tivesse uma só mulher...

E' que uma só já lhe parecia uma a mais. Ele achava que não cazar é melhor...

No emtanto, cazo curiozo ! quando alguém vai a qualquer cemitério encontra a cada passo túmulos nos quais as inscrições falam de « *bons esposos* », de « *excelentes mulheres* », Mas, por isso, um humorista mostrou que os cazais perfeitos só se encontram nos cemitérios... o que não basta para modificar o conceito de S. Paulo.

Cazar é uma loteria. Já alguém disse que a sorte grande é uma couza que sai aos outros. Por isso, tantos cazados se vêm que, esquecidos das venturas do proprio lar, cubiçam as dos lares alheios : a mulher do próximo sempre lhes parece melhor que a sua.

Mas, enfim, de redução em redução, chegando-se ao mínimo, assentando-se mesmo que o bom cazamento é a sorte grande — é

forçoço convir que alguns existem. Por que não os vemos?

Porque a ventura conjugal é pela força das couzas a mais recatada. Proclamar-se feliz no cazamento é irritar, é provocar toda a gente. Inveja? Creio que sim...

Pensem no que succede em um bonde, quando um namorado passa o braço enlaçando a namorada. O bonde inteiro se escandaliza : parece-lhe pelo menos de máu gosto. Os mais zangados acham indecente.

Eu sei que não é assim em outras cidades. Não é assim, pelo menos em Pariz, onde vêr e ouvir beijos em grandes cafés, em pleno boulevard, em carros que passam descobertos pelos Campos-Elysios ou pelo Bois de Boulogne não surprende ninguem : é corrente, é habitual. Evidentemente não é de bom tom, nem se pratica na alta sociedade. Mas também não é grosseiro. É simples e perdoavel.

Mas, si aqui todos os beijos escandalizam, lá os que não escandalizam são os de amantes. Um casal — marido e mulher — beijando-se á vista de terceiros, seria shocking, seria ridículo.

Assim, si não é possível falar com tanto conhecimento de cauza dos bons como dos

máus cazamentos, é porque os bons só provam que são bons não exhibindo a sua bondade.

Eu estou certo que sabereis nos perdoar a nós dois : a S. Paulo e a mim; a ele o ter formulado a teze, a mim o ter procurado defende-la...

S. Paulo concedeu aliaz, esta noite, em vir falar comigo. Foi talvez uma alucinação ou como disse Antero do Quental, « um sonho todo feito de incerteza ».

Sei que o Apóstolo me appareceu e eu lhe disse « Meu senhor S. Paulo, nós vamos nos meter em bôas... Na sala da conferência ha muita menina que quer cazar... Ha algumas que já são noivas... Ha muita senhora que dezeja arranjar genros... Ha mesmo alguns rapazes doidos para fazer essa tolice. E depois ha maridos e mulheres, que precisam demonstrar que estão muito bem cazados. Toda essa gente é contra nós. Acho melhor batermos em retirada ».

S. Paulo ficou furiozo. Censurou-me a covardia. Lembrou-me as perseguições que sofreu. Animou-me. Encorajou-me. Depois, já mais calmo, repetiu-me : « Póde lá haver meninas cazadoiras e noivos e noivas. Mas

das duas uma : ou essa gente revela que tem espírito e te perdôa a audácia ou, mostrando-se incapaz de desculpar uma falta tão leve, prova que é gente de máus bofes, gente que ainda menos saberia perdoar outras faltas, gente que seria a mais clara prova de que não cazar é melhor... »

E, dizendo isto, a vizão dissipou-se.

Assim, si S. Paulo não me enganou, aqueles e aquelas que menos concordaram com a teze desta conferência são os que primeiro m'a devem perdoar, para provar que sabem ser magnánimos e generozos e que, por exceção, com eles e elas, valeria a pena cazar...



DINHEIRO HAJA !

~~~~~

CONFERÊNCIA REALIZADA NO  
TEATRO MUNICIPAL EM 1909.

**D**INHEIRO haja.

Foi, sobretudo, um jornal de caricaturas que popularizou essa frase, atribuída a um dos secretários do Barão do Rio-Branco. Era o tempo em que se debatia o célebre cazo do Acre. Para vencer essa, como todas as outras questões da diplomacia, o dinheiro nunca é de mais. O modesto e pacífico funcionário a quem atribuem a repetição frequente dessa frase tinha razão : *Dinheiro haja... e tudo se resolve*. E foi em grande parte a pezo de dinheiro — todos ainda se recordam — que esse litígio foi decidido : um bom trecho do território do Acre nós comprámos á Bolivia.

Dinheiro haja! — E' uma frase. Tem o mérito de ser conciza, deixando todas as

---

suas consequências em uma vaga e prudente reticência...

Si o autor dessa expressão quizesse apadrinha-la com grandes clássicos, lembraria que Cícero tinha dito que *o dinheiro é o nervo da guerra*, que Rabelais repetira isso mesmo : « *Les nerfs des batailles sont les pé-cunes* » e que, em um tempo em que os exércitos eram de mercenários e os mercenários se recrutavam principalmente entre os suíços, Racine fez um de seus personagens exclamar : « *Point d'argent, point de suisses.* »

O astucioso escritor italiano — Machiavel — protestou, no entanto, contra a opinião de Cícero, dizendo que o essencial na guerra não era o dinheiro. O *nervo da guerra*, escrevia ele, eram os bons soldados. Esquecia, porém, que tudo estava em pensar no primeiro ou no segundo tempo da operação. Os soldados são indispensáveis; mas indispensavel para reuni-los e paga-los é que — dinheiro haja.

Por isso, razão tinha Trivúlcio, aquele marechal de Carlos 8º de França, dizendo que « para fazer a guerra com sucesso trez couzas são absolutamente necessárias : primeiro, dinheiro; segundo, dinheiro e terceiro, dinheiro. »



---

Felipe da Macedónia já tinha dito que não ha cidade que rezista quando contra ela se investe, não com um exército, mas com um burro carregado de dinheiro.

A diplomacia é uma guerra... uma guerra civilizada e mansa, uma batalha de manhas e astúcias, mas que não dispensa o mesmo « nervo » das outras.

Dinheiro haja. — E' a fraze que mais apparece ou transparece em todas as conversas — nuns cazos explícita; em outros subentendida.

Os antigos achavam que, mesmo depois da morte, o dinheiro era preciso. Quando alguém morria, os romanos lhe punham sob a língua uma moeda — um óbolo — para que ele o dêsse ao barqueiro Caronte, encarregado de passar as almas dos mortos de um para o outro lado do rio Acheronte. Quem não tinha com que pagar a passagem, errava durante cem anos nas marjens sinistras daquele rio infernal. Caronte devia, portanto, repetir aos mortos : *Dinheiro haja... e eu vos transportarei.*

Haverá quem estranhe que se pozesse o óbolo para Caronte na boca do defunto. Por que não no féretro ou simplesmente num bolso? Depois que nós aprendemos a ter

medo dos micróbios a simples ideia de pôr uma moeda na boca, uma moeda que deve ter rolado de mão em mão, basta para nos encher de nôjo. E' verdade que os defuntos não podiam receiar moléstia alguma...

Mas si se metiam as moedas na boca, era, em primeiro lugar, porque não se uzavam bolsos nos vestuários daquele tempo, e depois, porque havia mesmo em vida o hábito de pôr moedas nesse sitio. A boca desempenhava muitas vezes essa função. Em regra, os antigos guardavam na cinta as bolsas, em que traziam o dinheiro; mas frequentemente, quando recebiam uma pequena quantia, não se davam ao trabalho de afrouxar a cinta, tirar e abrir a bolsa; recorriam á boca e aí depositavam o dinheiro. Bourdeau assevera que é ainda o que fazem os judeus no Oriente e uma parte do povinho miúdo na Italia (1).

A invenção do bolso — que é, no fim de contas uma bolsa pregada, enxertada na roupa — data do seculo XI.

Chegados ao outro mundo, os romanos não tinham, portanto, que fazer um gesto

---

(1) BOURDEAU. — *Histoire de l'habillement et de la parure*, p. 226.

---

insólito, metendo os dedos na boca para tirar a indispensavel moedinha.

Pode dizer-se que, embora sem pensar em Caronte e na sua fatídica barca, o dinheiro continua a ser necessário para a salvação das almas, si não para fazê-la, por si só, ao menos para apressa-la.

Quando um católico morre, mesmo que ele tenha tempo de confessar-se e comungar, recebendo a extrema-unção, sua alma não vai diretamente para o céu, com a trajetória de um foguete... A doutrina da Igreja é que a absolvição livra das penas eternas : mas o culpado tem de ir para o Purgatório pagar as penas temporais, a que fica sujeito, salvo si possui indulgências especiais para esse fim (1).

Mas do Purgatório as pessoas podem livrar-se mais rapidamente, por meio de missas. E como as missas custam dinheiro, mesmo lá, entre os clamores das almas, ha de figurar frequentemente a exclamação : « *Dinheiro haia!* » Dinheiro haja para a espórtula ao padre, que ha de dizer as missas libertadoras e elas diminuirão o seu prazo de castigo...

---

(1) R. P. F. BERINGER S. J. — *Les indulgences*, 3<sup>e</sup> édition, I, p. 11.

---

O óbulo antigo valia, na nossa moeda, ao cambio de 16, 96 réis. Não ha, creio eu, missas de tal preço. Os antigos, pondo um óbulo debaixo da lingua dos seus mortos, faziam, portanto, um negócio mais barato do que os católicos de hoje... Vê-se bem mesmo nisso a tendéncia que ha em tudo para subir de preço : até a salvação das almas!

Assim, do berço ao túmulo, implícito ou explícito, aquele estribilho acompanhou sempre a humanidade.

Tempo houve, entretanto, em que ele não podia ter exatamente aquella forma, porque a invenção do dinheiro, ou mais propriamente da moeda, data do 7.º seculo antes de Cristo (1).

Ao principio quem tinha uma mercadoria trocava-a diretamente por outra. O cultivador dava os productos da sua lavoura ao pastor que lhe entregava o seu gado. O oleiro dava o objeto de barro, que ele fabricava, em troca da madeira que o lenhador lhe trazia.

Mas esse regimen era naturalmente incómodo. porque o individuo que possuia um

---

(1) THÉODORE REINACH. — *L'invention de la monnaie*, p. 13.

---

certo objeto podia precizar os produtos de outro a quem exatamente esse objeto, que o primeiro tinha para dar, em nada interessava.

Como, porém, certas couzas ha que são de necessidade mais corrente, essas é que se tornaram as mais prezadas. Houve uma, sobretudo, que se impoz. O boi, que fornecia a alimentação e a pele e tudo o mais que dele se aproveita, foi talvez a mercadoria mais geralmente preferida para todas as trocas. Durante muito tempo em vários povos era costume avaliar-se tudo em um certo número de bois. Homero nos diz que no seu tempo uma armadura de luxo valia nove bois ou vacas (1). E outro escritor nos dá a informação precioza de quanto valia uma mulher no direito irlandez... Os irlandezes não eram amaveis : achavam que uma mulher valia 3 bois (2).

E' evidente que eu não vou fazer aqui a história da moeda. Mas póde assinalar-se como uma escala curioza o tempo em que o instrumento, a mercadoria preferida para as trocas era o boi — o animal perfeito e vivo.

---

(1) FOVILLE. — *La monnaie*, p. 19.

(2) F. NICOLAY. — *Histoire sanglante de l'Humanité*, p. 46.

---

Depois, em alguns povos, já o animal não era necessário : bastava a sua pele. Era ela que desempenhava esse papel. Mais tarde, quando se escolhia o metal para intermediário, fundiam-se pequenos blocos; mas, por uma recordação dos tempos idos, esses blocos tinham a forma de cabeças de boi. E quando, enfim, se chegou á moeda — a um pequeno disco chato, com uma gravura em alto ou baixo relevo, uma das primeiras gravuras foi precisamente a cabeça do boi (1).

Dirão alguns que felizmente a humanidade deixou aquela obsessão bovina. Mas a verdade é que não deixou de todo... Ha pelo menos vestíjios dela em palavras de voz corrente. Todos sabem que *pecúnia* vem da palavra latina *pecus*, rebanho, e que, si o substantivo não é uzado, o adjetivo *pecuniário* é de emprego quotidiano.

*Capital* — vem de *caput*, cabeça : era ás cabeças de gado que essa palavra aludia outrora. Houve um tempo em que ser rico, ter grandes capitais, era ter grandes *pecus*, grandes manadas em que fossem numerosas as cabeças de bois. A natureza da fortuna

---

(1) FOVILLE. — *Loc. cit.*, p. 20.

---

mudou; mas as palavras *pecúnia* e *capital* ficaram. O crime de *peculato* de que fala o nosso Código, é hoje o furto dos dinheiros públicos, mas já foi o furto do *rebanho*, o roubo de gado (1).

O fato linguístico, que se observa no nosso idioma, também se observa em outros muito afastados entre si pela sua origem: a unidade monetária da Índia é a *rúpia* — e *rúpa* quer dizer *rebanho*; a palavra inglesa, que significa hoje *salário*, vem de uma que significou outrora *gado*... (2). Não faltam, portanto, provas de qual a natureza da riqueza primitiva mais prezada (3).

Mais prezada, mas não única; porque para fazer função de moeda houve objetos tirados a todos os reinos da natureza, mesmo ao vegetal. Assim, na ilha de Rugen até o século XII, o linho servia de moeda (4).

Ainda, porém, depois que se chegou a um certo acôrdo sobre a necessidade de uma

---

(1) REINACH. — *Loco citato*, p. 3.

(2) FOVILLE. — *Loc. cit.*, p. 20.

(3) BRÉAL. — *Essai de sémantique*, p. 119, mostra casos curiozos, em que já se tendo inventado a moeda, mas ainda havendo o rejimen da troca direta dos objetos, a mesma palavra ora significava *gado*, ora era o nome de uma moeda.

(4) GUBERNATIS. — *Mythologie des Plantes*, II, 198.

mercadoria comum para intermediária das transações, não se admitiu logo o ouro, como o metal próprio para as moedas. Atribui-se mesmo a um legislador grego — Licurgo — que ele creou moedas de ferro, com o intuito de impossibilitar as grandes fortunas (1).

Calculem que para carregar sessenta contos em prata não se podem dispensar 25 homens. Em ferro requerer-se-iam mais de trezentos.

Mas decididamente eu não quero eternizar-me a falar-lhes nestes áridos pormenores. O meu desejo era apenas lembrar que durante um numero enorme de séculos a frase, que depois devia transformar-se em « Dinheiro haja! », era talvez « Boi haja! ». « Gado haja! ». A noção de dinheiro faltava. Foi muito lentamente que se chegou a ela e que, enfim, se adotou o ouro como o padrão único. A vitória completa do ouro é um fato recentíssimo.

Sem dúvida o ouro sempre foi mais precioso que a prata (2). Exatamente por isso, sendo ele muito escasso, a maioria das pessoas tinha a sua fortuna em prata. Da

---

(1) REINACH. — *Loco citato*, p. 8 — é dos que afirmam que Licurgo nunca existiu.

(2) Em 1905, o ouro estava valendo 34 vezes o valor da prata. (FOVILLE — *loco citato*, p. 43.)



---

importância que a prata assumia por esse fato ainda ha vestígio em locuções correntes da nossa linguagem. João Ribeiro mostrou que a expressão *em pratos limpos* é uma corrupção. A verdadeira expressão é : *em prata limpa*. Reduzir uma questão *a prata limpa* era saber quanto ela valia, de um modo claro, de um modo insofismavel : era converte-la em bom dinheiro de prata. E quando ainda hoje se gaba alguém como um amigo seguro, que se conhece perfeitamente, dele se diz que é — *prata de caza* (1).

Hoje, entretanto, a prata está decaída. Serve apenas para moeda de troco. Ninguém mais tem medo que ela desbanque o ouro.

Houve, entretanto, um imperador romano que, pelo receio de que este metal perdesse o seu prestígio, chegou a um ato trágico. E esse ato retardou consideravelmente o progresso industrial.

O imperador foi Tibério. O metal que lhe inspirou tamanho susto foi o alumínio.

Ha ás vezes na arjila porções bem sensiveis de alumínio. Um operário romano, fabricante de vidro, descobriu o meio de separar da arjila aquele metal. Com ele fez uma taça

---

(1) JOÃO RIBEIRO. — *Frazes feitas*, II, 86.

---

e levou-a de presente a Tibério. O imperador achou admiravel. Mas o operário, com o entusiasmo natural de todos os inventôres, começou a gabar-lhe as vantajens do novo metal : leve, brilhante, sutil como o ouro.

Tibério teve um movimento de susto. Pensou que aquele produto vulgar, que se achava no barro, ia suplantar, ia pelo menos desvalorizar o ouro. Era mais um concorrente.

Petrônio conta que o imperador perguntou então ao operário si alguma mais conhecia o segredo. « *Ele só é sabido*, respondeu-lhe o imprudente descobridor, *por Jupiter e por mim* ». Diante dessa resposta, Tibério não hezitou : mandou mata-lo ali mesmo : cortaram-lhe a cabeça. O fato é confirmado por trez autores latinos. Só dezenove séculos depois foi que se pode, pelas indicações por eles dadas, verificar que a descoberta feita em 1827 por um químico alemão era apenas a reprodução da do obscuro operário romano (1).

Tibério não tinha razão. O alumínio póde ser — e já está sendo — um concorrente para o ferro ; mas não para o ouro. O ouro enche

---

(1) E. GAUTIER. — *L'année scientifique* (1908), p. 162.

---

e domina as imaginações. Ha uma estatística mais ou menos exata de todo o ouro que se tem extraído de todas as minas do mundo nos ultimos séculos : de 1500 a 1900. O ouro que circula em moedas e o que está reduzido a joias, a objetos de culto, a artefactos diversos — todo ele fundido e reunido, daria apenas para um cubo de 9<sup>m</sup>. 68 de aresta (1).

E' relativamente uma insignificância. Mas essa insignificância avassala os espiritos. O ouro vale como uma realidade e como um símbolo. Quando se quer dar a ideia de superioridade de qualquer couza, é a ele que se recorre. A remota e fabuloza idade em que todos eram felizes era a *idade de ouro*. A injenuidade popular é explorada pelos negociantes, que adotam como dezignações para suas cazas : *O leão de Ouro, o Sol de ouro...* O ouro já pareceu o supremo medicamento (2). Os pintores quando queriam dar um fundo espléndido aos seus quadros, suprimiam a paizajem e a perspetiva — e as figuras des-

---

(1) ERNESTO MANCINI. — Artigo da *Illustrazione Italiana* de 21-10-6.

(2) CABANÉS. — *Remèdes d'autrefois*, p. 185. — O ouro era tomado, no seculo 16, até sob a forma de clisteres dourados. Um clister dourado (où l'or va-t-il se nicher?) custava de 40 a 50 francos. (V. D'AVENEL. — *Les Riches depuis 500 ans*, p. 195.)

taeavam-se sobre um dourado intenso... (1) Buffon, o grande naturalista, que foi tambem um admiravel prozador, deixou célebres os seus punhos de renda. Parecia-lhe necessário, quando ia escrever, enfia-los cuidadosamente e tomar uma pena de ouro. Do ouro da pena esperava que alguma couza passasse para o estilo (2). Hoje, sem que tenhamos perdido a paixão pelo ouro, tudo isso nos parece em uns cazos de máu gosto, em outros pretenciozo e tolo. Nenhuma senhora de nossos dias invejaria o vestido de Madame de Montespan, que Madame de Sévigné descrevia, dizendo que era « *de ouro sobre ouro, rebordado de ouro e por cima um ouro frizado, canutilhado de um ouro misturado com um certo ouro, que faz disso tudo o tecido mais divino, que se póde imajinar* » (3).

Era muito ouro... De mais a mais, Luiz XIV explicou aos seus íntimos um dos motivos que o fizeram abandonar Madame de Montespan: era o que nós podemos chamar, para dizer a couza por um circumlóquio não muito inconveniente: a hidrofobia bal-

---

(1) REINACH. — *Apollo*, p. 227.

(2) EYMIEU. — *Le gouvernement de soi-même*, p. 173.

(3) BOURDEAU. — *Histoire de l'habillement et de la parure*, p. 99.

---

neária. Essa senhora, coberta de tantos ouros, professava sobre a inutilidade dos banhos doutrinas subversivas de toda a bôa hijiene...(1).

Ha ainda atualmente uma cidade em que os tetos de algumas cazas são de ouro. E' a cidade de Lhassa, no Tibet. Um explorador inglez que aí esteve, Perceval Landon, conta o seu deslumbramento quando viu o primeiro dos tetos de ouro da cidade sagrada.

Ao que parece, a maioria não é de metal puro e sim de laminas de cobre sobre as quais se depozitam « camadas espêssas de ouro. »

Alguns, porém, são de ouro macisso e a quilómetros de distancia de avistam, brilhando, numa atmosféra que é sempre extremamente límpida (2).

E exatamente em Lhassa, num mosteiro sacratíssimo, habita o Dalai Lama, que só se serve de objetos de ouro (3).

Convem, entretanto, notar que Lhassa lembra o cazo de Madame de Montespan. Assim como ela, sob vestidos de ouro, era de uma

---

(1) CABANÈS. — *Mœurs intimes du passé*, I, 340.

(2) LANDON. — *A' Lhassa*, p. 145.

(3) *Idem.* — *Idem*, p. 419.

porcaria repugnante, na cidade dos tetos de ouro as ruas são lamaçais fétidos em que os porcos erram aos bandos...

Vê-se bem o que ouro póde encobrir...

Ha, porém, nesses fatos aberrações de um sentimento normal: o desejo de possuir grandes riquezas. Dinheiro haja! Dinheiro haja! E como o ouro é a suprema representação das riquezas, dourar penas, tetos, objetos e vestidos, ostentando esse deslumbramento, já foi admissível.

O ouro teve amantes violentos. Calígula, o bestial imperador romano, espojava-se despido sobre montes de moedas de ouro.

Um dos tipos, que primeiro aparecem nas literaturas, é o do avaro. Entre as obras teatrais mais antigas figura uma comédia chinesa, cujo personagem é um sujeito extraordinariamente rico, mas também extraordinariamente miseravel.

Certa vez, ele saiu de casa tendo deixado nela o simples arroz cozido, a que, todos os dias, se reduzia a sua alimentação; mas o desgraçado queria variar a sua habitual pitaça. Entrou em uma loja, na qual se vendiam frangos assados. Tomou um, segurou-o bem, finjindo apalpa-lo, mas só com o intuito de sujar, de lambuzar completamente os

---

dedos. Depois, declarando não o querer, por ser muito caro, correu para caza afim de temperar o seu insípido arroz com o sujo do caldo de galinha assada, de quatro dedos. De quatro — porque ele rezervou o quinto para o dia seguinte. E quando dormiu — dormiu com o dedo bem afastado para não roçar em nada e não perder o sabor. Aconteceu, porém, que um cão se chegou de mansinho e lambeu-lhe o dedo. Quando o avarento acordou e verificou a sua desgraça, a perda, o prejuizo enorme que sofrera, morreu de desgosto (1).

Esse acabou trajicamente. De outro, porém, se conta anedota menos mal terminada. Era um tabelião, que vinha tratar negócios com um avarento, o Marquez d'Aligre. Chegou á noite. O avarento pediu-lhe licença para apagar a vela, dizendo-lhe que para se entenderem não precisavam fazer uma despesa inutil.

O tabelião conformou-se. Conformou-se mesmo tão bem que, quando o negócio terminou e o Marquez acendeu a vela, viu com espanto que o seu interlocutor tinha

---

(1) MASSARANI. — *Storia e fisiologia dell'arte di ridere*, I, 29.

---

despido as calças. Ia mostrar-se irritado, quando o autor da falta lhe explicou que não fizera mais do que aproveitar a lição de economia. Si a luz da vela não era necessaria para tratar de negócio, o mesmo succedia ás calças. Por isso as havia tirado para não as gastar (1).

Teria mais tarde o Marquez d'Aligre adoptado esse sistema?

Seria facil evocar outros tipos de avarentos. Molière e Balzac deixaram creações admiraveis. Mas o avarento é um tipo intellectual inferior ou superior?

Alguns dizem que um homem, que possui uma fortuna colossal e passa, entretanto, uma existencia de privações, é um desgraçado, que não sabe gozar da vida.

Mas outros entendem que ele é um verdadeiro poeta. Sente, no ouro que acumula, a possibilidade de todos os êxtazis, de todas as alegrias, de todas as paixões dominadoras e fortes. O mundo lhe pertence. Si ele gastasse em qualquer couza, não poderia ter as outras. Conservando o seu tezouro, não o gastando em nada, é como si tivesse tudo.

---

(1) H. DE GALLIER. — *Les mœurs et la vie privée d'autrefois*, p. 8 (note).



---

Sonha indiferentemente a posse dos maiores gozos que o mundo lhe póde dar!

Essa concepção do avarento, que é talvez a do *Père Grandet* de Balzac, não parece verdadeira (1). O avarento tem a consciência do poder do ouro, do seu poder imenso. Mas nele se absorve de tal modo, que não chega a evocar a de nenhuma de suas utilidades. A lembrança de uma grande festa, de uma lauta meza, do desperdício com uma mulher formosa : tudo isso acaba por lhe ser uma impressão dolorosa. A ideia de gastar é sempre para ele um sofrimento.

Um dos grandes confesores católicos asseverou que de todos os vícios e pecados ouvira a confissão. Nunca, porém, da avareza. Porque com a avareza succede uma couza notavel : o avarento não se reconhece como tal.

O apaixonado, o ambicioso, o ciumento, os que tem todas as outras paixões, podem nega-las em público; mas reconhecem intimamente que as possuem. O avarento não tem consciência da sua paixão. Acha que é económico e prudente, que faz o que todos deviam fazer. O seu cazo antes lhe parece de virtude que de vício.

---

(1) FAGUET. — *En lisant Nietzsche*, 191.

---

A avareza, embora seja uma paixão absorvente, e formidável, é uma paixão que se póde dizer *a frio*. O ciumento, o luxurioso, o ambicioso tem ímpetos, tem expansões excessivas. O avarento é calculista, metódico, absorvido inteiramente por sua ideia fixa. Por isso mesmo já se tem notado que os avarentos exercem sempre sobre sua família um dominio tiránico. O que acontece em geral com todos os individuos apaixonados, que sempre facinam e atraem as outros, acontece ainda mais com eles, porque, dominando-se, dominam os que deles se aproximam (1).

Um psicólogo sutil expoz muito bem que o avarento é um tipo de raciocinador abstrato. Ele não *imagina* o poder do dinheiro : limita-se a concebe-lo (2). Sabe que aquele ouro tem um valor imenso; mas não faz desfilar no seu espirito, em imagens vívidas, como as que os poetas animam, as cenas a que daria lugar a despeza efetiva desse dinheiro accumulado. Essas imagens lhe seriam uma tortura.

Poezia do dinheiro tiram as crianças. Essas é que, quando se lhes dá uma pequena

---

(1) ROGUES DE FURSAC. — *L'avarice*.

(2) L. DUGAS. — *L'Imagination*, p. 77.

---

moeda, empreendem logo comprar o mundo com ela. Essas *imaginam* realmente o gozo, que está condensado naquele pequeno disco de metal.

Mendes Leal, um velho poeta portuguez, contou o que lhe succedeu quando, ao completar 15 anos, um tio o chamou para lhe dar duas peças de ouro. Começou por prégar-lhe um sermão de moral. Mas depois :

O bom do meu tio então,  
ações juntando a promessas,  
deu-me para meu tezouro,  
duas peças...  
duas peças novas de ouro.

Esquecendo a gravidade  
e o valor, que este incidente  
outorgara à minha idade,  
dei dois pulos de contente.

E não trocava de certo,  
desdenhando réjias sinas,  
o meu erario infantil  
pelas minas  
pelas minas do Brazil.

A cismar no que faria  
de tão grosso cabedal  
passei o resto do dia,  
— e de noite, dormi mal.

Via um grupo fulgurante  
de effgies tais, que não sei  
quem as tivéra inventado ;  
e sonhei...  
e sonhei que era morgado.

Apenas rompeu a aurora,  
posto a pé antes do sol,  
quize tomar por ali fóra  
os meus dezejos a rol.

Ai! que diversos, e quantos!  
Eram tantos, tantos, tantos,  
que lhes não achava o fim.  
O mundo tinha um defeito  
para mim :  
para mim era inda estreito.

Meditava sériamente  
si faria a aquizição  
de um relójo com corrente  
ou de um cavallo rabão.

Como escolhesse o cavallo  
entrei logo a ajaeza-lo.  
Mas... Mas o relójo?... Aqui,  
pensando com mais estudo,  
rezolvi...  
rezolvi-me a comprar tudo !

Toda criança é assim — toda criança normal. Porque deve haver crianças em que já a avareza está em germen. De uma se conta

---

certa anedota, que talvez ninguém ignore, mas que é profundamente típica.

Um homem que passa, vê num jardim uma criança que chora.

— Por que estás chorando?

-- Porque perdi um tostão.

O homem tira do bolso outro tostão e dá-o á criança. Recebendo-o, ela dezata a chorar ainda mais fortemente. O homem interroga de novo :

— Mas eu não te dei outro tostão? Que tens tu agora?

E o pequeno esfregando os olhos e soluçando, explicava-lhe :

— E' que, si eu não tivesse perdido o primeiro, teria agora dois...

Era uma magua que não podia ser conso-lada. Si lhe dessem outro, e outro e outro tostão, enquanto faltasse o primeiro, seria uma especie de dízima periódica da dôr : nunca a soma ambicionada estaria completa.

Essa criança era bem uma alminha de avarento. Outra qualquer, recebendo a segunda moeda, começaria logo a fazer uma segunda série de projetos magníficos e já nem se lembraria da primeira...

Póde-se dizer que o normal da vida é uma operação que tem duas fazeş : juntar dinheiro

---

— primeiro tempo — para gasta-lo — segundo tempo.

Dinheiro haja! — mas para ser despendido... Ha, porém, os avarentos, que só pensam na primeira faze, e os pródigos, que só cojitam da segunda... Uns dizem que, si a moeda é chata, é para ser empilhada. Os segundos lhcs replicam, que si a moeda é redonda, é para rodar... (1). Os equilibrados são os que não pensam em uma faze da questão, sem imediatamente pensar na outra.

Bilac, em uma conferência, que está sufficientemente qualificada, sabendo-se que era uma conferência de Bilac, simulou um dia o comparecimento do Dinheiro perante um juri. Uns o acuzaram, outros o defenderam. Não me lembro si o réu foi condenado ou absolvido. Tenho a convicção de que, si compareceu ao tribunal sob a fórma de um modesto Vintem, ha de ter sido condenado. Mas, si lá se fez representar pela figura augusta do Milhão, ha de ter tido não só a mais completa absolvição como até os mais vigorozos aplauzos dos seus juizes, indignados de que se pudesse acusar personajem tão notoriamente puríssimo!

---

(1) H. HAUSER. — *L'or*, p. II.

---

Seria inutil provar que o Dinheiro faz esquecer muitos vícios e miserias e cerca de respeito milionários crapulozos, emquanto os que aliam a virtude á pobreza só desprezo alcançam.

L'argent, l'argent, l'argent — sans lui tout est stérile !  
La vertu sans argent n'est qu'un meuble inutile ;  
l'argent en honnête homme érige un scélérat ;  
l'argent seul au Palais peut faire un magistrat.

Póde dizer-se diante desses versos de Boileau que ha neles apenas um exajero de poeta?

A prova de que ele tem razão está no depoimento formidavel da lingua ingleza.

Os inglezes passam por ser o povo que melhor conhece o valor do dinheiro. Várias expressões o provam, a começar pela afirmação clássica de que o tempo é dinheiro : *Time is money*. Eles não fazem vizitas : *pagam-n-as*; eles não gozam as férias : *gastam-n-as*. Mas onde se nota melhor a importancia que dão ao dinheiro fazendo-a sobrepujar tudo mais é na transformação de sentido que sofreu no correr dos tempos a palavra *respeitabilidade*, em inglez, *respectability*. « Hoje, diz um autor, que estudou a *Vida das Linguas*, a palavra se applica antes

---

de tudo á aparência e á situação social : o traje e o dinheiro substituíram o ponto de vista moral. Os anúncios dos jornais pedem meninos *respectables* de quatorze anos e nas notícias ha muitas vezes a narração de que se apanhou na sarjeta, em completo estado de embriaguez, uma mulher de aparência *respectable* (1). »

Pensem que se trata de uma lingua falada por 124 milhões de pessoas. Ela proclama, portanto, que a couza respeitavel por excellência é o Dinheiro.

O Milhão não podia, portanto, no tribunal que Bilac instituiu, deixar de obter uma absolvição triumphante.

Que com o Dinheiro se compram absolvições não é cazo só do tempo de Boileau. *L'argent en honnête homme érige un scélérat*, pode-se dizer ainda hoje. O interessante é que o criminozo rico nem sempre precisa peitar os seus juizes, manipulando os juris. Ele chega á inocência, já pela confiança — pela *respectability* que inspira, já porque pode escolher os melhores advogados, reunir provas e documentos que um réu pobre não teria com que pagar.

---

(1) A. DAUZAT. — *La vie du langage*, p. 240.



---

Em todo cazo, é forçozo convir que tem havido um certo progresso moral, porque já não se admite hoje de um modo franco, clara e ostensivamente, em larga escala, o resgate em dinheiro de crimes e pecados como outr'ora se fazia, sobretudo em certas legislações. Mesmo os pecados tinham a sua tarifa para a absolvição (1).

Póde, entretanto, dizer-se que isso não passou de todo, porque os grandes donativos á Igreja acarretam facilmente indulgências e bençams papais. Por outro lado, ha certos templos cuja vizita goza de indulgências importantíssimas, capazes de pescar as almas mais corrompidas no fundo do Purgatorio. Mas para fazer essa vizita é preciso dinheiro. E assim, no fim de contas, sempre é bom ter um anzol de ouro para aquella pescaria, uma gazua de ouro para forçar as portas do céu.

Mas, querendo ser justo mesmo com o Dinheiro, é necessário convir que ele tanto merece apodos como aplauzos.

Em torno de minas de ouro povos tem crecido e povos tem dezapparecido. A Califórnia e o território de Alaska não valiam

---

(1) DUBOIS-DESAULLE. — *Étude sur la bestialité*, p. 230.

---

nada, antes da descoberta das minas, que para aí levaram ondas enormes de aventureiros. Nós mesmos temos de bendizer essa mirajem do ouro. Foi ela quem animou os bandeirantes ousados, que, entrando pelos nossos sertões á procura das jazidas com que sonhavam, constituíram as primeiras povoações de nossa terra...

Aliaz, a América do Sul sempre foi bem fadada para o ouro, porque esse foi o primeiro metal que os seus habitantes souberam lavar. Esta terra foi feita para nela brotarem milionários. Os seus povos primitivos ainda não sabiam tratar os outros metais e já sabiam tratar o ouro (1)!

E' verdade que, si os povoadores do nosso continente tivessem grandes poetas inspirados, eles a cantariam pela outra face dessa conquista : a face pela qual a terão visto os vencidos, aniquilados por cauza desse ouro maldito. Assim, os inglezes lembram com satisfação a sua vitória sobre os Boers. E os velhos boers hão de lembrar certamente a tristeza da sua independência perdida. Per-

---

(1) NICOLAY. — *Histoire sanglante de l'Humanité*, p. 150.

---

didada por que? Porque na sua pátria havia grandes e cubiçadas minas de ouro.

E o ouro vai assim entre os que o aclamam, de um lado, entre os que o maldizem, do outro...

Durante séculos e séculos houve o sonho de se fabricar ouro. Sábios, monarcas e até papas velaram durante noites sem conta, junto dos cadinhos e das retortas, vendo si conseguiam transformar em ouro os mais estranhos metais.

A alquimia buscava até aproveitar o sangue das crianças recém-nacidas. Centenas de crianças pagaram com a vida essa aberração.

Mas essa aberração nos deu uma ciência : da alquimia nasceu a química. Foi procurando fazer ouro que um frade alemão fez a pólvora. Foi procurando fazer ouro — com urina! — que um alquimista descobriu o fósforo.

A alquimia viu-se amaldiçoada por uns, abençoada por outros. Mesmo, porém, quando era amaldiçoada, nunca faltou quem tentasse executar-lhe as fantásticas operações : aliaz, isso não espanta, porque nunca nenhuma lei, por mais ferozes que fizesse os seus castigos, impediu a existência de falsificadores

---

de dinheiro. Os alquimistas eram excomungados e queimados vivos. Nunca deixaram de proliferar. Os falsificadores de dinheiro, d'antes, eram atirados em grandes caldeirões de agua fervendo (1). Nunca faltaram falsificadores.

Um dos trabalhos mais frequentes dos governos é o de publicarem instruções para que se conheçam notas e moedas falsas, porque para dificultar o trabalho dos falsificadores é preciso, de tempos a tempos, variar de moeda. Mas como eles acabam sempre por chegar a imitações perfeitas, necessário se torna explicar ao público o meio de reconhecer-las.

Era lendo uma dessas instruções que certo boémio exclamava melancolicamente :

— Eu gostaria muito mais si o Governo publicasse instruções, ensinando-me a achar o dinheiro verdadeiro!

Este não pensava em recorrer á alquimia. Mas é bom dizer que a aspiração dos alquimistas não era dezarrazoada. Eles tinham visto que ha uma escala nos corpos da natureza. Achavam que o ouro estava no mais

---

(1) NICOLAY. — *Histoire sanglante de l'Humanité*, p. 150.

---

alto dessa escala, o que no tempo deles era exato. Só depois se descobriram alguns corpos de pezo atómico superior ao do ouro. Os alquimistas o que pretendiam era descobrir o meio de, si assim se póde dizer, promover a ouro certos metais inferiores : o chumbo, o mercúrio, a prata.

Todos os grandes químicos modernos acham que, em teoria, essa doutrina não tem nada de absurdo.

Absurda era a doutrina de um grande rei alquimista, Afonso X de Hespanha, que acreditava haver ouro em todos os outros corpos (1).

Este Afonso X disse uma vez que lastimava muito não ter assistido á criação do mundo, porque teria dado a Deus alguns bons conselhos...

Eu penso que ele tinha razão. Mas o Padre Eterno, para pagar a fineza, lhe teria tambem de certo aconselhado que deixasse a sua teoria.

Por ora, o que se conseguiu em matéria de alquimia foi exactamente o contrário do que pretendiam os antigos. O que parece

---

(1) HŒFER. — *Histoire de la Physique et de la Chimie*, p. 370.

---

rezultar de experiências recentíssimas é que o ouro, posto longamente em presença do rádio, póde perder os seus caracteres e tomar os da prata.

Isto mostra que é sempre mais facil degradar o que está elevado, do que elevar o que é por natureza degradado.

Um dos temas mais frequentes na literatura é a opposição da riqueza e do amor. Para bem amar parece a algumas almas románticas que é, antes de tudo, necessário ser pobre. Todos conhecem a declaração clássica de um namorado, que dizia a uma formosa rapariga só dezejar—o *seu amor e uma choupana...*

E' muito pouco... Nas choupanas falta, em geral, uma infinidade de couzas uteis á vida... Mais práctico, um autor inglez dizia que o amor sem dinheiro é como uma bela botina de verniz, luzente, airoza, elegante... mas sem sola. Todas as exterioridades : mas nenhuma baze... O pé, que com essa botina se calçasse, pareceria aos outros admiravelmente protegido e iria, no emtanto, ferindo-se pelos caminhos...

E a este propóxito é interessante notar um dos aspetos das questões de amor e de

---

dinheiro : a sociedade é implacavel para os homens que recebem dinheiro das mulheres que os amam.

Um cazuista sutil discutiu esse ponto mostrando como é absurdo que se admita facilmente que o coração e o corpo de uma mulher sejam menos sagrados do que a sua bolsa, a sua carteira! Tudo os amantes podem pôr em comum, menos o dinheiro (1).

Ha, porém, um cazo em que a aceitação do dinheiro das mulheres parece perfeitamente correta e em que mesmo se aplaude e admira o homem que consegue descobrir e explorar uma mulher rica : é quando o homem faz o que se chama « um bom casamento. » Passando diante de um padre ou de um pretor o que era uma indignidade se converte em uma habilidade... A sociedade perdôa e inveja...

Por isso mesmo se vê quanto é hipócrita a fórmula romántica : « Teu amor e uma choupana! »

Teu amor e um palácio — seria muito melhor! Ha a este respeito uma opposição nítida entre a mentalidade latina e a mentalidade escandinava e anglo-saxónica. Fer-

---

(1) CLAUDE ANET. — *Notes sur l'Amour*, p. 45 a 55.

---

tero mostrou isso muito bem, comparando as grandes epopeas greco-romanas e os Niebelungen.

Na Iliada e na Odissea o estímulo principal das lutas vem do amor. São figuras de mulher que dominam tudo. A Grécia e a Azia Menor lutam, numa guerra formidável, por cauza do rapto de Helena. Mas nos Niebelungen a razão dos conflitos está na honra, no orgulho, ou principalmente na paixão pelo ouro. E' a descoberta de tezouros, a sua conquista, as fatalidades que estão ligadas a isso, o que domina esse grande poema (1). A posse do ouro do Rheno põe frente a frente, armados e hostís, os deuzes luminosos do Céu e os deuzes tenebrosos da Terra, Siegfried e Mime, Wotan e Alberiche. O amor fica no segundo plano.

Quer isso significar que esses povos não saibam amar? Seria tolice dizê-lo. O que ha é a eterna incapacidade dos poetas para pensarem simultaneamente nas duas fazes do processo : na conquista do ouro e na sua aplicação. O ouro, que os povos do Norte conquistam, elles o gastam como o nosso... Mas nós antes de o ganharmos estamos já a

---

(1) FERRERO. — *L'Europa Giovane*, p. 136.



---

contar como o gastaremos. Elles se dispensam de pôr em verso esta segunda parte, absorvidos com a primeira.

Nós somos talvez mais hipócritas. Todos dizem baixinho, no íntimo : « Dinheiro haja! » Mas o dinheiro em muitos cazos parece impróprio e feio.

Meter a mão no bolso e pagar um médico, fazendo o mesmo gesto com que pagamos um cocheiro, nos repugna profundamente. Na Europa, ninguem tem esse luxo. As maiores sumidades da medicina estendem a mão e o cliente nela põe a moeda ou a nota que lhes deve retribuir o trabalho.

Mas lá, como aqui, como em toda a parte, ha o disfarce de chamar de modo diverso ás compensações pecuniárias que recebem as diferentes classes sociais. O médico e o advogado recebem *honorários*, o official o seu *soldo*, a praça o seu *pret*, o capitalista sua *renda*, o acionista os seus *dividendos*, o criado a sua *paga*, a sua *gorjêta* e o seu *aluguel*, o operário seu *salário*, o funcionário os seus *vencimentos*, o padre a sua *espórtula* ou sua *cóngrua*, o congressista seu *subsídio*...

E' o mesmo dinheiro, mas com pseudónimos diversos... Breve, por uma lei que já

---

está meio aprovada no nosso Congresso, os oficiais do nosso exército passarão talvez a ter *ordenado e gratificação*.

O velho Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente da República Brasileira, não se ajeitaria talvez com essa nova técnica. Dele se conta que, quando houve a separação da Igreja e do Estado, teve uma entrevista com um padre que lhe foi pedir para que não lhe suspendessem a *cógrua*.

O Marechal ouviu-o com toda a atenção repetir a palavra *cógrua*, mas sem entender muito bem do que se tratava. Por fim decidiu-se a perguntar :

— Mas afinal que é *cógrua* ?

O padre explicou. O Marechal respondeu :

— Ah! bem... o soldo. Deixe estar que não lhe tiro o soldo...

Na escada do palácio, o padre ha de ter dito com a sua batina : « Dinheiro haja!... e chamem-n'o *soldo* ou *cógrua*, pouco importa. »

Em uma das sessões preparatórias do primeiro congresso constituinte, que se reuniu no Brazil, a Assembléa de 1823, o deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, irmão de José Bonifácio, disse

---

que todos os deputados eram *assalariados do público*.

Bôca que tal disseste! Houve logo protestos. Antonio Carlos respondeu :

« Sr. Presidente — Admiro a mórbida delicadeza dos meus colegas. A palavra *salário* fere-lhes os ouvidos, mas a realidade, isto é, a paga, não lhes dezagrada. »

E continuando ele dizia — aliáz com toda a razão — que a distinção entre o trabalho mental e o manual, que dava lugar a distinção entre o pagamento chamado *honorários* e o pagamento chamado *salário* não se justificava muito, porque afinal de contas todo trabalho tem uma parte intelectual.

E proseguia, enérgico :

« Falemos claro : a distinção do nome não tem baze na natureza. Teve a sua orijem no orgulho e vaidade das classes poderosas da sociedade, que, para em nada se confundirem com o povo, buscavam com ardor, ainda as mais insignificantes descrições. Mas isto deve entre nós cessar. Classificações odiosas, distinções injuriosas á massa do povo não podem fazer parte do rejimen constitucional. Outra deve ser a ordem das couzas : gradações e não classes veremos d'aqui em diante. Si, pois, sr. Presidente, todo o ser-

---

viço que não é gratuito é, na realidade, assalariado, bem que mascarada venha a paga com alcunhas mais sonoras, si nós não servimos de graça, como nos corremos de chamarmo-nos assalariados? A vergonha está na couza, não no nome. E' em verdade pouco airozo que façamos por paga o dever de cidadãos e que não possamos, como na Inglaterra e França, representar sem paga os interesses nacionais. Mas, si as circunstâncias do nosso paiz nos escezam, para que espernear ao som da palavra, que não faz mais do que exprimir o que é? »

A distinção dos nomes dos pagamentos não obedeceu só a um cálculo aristocrático. Todos eles tiveram razões históricas. Para não falar sinão da palavra, que tanto agradava a Antonio Carlos, todos sabem que *salario* deriva da palavra *sal* : era o dinheiro dado aos soldados romanos para comprarem o sal de que precizavam para sua alimentação.

Esses nomes dados a remunerações diversas mudam, ás vezes, no correr dos séculos. O Visconde d'Avenel lembra que um marechal de França recebia no seculo XVII sua paga : *ses gages*. Este é hoje o nome com que se designa a paga de um criado. De um criado sem importancia, porque um

---

grande cozinheiro pede os seus *vencimentos* (1).

Mas, emfim, ha bem uma certa hipocrizia na importância que se dá a essas distincões de nomes. Ha uma hipocrizia ainda maior em deblaterar contra o dinheiro, contra o ouro, embora se façam a tal respeito frases belísimas.

Foi o que succedeu a um dos melhores clássicos portuguezes.

O autor da *Côrte na Aldeia*, Rodrigues Lobo, figura com Camões, Sá de Miranda e Ferreira, entre os escritores máximos da nossa lingua. A pájina, que ele deixou, falando do ouro, é realmente bonita.

« Nace o ouro nas entranhas dos montes, e nas artérias ocultas dos penedos ; e subindo como arvore da profunda raiz donde começa vai espalhando os ramos em deziqual medida, convertendo o Sol com seus poderes aquella matéria disposta e propinqua, até que chega a ser ouro, e se demonstra por duvidozos sinais na face da terra ; que logo daquela emprenhidão se mostra triste, dando por indícios da riqueza que encerra : herva descorada, delgada, sutil e sequinhoza ; arêa e

---

(1) V. D'AVENEL. — *Les riches depuis 500 ans*, p. 88.

---

barro leve, seco e sem proveito e até as aguas que por entre as vêas decem, saem cruas e com sabor pezado. Espreitando estes sinais, a indústria humana entra fazendo guerra ao profundo, caminhando por debaixo dos montes sustentados em colunas da mesma terra, deixando vista do Sol e das estrelas, pondo as vidas ao risco das ruinozas máquinhas que mil vezes os oprimem, que tanto a nossa sêde fez cruel e benigna terra, que parece menor temeridade tirar do fundo do mar pérolas e aljofar, que do seu seio o inimigo ouro, que ainda então o não é mais que nas esperanças. Depois de tirado com tão custozas dilijências, saindo como parto de venenoza víbora, rompendo as maternas entranhas, com o fogo se aparta, apura e aperfeiçôa, ficando menos apto para o serviço dos homens na cultivação dos campos e arvoredos e mais aparelhado para sua destruição e ruina ; porque ou se lavra para ostentações e demazias da vaidade, ou se bate e cunha em moeda, cujo preço tiraniza os poderes e graças da natureza. Tirou o ouro a valia a todas elas e fez em si estanque de todos os comércios do mundo, no qual, antes que ele apparecesse, se trocavam as couzas umas por outras, com uma composição e trato mais

---

conforme e obrigado á necessidade e cómodos da vida, que aos roubos da cubiça, maldades da avareza e sobejidões da vaidade ; e apoderou-se tanto de tudo o que na terra havia, que veio a ser preço até da liberdade dos homens contra o direito natural em que viviam. Foram crescendo seus atrevimentos, e si antes de sahir do centro da terra começou a matar homens, saindo dela, se levantou contra o céu, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes : tirou logo a vara das mãos á justiça, e deitado em sua balança perverteu o fiel de sua igualdade. »

Falta apenas dizer que esse trecho se póde considerar errado por todos os modos.

Errado mineralojicamente, economicamente e moralmente...

Mineralojicamente, porque Rodrigues Lobo figurava o ouro em veios macissos, vindo do fundo da terra como uma árvore — diz ele — e chegando até á superfície. Ele acreditava que era o sol quem exercia uma certa influência sobre não se sabe que matéria para convertê-la em ouro. E isso é um erro.

O ouro se encontra na natureza ou sob a forma de palhetas e pepitas, pequenos blocos que se acham em certos lugares, misturados geralmente á areia dos rios ou incluído em

certos sulfuretos. Uma mina de ouro, não é como uma mina de carvão, que se trata á picareta. De um modo geral, mas minas de ouro só o que não se vê é o ouro : ele só apparece num ou outro ponto e em pequeninos veios. Isso é a exceção — exceção muito rara.

Rodrigues Lobo não imaginava assim as couzas. A regra é que se precise extrair o ouro dos outros corpos nos quais ele está metido ou com os quais está combinado ou misturado.

Rodrigues Lobo não tinha razão economicamente, porque a declaração de que era preferivel o sistema antigo do troco direto dos objetos, é um absurdo : a criação da moeda representa um progresso.

E o clássico portuguez tambem não tinha razão moralmente, porque o ouro tanto póde servir para o bem como para o mal. E' uma injustiça pensar apenas na applicação má, sem pensar na outra.

O furor para possuir ouro não leva a crimes peores que o furor para possuir o amor de certas mulheres, para possuir o domínio...

Eça de Queiroz tem um conto admiravel pintando a cubiça de trez irmãos : trez irmãos que eram fidalgos paupérrimos, homens



---

rudes e violentos e que um dia, num alto ponto da serra dezerta, descobriram um cofre com um tezouro estupendo. O cofre tinha trez chaves distintas. Assim, cada um necessitava do concurso dos outros dois para abri-lo.

Era muito cedo. Fazia-se mister esperar a noite, porque eles não podiam em pleno dia transportar o cofre. Até lá, porém, havia uma exigência muito imperioza; estavam famintos. Precizavam, portanto, antes de tudo que um deles fosse á cidade comprar alimento. Fecharam o cofre e Guannes seguiu. Ficaram Rostabal e Ruy. Emquanto Guannes se afastava, estes, para aumentarem os respectivos quinhões, rezolveram mata-lo. Rezolveram e cumpriram. Quando Guannes voltava com as vidualhas necessárias para a refeição, Rostabal o tomou de ilharga, embebeu-lhe a espada no corpo e depois de curta luta deixou-o prostrado. Mas essa mesma emoção, esse mesmo esforço fizeram o assassino deitar-se por terra, a descançar, fatigado. E Ruy veio então de manso, esgueirou-se até ele e enterrou-lhe, certo no coração, a sua faca ponteguda.

Estava, emfim, dono e senhor das trez chaves, dono e senhor único do tezouro! Sentou-se, tomou o vinho, tomou um pedaco

---

louro de capão assado, comeu, bebeu. Sentia-se prompto para esperar a noite e levar então o tezouro. Mas, de súbito, cambaleou : uma chama queimou-lhe o estomago, uma nuvem velou-lhe os olhos. Estava envenenado ! O irmão, que tinha ido buscar o alimento, no que primeiro pensára fôra em matar os outros dois. E, assim, o tezouro lá ficou abandonado. Esses trez desgraçados, que na mizéria tinham vivido unidos, a simples possibilidade de possuírem um tezouro bastou para os dezunir, bastou para que os fizesse se entredestruírem !

Um pirata da idade-média a quem referissem esse conto talvez o interpretasse de outro modo, vendo no fim trágico dos trez irmãos a influência de algum guarda misteriozo do tezouro.

Esses piratas tinham uma crença muito firme. Eles não podiam trazer comsigo as prezas que faziam. Temiam confia-las a quem as podesse roubar, emquanto estivessem no mar. Assim, o que lhes parecia mais seguro era escondê-las em grutas ou em caixas, que enterravam em ilhas dezertas.

Mas isso não bastava. Para que ficassem guardadas por um guarda de incorruptivel fidelidade e de indefectivel vijilância, eles to-

---

mavam algum dos prizioneiros que tinham feito, matavam-n-o especialmente para esse fim e enterravam-n-o junto ao tezouro. Acreditavam que o espírito da vítima incutiria um terror extremo em quem tentasse apossar-se do tezouro.

Um poeta inglez, G. Scott, aludiu a esse horrivel costume em uma das suas baladas : « Não confies tua preza ao capitão ou ao camarada, mas de preferéncia procura um lugar em que a lua vista com sua pálida luz craneos e esqueletos ; cava aí um recesso profundo, esconde as tuas prezas e pede aos mortos que t'o guardem.

« Mata um escravo ou um prizioneiro sobre o túmulo do teu tezouro e ordena ao seu espírito aflito que em suas solitárias vijílias passe as noites a guarda-lo » (1).

Mas ou fosse o efeito de guarda de alguma misterioza sentinela desse género, ou fosse mais simplesmente dezenfreada ambição muitos maldirão, ouvindo ou lendo aquelle conto, o poder nefasto do ouro.

Poder nefasto do ouro, sim, mas uma mulher formosa pela qual os trez irmãos se

---

(1) BRAVETTA. — *Le leggende del mare*, p. 66.

---

houvessem apaixonado não produziria o mesmo resultado? — Sem dúvida alguma! A História cita inúmeros fatos de irmãos assassinando ou torturando irmãos por cauza de uma mulher: é o caso de D. Pedro II e D. Afonso VI de Portugal. A história cita até o exemplo de pais matando os filhos, para tomar-lhes as mulheres ou as noivas. E', segundo afirmam alguns, o caso de Felipe II de Hespanha...

E ninguém dirá que conviria acabar com as mulheres formozas... Tudo está em conquista-las, como em conquistar a fortuna, limpa e dignamente.

Lord Chesterfield não se embaraçava com tais escrúpulos, quando dizia ao filho: « Ganha dinheiro, meu filho... honestamente, si tu poderes... Mas ganha dinheiro! »

Era isso mais ou menos o que os romanos procuravam ineutir em todos os espíritos, porque Juvenal afirma que a todas as crianças se ensinava como o preceito supremo: « *Oportet habere!* » — « *Convem possuir!* » Ainda não sabiam lêr é já recitavam esse preceito de Ennio, que os incitava á conquista da fortuna. E Juvenal, o grande poeta satírico, que censurava tantas outras couzas, entuziasmava-se diante desse preceito, achando

---

do-o digno dos deuses e do próprio Júpiter! (1)

São conselhos cínicos e excessivos. Mas excessivo é também deblaterar liricamente contra o ouro, como o fazem estes versos de Gonçalves Dias, em que ele declarava gostar da pobreza :

« Ouro, — poder, encanto ou maravilha  
da nossa idade — rejedor da terra  
que dás honra e valor, virtude e força,  
que tens offertas, oblações e altares. —  
embora teu louvor cante na lira  
vendido menestrel, que pode insano  
do grande á porta renegar seu génio!

Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,  
com pouco vivo; — sobre a terra, á noite  
meu corpo lanço, descançando a fronte  
num tronco ou pedra ou mal nacido arbusto,  
sou mais que um rei co'o meu docel de nuvens,  
que tem gravados cintilantes mundos! »

Não sei quem era o « vendido menestrel » a que o poeta alude; mas o que todos sabemos é que Gonçalves Dias estava longe da pobreza que alardeia. Foi, voltando da Europa, que, ele naufragou e morreu. E não se

---

(1) CAGNAT. — *A' travers le monde romain*, p. 50.

vai do Brazil á Europa « descansando a frente num tronco ou pedra ou mal nacido arbusto... »

Mais sincero foi, de certo, Alvares de Azevedo que várias vezes cantou a falta de dinheiro lamentando a deficiência de algumas libras esterlinas, que ele chamava simplesmente « as louras » :

Sem ele não ha cova! quem enterra  
assim gratis, « a Dco »? O batizado  
tambem custa dinheiro. Quem namora  
sem pagar as pratinhas ao Mercúrio?  
Demais, as Danaés tambem o adoram...  
Quem imprime seus versos, quem passeia,  
quem sobe a deputado, até ministro,  
quem é mesmo eleitor, embora sábio,  
embora genio, talentoza frente,  
alma romana, si não tem dinheiro?  
Fora a canalha de vazios bolsos!  
O mundo é para todos... Certamente  
assim o disse Deus, mas esse texto  
explica-se melhor e doutro modo...  
Houve um erro de imprensa no Evangelho.  
O mundo é um festim, concordo nisso,  
mas não entra ninguem sem ter as « louras »...

E em outro lugar, explicando qual era sua desgraça, ele dizia :

Minha desgraça não, não é ser poeta,  
nem na terra de amor não ter um eco...

---

É, meu anjo de Deus, o meu planeta  
tratar-me, como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovelos rôtos,  
ter duro como pedra o travesseiro...  
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido  
cujo sol (quem m'o dera!) é o dinheiro...

Minha desgraça ó cândida donzela,  
o que faz que meu peito assim blasfema,  
é ter por escrever todo um poema,  
e não ter um vintem para uma vela.

Aí houve de certo exajero, pois que Alvares  
de Azevedo não era tão pobre como apre-  
goava.

Mas outro poeta maranhense, Correia de  
Araujo, querendo voltar á tradição de Gon-  
çalves Dias, investiu mais terrível e aliaz  
mais inspiradamente contra o ouro :

E o oiro, o oiro, o oiro,  
o doirado e terrível sorvedeiro  
de virtudes e de almas :  
sinistro pulso de demonio falso,  
que leva justos para o cadafalso  
entre apupos e palmas;  
hidra infernal de multiplas cabeças  
que prende o homem aos lodaçais da terra,  
em bastilhas de ténebras espessas;  
o deus do mal, o creador da guerra,  
o semeador de lágrimas e vícios,

sentinela do cetro do tirano,  
escultor dos bordeis e dos hospícios,  
único autor do sofrimento humano :  
é a mão de gigante ensanguentada,  
cheia de vendavais e cataclismos,  
cavando sempre pela humana estrada  
precipícios e abismos...

O ouro faz todo esse mal, mas faz também muitos benefícios. Não se deve lançar nenhum anátema contra os que procuram, contra os que conseguem ganhar muito. O ideal não é que não haja quem tenha muito dinheiro, fortunas colossais. O ideal é que cada um só ganhe o que mereça e que, si quizer ganhar muito, mereça muito. A concepção dos povos tímidos é que se precisa economizar : que cada um deve reduzir ao mínimo as suas necessidades. E' uma concepção mesquinha da vida.

O ideal não está em restringir as necessidades : está em cada um ampliar o seu lucro para satisfaze-las. O camponez europeu, vivendo com infinitas privações, mas economizando no clássico pé de meia, é o tipo dos que encaram a vida de um modo estreito. Nunca satisfazem de todo nenhum dezejo. O *yankee* audacioso, que goza, que gasta, que ganha rejiamente, que despende magnifica-



---

mente, é o tipo dos outros, os que, ao passo que aumentam os seus dezejões, procuram aumentar os meios de satisfazê-los,

Aumentar honestamente !

Judas ganhou muito pouco e esse pouco foi o bastante para infama-lo. Os trinta dinheiros — admitindo que cada *dinheiro* valha pouco mais ou menos « 600 » réis, importaram apenas em 18\$000 (1) Magra soma, para tão grande infâmia... Enormes fortunas se podem, entretanto, fazer, com toda a honestidade, á força de trabalho, de esforço, de talento.

Conta-se de um imperador romano, Vespaziano, que ele taxou os esgotos de Roma. Deu mesmo a esse imposto um nome sonoro, chamando-o o imposto do *ouro lustral* (2). Certa vez que o filho lhe manifestava repugnância pela origem desse rendimento, ele lhe passou uma moeda por baixo do nariz e

---

(1) Ha diversas igrejas que mostram aos fieis, como reliquias, alguns dos trinta dinheiros. E' o caso da Cathedral de Oviedo (G. DORÉ et Baron CH. DARVILLIER. — *Voyage en Espagne — Tour du monde*, 1872, II, 374) das Igrejas de S. Diniz, em Pariz, dell'Annunziata, em Florença, de Sta Cruz e de S. João de Latrão, em Roma. Nesta última até mostram aos fieis a lanterna com que Judas estava, quando subiu ao Gethsemani. (*Dizionario delle reliquie e dei santi*, p. 93.)

(2) CABANÈS. — *Mœurs intimes du passé*, I, 355.

exclamou : « *Non olet* ». Queria assim exprimir que a origem pouco importava. Viesse dos esgotos, viesse de onde viesse, não se distinguia do outro ouro.

Mas o que eu penso é que esse imperador se enganava...

A origem é tudo.

Dinheiro haja! — é sempre lícito dizer, mas quando se acrescenta mentalmente : *por bem e para bem* : havido por bom meio ; despendido de bom modo...

---

# CIUME E CIUMENTOS



CONFERÊNCIA REALIZADA NO  
SALÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS EM-  
PREGADOS NO COMMÉRCIO.

**Q**UANDO estas conferências literárias começaram, uma das primeiras foi precisamente sobre o ciume.

Fê-la o Dr. Manuel Bomfim, cujo trabalho é uma página de psicologia realmente interessante.

Mas o assumto é tão grande e tão obscuro, que por muito que várias pessoas dele se ocupem, nenhuma o esgotará. Cada um de nós escolhe fatos diversos, grupa-os de certo modo e a novidade que falta no material pode existir no arranjo.

Novidade não quer aliaz dizer bondade...

Para que se sinta imediatamente como o ciume é um sentimento de análise difícil, basta apontar este primeiro fato : é um sentimento sem mímica.

---

O amor, o ódio, o medo, a cólera, a compaixão — todas as emoções têm gestos característicos e inconfundíveis. O olhar, a boca, a face, ás vezes o corpo inteiro, tomam atitudes especiais para exprimir as outras paixões. Para exprimir o ciume não ha atitudes nem gestos próprios. Quando ele se converte em cólera — a cólera é patente. Mas é já a cólera; não é mais o simples ciume.

Darwin, que escreveu um livro admiravel sobre a expressão das emoções, pôz este fato bem em relevo. Para fazer esse trabalho, ele tinha dirigido um questionário a viajantes, a missionários, a pessoas que haviam lidado e lidavam ainda de perto com os vários povos da terra. E todos lhe responderam que em parte alguma o ciume tinha uma mímica especial (1).

Isso mostra como é um sentimento de estudo mais difficil que os outros.

Os próprios poetas que dele têm falado largamente não lhe acharam ainda um epíteto indiscutivelmente adequado. Antonio Feijó comparava-o a um morcego :

Rimei estas oitavas dia a dia,  
para esquecer um íntimo pezar...

---

(1) DARWIN. — *L'expression des émotions*, paj. 84 e 285.

---

Dizer as nossas maguas alivia,  
é um balsamo cantar...  
Assim na grande nau da Fantazia  
pelo Oceano das Lágrimas navego,  
entre as doiradas vespas da Ironia,  
e o Ciume — esse morcego...

Shakespeare, tão feliz em outras creações, só achou para falar do ciume a comparação que se tornou clássica: « monstro de olhos verdes ». Por que verdes? Pois nos olhos negros não pôde haver, não ha talvez mais correntemente o furor do ciume?

É uma expressão vaga, que se poderia aplicar a outras emoções. Ha mesmo uma que é vizinha do ciume, com o qual frequentes vezes se confunde: a inveja. Em algumas linguas a mesma palavra pode servir para exprimir as duas couzas. É, por exemplo, o que ocorre em francez, onde existe, é certo, o termo *envie*; mas onde se pôde empregar e se emprega correntemente *jalousie*, em frases que em portuguez pediriam o termo *inveja*.

De fato, ha nessas duas emoções muitos elementos análogos. O que incomoda tanto ao ciumento como ao invejoso — é o fato de outro indivíduo ter a posse de alguma couza. Mas o invejoso quer mesmo aquilo a que ele não tem e nunca teve direito; aquilo que, si

lhe dessem, ele poderia não saber gozar. O que o irrita é que outros sintam o prazer.

O ciumento não: ele só se irrita contra o que lhe parece o esbulho de um bem, que ou já foi seu ou que ele acha que devia ser.

Em portuguez, não exclusivamente, mas em todo eazo mais fortemente que em outras linguas — talvez por força da sua etimologia — a palavra *ciume* ficou sobretudo para o amor. Nós dizemos — é certo — « ciozo das glorias alheias », « ciozo da sua dignidade ». Mas são metáforas; ao passo que em francez *jaloux* seria aí empregado normal e naturalmente.

Estas pequenas notas preliminares servem apenas para mostrar como o ciume é uma emoção de análise difficil. Faltam-lhe certos aspetos exteriores que facilitam o estudo de outras. Não deu ainda aos homens de letras, que ha tantos séculos o estudam e descrevem, a sugestão de epítetos nitidamente apropriados, especializados. Em algumas linguas o seu vocabulário — si assim se póde dizer — é quazi o mesmo de outra emoção: a inveja. E isso prova que até certo ponto essas duas emoções se confundem.

Alguns pensadores acham que aquilo a que nós chamamos propriamente o ciume é um

---

sentimento relativamente moderno. O que ás vezes nós dezinamos com esse nome, referindo-nos a povos primitivos ou selvagens, não merece, na opinião deles, essa designação.

Eles dizem que aquilo que os homens primitivos tinham, quando se encolerizavam, porque alguém lhes queria tomar uma companheira, era zelo de proprietários; não era o sentimento penoso nacido do receio de perder o amor. Para esses autores o ciume é um produto da civilização. Ele é uma das faces do amor. E como o amor de hoje não se parece mais com o dos nossos remotos antepassados, também o ciume de hoje é um sentimento inteiramente diverso (1).

Ha nisso uma parte de verdade; mas é uma verdade applicavel a todos os sentimentos. Todos eles vão variando, perdendo certos elementos, ganhando outros.

O ciume, como nós o compreendemos, difere realmente muito do ciume primitivo. Talvez ele seja apenas um rezíduo, uma sobrevivência do modo antigo de conceber o amor. Por isso mesmo, lonje de ser um progresso, como afirma Claude Anet, e de

---

1) V. CLAUDE ANET. — *Notes sur l'Amour*, p. 222.

---

estar em progresso como também ele assegura, a verdade é o oposto : ele é o vestígio de um modo arcaico de sentir o amor e, em vez de ter tendência a crescer, a sua tendência é para acabar.

Ha nosso corpo orgams, que já não têm função. Foram uteis em tempos idos; mas depois deixaram de o ser. Pouco a pouco, irão desaparecendo. Embora esse « pouco a pouco » seja de dezenas de séculos, tempo virá em que ninguém terá mais o famoso apêndice ileo-cecal, onde se localizam as apendicites. Tempo virá em que não naçam mais os já inúteis dentes do sizo.

E assim como ha orgams, — ha gestos e sentimentos que os homens de hoje fazem sem neccsidade, perpetuando apenas uma tradição. O terror pelo escuro que as crianças tantas vezes manifestam, é uma reminicência do pavor atávico das infinitas gerações de homens que viveram antes da invenção do fogo. Ainda hoje é uma emoção forte.

Nós vemos esses gestos perpetuados pela herança, embora já hoje sem utilidade até nos animais. Os cães domesticos, quando têm que se deitar, dão duas ou tres voltas em roda antes de pouzar definitivamente. Por que? Porque os cães selvajens tinham neccsidade



---

de calcar a herva, para vêr si nela havia animais ou objetos que os podessem incomodar. E o remoto decendente, agora, deitando-se embora sobre o mais lizo dos soalhos, faz ainda o gesto de calcar aservas que os câis selvajens precisavam calcar com cuidado.

A esses fenómenos chamam os sociólogos *sobrevivências* : são gestos e emoções que sobrevivem, embora já não tenham razão de ser.

Quem sabe si o ciume não é também uma sobrevivência emocional, destinada a perder-se? Ele foi a princípio o furor do proprietário contra quem lhe queria roubar um bem que lhe pertencia. Hoje a mulher não é mais um objeto, uma *couza*, uma *propriedade*. O casamento tende a ser a livre associação de duas pessoas livres e iguais. A despeito disso, o ciume persiste, como a recordação daqueles tempos idos.

Si é assim, razão têm aqueles que asseveram que chegará o dia da sua extinção.

Que o ciume tenha nacido da ideia de propriedade não ha a mínima duvida. Letourneau cita povos da Africa, onde não se conhece a palavra « amor », mas onde existe o ciume. A mulher é uma propriedade do marido, que ele póde dar, que ele empresta aos

hóspedes a quem dezeja obzequiar, mas que ele guarda com um ciume feroz, de quem ella queira agradar sem sua licença.

Essa ideia da mulher-propriedade está na Bíblia. Quando nos ensinam nas escolas os mandamentos da lei de Deus, mandam que decoremos o nono : « Não cubiçar a mulher do próximo ».

Mas não é isso o que se acha na Bíblia. Nela o decálogo está repetido em dois livros : no *Exodo* e no *Deuterónimo*. E em ambos o que se lê é textualmente o seguinte :

« Não cubiçarás a caza do teu próximo : não dezejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem outra alguma couza que lhe pertença. »

Os catecismos deixam apenas o ponto referente á mulher, porque lhes parece — hoje — o ponto mais importante. Mas a enumeração começa pela caza e, si fala na mulher, fala tambem no boi e no jumento e termina de um modo bem expresso : « ... nem outra couza que lhe pertença ». Porque tudo isso para os hebreus eram couzas.

No proprio *Deuterónimo* Deus diz aos judeus o que elles devem fazer quando vencerem alguma cidade inimiga : « ...tu matarás

---

todos os homens com o gume da tua espada. Mas as mulheres, as crianças, os animais e tudo o que estiver na cidade, todos os seus despojos, tu o saquearás para teu proveito...»

Estas expressões que nos parecem grosseiras, que nos chocam e repugnam, provam bem como a mulher representava uma simples propriedade, arrolada entre as outras, misturada com os objetos e os animais.

Ha mesmo na História um exemplo maravilhoso dessa concepção.

De todas as virtudes humanas só uma existe, cujo nome deriva do nome de um homem. O homem que teve essa honra foi Catão. Ainda hoje, para louvarmos alguém, dizemos que é um modelo de *catonismo*. Catão foi o zelador austero das mais conservadoras tradições do seu tempo. Oliveira Martins, na Historia da Republica Romana, diz : « Timbrava, gloriava-se mais de ser um bom marido do que um grande senador » (1).

Pois bem : esse homem, admirado como um modelo de virtudes, cedeu a mulher a um seu amigo, que dela gostava. Passou-lh'a. Emprestou-lh'a. E só quando o amigo morreu, então a retomou.

---

(1) *Op. Cit.*, I, 286.

O fato nos espanta e nos enoja. Mas não devia, de certo, espantar nem enojar os romanos, que nem por isso dezestimaram Catão. A mulher era um objeto de seu uzo. Ele dispôz dela como quiz. Não lhes parecia que o ato fosse censuravel.

Já, no emtanto, havia nesse tempo o ciume. Mas o que se designava por esse nome era o simples zelo do proprietário pela couza possuida, pela mulher que ele considerava um objeto seu.

E' sob tal fórma que nós encontramos o ciume primitivo.

Um outro lejislador bem austero, — austero até a ferocidade, — Lieurgo, não admitia tambem o ciume amorozo e zombava dos maridos ciumentos (1).

Póde haver — e ha, de certo — pessimismo e estreiteza de vistas nos que dizem que ainda hoje o ciume é só isso. Nietsche acha que o ciumento não prova que ama os outros; prova que se ama a si mesmo. Ele assevera que, si o ciume « é sinal de amor », isso demonstra que o amor é apenas instinto de propriedade.

É bom dizer que houve um período na his-

---

(1) VILLENEUVE. — *Le baiser en Grèce*, p. 25.

---

toria de França em que, na alta aristocracia, era de absoluto rigor não ter ciumes. Ia-se mesmo muito longe nesse caminho. Até o primeiro filho, a mulher devia ser virtuosa. Depois, não. Um marido bem educado não se importava que a mulher tivesse amantes. Conversava a esse respeito, simples e naturalmente, como de uma couza justa e razoável. Alguns faziam o que fez Catão e melhor ainda, porque traziam os amigos a caza para se encontrarem com a mulher.

Não pensem que se tratava de fatos abjetos de lenocínio. Um autor francez que expõe esses cazos, receiando também a incredulidade de seus leitores, escreve textualmente: « Não ha nisto exajeração. Eu me limito a expôr a grande lei de civilidade que nessa época regula o cazamento (1).

Os homens, que ajiam daquele modo, eram fidalgos estimados, que continuavam a merecer a consideração geral.

Um dos raros psicólogos contemporâneos, que analizaram com sagacidade esse sentimento, foi o professor Georges Dumas, no seu belo livro sobre *A tristeza a e alegria*.

---

(1) ALFRED FRANKLIN. — *La civilité, l'étiquette, la mode, le bon ton du XIII au XIX*, II, p. 96.

Ele mostrou de que elementos pôde ser feito o ciume. É a sensação de que certos atos de posse, de afeição, de confiança vão cessar.

Isso importa em um amesquinamento da nossa influência, em uma diminuição de poder. Isso importa mesmo, em alguns cazos, a noção da dezonra, da possibilidade de ser impellido a praticar um crime, cujas consequências a imaginação não pôde deixar de evocar mais ou menos nitidamente.

A análise é justa, diante dos nossos sentimentos contemporâneos. Sentimentos e preconceitos. Mas isso não se applica ao ciume de outros povos e outros tempos. Catão, embora tenha emprestado a mulher a um amigo, sabia que para rehavê-la bastaria querer. Não sentia, portanto, limitada sua influência, nem diminuida sua afeição. O cazo para ele não era tambem dezonrozo. Si, porém, o amigo tivesse, sorateiramente, escondidamente, obtido o amor de sua mulher, Catão se zangaria. Sentir-se-ia roubado.

Vê-se que, sob o mesmo nome de ciume o conteúdo desse sentimento variou extraordinariamente no correr dos tempos.

Ele naceu efetivamente da ideia de propriedade. E' talvez apenas uma sobrevivência.

---

Mas, depois de se ter reconhecido isso, cumpre acrescentar que, diante da complicação da vida moderna, essa sobrevivência se foi, não só atenuando, como entremeando com outros sentimentos...

Um analista sutil — Paul Bourget — fez uma classificação dos ciumes : o dos sentidos, o do coração e o da cabeça.

O dos sentidos se caracteriza, porque o insuportável para quem o sente é a representação material, a evocação, a visualização do amor da pessoa, que se deseja, com qualquer outra pessoa.

E Bourget conta uma anedota, que eu só posso referir aqui em suas linhas gerais. Era a história de um solteirão de bom gosto, que passava geralmente as tardes e as noites no seu club. Um amigo íntimo, Raymond Casal, pediu-lhe que lhe permitisse ter no seu apartamento encontros com alguém que ele amava...

E assim foi durante muito tempo.

Mas afinal ele se cansou. Um dia, conversando com o dono do apartamento, contou-lhe o enfado de que já estava possuído e disse-lhe o desejo que tinha de ver-se livre daquela, que ele tanto amara em outro tempo.

---

— Mas é uma mulher formozíssima, objectou o confidente.

— Pois vê — disse-lhe Casal — si a tomas para ti.

— Sério?

— Sério. Fazes-me um grande favor.

Combinaram então que no dia da primeira entrevista Casal não iria á hora combinada. Em vez dele, porém, appareceria o amigo, que procuraria tomar-lhe a sua antiga apaixonada. — Conquista que devia ser tanto mais facil quanto ella teria motivos para se julgar abandonada. Mais tarde Casal appareceria, bateria á porta alguns instantes e retirar-se-ia. Estaria, portanto, autorizado a romper.

Tudo se passou como estava combinado. Ella veio e Casal faltou. O amigo appareceu. Encontrou-a, succumbida e irritada. Não teve difficuldade, naquella crize violenta de despeito, de conquista-la.

Pouco tempo depois, chegou Casal e bateu. Bateu de leve. Não lhe abriram. Era o que estava assentado. Mas elle continuou a bater, cada vez mais fortemente, fez-se possesso, estava quazi a arrombar a porta, quando o outro, surpreendido, decidiu-se a abrir. Casal lançou-lhe ao rosto um insulto. O amigo estava pasmo.



---

No dia seguinte bateram-se em duelo. E Casal retomou os seus antigos amores por longo tempo ainda...

Assim, ele tinha querido romper. Mas, quando chegou á porta do apartamento só para fazer o gesto convencionado, a evocação nítida e precisa da beleza da mulher que por tanto tempo o amára, a evocação naquele quadro, que lhe era familiar, o arrebatou num impulso de ciume louco e o levou áquela cena.

Bourget chama a esses ciumes, que nascem principalmente da lembrança das cenas do amor passado, ciumes dos sentidos.

O ciume do coração é para ele mais nobre. Consiste no dezejo que teria o ciumento de ter sido o único amor — o único e o melhor.

E Bourget conta a história de um rapaz, que sempre amára uma bela moça. Não podendo cazar-se, viera para a América trabalhar. Voltou rico. Voltou e achou já viuva e com uma filha, a mulher que ele tão longamente dezejára.

Cazou-se com ela. Adoravam-se. Mas era ele quem contava, que a presença da filha do matrimónio anterior, que ele tratava aliaz com todo o carinho, o enchia ás vezes de ciumes. Ciumes retrospectivos. Ele queria

ter sido o único amor da que também para ele fôra o amor único.

Esse sentimento não é talvez muito raro. Criminalistas ha que mencionam o número de vezes, em que padrastos e madrastas maltratam enteados, só porque estes lhes lembram os seus antecessôres. Luiz Guimarães Junior tem um belo soneto a esse respeito e Goulart de Andrade pôz em cena, em um *lever de rideau*, o segundo marido de uma mulher que, vendo uma estátua do primeiro, lhe dizia :

Não te poder vencer emquanto vivo... Embora!  
Ela também foi tua e entre os braços outr'ora  
a tiveste. Esse olhar, que é de bronze, procura  
inda achar o esplendor da sua formozura.

Outro poeta brasileiro, Mário Lima, exprimiu também sentimento idéntico. E como o exprimiu em belos versos, vale a pena cita-lo :

Quando medito que, antes do meu santo,  
meu grande amor, outros te amaram, como  
sinto não ter sido eu que semj re o assomo  
dessas paixões tivesse. . Eu te amo tanto!

Sofro por isso... A alma se banha em pranto  
e eu que a paixão fortíssima não domo  
duvido até do teu amor, — um pomo  
cubiçado por outros que eu suplanto.

Odeio a todos que te amaram... Veio  
o ódio nascendo deste amor... Odeio  
áqueles mesmo que te enalteceram.

Quero te amar sózinho... E, na avareza  
do meu afeto, eu temo, na incerteza,  
que inda te lembres dos que te quizeram !

Esta multiplicidade de citações, cuja lista  
seria facil alongar, prova que o ciume retro-  
ativo nada tem de raro.

O ciumento de cabeça é o da pura vaidade.  
O que o molesta é que a pessoa de quem eic  
foi amado ouze amar um terceiro.

A's vezes, foi ele quem a lançou ao aban-  
dono. Julgava, porém, que ella ficaria aniqui-  
lada, succumbida. Quando sabe, entretanto,  
que foi substituido, tem uma explozão terri-  
vel de ciume.

Essa classificação de Bourget — defeituoza  
e fantazista — admite muito bem que pode  
haver ciume sem amor. No sentir do povo  
se acredita, porém, geralmente, que os dois  
sentimentos andam juntos.

Isso parece estar na etimolojia da palavra  
*ciumento* em francez, inglez, hespanhol, ita-  
liano... Em todas essas linguas o *jaloux*,  
*geloso*, *celoso*, *jealous* vem da palavra grega  
*zelos* : ardor, fervor ; palavra que por sua vez

vem da raiz *zes*, que significa *ferver*. Nós temos também em portuguez aquelle termo *zelos* empregado como *ciumes* (1).

Assim, parece impossivel estar a ferver de amor sem também estar pelo menos propenso á fervura dos ciumes.

O povo não tem dúvidas a este respeito :

Amar e não ter ciumes  
 isso não é querer bem ;  
 quem não zela o bem que ama  
 muito pouco amor lhe tem.

Mas essa observação não é verdadeira. Ha grandes amores sem ciumes. Grandes amores, calmos, confiantes, seguros da sua força. E ha também ciumes sem amor, como Bourget, como muitos outros escritres têm mostrado. Tolstoi tem em um dos seus romances um personagem que diz á espoza : « Por acazo, eu amo o meu dedo? Não. E' bem claro que eu não amo o meu dedo ; mas, si m'o cortassem, eu sofreria atrozmente. Também a ti eu não amo, não posso dizer que te ame. Mas, si te perdesse, não poderia mais viver » (2). — Este sentiria ciume ; embora sem ter amor...

(1) F. GARLANDA. — *La filosofia delle parole*, p. 96.

(2) Citado em L. DUGAS. — *L'imagination*, p. 145.

---

Afinal, a verdade é que o ciume depende, sobretudo, do poder da imaginação. O que Bourget chama o ciume dos sentidos é sempre o mais forte : pensar, imaginar, evocar, alucinar-se, representando o amor que era nosso e que nos roubaram. Vêr as cousas, que a gente receia, como si estivessem ali diante dos nossos olhos.

Por isso, as traições dos amigos são mais insuportaveis. Si dizem a alguém que a pessoa que ama o iludiu com um extranho, ele pode bem evocar a pessoa amada, pois que lhe conhece a voz, o gesto, as palavras. Mas falta-lhe o conhecimento exato do outro termo da traição — si assim se pode dizer.

Tratando-se de um amigo, esse outro termo é conhecido. A evocação torna-se completa, flagrante, dolorozíssima.

Pode-se achar um sentimento ao menos em parte análogo no que acontece em muitos povos selvajens, que tem um grande ciume de seus compatriotas, mas não tem ciume dos europeus, aos quais emprestam sem cerimonia as mulheres (1).

Maurice Bouchor, que tem alguns dos mais belos versos que eu conheço sobre o ciume,

---

(1) WESTERMACK. — *Op. Cit.*, p. 127.

---

dizia em um soneto admiravel que ele tolerava todas as traições, menos porém, quando se tratava dos amigos :

« Ah! de si vieux amis, des êtres que l'on aime,  
les sentir lourdement vous marcher sur le cœur! »

E Cécile Périn, uma das melhores poetizas francezas contemporaneas, dizia tambem, depois de acabado um amor, que pensava sem ciumes, nas que a tinham precedido; pensava sem ciumes nas que se lhe tinham seguido; mas ainda apoz tanto tempo não podia evocar sem angústia, o olhar das que lhe sorriam ao homem amado, quando ela o amava.

É que exatamente nesse tempo qualquer imagem de traição lhe seria facil de evocar — ao menos da parte dele. — Como ele tinha sido antes? Como viera a ser depois? Eram fazes que já não poderia imaginar com tanta precisão.

Alphonse Daudet diz nas suas « Notas sobre a vida » que « a erudição do sentimento atrapalha para sentir ».

Realmente, quando alguém conhece muitas obras literárias, tem na imaginação milhares de romances, centenas de peças de teatro, fica um pouco impossibilitado de sentir as

---

couzas bõamente, simplesmente, injenuamente, como elas devem ser sentidas. Cada situação nova que se nos apresenta na vida, já não é nova, porque logo é possível recordar várias outras, parecidas, análogas, idénticas. E' a erudição do sentimento atrapalhando o sentimento.

Essa erudição é a que tem no amor os grandes sedutores.

Afinal, o amor é menos diverso do que dizem os poetas. Os conquistadores profissionais chegam depressa a conhecer-lhe todas as variedades. E dá-se então esse cazo interessante : é que, em geral, ou talvez por essa mesma razão, quanto menos amam, mais têm ciumes. Menos amam, porque os novos amores que se lhes deparam são iguais a numerozos outros anteriores. Mas têm ciumes — precisamente por isso : porque lhes é mais facil do que aos outros imaginar todos os pormenores de todas as traições possíveis.

Os sultões, senhores de populozos serralhos, são muitas vezes terrivelmente ciumentos. Ainda este ano, na véspera de ser deposto, Abdul-Hamid matou, por ciumes, uma bela circassiana de 18 anos de idade, só pelo receio de que ela viesse a cair em poder de

---

outros. Mahomet poz no Alcorão preceitos muito sábios aconselhando suas mulheres a que não tivessem ciumes; mas revelando ele mesmo que os tinha, porque multiplicou as cautelas afim de que os outros homens não se aproximassem muito delas.

Quanto mais é facil imaginar as traições, mais o ciume é possível — haja ou não haja amor. Por isso, os povos muito imaginativos são muito ciumentos. E' o cazo dos persas. E' o cazo dos árabes.

Ferrero fez um estudo comparativo entre o ciume na Itália e o ciume na Inglaterra e na Alemanha. Ele diz que na Itália, sobretudo ao sul, o cazamento é uma prizão.

« A partir do dia em que fica noiva, uma rapariga napolitana não pode mais sair de caza. E, si em outros logares a prizão não é tão rigorosa, começa, porém, sempre, a partir daquele dia, para a mocinha uma verificação constante e uma espionagem ativíssima, primeiro do noivo, depois do marido, espionagem que só cessará, quando os cabelos brancos, as rugas da face e a bôca murcha e caida forem para a virtude uma defeza muito mais insuperavel que a de todos os dragões do ciume. »

E Ferrero diz em contrapozição :



---

« O ciume (sexual) é um sentimento quasi desconhecido aos alemães e aos inglezes, cujo amor é muito mais confiante, muito menos torturado pela angústia contínua de perder o seu tezouro. »

E Ferrero mostra que na Itália, como na França, na Hespanha e em geral nos paizes latinos, o criminozo por ciume é absolvido e sai, ás vezes, dos tribunais entre aplauzos. Na Inglaterra acaba na forca. De resto, os crimes dessa natureza são lá extremamente raros.

Um inglez, que se sabe enganado, não mata o sedutor : pede o divórcio e uma indenização em dinheiro.

« Lêde, — diz Ferrero — os jornais inglezes e todos os dias neles encontrareis, entre os processos de divórcio, cazos de semelhantes reparações de honra feitas não a revólver, mas a cheques : as somas variam segundo os cazos, mas o princípio é sempre o mesmo. »

Este depoimento é curiozo. Ninguem dirá que o inglez não seja um povo essencialmente moralizado, um povo em que a constituição da família é muito sólida. Falta-lhe, porém, o que é o nosso característico : a imaginação. E a imaginação é um fator essencial do ciume. Os inglezes, porque não a tem,

---

rezolvem os delitos de amor como os outros delitos, calmamente, friamente.

Ferrero faz notar que um marido italiano, na constante espionagem da mulher, não deixará jamais de lhe abrir as cartas; ao passo que um inglez consideraria tão grave abrir a correspondência de sua espoza, como de qualquer extranho.

Aliaz, esses eternos fiscalizadores deviam sentir que não ha fiscalização que não possa ser vencida pela astúcia feminina.

O papa Pio II, quando era apenas um escriptor illustre, Eneas Sylvius, zombou dos seus compatriotas, achando que eles faziam mal em viver enclauzurando as mulheres, porque as mulheres dezejam principalmente o que se lhes proíbe e fazem menos mal quando se lhes deixa toda liberdade de ação (1).

Certo poeta francez, que era dessa opinião, Furetière, gabava-se de que só devia uma das suas boas fortunas ao ciume de certo marido :

Iris m'était inexorable,  
lorsque son déflant époux

---

(1) II. ELLIS. — *La pudeur*, p. 73.

---

mal à propos devient jaloux :  
o dieux! qu'il me fut favorable!  
La belle Iris me prit au mot,  
en dépit de son fâcheux maître;  
et ce pauvre homme fut un sot  
par la seule crainte de l'être.

Um médico, que viveu na Pérsia alguns anos a serviço do avô do Chá atual, conta que lá as mulheres vivem enclauzурadas, por traz de muros altíssimos, guardadas por eunucos vijilantes. E assim mesmo os ciumentos não deixam de ser logrados!

Dizem que os chinezes inventaram a moda dos pés femininos deformados, por ciume, para impedir que as mulheres andassem muito. O que aconteceu foi que elas aprenderam a andar assim mesmo, tão rapidamente como as mulheres ocidentais.

Tambem esses mesmos chinezes e judeus obrigavam as mulheres a trazer saias orladas em baixo por uma carreira de guizos. Assim, para onde iam, iam fazendo barulho. — E' inutil dizer que esse, como todos os recursos dos ciumentos, não serviu de nada...

E ainda tais processos são infinitamente mais brandos que os de certos povos em que os maridos cortam o nariz, raspam os cabelos e as sobrancelhas ás respectivas mulheres

---

para que não infundam dezejos aos outros (1).

O processo deve ser eficaz... O que resta saber é si, depois disso, as mulheres assim truncadas, peladas e raspadas, ainda continuam a inspirar afeição aos maridos...

Nem todas as verdades se dizem. Si não fosse isso, eu diria que a mulher seria capaz de enganar a Deus... Mas Deus, para não correr esse perigo, tomou o partido de querer o que elas querem... E' pelo menos o que afirma o ditado francez : *ce que femme veut Dieu le veut...* Assim, deve-se crer que é Deus que quer a derrota e escarnece dos ciumentos.

No emtanto, alguns antropolojistas acham que o ciume teve um grande mérito : talvez tenha sido ele o pai de uma virtude delicadíssima : o pudor.

De fato, em muitos povos selvajens só as mulheres cazadas andam vestidas. E' a gente que tem dono. O dono as resguarda de alheias e indiscretas cubiças. As solteiras — essas podem e devem mostrar-se (2).

Ora, não ha dúvida nenhuma que o pudor naceu do hábito de andar vestido. A versão

---

(1) WESTERMACK. — *Op. Cit.*, p. 116.

(2) H. ELLIS. — *La pudeur*, p. 98.

---

da Bíblia, de que o dezejo de vestir-se veio do pudor, é exactamente a inversão da realidade. Todos os etnólogos e antropolojistas são unánimes a esse respeito.

Só se discutem os motivos por que appareceram os primeiros vestuários — motivos que parecem ter sido diversos em pontos diferentes. Assim, por exemplo, nesses lugares em que só as cazadas se vestem, o ciume parece ter sido a cauza evidente dessa inováção.

Mas esses selvajens foram tolos. O vestuário deve ter sido contraproducente. Si eles tivessem feito a estatística dos ciumentos com e sem razão, antes e depois dos vestuários, teriam, de certo, verificado que os enganados depois foram muito mais numerosos.

E tanto a experiência parece ter demonstrado isso, que nós, civilizados, invertemos esse sistema : permitimos ás cazadas uma amplitude extraordinária de decote, que não consentimos ás solteiras... Por quê? Porque verificamos que o vestuário é uma sedução. Por isso mesmo o exigimos com um rigor maior para as que ainda precisam uzar mais fortemente dessa arma...

O que se vê, por conseguinte, é que tanto as astúcias como os meios coercitivos dos

---

ciumentos não adiantam muito. Os pobrezinhos são sempre logrados.

Por isso, o recurso melhor talvez seja o pedido — o pedido injénuo e simples; o pedido um pouco abobalhado, mas emfim, despretenciozo e humilde. Era isso que tentava Gonçalves Dias, exorando, suplicando :

Hontem no baile  
não me atendias,  
não me atendias,  
quando eu falava.

De mim bem lonje  
teu pensamento,  
teu pensamento  
bem lonje errava.

Eu vi teus olhos  
sobre outros olhos,  
sobre outros olhos,  
que eu odiava.

Tu lhe sorriste  
com tal sorriso,  
com tal sorriso,  
que apunhalava.

Tu lhe falaste  
com voz tão doce,  
com voz tão doce,  
que me matava.

Oh! Não lhe fales,  
não lhe sorrias,  
não lhe sorrias,  
que era matar-me.

Oh! Não lhe fales  
não lhe sorrias,  
si então só q'rias  
exp'rimentar-me,

Esses versos são aliaz abominavelmente medíocres.

Arthur Azevedo era amado por uma senhora que adorava os literatos. Ele achava muito bom que ela lhes decorasse as produções, as metesse emfim na sua cabeça; mas que não lhes namorasse os respectivos autôres. E era isto que lhe dizia em rimas sinjelas :

Senhora, tu confessaste-me,  
em frases muito indiscretas,  
mas explícitas, completas  
    que aos poetas  
consagras funda afeição,  
e, quando algum desses bípedes  
encontras no teu caminho,  
dás-lhe melindroso ninho  
    de arminho  
dentro do teu coração.

Fez-me doente e melancólico  
isso que tu me disseste;

---

este amor, que aqui puzeste,  
    proteste,  
protestem meu tristes ais.  
Eram-me os poetas simpáticos,  
hoje cauzam-me negrumes;  
ralam-me, bem o prezumes,  
    de ciumes,  
pois são todos meus rivais.

Si entre nós os poetas líricos,  
fatores dos teus encantos,  
andam por todos os cantos,  
    e tantos,  
que eu já nem sei quantos são,  
o teu doce ninho tépido  
has de tu ver que apresenta,  
não vinte, trinta, quarenta,  
    cincoenta,  
mas uma população.

Si é como a tenda dos árabes  
o ninho teu, lá não entro.  
Quizera estar bem no centro  
    lá dentro;  
mas sem ninguém junto a mim,  
tão solitário — releva-me  
esse retórico arrojo —  
como uma joia no bôjo  
    do estojo  
entre o veludo e o setim...

Não acolhas tantos hóspedes.  
Vê que eu te amo, que eu te adoro.



Si a teus pés prostado imploro,  
    si choro,  
por que de mim não tens dó?  
Agazalha no teu cérebro  
toda essa magna caterva.  
Mas o coração conserva,  
    rezerva,  
meu anjo, para mim só.

Não se sabe si as senhoras a que se dirigiram Gonçalves Dias e Arthur Azevedo atenderam a tais solicitações... Em todo caso, o que delas se depreende é que os homens mais inteligentes dezistem de lutar : recorrem diretamente á súplica.

A súplica é, ás vezes, indireta. Os crentes católicos podem dirigir-se ao santos especialistas contra o ciume. Porque ha santos que têm essa especialidade.

Um é Santo Asclípio, que a Igreja festeja a 23 de dezembro. Ele acumula especialidades muito diversas entre si : é bom contra as hemorragias, os pensamentos impuros e o ciume conjugal. Por que?

— Não lhes sei dizer, visto que nada se conhece ao certo da vida deste santo.

Os outros especialistas contra o ciume são os Santos Inocentes : aquelas famozas crianças que Herodes mandou matar em

---

Belem, quando lhe constou que Cristo tinha nascido. A Igreja os recomenda como especialistas contra os ciumentos e os ambiciosos...

Vejam, porém, o caiporismo dos ciumentos : os santos que lhes servem de patronos, a quem eles devem recorrer para livrar-se do seu mal, são todos muito suspeitos... De S. Asclípio nada se sabe. E quanto ás crianças que Herodes mandou matar em Belém é uma história mal contada — uma calúnia dos inimigos de Herodes... A distância de Jerusalém a Belém era menor que daqui a Cascadura. E Belém era um logarejo secundário. Si Herodes quizesse saber quem tinha nascido em Belém, mandava indagar com a máxima facilidade e segurança. Não se precisava para isso nenhum agente de policia sagacíssimo no genero do famoso Sherlock Holmes...

Os Santos Inocentes não podem, portanto, do fundo da sua indiscutivel inexistência, adiantar nada aos ciumentos.

No emtanto, é curiozo notar que a Bíblia ensinava um remédio seguro para se verificar os cazos de ciumes. Foi Deus — Deus em pessoa — que formulou essa receita. O livro dos Números diz expressamente :

---

« Tornou o Senhor a falar a Moyzés dizendo... »

O remédio — que os autores sagrados denominam *a agua do ciume* — eram aguas chamadas « *amargozíssimas* » em que o sacerdote punha um pouco de poeira do templo e sobre as quais proferia um certo número de maldições, que o Padre Eterno, na sua excelsa bondade, teve o cuidado de ditar a Moyzés. Feito isso, a mulher bebia as tais aguas.

Si ela fôr inocente « não experimentará mal algum »; mas, si fôr culpada, dizia o Senhor : « Penetra-la-ão as aguas da maldição e inchando-lhe o ventre, lhe apodrecerá a perna. »

Era decizivo. Não se sabe porque um remédio desta ordem caiu em dezuzo.

Talvez Deus mesmo tenha acabado por achar que os ciumentos não merecem apreço...

S. Paulo era dessa opinião. E' verdade que ele não se cazou e dizia que, si cazar é bom, não cazar é melhor.

Era talvez por isso que recomendava aos outros uma tolerância absoluta :

« Pelo que toca, porém, aos mais... si algum irmão tem mulher infiel e esta

---

consente em ficar com ele, não a largue.

« E, si uma mulher fiel tem marido infiel e este consente em coabitar com ela, não largue a tal a seu marido. »

S. Paulo sabia ter tolerâncias adoráveis. Como ele não queria cazar-se, aconselhava despreocupadamente : « deixem-se de ciumes. »

Das aguas de maldição, das aguas amargozíssimas, receitadas por Deus em pessoa a Moyzés — até esses conselhos de uma ampla liberalidade : quanto caminho andado!

Os ciumentos — no tempo em que Deus fazia cazo deles — deviam importuna-lo muito.

O officio de ser Deus é, de certo, trabalhossíssimo, pela importunação de alguns crentes que só dezejam uma determinada concessão, pela qual instam dia e noite...

Todos conhecem, entretanto, a velha história de um homem razoavel, que temia muito os ciumes. Já isso era um bom sinal. Mas o melhor é que, dirigindo-se a Deus, ele não o apertava a pedir só uma couza : oferecia-lhe quatro hipóteses distintas, para que o Senhor escolhesse a que lhe fosse mais facil.

Rogava-lhe humildemente : « Fazei, Senhor,

---

que eu não me caze; ou, si me cazar, que minha mulher não me engane; ou, si me enganar, que eu não saiba; ou, si souber, que eu não faça cazo... »

Era preciso um Deus muito máu para não satisfazer um crente tão conciliador...

Ainda hoje ha uma legislação que se preocupa com o ciume. E' a legislação civil dos Turcos. E, cazo espantozo, ela pensa exactamente no ciume das mulheres. O Capitulo VIII do titulo 3º da codificação das leis civis da Turquia manda que os maridos tratem a todas as suas mulheres igualmente bem. E para evitar-lhes o ciume, prevê uma hipóteze em que esse sentimento bem podia exacerbar-se : a hipóteze das viagens. Sabiamente diz a lei :

« Em cazo de viagem, si o marido encontrar dificuldades para levar consigo todas as suas espozas, em vez de escolher entre elas, deve proceder tirando á sorte. »

Esse lejislador foi sábio... Porque, si nas pájinas da História os fatos de ciume feminino não são tão apontados como os do ciume masculino, não deixam de existir.

Um grupo de mulheres de Athenas matou Lais, só por ciume. Lais era aquella que Bilac descreveu :

---

« Não é maior que a sua a encantadora  
graça das fôrmas nítidas e puras  
da irrezistível Diana caçadora.

Ha nos seus olhos um poder divino ;  
ha venenos e pérfidas doçuras  
na fita do seu lábio purpurino... »

Por isso mesmo, porque era assim bela, as mulheres de Athenas a assaltaram a sapata-das e a mataram.

Lais morreu por ser bela... Por conhecer os perigos da beleza alheia, uma poetiza colombiana, Mercedes Florez, fez, em versos aliaz muito bonitos, um voto evidentemente sincero. Ela dezejava ser onipotente para cercar o homem amado de todas as venturas. Todas menos uma : nesse mundo melhor, de luz e amores, só as mulheres não seriam formozas.

« Y ser omnipotente para hacerte  
dichoso, el más dichoso de los seres  
en un mundo mejor de luz y amores,  
do no fueran hermosas las mujeres...

Mas si, no cazo de Lais, o ciume feminino foi feroz, em outro cazo foi deliciosamente cómico. Macróbio, um velho escritor romano, conta que, certo dia, um senador le-

---

vou o filho para assistir á sessão. A sessão não era pública. Por isso mesmo, quando ele chegou á caza, a mãe teve curiosidade de saber o que lá se passára. O rapaz, entre a promessa que fizera ao pai de guardar segredo e a insistência da mãe, resolveu inventar uma pèta.

Disse-lhe muito a sério que o Senado estívera a discutir si convinha mais deixar cada homem cazar com duas mulheres ou cada mulher com dois homens.

— E o que resolveu? Perguntou-lhe a mãe ancioza.

— Nada : respondeu o filho. A questão se decidirá amanhã.

A mãe estava indignada — mas indignada com a hipóteze de cada homem poder cazar-se com duas mulheres. O ciume acendeu-se-lhe, pensando que o marido poderia querer dar-lhe uma companheira.

O certo é que do mesmo modo muitas outras deviam pensar, porque ela saiu conspirando, de porta em porta, e no outro dia, quando o Senado se reuniu, teve a surpresa de ser assediado por uma multidão feminina, numeroza e cacarejante, que vinha pedir-lhe que votasse antes o direito de cada mulher cazar-se com dois homens... Assim, cada

---

uma, em vez de sentir, poderia apenas inspirar ciumes aos seus dois maridos.

O Senado custou a compreender de onde tinha provindo aquela representação.

Poder-se-ia á vista destes fatos perguntar quais são os mais ciumentos : os homens ou as mulheres?

Ha a este respeito as afirmações mais contrárias. Por mim, eu creio, entretanto, que são os homens. A criminalidade pelo ciume é maior nos homens.

E justifica-se. Nós conhecemos melhor a vida. Pela liberdade que a educação nos dá, podemos figurar melhor, imaginar mais exactamente todas as cenas do amor. E' natural que sejamos mais ciumentos.

Ha muito quem pense que nos paizes em que a poligamia é permitida, a vida das várias esposas do mesmo marido deve ser um horror, por cauza das cenas de ciume.

É um engano.

Conhecem-se, é verdade, povos em que isso ocorre. Um viajante desembarcando nas ilhas, Fiji, no Paecífico, espantou-se de ver muitas mulheres sem nariz. Indagou e soube que isso era uma vingança habitual de rivais ciumentas que procuravam morder o nariz das concurrentes, para corta-los com os



---

dentes. Mas ha tambem povos da Africa Equatorial e de outros pontos em que, quando um homem só tem uma mulher, esta é a primeira a persegui-lo para que se caze com outras (1).

Estas não tem nenhum ciume.

De um modo geral pode dizer-se que durante os primeiros tempos, quando a mulher era a couza possuida, não se lhe reconhecia o direito de ter ciumes. Nos povos bem primitivos o ciume feminino é absolutamente desconhecido.

Foram, portanto, os homens que ensinaram o ciume ás mulheres. Nestas, esse sentimento é de aquizição relativamente recente.

E' verdade que são elas que o desenvolvem no homem.

Dezenvolvem, não só porque dão cauza a ele (*Souvent femme varie...*), como ainda porque se creou a tradição de que o ciume é prova de amor e as mulheres gostam de fazê-lo nacer, para desse modo medirem o amor. — Mas é positivamente um engano... Si Don Juan existiu, Don Juan foi um grande ciumento.

---

(1) WESTERMACK. — *Op. Cit.*, p. 466, 468.

---

Seria uma vantagem poder conhecer os ciumentos — para evita-los.

Mas do mesmo modo que não ha uma mímica especial para o ciume, tambem não ha uma fisionomia especial. Lavater, que se gabava de poder diagnosticar todas as paixões humanas pela fisionomia, não deixou o diagnóstico dos ciumentos.

A crença popular acha, porém, que as pessoas muito barbudas e peludas são tambem muito ciumentas. E' uma indicação. Mas uma indicação exata? De fato, os neuropatologistas acham em quazi todos os indivíduos, que não sabem nem podem amar, dezordens no sistema pilozo : é frequente que tenham a face inteiramente glabra.

Mas ainda aí se vê a pertinácia da opinião popular, achando que os grandes amozos — si assim se pode dizer — são tambem os grandes ciumentos.

O que a fiziognomia não consegue, conseguirá por exemplo a grafolojia?

Ela espera chegar lá; mas de um modo complicado. Não ha sinal qualquer de letra, especial aos ciumentos. Acha, porém, o mestre de todos os grafólogos que, si se descobrem em uma escrita os sinais da sensibilidade e do egoismo, deve-se concluir que se

---

trata de um ciumento. A sensibilidade se revela nas letras ou deziguais ou muito inclinadas e o egoísmo nas letras em que ha predominância de traços feitos para a esquerda — traços sinistrójiros — segundo se diz na técnica da grafolojia (1).

Essas afirmações são, para assim dizer, tendenciozas. É necessário começar admitindo o ponto de partida da análise psicológica : que o ciume deriva do exajêro da sensibilidade e do egoísmo.

Acerca do ciume ha no povo abuzões extravagantes. Assim, todos sabem qual é a côr do ciume : azul.

Por que azul? O azul para os alemães é a côr da fidelidade e da pureza...

João Ribeiro diz que essa attribuição nasceu de uma confuzão verbal. Como no portuguez antigo a palavra *celo* tanto queria dizer *céu* como *zelos* ou ciumes, a côr dos céus passou a ser tambem a dos ciumes.

Si o azul fosse realmente a côr do ciume, os olhos azuis deviam ser os dos ciumentos. E nada o permite afirmar.

De uns olhos se queixava, entretanto, uma

---

(1) CRÉPIEUX-JAMIN. — *L'écriture et le caractère*, 5<sup>e</sup> édition, p. 352.

---

senhora, heroína de uma velha anedota. Não diz a história si eles eram azuis ou pretos.

O certo é que o cavalheiro que amava essa senhora teve ocasião de surpreende-la, no momento em que ela lhe estava dando toda a razão para ser ciumento. Foi um flagrante bem caracterizado.

Apezar disso, ela negava. O cavalheiro lhe respondia, com toda a força deste velho pleonasma :

— Mas eu vi, eu vi com os meus olhos.

E ela — com a facilidade que as mulheres têm para o pranto — chorava abundantemente :

— E' isso. Bem se vê que você não gosta mais de mim : acredita mais nos seus olhos do que nas minhas palavras...

Eu penso que o bom amor deve ser essencialmente confiante. Talvez, entretanto, haja quem diga que aquela senhora exigia uma confiança excessiva, querendo que o homem que a amava recusasse o testemunho dos seus próprios olhos.

Mas ha situações desesperadas, em que não se tem remédio sinão pedir as couzas mais absurdas. Pois si ele a tinha visto, visto, indiscutivelmente visto, o único re-

---

curso era aquele : suplicar-lhe que não acreditasse em seus olhos.

Neste momento eu tenho uma grande vontade de imitar aquela senhora, em um pedido igualmente absurdo. Também os vossos ouvidos vos estiveram dizendo durante esta longa hora quanto eu me reparti entre a impertinência e o aborrecimento. E' a evidência; é a pura evidência... A despeito dela, eu vos peço, para merecer um pouco de perdão, que façais esta couza heroica : não creiais nos vossos ouvidos... Só assim eu poderei ser desculpado.

---



# O SONHO

---

CONFERÊNCIA FEITA NO INSTITUTO NACIONAL DE MUZICA EM 1907.

**S**i fosse possível deixar de dar nome a estas conferências seria talvez melhor. Seria talvez melhor, por que, lendo alguns títulos, os que as dezejam ouvir começam por imaginar o que o conferente vai dizer. Fazem mental e sumariamente um plano e, si não o vêm realizado, sentem-se de algum modo lezados, iludidos.

Quanto mais o assunto é rico de pontos de vista diferentes, mais se corre esse perigo. E' o que succede, portanto, com o sonho. Cada um terá dito : « Ele vai tratar disto ou daquilo... » e cada um sofrerá provavelmente uma decepção. Melhor é, por isso mesmo, prevê-la logo ao princípio e começar pedindo o perdão necessário.

O Sonho tem uma literatura formidável.

---

É impossível esgotar ou sequer resumir todos os pontos de vista, de que pode ser encarado, no breve espaço de tempo que nos reúne aqui. Assim, forçozo se torna fazer uma escolha e essa, não podendo satisfazer a todos, arrisca-se a dezagradar a cada um de per si.

Em todos os povos selvajens, a ideia de alma é sempre a de um segundo *eu*, de um duplo, uma forma inteiramente idéntica á do corpo, embora de uma substância mais tenue, menos grosseira. Acontecia com o selvajem o que acontece com as crianças, que tantas vezes ao despertar nos falam de acontecimentos ocorridos em sonhos, como si tivessem sido reais. Tambem ele, embora dormindo, via-se, entretanto, em ação, ajindo, pelejando, entregando-se ás occupações que enchem geralmente a vida do selvajem. Acordado, garantiam-lhe que ele não tinha saído.

O meio único de conciliar aquella contradição era admitir que dentro do seu corpo vizível havia um segundo corpo mais sutil, que podia sair do primeiro, afastar-se e agir livremente. E porque muitas vezes ele sonhava com pessoas mortas, isso provava que essas pessoas não tinham morrido de todo. A duplicata do corpo delas vivia ainda, separada



---

desse corpo. Vivia; e como exatamente a memória dos que tinham deixado fama mais terrível era provavelmente a que mais subsistia, com eles mais se sonhava. Apareciam em sonhos fazendo atos de barbaridade. Por isso mesmo, as almas — os duplos — eram temidos. Acreditava-se na sua ferocidade, tanto mais de receiar quanto se tratava de seres invizíveis. — Ainda hoje as almas do outro mundo não gozam de bôa reputação.

Certos estados aparentemente análogos ao sono confirmavam aquella noção de alma : a vertijem era um deles. Quando uma vigorosa paulada, com as pezadas maças que os selvagens uzavam, alcançava alguém na cabeça e o fazia cair, sem sentidos, o corpo ficava inerte como o de quem dorme. E a alma, o duplo? Acreditavam que, tal qual como no sonho, tivesse fugido.

Essa noção entrou tão profundamente nos cérebros primitivos que ainda hoje a linguagem corrente a conserva e nós falamos de alguém desmaiado, que recupera a plena atividade intelectual, dizendo que « voltou a si ». Voltou de onde? Da pátria dos duplos e das almas, a pátria do Sonho.

E aí está como desse fenómeno banalis-

---

simo nasceu uma das ideias que mais tem influido na civilização humana : a da existência e immortalidade da alma.

Dizer, entretanto, que esse fenómeno é banalíssimo não importa em afirmar que o seu mecanismo seja perfeitamente conhecido. Temos as melhores razões para saber que dentro de nós não ha um duplo que sai durante a noite para agir fóra do corpo; mas nem por isso deixamos de ignorar muitas couzas relativas ao sonho.

Sente-se, porém, á primeira vista, que devíamos sonhar. O contrario é que seria espantoso. Durante o sono todos os orgãos continuam a funcionar. A funcionar, si assim se pode dizer, em surdina, apagadamente; mas a funcionar. Coração, fígado, pulmões, movimentos peristálticos dos intestinos, contrações fibrilares dos músculos ; tudo continúa, embora mais lentamente, mas sem parar. Por que o cérebro pararia? Tambem ele continua a funcionar. E' uma atividade mais moderada e, si a expressão é permitida, mais disseminada. Mas é uma atividade que persiste.

Para comprehender a psicologia do sonho é preciso ter presente que o nosso cérebro é um orgão muito complexo. Tão complexo

---

que é difícil dizer bem o que se passa dentro dele a cada instante.

Si me perguntassem agora em que é que estou pensando, eu diria a verdade afirmando que estava procurando expôr a psicologia do sonho. Mas não diria toda a verdade. Às vezes, continuando a falar, a expôr um raciocínio qualquer a uma assembléa, o orador vê algumas fisionomias nota que elas estão mostrando agrado ou dezagrado, nota que não está sendo compreendido. O discurso vai continuando, sem que ninguém na assembléa dê pela menor interrupção. Mas ao mesmo tempo outra parte do cérebro está pensando : « Por aí V. vai mal. Preciza explicar isso de novo ». Não ha professor que não tenha tido tal sensação. Faz-se a lição, expõe-se o que se quer; mas ao mesmo tempo nota-se na classe a fisionomia de dois ou mais alunos, que deixam transparecer que ainda não entenderam. E começa-se e recomeça-se de outro modo o mesmo tema. Durante esse tempo, tem-se porém, nitidamente a consciência de que uma parte do cérebro está dizendo : « Fulano ainda não entendeu ». As vezes mesmo, a exposição segue calma, serena, imperturbavel — e, no entanto, lá está uma parte do cérebro a gri-

---

tar, impaciente : « Mas, afinal, como hei de eu me exprimir para aquele tipo compreender !? » Essa dualidade de pensamento é também clara, quando nós estamos, ás vezes, lendo em voz alta e, de repente, nos distraímos. A leitura segue, entretanto, clara, pausada, obedecendo á pontuação, mas sem que, quando chegamos ao fim da pájina, saibamos uma só palavra do que acabamos de lêr. São cazos em que uma pessoa se divide em duas. Mas pode dividir-se em mais.

Pierre Janet, experimentando com histéricas, ficava conversando de viva voz com uma delas ; conversa ativa, obrigada a perguntas e respostas imediatas. Um ajudante, tapando o braço direito da paciente com um pequeno biombo, fazia-a escrever certas perguntas. A mão, por si mesma, escrevia as respostas. Outro ajudante, durante esse tempo, tomava a mão esquerda e batendo nela primeiro *duas* e depois *trez* pancadas esperava a soma que a mão ia fazendo correntemente. Desse modo, ao mesmo tempo, uma só pessoa estava, por assim dizer, partida em *trez* : duas conversando, cada uma sua conversa distinta, e a terceira fazendo cálculos.

Esse exemplo não tem nada de muito extraordinário, quando a gente vê uma pes-

---

sôa que ao mesmo tempo toca piano e canta, ou toca piano e conversa. Seguir duas pautas de música, em que os sinais variam — e variam de significação com todos os acidentes; comandar, de acôrdo com essa significação, os movimentos das mãos e dos pés — e ao mesmo tempo, entreter uma conversa é uma prova da complicação enorme dos fenómenos cerebrais. Não basta dizer que é mecânico. Não é tal! A interpretação dos sinais da música exige um trabalho de intelição. Podemos não ter dele consciência; mas ha trabalhos de alta intelição inconcientes. Ao mesmo tempo, o mesmo sinal escrito na mesma linha da parte de cima e da de baixo, tem valores diferentes, si em uma pauta ha bemois e na outra ha sustenidos. É preciso pensar em tudo isso. — Pensar em tudo isso e conversar é o admiravel. Figurem quantas partes do cérebro estão simultaneamente occupados com todos esses trabalhos.

E, todavia, isso não ocorre só nesses momentos e mesmo quando a gente não pode mostrar a ação simultanea de várias partes do cérebro, como no caso das histéricas de Janet, no caso da pianista que interpreta uma música conversando, no caso do professor que faz a lição, comentando interior-

---

mente a expressão dos alunos, mesmo nesses casos mais complicados ainda nós só temos notícia de uma pequena parte da atividade cerebral. Falta muita, muita couza!

Ha uma parte do meu cérebro que está, por assim dizer, fiscalizando os batimentos do coração, outra está registrando os movimentos dos meus pulmões, todas as sensações internas que se rezumem numa palavra pedantesca e rebarbativa : a cenestezia. Não ha som, não ha forma que passe ou esteja diante de meus olhos de que meu cérebro não tenha notícia. Eu seria incapaz de dizer agora quantos chapéus claros ou pretos ha nesta sala. Mas si alguém, saindo eu d'aqui, me hipnotizasse e dissesse : « Veja a sala do Instituto » — eu vê-la-ia surjir tal qual como está aqui. « Conte quantos chapéus pretos ha nela », eu contaria tão bem como posso contar d'aqui. Isso prova que a impressão está dentro em mim.

Mais ainda. E' frequente que se procure a solução embaraçosa de qualquer problema sem acha-la. Deixa-se; trata-se de outra couza. De repente, a solução, em que nós julgávamos não estar pensando, surge-nos clara ao espírito. E' que, emquanto estávamos pensando concientemente em certa or-

---

dem de ideias, outra parte do cérebro estava continuando inconscientemente o trabalho relativo ao problema que nos preocupava.

Ha, de certo, em nós um centro superior de ideias, que reúne, que enfeixa, que associa as ideias concientes. O trabalho que ele faz a cada momento é consideravel. Quando, por exemplo, surge diante de nós uma pessoa conhecida, por que nós sabemos que ela é conhecida? Porque evocamos rapidamente todas as outras vezes em que a vimos e, atravez de suas variações, reconhecemos o que nela continuou estavel. Para tudo, a todos os instantes, o centro superior está fazendo um esforço, que nos escapa em grande parte, mas é consideravel. E, por isso mesmo, ao fim do dia esse centro é o mais fatigado, o que mais precisa de repouzo. E' exatamente ele cuja atividade cessa quazi completamente durante o sono.

E' preciso vêr o que succede com uma intelligência bem forte, bem ativa, em pleno estado de vijília : ha nela um grupo de pensamentos plenamente concientes. Todo o resto do trabalho cerebral, variado, simultâneo, distinto de ponto a ponto — todo esse resto perde-se na inconciência.

Um indivíduo lendo, mas distraido com

---

preocupação extranha á leitura, ora tem a consciência do que lê e perde a da preocupação; ora, ao contrário, segue a preocupação e continua a leitura inconscientemente. São dois grupos de quazi igual valor, que disputam a atenção. Abaixo deles ha sempre a multidão de sensações e de pensamentos inconcientes.

Uma histérica — essa está sempre oscilando. O centro superior de ideiação é como si estivesse com uma lanterna em contínuo movimento, iluminando aqui e ali, numa variação incessante.

Por fim, no sono, é a anarquia, é a escuridão. O centro superior não nos dá a consciencia nítida e predominante de nenhum grupo de ideias.

Havia na vigília um intenso foco de luz eléctrica iluminando uma parte do cérebro e deixando as demais na penumbra. Havia nos cazos que nós chamamos de distração um foco que ora pendia para um lado, ora para outro. Havia na histeria um foco de luz, oscilando doidamente, para aqui, para ali, sem nunca iluminar por muito tempo a mesma região. Ha, emfim, no sono o grande foco apagado. Acende-se apenas por todo o cérebro una lamparina. Existe ainda a luz bas-



---

tante para que todos os centros continuem a fazer um trabalho pequeno e discreto na penumbra, mas não se acha em ponto algum, claridade viva. O centro de ideiação baixou, como um bico de gaz de que se deixa um pequenino ponto de luz azulada, quazi como a de um vagalume... Só isso.

Já houve quem dissésse que a característica do sonho é ser absurdo. De dois modos se pode entender essa afirmação : em relação aos fatos que o fazem nacer e em relação ás cenas de que se compõe.

Em relação aos fatos que o fazem nacer, todos sabemos o que acontece. Pascal disse que a ferroada de uma pulga faz ás vezes sentir em sonhos um terrivel golpe de espada. As vezes tambem, o ronco do dormidor o leva a sonhar com audições de excellente múzica, que lhe foram todavia sugeridas pela múzica bem pouco muzical de um ruído incómodo. Uma dobra de lençol que nos magôa transforma-se em uma pedra sobre a qual caímos, depois de uma cena qualquer, que a imajinação fantazia, partindo dessa pequena sensação. Ás vezes, a sensação se completa em atos feitos durante o sono, mas interpretados fantasticamente pelo sonho.

Conta-se que dois viajantes chegando can-

sados a uma hospedaria aí acharam só um leito e nele tiveram de dormir juntos. Alta noite, um deles sonhou que tinha ido até o céu. Tinha ido como vizita. S. Pedro fez-lhe as honras da caza, mostrou-lhe o que havia de notavel por lá, apresentou-o ao Padre Eterno, ás Onze Mil Virjens e, enfim, como se diria em estilo terrestre, ás pessoas gradadas daquele lugar. Afinal, levou-o por uma enfiada de salas cheias de prateleiras, onde se via uma série de lâmpadas antigas, lâmpadas romanas, de óleo, com uma pequena aza ao lado. O sonhador perguntou-lhe que era aquilo. S. Pedro explicou-lhe que cada lâmpada equivalia á vida de uma pessoa : as que ainda tinham muito óleo eram das que viveriam por muito tempo, as outras, as dos que estavam quazi a morrer. Naturalmente, o homem teve vontade de ir ver onde estava a sua. S. Pedro levou-o até lá. No momento em que acabava de mostra-la ao vizitante, o Padre Eterno chamou o seu digno porteiro. S. Pedro disse ao homem : « V. espere aí que eu já volto. » E correu para atender ao chamado. O homem viu então que a sua lâmpada estava quazi vazia. Perto dela havia, entretanto, uma, cheiazinha : devia ser de alguma criança, e de uma criança fadada a

---

viver por longos anos. Veiu-lhe então a ideia criminoza de furtar o óleo do vizinho. Pegou depressa na lâmpada cheia e ia entorna-la na sua, quando uma chusma de anjos appareceu em torno dele, querendo impedi-lo de praticar aquelle crime. E quanto mais o homem, seguro á aza da lampada, forcejava para entorna-la, mais os anjos lutavam, até que S. Pedro, ouvindo grande barulho, acudiu e, furioso, assentou-lhe um murro, que o atirou por terra. Foi então que ele acordou.

A verdade é que, dormindo, encostara a mão á orelha do companheiro e tinha sido essa pobre orelha que funcionara como aza de lâmpada. O outro acordou com a dôr e lutou para desvencilhar-se do parceiro. Mas no sonho quem procurava tirar-lhe a mão eram os anjos. E quanto mais os anjos a puxavam, mais ele se aferrava á orelha, torcendo-a para derramar o óleo. Afinal, o outro decidiu-se e assentou-lhe um sòco que o fez acordar. Depois de ter dado contra a vontade a orelha para aza de lâmpada, decidiu-se a assumir o papel de S. Pedro e expulsar do céu aquelle vizitante indelicado.

Isso é talvez uma simples anedota. Mas pode contar-se alguma couza mais verídica.

O mais íntimo dos meus amigos intimís-

---

simos publicou em 1890 um conto intitulado — *Um rapaz alegre*. — Nele se narrava a história de um rapaz, o qual, sonhando que um companheiro se suicidára, tomou, mesmo dormindo, o revólver que tinha á mão e com ele matou-se.

Pois bem. Todos os jornais desta capital, no dia 9 de Maio de 1903 contavam um fato, de algum modo idéntico.

Um sujeito de S. José de Alem Parahyba, chamado Jozé Gonçalves, teve um sonho. Sonhou que á porta de sua caza um galo e um Perú estavam brigando. Ele interveio, quiz afasta-los : mas as duas aves pareciam furiozas. Desesperado, ele tirou um facão da cava do colete e começou a distribuir cutiladas em uma e outra, até que sentiu que o Perú estava mortalmente ferido... e acordou. Acordou banhado em sangue, porque, no sonho tirára a faca de sob o travesseiro e em si mesmo dera as cutiladas : o Perú mortalmente ferido era ele mesmo! Baixou assim á Santa Casa de Mizericórdia, onde, dizem as notícias, ficou sob os cuidados do Dr. Francisco Salles Marques.

Vê-se bem que foi a sensação da faca que lhe sugeriu toda a cena do sonho, sendo aliaz de notar que aí ainda ele percebeu real-

---

mente que era uma faca em que estava pegando. Em regra, porém, as sensações que dão lugar ao sonho transformam-se.

Maury, o primeiro autor que estudou seriamente os sonhos, conta que certa vez teve um, no qual se viu em plena revolução franceza, foi preso, processado, condenado, levado pelas ruas e guilhotinado. Acordou nesse momento. O sonho lhe tinha sido sujeito por um páu do docel da sua cama, que lhe caíra sobre o pescoço!

Que é o que se dá em todos esses cazos? Dá-se que o centro de ideiação não estando em pleno funcionamento, ou não reconhece a orijem da sensação ou faz um reconhecimento incompleto. Sentindo a faca debaixo do travesseiro o homem teve a noção exata dela, mas não teve a do lugar em que se achava : pensou que fosse na cava do colete e a essa ideia se associaram várias outras. Maury sentiu alguma couza cair-lhe sobre o pescoço. Essa sensação real foi mal interpretada. O centro da ideiação não fez trabalho completo. Ao seu engano se associaram logo outras ideias e d'aí aquele quadro da revolução. Os sonhos que nadem de uma percepção externa mal interpretada provam apenas que o centro de ideiação não está em

---

perfeita atividade. Ele começa um trabalho, que deixa em meio.

Pode-se dizer que estes sonhos são absurdos pela desproporção entre as sensações e as interpretações que recebem.

Mas o absurdo mais frequente é o que nos acontece quando a ação do sonho, que se desenrolava em um lugar, passa de repente para outro muito diverso; a conversa com um interlocutor se muda em conversa com outro interlocutor diferente.

Quando eu preparava esta conferência, sonhei certa noite que estava na Avenida passeando em bicicleta; de repente, levantei-me e comecei a falar; havia diante de mim, na rua, séries de cadeiras dispostas exatamente como as deste Instituto, cheias de senhoras e cavalheiros, aos quais eu explicava como os egípcios escreviam por meio de hieroglifos e, exatamente nessa ocasião, vi diante de mim o obelisco de Luqsor, que fica na praça da Concórdia, em Paris, e perto do qual eu ia de carro com um de meus filhos.

E' um género de sonhos muito vulgar. Todos os podem referir. Dessas bruscas transformações vem a fama dos sonhos de serem essencialmente absurdos.

---

Mas é uma fama injusta. Os estudos últimos sobre a psicologia do sonho explicaram perfeitamente esse fato.

Sempre que um psicólogo se dedica a estudar o sonho, reconhece que ha grande diferença entre os que ele tem, quando é acordado de um modo brusco no meio da noite e escreve imediatamente aqueles que o estavam occupando, e os sonhos de que nós nos lembramos, de manhã, acordando normalmente. A regra é que os sonhos da manhã sejam mais lógicos, mais concatenados. Não ha neles tantas vezes como nos outros essas bruscas variações : a ação encadeia-se mais regularmente.

Si se acorda uma pessoa no meio de um sono profundo e se obtem que ela diga logo, logo, sem a mínima tardança, com que é que estava sonhando, em regra, ela diz que estava vendo duas ou trez cenas, que não se ligam umas ás outras e cuja ordem cronológica a propria pessoa nem pode indicar com exactidão. E' preciso estar habituado á observação. E' preciso não ter surpresa alguma com o acordar e contar imediatamente o que estava occupando o pensamento. Um pouco de demora basta para alterar tudo. Si se dá tempo para fazer o acordar menos brusco, já o

---

sonho vem mais coerente. Já é uma só história, embora com diversos quadros; mas ordenada cronologicamente. Às vezes, a mesma pessoa que, ao despertar bruscamente no meio da noite, citou trez ou quatro cenas distintas e independentes, sem relação umas com as outras, si de manhã torna a contar o sonho, já o liga, já, por assim dizer, o arruma, já acha nexos entre os diversos quadros.

A verdade é que, quando alguém, acordado bruscamente, está habituado a observar-se e já sabe que deve ir logo, logo, dizendo o que estava sonhando, o que vê são quadros perfeitamente distintos. Cada parte do cérebro estava trabalhando a seu modo. Acordado o indivíduo, a atenção consegue surpreender ainda duas, trez ou mais cenas das que, com perfeita independência, iam seguindo o seu desenvolvimento aqui e ali, nas diversas circumvoluções do cérebro. O centro superior da ideiação, posto em atividade bruscamente, é como um inspetor de colégio, incumbido de fiscalizar muitos dormitórios. Quando ele desperta de repente, ainda apanha, em vários pontos, as travessuras que os alunos estavam fazendo em duas ou trez salas. Mas assim que ele se levanta,



---

a rapaziada toda se esconde, apagam-se as luzes de todas as salas e só uma fica trabalhando sob a sua direção. O mais perde-se, esquece-se. Si ele leva algum tempo a despertar, dá tempo a que todos se recolham e escondam. Os sonhos que nos parecem absurdos, porque começam num ponto e passam para o outro; porque nós nos vemos, ora vestidos de um modo, ora de outro; porque principiamos a conversa com alguém e acabamo-la com pessoas muito diferentes — são o resultado de uma reunião mais ou menos feliz de quadros que o nosso cérebro pensou distintamente. Absurdo, a bem dizer, não foi o sonho: foi a reunião que já, meio acordados, ou acordados de todo, nós fizemos de materiais, que não eram destinados a uma construção comum.

Refletindo, depois de se conhecer o processo que seguimos no sonho, podemos, ás vezes, decompor um dos sonhos que nos pareçam mais absurdos, nas cenas elementares de que ele se compunha. E' bem claro que isto só pode ser feito pelo próprio indivíduo que sonha, porque só ele pode reconhecer os materiais diversos, que ha na sua intelição.

Certo, no meu sonho, que eu lhes contava

---

ha pouco, havia trez quadros distintos, perfeitamente lójicos e simples, reproduzindo atos que eu tenho praticado mais de uma vez : passear de bicicleta na Avenida, fazer aqui conferências, ter passado pela Praça da Concórdia, em Pariz, junto do Obelisco de Luqsor. Tendo de ligar arbitrariamente essas trez cenas, ainda eu estava vendo a Avenida e já me apareciam como si estivessem nela as cadeiras desta sala. E porque, em Pariz, mais de uma vez eu expliquei a meu filho o que eram os hieroglifos do Obelisco, apareci no sonho fazendo uma conferência sobre a eserita dos Ejípeios.

Foi para mostrar este aspeto caraterístico do sonho, provando que o seu absurdo é mais aparente do que real, que se tornou preciso acima chamar a atenção sobre o modo pelo qual o cérebro trabalha na vijília e no sonho. Na vijília, um grupo forte de ideias, em plena consciência e todos os mais grupos inconcientes; na histeria, uma certa dezorganização, vários grupos de ideias e sensações, ora concientes, ora inconcientes; no sono, a completa independência de varios grupos, embora todos eles trabalhando com uma atividade muito frouxa, quazi apagada, em surdina...

---

E' preciso, porém, atender ainda a um ponto : dir-se-á talvez que a prova de que o trabalho de raciocínio conciente se continua a fazer durante o sono, ou pelo menos não é incompativel com ele, é que nós temos, ás vezes, sonhos longos, interessantes e, entretanto, perfeitamente lójicos, razoaveis, bem encadeados. É verdade. Mas os sonhos de que nos lembramos são sempre os dos primeiros ou dos últimos momentos do sonho. Dormimos seis ou sete horas e lembramo-nos apenas do que se passou durante dois a trez minutos, antes de acordar, exatamente quando o centro de ideiação recuperou a força. E' por isso que os sonhos do despertar natural são coerentes e bem ordenados. E' uma ilusão imaginarmos que um sonho, cuja ação parece ter durado horas, mezes ou anos, nos ocupou toda a noute. Lê-se um romance, cujo entrecho se dezenrola por dezenas de anos, em algumas horas. Ha portanto, na apreciação da duração dos sonhos um simples engano.

Sabido isto, pode-se dizer que o sonho nada tem de muito extraordinário. A verdade é que nós sonhamos sempre, todas as noites, desde que nos deitamos até que acordamos. O sonho é o pensamento do homem adorme-

---

cido — e o pensamento é uma função contínua do cérebro.

Mas para nós o que vale são os sonhos de que nos lembramos. Os outros não se contam. Aceito este ponto de vista, procurando-se saber quem mais sonha — ou o que vale o mesmo para uzo do público — quem mais se lembra dos sonhos que teve, todas as estatísticas acuzam que as mulheres sonham mais do que os homens.

Ha mesmo nos sonhos delas uma particularidade que falta nos nossos. Nós, homens, quando sonhamos, em geral não nos vemos : não temos a sensação vizual da nossa fisionomia, do nosso vulto. Sentimos apenas que eramos nós que estavamos fazendo tal ou tal couza. Ao passo que distinguimos perfeitamente os outras personajens, temos apenas consciência das nossas ações.

Mas quando as mulheres sonham é frequente que se vejam ajindo. O sonho lhes parece como um espetáculo a que estivessem assistindo da platéa, e em que no palco houvesse uma atriz, caracterizada, imitando-as.

Por que essa diferença? Por que nós, e naturalmente quando eu digo « nós » não aludo aos Petrónios, que têm pretensões a refinadas elegâncias, falo dos homens que

---

procuram no vestuário apenas o asseio e a correção — nós, os que estamos nesse cazo, pouco nos utilizamos dos espelhos : não temos a preocupação de saber como estamos aparecendo aos olhos dos outros. Não é esse o ponto de vista feminino.

Dir-se-á que isto é mais uma perversidade de algum observador masculino, para insinuar que as mulheres vivem frivolamente a namorar-se ao espelho? A observação é exactamente de uma senhora, a escritora russa Maria de Manacéine, cujo livro sobre o sono é uma obra magnífica. Já os francezes dizem correntemente que sempre quem nos trai são os nossos parentes ou amigos : *on n'est jamais trahi que par les siens*. De uma mulher devia, portanto, partir mais essa confissão das fraquezas do sexo.

No emtanto, é de crer que o primeiro sonho tenha sido de um homem. E terá talvez sido um pezadelo...

A Bíblia não fala nisso. Mas é lícito conjecturar que, si, quando uma pulga nos morde, nós imaginamos uma cena de duelo e sentimo-nos varados pela espada de um duelista ; si, quando um páu caiu sobre o pescoço de Maury, ele se viu degolado, Adão, quando o Padre Eterno lhe estava fazendo aquela

---

operação de alta cirurgia, que consistiu em arrancar-lhe uma costela, devia estar sonhando um sonho pavoroso, um pezadelo.

Compreende-se, porém, facilmente, que, ao acordar, vendo Eva junto de si, não pensasse mais no sonho, por estranho que fosse, quando a realidade era tão maravilhosa!

Em todo caso, si a Bíblia não fala nesse sonho, fala muito em sonhos de homens. Dos de mulheres não se ocupa. Em regra, aliaz, nas suas páginas, ela admite os sonhos como profecias. Ninguem desconhece os sonhos célebres de Jozé, indicando-lhe que havia de dominar os pais e os irmãos; ninguem esqueceu como ele interpretou o sonho de Faraó sobre as 7 vacas gordas e as 7 vacas magras. A escada de Jacob, o sonho de Nabucodonozor e tantos outros, são exemplos de sonhos proféticos. Mas, em compensação, vários pontos ha em que a adivinhação pelos sonhos é formalmente condenada.

No livro de Job, um dos piedozos vizi-tantes diz ao pobre homem que Deus habitualmente se manifesta, ora uma, ora duas vezes, « por sonho de visão noturna, quando cai sopôr sobre os homens e estão dormindo no seu leito e então abre os ouvidos dos

---

homens e, admoestando-os, os adverte sobre o que devem fazer ». Mas com isso não concorda o Ecclesiastes. Ele diz que « onde ha muitos sonhos, ha muitas vaidades » e Jeremias, profeta célebre pelas suas lamentações, é ainda mais categórico, porque declara que Deus — Deus em pessoa — lhe mandou dizer ao povo : « não façais caso dos sonhos que vós sonhais. »

A teolojia hezita. Hezita, ou pelo menos, distingue. Acha que ha sonhos provenientes do temperamento, « que vem dos vestijios que os objetos formaram durante o dia ». « sonhos que vem do Demónio » e algumas vezes tambem de Deus, « que quer fazer conhecer aos homens sua vontade ». O difficil ha de ser o reconhecimento dessas oriens múltiplas, tanto mais quanto não ha plajiário maior que o famijerado Satanaz, que vive a imitar as obras do seu augusto concorrente...

Nos sonhos proféticos quazi todos os povos acreditaram. Entre os gregos e os romanos chegaram mesmo a constituir um ramo de medicina : os doentes iam a certos templos, eram obrigados a um rejimen dietético especial e deitavam-se para sonhar com o remédio que os devia curar. Era um excelente processo de auto-sujestão. Por

---

isso mesmo nada mais natural que se curassem, tal qual como em La Salette, em Lourdes, na Aparecida...

Mas ha um género de profecias que os sonhos frequentemente dão : as profecias de moléstias. Aí, não ha nada de maravilhoso. Certas enfermidades tem um período de incubação mais ou menos longo, antes de se fazerem sentir fortemente. O individuo julga-se bom e já, entretanto, a moléstia está em início. Nesses cazos, não é raro que sonhe com ela. Por que? Porque as fraquíssimas sensações da parte, que apenas começa a estar mal, não podem, durante o dia, vencer a intensidade das outras sensações que nos assaltam. Em uma sala, onde ha gente falando, trabalhando, ajindo de varios modos, ninguem percebe o tic-tac de um relójo. Mas, de noite, quando todos os rumores internos e externos cessam quazi completamente, o tic-tac sòa distintamente, com uma nitidez que espanta, uma nitidez que, ás vezes, nos incomoda. Assim, emquanto o organismo está sentindo impressões muito fortes, durante o dia, não tem consciência de pequenas impressões deste ou daquele ponto do organismo, impressões que no sono assumem uma nitidez maior. Nem sempre o sonho



---

fornece a imagem da moléstia futura : ás vezes, é uma simples indicação. A pessoa que, uma noite, se sentiu mordida em sonhos por um cachorro imaginário, tem, dias depois, no ponto da dentada, um tumor. O sonho foi provocado pelo tumor que começava a formar-se. Os acessos de anjina anunciam-se assim, muitas vezes, por pezadelos em que alguém ou alguma couza procura sufocar a pessoa que dorme.

Conhece-se, entretanto, um sonho que é profético. Sempre que ele ocorre, é lícito prever o que sucederá a quem o tiver.

Imajinem que um homem cazado sonha que é solteiro. Que é o que se lhe pode profetizar?

Que, de manhã, ao acordar, sentirá uma grande decepção... Uma grande decepção, por sentir que é cazado!

Ás vezes, se diz de alguém que « vive em sonhos », que « vai seguindo o seu sonho ». Isso é verdade mais frequentemente do que parece. Certos dias de tristeza, certas impressões incompreensíveis de alegria ou de esperança, podem perfeitamente provir de sonhos — sonhos de que nós não guardamos a mínima lembrança, e que, no emtanto, se refletem sobre a nossa conduta.

---

Janet e outros autores provaram que muitas histéricas devem a sua moléstia a alguma cena fantástica vista em sonhos. D'aí lhes nace o primeiro ataque. Quando se consegue achar essa cauza, de que a doente, acordada, não tem a mínima ideia, é, ás vezes possível cura-la.

Mas as profecias que o espirito imaginozo do povo se compraz em achar nos sonhos são as de fatos que se passam a distância: de mortos queridos que aparecem, de cenas cuja realidade não poderíamos suspeitar, si estivéssemos acordados.

Ha efetivamente exemplos numerosos e autênticos de sonhos proféticos.

Seria possível referir um grande número dos que figuram em todas as coleções de anedotas. Mas vale antes a pena contar um pequeno epizódio ocorrido em Londres.

Uma moça saiu de caza, annunciando que ia vizitar uma velha tia. Lá, entretanto, quando a foram procurar, não a encontraram. A tia disse, porém, que não tinha dúvida alguma de que ela se suicidára, atirando-se ao rio Támiza. Essa certeza lhe vinha de um sonho. Como o fato era possível, a polícia de Londres mandou logo que fizessem em certo ponto do rio a dragagem conveniente para a procura

---

do corpo. Nada se achava. A velha foi assistir ás operações e sem a menor hezitação indicou o lugar exato em que se deviam fazer as pesquisas e onde imediatamente se encontrou o corpo.

Fatos desta natureza são numerosos. E' possível que a todo o momento estejam chegando a nosso cérebro communicações partidas de muitos outros. São, porém, tão fracas, que não podem entrar em competição com as sensações fortes, imediatas, que disputam a nossa atenção. O que, porém, não conseguem na vigília, alcançam no sono. Certo, a moça que se ia afogar, terá pensado naquele angustioso momento na única pessoa a quem estimava profundamente — e o que ela estava vendo nesse instante decisivo terá passado do seu cérebro ao cérebro da tia, como a transmissão de um telegrama pelo telégrafo sem fios.

Emfim, seja qual fôr a explicação, é positivo que ha numerosos exemplos de sonhos extraordinários, sobretudo da vidência a distância de cenas, que realmente se estão passando. Os de profecias de fatos que hão de ocorrer a outras pessoas são, talvez possíveis, mas muito mais duvidozos...

O Prof. Georges Dumas observou um fato

---

interessante. Um dos livros que mais se vendem na França é o *Grande Intérprete dos Sonhos*. Pois bem : esse volume popularíssimo, que tem tido centenas de edições, quasi todo se bazeia... nos hieroglifos do Egipto. Todos sabem que os egípcios uzavam a escrita ideográfica. As palavras se escreviam, não com letras, mas com desenhos. Desenhos simplificados, reduzidos a linhas convencionais. Assim, para dizerem *abundância*, traçavam uma *palmeira*. E havia um símbolo para cada palavra.

O *Grande Intérprete dos Sonhos* adotou a interpretação dos hieroglifos. Quem sonha com uma *palmeira* terá *fartura*, terá *abundância*. E assim para o mais.

O que restaria vêr era si isso veio como uma tradição popular, desde os tempos antigos até agora, ou si foi apenas a habilidade de um fabricante de livros de exploração popular, que tomou um dicionário ideográfico de termos egípcios e fez a sua transcrição.

A primeira hipóteze não tem nada de absurda, porque todos sabem como certas credices se perpetuam no povo. Por que ainda hoje o sal entornado na meza é de mau agouro? Por cauza de um lonjínquo costume ha muito perdido. Para um egípcio,

---

é de crêr que sonhar com uma palmeira, fosse realmente sonhar com a fartura, pois que uma couza era símbolo da outra.

Torno a dizer : a hipóteze nem é impossivel, nem absurda. Parece-me, porém, até prova do contrário, improvavel.

Deixado de parte o que ocorre com o *Grande Intérprete dos Sonhos*, o que se nota mais frequentemente quando se abre um livro qualquer sobre a interpretação destes, é que, em regra, ela se bazeia no principio de contradição. E' o oposto daquilo com que se sonha que parece a significação do sonho.

Assim, num dos livros mais completos a este respeito eu achei que vêr um matadouro é signal de alegria. sentir o gosto amargo do absinto é prenuncio de um proximo contentamento ; sonhar com o fedor de alho é ter a certeza de que a mulher com que nos cazaremos (parece que este sonho é só para rapazes solteiros) terá um hálito deliciozo. E assim por diante. Muitas destas interpretações são fantazias de fazedores de livros de exploração popular. Mas ha uma que é realmente uma crença universal.

Em todos os livros de costumes populares se encontra. E, infelizmente, eu não a posso

---

citar! Trata-se de couza a que a mínima alusão é inconveniente embora a audácia em evoca-la energeticamente tenha constituido um dos títulos de gloria do célebre general Cambonne. E é exactamente aos sonhos com isso que o povo attribui o melhor dos augúrios : a promessa de abundância, a certeza de próximo recebimento de dinheiro !

Não é possível imaginar que essa crença se tenha espalhado pelo mundo inteiro sem uma baze qualquer. Spencer disse que em toda mentira ha uma alma de verdade.

Esse princípio da interpretação dos contrários veio de uma observação fziolójica. Em regra, nós sonhamos com o contrario das nossas preocupações. Os tristes tem sonhos alegres. Os alegres tem sonhos trágicos. Parece que durante a vijília, quando uma preocupação nos assoberba, ela cança, ela esgota a parte do cérebro com que pensamos. Exatamente a parte que poderia pensar o oposto está descansada e por isso mesmo, durante o sono, revela maior actividade.

Foi dessa observação, até certo ponto justa, que nasceu o princípio geral de interpretação da couza sonhada pelo que lhe fosse exactamente oposto e que se chegou ao

---

exemplo a que aludi — e que lhes peço que não imaginem que fui escolher só pelo gosto de tomar um caso absolutamente *shocking*. Não. O exemplo tem realmente de notavel que é o único sobre o qual o acordo dos interpretores de sonhos em todos os povos do mundo é perfeito e completo.

Mas, a bem dizer, não é exatamente com os contrários que nós sonhamos. A regra é mais geral : nós sonhamos com outras couzas, couzas diferentes daquelas que nos ocuparam durante o dia ; futilidades que quasi não mereceram a nossa atenção apparecem exageradas nos sonhos.

Certos fatos, como os grandes crimes, parece que deviam encher a imaginação dos criminosos e perturbar-lhes os sonhos. Um escritor portuguez que, mais tarde, veio a assassinar a mulher, Vieira de Sá, exprimia essa ideia nos seguintes versos — que aliás não são um prodígio de beleza — em que ele cantava o sono :

Tambem curvado ao pezo do remorso,  
por mais feliz que seja, o criminozo  
debalde descançar em ti procura ;  
em troca do repouzo, que demanda,  
encontra sempre em ti o pezadelo.  
Das vítimas que fez os vãos espetros

são demónios que o peito vem calçar-lhe.  
Agro martírio és para ele, ó sono,  
que a sua alma imortal já sofre em vida  
as torturas do inferno!

O autor se esqueceu depois de dizer si verificou a sua teoria. Mas De Sanctis, que interrogou longamente os condenados de uma prisão onde ele servia como médico, achou que de 93 apenas 22 tinham sonhado com o delito; mas mesmo desses 22 — onze haviam recordado em sonhos o fato criminoso sem a mínima emoção, como uma cena a que estivessem assistindo.

Aliaz, isso confirma o que se sabe sobre o remorso : os grandes criminosos não costumam ter remorsos. E' talvez mais frequente que as pessoas honestas sonhem com crimes, do que os criminosos. Ha nisso uma nova applicação daquelle principio dos contrários, que nos leva nos sonhos a pensarmos de preferéncia no que não nos occupou durante a vigília.

Já tem havido, entretando, grandes pensadores para sustentar que a nossa verdadeira natureza se revela no sonho : *dize-me o que sonhas, dir-te-ei quem és*. Nietsche, o obscuro e genial filózofo alemão, afirmou que nada é mais nós-mesmos do que o sonho,



---

porque nessas comédias nós somos o cenário e os personagens, a forma e a ideia. Durante o dia recalcamos para dentro de nós a manifestação de certos pensamentos, que as convenções sociais consideram imorais e criminosas. No sonho, eles se desforram. Mas eles é que são realmente o nosso eu, a nossa personalidade exata. E Nietsche descobre que os criminosos em sonhos, si não chegam a ser criminosos de fato, são pelo menos almas delinquentes, propensas ao mal e que só o medo do castigo constranje ao bem.

Aquela escritora russa de que acima lhes falei, Maria de Manaceïne, dá uma explicação mais amavel para certos sonhos que estão em absoluto dezacordo com a nossa índole : ela acha que alguns deles são atávicos, são herdados ; pensa que ha no nosso cérebro ideias hereditárias, que na vijília não se fazem sentir, mas que no sono podem aparecer. Assim, quem sonha um assassinato... é que terá tido um avô assassino, ou pelo menos um avô de maus bofes...

Um velho rifão diz : *morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho*. Entre Nietsche e Maria de Manaceïne, é o cazo de nós dizermos, quando tivermos algum sonho

---

criminozo : *bandido por bandido, seja bandido meu avô, que já morreu...*

A teoria não é, em ultima análise, absurda. Alguns autores citam cazos de sonhos atávicos em animais. Contam, por exemplo, que certos cães da Terra-Nova, creados desde pequenos lonje do mar e dos rios, não tendo jamais nem nadado, nem visto nadar, fazem, sonhando, movimentos de natação. Estarão em sonhos, nadando? Si estão, si os animais podem herdar ideias de veneraveis cachorros ancestrais, não ha razão para que nós tambem não tenhamos sonhos atávicos.

E seria realmente belo e consolador, si se podesse provar que eles existiam. Sentir-nos-íamos mais unidos á cadeia dos que vieram antes de nós. Teríamos a esperança de que qualquer das ideias, que hoje afagamos sem poder realizar, renaceria talvez amanhã em algum dos nossos decendentes, que conseguiria fazer o que nós não podemos alcançar.

Mas o ideal em matéria de sonhos estaria em podermos sonhar o que quizéssemos. Pois que temos todas as noites de passar de sonho em sonho, que ao menos podéssemos escolher á nossa vontade, sinão o entrecho completo, ao menos o assumto.

A gente do povo, que concilia o catoli-

---

cismo com um pouco de feiticaria, recorre á Santa Helena quando quer sonhar. A oração de Santa Helena é famosa para esse efeito. Como geralmente se sabe, attribui-se a Santa Helena ter descoberto a cruz em que Cristo morreu. Garante a lenda que o fato lhe foi revelado em sonho e ela, tendo achado a cruz e os tres cravos que pregavam Cristo, atirou um ao mar, para acalma-lo deu outro ao filho para fundi-lo na sua coròã; com o terceiro Constantino fez o freio do seu cavallo, crendo que assim conseguiria grandes vitórias. A oração omite esta última parte e diz :

« Beata Santa Helena, moura fostes, cristã vos tornastes, na pedra mármore vos recostastes, nela dormistes e sonhastes, a cruz do Cristo era perdida e vós a achastes. Dela vós tirastes trez cravos, um botastes no mar para ficar sagrado, o outro vós déstes ao vosso filho Constantino para com ele vencer guerras e batalhas; o outro vós ficastes com ele. Este com que ficastes peço-vos que me empresteis por esta noite para me mostrar (aqui se pede o que se dezeja) mostrando-me tambem cazas caiadas, campos verdes e aguas correntes. »

« Dito isto, rezam-se tres Salve-Rainhas;

---

mas trez Salve-Rainhas incompletas, até onde essa oração diz « e depois deste desterro nos mostrai... » Pára-se aí e dorme-se. Si veio o sonho que se dezejava, relativo á consulta que se fez, sonho que deve ser seguido da vizão de cazas brancas, campos verdes e aguas correntes, pela manhã se completam as trez Salve-Rainhas.

Quem me ditou essa oração garante — o que eu não duvido — que dela tirou excellentes resultados. O autor da oração está, porém, enganado na conta dos prégos da cruz, porque ha nada menos de 27 igrejas onde se mostram á adoração dos fieis prégos da Cruz. E mesmo de Santa Helena existem quatro corpos, em várias igrejas, e uma cabeça avulsa, a mais, na Cathedral de Colónia.

Mas, emfim, é melhor o recurso a essa oração do que o uzado pelas feiticeiras da idade-média, que faziam uma pomada, da qual um dos ingredientes era a gordura de criancinhas, dezenterradas para isso ! Nesse unguento entravam tambem várias outras substâncias anesteziantes da pele. Pode-se ter como certo que essa droga era eficaz. Compreende-se bem que para alguém tentar a violação duma sepultura e tirar a gordura de um cadaver de criança, precisava ter uma

---

fé muito robusta no éxito do remedio. De mais, é sabido que a anestezia da pele, dá em sonhos sensações agradabilíssimas de vôo.

As duas couzas somadas, a sugestão poderosa e o efeito das drogas, não podiam deixar de produzir um resultado extraordinário.

Sem incomodar Santa Helena, nem dezenterrar defuntos, um experimentador uzou de um sistema excelente. Habitou-se a ligar fortemente a lembrança de certa pessoa a determinado perfume. É necessario tomar um perfume raro, exótico e característico. Um perfume que ninguem se arrisque a encontrar frequentemente. Escolher, por exemplo, a agua de Colónia, a essência de rozas ou outro assim, seria um erro. Ao principio, o experimentador cheirava um lenço molhado no perfume, olhando para o retrato da pessoa. Depois, acostumou-se a, sempre que sentia aquele cheiro, fechar os olhos e evoca-la com toda a nitidez. Tudo está, como facilmente se comprehende, em estabelecer uma associação de ideias entre determinada imajem vizual e determinada excitação olfativa, de modo que não seja possível ver aparecer uma sem que a outra se lhe siga. Depois de algum tempo desse *entraine-*

---

*ment*, desse exercício metódico, não uzando de modo algum o perfume escolhido sinão quando fazia a evocação, pedia a uma pessoa que, quando estivesse dormindo, puzesse sutilmente perto dele um lenço perfumado com o aroma e logo apoz o acordasse. Por isso mesmo, o bom momento para fazer a experiência é, de manhã, á hora normal de despertar. A experiência dá quazi sempre bom rezultado.

Quando se diz a alguém que deve acordar a pessoa que dorme logo apoz, uma objeção surge : « *Mas, assim ela não terá tido tempo de sonhar nada!* » É uma iluzão : os sonhos que parecem ter durado longamente foram, já ha pouco o mostramos, o produto de alguns minutos, ás vezes mesmo, de alguns segundos.

Mas o melhor dos processos para obter sonhos á vontade é o hipnotismo. Diz-se ao paciente : « *De manhã, quando chegar o momento de acordar, terá um sonho muito agradável em que figurará tal ou qual pessoa. Imediatamente apoz, acordará, lembrando-se nitidamente do sonho.* » É uma sugestão facilima.

Restaria, porém, saber si, já que, em regra, não podemos dirijir os sonhos, não

---

valeriã, mais a pena dispensarmo-nos de tê-los, ou ao menos de lembra-los.

Quando se correm os provérbios populares das varias nações, em quazi todos se encontra o conselho de que não se deve acreditar em sonhos.

De bom sonho nada esperes  
nem de mau te dezesperes.

Mas um provérbio suíço acha que « um sonho é sempre um amigo ». Si é bom, exultamos, sonhando; si é mau, temos o alívio de, ao acordar, vermos que era falso.

Hamlet, pensando em morrer, hezitava com o temor dos sonhos que ha talvez na morte :

Morrer, dormir. Dormir? Sonhar? Quem sabe?  
Essa é a dúvida. Ao perpétuo sono,  
quando o lodo mortal despido houvermos  
que sonhos hão de vir?

Não virá de certo nenhum : esse é seguramente o único sono sem sonhos... E talvez exatamente por isso seja tão pavorozo.

A poetiza admiravel, que é Julia Cortines, disse que só na pátria do Sonho é que ha glória e vida e prazer :

---

Vem! o Sonho me diz, e a sua mão me acena  
sobre uma aza que vibra, e se estende e se eleva.  
Sobe! sobe! A' rejião afastada e serena  
das estrelas o vôo ousadamente leva!

A vida corre sempre amargurada ou seva;  
a esperança atraíçoa e a paixão envenena.  
Nada vale a embriaguez da poezia que enleva...  
Paira acima da terra onde habitas, sem pena.

E' mais formozo e puro o paiz da quimera:  
— o aroma fresco, o céu azul, a arajem branda;  
azas fremem á luz de um sol de primavera.

Glória, vida e prazer — tudo esse mundo encerra.  
— Pensa, ó alma infeliz, ó alma miseranda,  
que nada existe assim sobre a face da terra.

O sonho é um dos fenómenos que mais rezistem á *despoetização*. Em regra, quando a ciência analisa muito de perto um fenómeno, tira-lhe a graça, o encanto, o sabor de mistério.

Com o sonho não succede isso. Ela nos diz que ele é produto da atividade do cérebro, desgovernada e independente. Mas diz também que essa atividade se exerce principalmente sobre aquilo que não nos enche intensamente o pensamento durante o dia.

Ora, na nossa vida, na labutação quotidiana, o que mais vezes encontramos é a



---

traição, é a baixeza, são as mesquinhas da existência. O sonho nos consola um pouco de tudo isso. Mesmo quando ele é banal, a sua banalidade se faz de imagens, que ao menos tem o mérito de não nos terem ocupado o espírito nas horas de vigília. E' um momento de folga, são as férias diárias da inteligência, quazi sempre cansada, magoada, amargurada.

Mais de uma vez acima eu expuz o que chamei o *princípio dos contrários*, princípio que serve frequentemente á interpretação dos sonhos. Agora, porém, o meu maior desejo é que não vos queixeis muito de sua aplicação a esta conferência e me perdoeis si, tendo vindo buscar um sonho bom, que vos fizesse passar uma hora alegre e despreocupada, eu vos servi, pela monotonia, pela insipidez, pelo enfado da minha palavra, não um sonho gracioso e leve; mas um pezadello dezagradavel...

---



## SOUVENT FEMME VARIE...

~~~~~

CONFERÊNCIA PROFERIDA PELA
PRIMEIRA VEZ EM S. PAULO, EM
1909.

DUAS vezes esta conferência foi adiada. Má recomendação, porque aquilo que muito se faz esperar parece que fica na obrigação de ser fino e precioso. No entanto, qualquer que fosse o estratajema oratório de que eu me servisse para atenuar o dezencanto que ides sofrer, nem por isso ele dexaria de produzir-se — de produzir-se tão fortemente, que eu nem o procuro disfarçar.

Mas deste duplo adiamento vem ainda uma recomendação peor para esta conferência : é que as minhas formozas ouvintes começaram a sua desforra antes mesmo que eu tivesse proferido uma só palavra. Si *souvent femme varie*, já está demonstrado que os homens não variam menos ; variam até nisto : em marcar datas de conferências.

De resto, não é minha intenção nem tentar a demonstração da inconstância feminina como quem buscasse provar uma teze, com rigores de dialética; nem também me limitar á volubilidade de um só dos sexos. Falando da feminina, vale a pena falar também da masculina. Afinal, essas duas inconstâncias são solidárias; entre si se explicam e justificam.

E' força convir, entretanto, que a das mulheres é apontada ha mais tempo e com maior veemência.

A isso elas respondem que nós estamos no cazo daquele pintor de Lafontaine, que pôz na tela enorme leão subjugado por um homem. Um leão, que viu o quadro, criticou-o com justiça :

Deveis o triumpho vosso
á ficção, blazonadores!
Com mais razão fôra nosso,
si os leões fossem pintores.

Assim, si as mulheres aparecem mais vezes como voluveis e inconstantes é talvez porque a quazi totalidade dos historiadores tem sido do sexo masculino.

Vale a pena atender com perfeita lealdade a esta objeção.

Não haveria, porém, um meio de remontar ás orijens do mal e ver como nasceu na humanidade a inconstância?

A tarefa é delicada; mas talvez não seja impossivel. Talvez não seja impossivel saber si foi um homem ou si foi uma mulher que, primeiro, deu o exemplo da inconstância.

E é ainda provando assim a minha perfeita imparcialidade que não duvido aceitar para essa pesquisa a narrativa da Biblia

Adão e Eva estão fora do debate. Nenhum dos dois tinha mérito em ser fiel. Faltava-lhes o que nós poderemos chamar a matéria prima para a infidelidade: nenhuma mulher, que Adão pudesse cubiçar, nenhum rapaz, que Eva pudesse preferir ao seu lejítimo espozoz.

Alguns acharão que, ao menos desse ponto de vista, Adão foi feliz: estava seguro da constância da espozoz. Outros dirão que isso não compensava a sua tristeza de não poder ser inconstante...

Em todo cazo, como onde não ha el-rei o perde, nenhum dos dois teve virtude.

Depois, o mundo se povoou com os cazamentos dos filhos e filhas de Adão e Eva. Mas o curiozo é notar como esses filhos e filhas foram nascendo. Si depois de cada homem

viesse uma mulher, tudo estaria arranjado : os pares se iriam formando regularmente. Não parece, entretanto, que tenha sido isso o que aconteceu. Naceu primeiro Caim, depois Abel. Só apoz é que o Génezis fala em filhas. Logo, quando appareceu a primeira, já encontrou pelo menos dois candidatos. — Era um convite á inconstância...

Um teólogo celebre, o Padre Mersenne, emitiu a esse respeito uma opinião muito curiosa.

E' bom advertir que o Padre Mersenne não pode ser considerado um tipo vulgar. Ele foi no século 17 um homem de raro valor. Não era um padre de crenças dúbias. Deixou numerosas obras de teólojia, em que não revelava a mínima contemplação com os incréus, a quem chamava redondamente : « esses bandidos », « essa porção de canalhas ».

Mas por outro lado era homem de grande inteliência. Foi amigo de Galileu, amigo de Gassendi, amigo, procurador e defensor de Descartes. Mersenne fez experiências notaveis de física. Deixou a esse respeito e a respeito de matemáticas livros importantes.

Pois bem : este grave teólogo sustentou que a briga de Caim e Abel foi devida a uma rivalidade feminina. A obra em que ele fez esta

asserção não é um pequeno folheto de meia-dúzia de pájinas ; é um grosso in-fólio. Basta dizer que esse ponto está tratado na pájina 1431 ! (1).

Esse livro, aqui o confesso, nunca o li. Achei a citação do fato em uma obra do célebre escritor inglez Thomas Quincey, que insiste com igual espanto na doutrina do padre e na pájina 1431, mas infelizmente não diz que razões o autor alegou.

No tempo dele não se tinha ainda divulgado aquella fórmula celebre : « Cherchez la

(1) Tive curiozidade, anos depois de proferida esta conferência, de verificar em Paris, si a citação era exata.

E'. Está efetivamente na pajina 1431 do livro *Questions celeberrimæ in Genesim*. Um inquerito que fiz, por meio de *L'intermédiaire des Chercheurs et Curieux*, revelou-me a orijem da extranha ideia do Padre Mersenne.

Ha, de fato, entre os maometanos a ideia de que o assassinato de Caim proveio de uma explozão de ciume. Dizem elles que Caim teve uma irmã gêmea, chamada Aclima. Abel teve tambem uma irmã gêmea, chamada Lebuda. Adão e Eva decidiram que Caim se cazasse com Lebuda e Abel com Aclima. Como, porém, Aclima era mais bonita, Caim protestou. D'ái o ciume.

Já, porém, na narração do Padre Mersenne figura outro nome, *Amama*.

A igreja católica não aceita nenhuma dessas versões. A minha é, portanto, tão heterodoxa, como a do Padre Mersenne. Em todo cazo, o incontestavel é que a Bíblia só fala em filhas de Adão e Eva, depois de Caim e Abel.

femme! » — fórmula que insinúa haver fatalmente em todos os crimes a influéncia de uma mulher. Talvez, entretanto, ele já tivesse aquella opinião.

Em todo cazo, é claro que, tendo apparecido a primeira noiva possivel, quando já havia pelo menos dois candidatos, a inconstância só podia ser dela.

Um dos cuidados dos juizes, quando instruem um processo, é procurar reconstituir o crime. Uzando desse direito, tantos mil anos depois dos fatos terem occorrido, podemos imaginar como as couzas se passaram. Caim e Abel terão requestado a noiva única, que se lhes oferecia. Ao princípio, ella preferiu Caim, o mais velho. Depois, Abel, com a sua mocidade, a terá seduzido. D'aí a rivalidade, o ódio.

Si essa narração é verdadeira, Caim tem sido muito caluniado. Victor Hugo errou a poezia extraordinária que lhe fez. Lecomte de Lisle não comprehendeu tambem o estado de alma desse velho criminozo. O primeiro crime foi um crime *chic*, um crime passional. Si Adão tivesse constituido um júri para julgar o filho (é verdade que faltavam os jurados) Caim teria tido uma absolvição triumphante...

Assim, examinando as couzas com toda a imparcialidade, é forçozo convir que a inconstância deve ter entrado no mundo pelo lado feminino. Nada admira, portanto, que nele se tenha conservado...

Mas poderá alguém dizer que, mesmo admitindo aquella orijem da inconstância, o que precisamente se trata de averiguar é si ela passou a constituir uma característica da psicologia feminina.

Para isso o que conviria fazer era correr rapidamente a história universal e tomar o depoimento de todos os pensadores de todas as classes.

Seria esmagador!

Poderíamos arredar os poetas, porque são geralmente fantazistas e exajerados. Desde que sofrem uma pequena ferida na sua vaidade, começam logo a clamar maldições, como aquele bardo célebre, que Antonio Feliciano de Castilho popularizou, e que dezejava matar, afogando-as, todas as mulheres :

« Podesse uma só nau contê-las todas,
e o piloto fosse eu! »

A leviandade feminina se afigurou, mesmo aos poetas, como uma couza tão axiomática, que nem lhes pareceu necessário variar o

modo de dize-la. Nenhum autor de taboadas, escrevendo que 2 e 2 são 4, acha que está fazendo un plájio das taboadas anteriores á sua : está repetindo uma verdade. Grandes poetas procederam do mesmo modo, a propósito da volubilidade das mulheres. Tasso tinha dito :

Femina, cosa mobil per natura.

Veio Petrarca e repetiu a mesma sentença com as mesmas palavras :

Femina é cosa mobil per natura.

Mas, ainda uma vez, os poetas são, em geral, psicólogos deploraveis e para proceder com a frieza austera de um juiz ponho de lado, sumariamente, todos os seus depoimentos contra o sexo, que eles tratam com tanta ingratição e que é, todavia, quem mais lhes tem fornecido pretexto para os seus poemas.

Vale, entretanto, a pena abrir uma exceção para um poeta psicólogo, que é tambem um dos grandes romancistas da França contemporânea. Trata-se de Paulo Bourget. Si eu proponho uma exceção a seu favor, é exactamente porque ele expoz na sua *Fiziolojia*

do Amor Moderno uma teoria que desculpava todas as inconstâncias, tanto as femininas como as masculinas. Testemunhas a favor do réu nenhum juiz pode afastar.

Bourget formulou este princípio : « Cada mulher só ama um só e mesmo homem. »

O que, porém, ele assevera é que esse homem é um tipo ideal que ela traz na sua fantasia. Declarando-se apaixonada por este ou por aquele, está certa de que encontrou a realização do seu sonho íntimo. Mas depressa a convivência a dezluda. Verifica então que ele, em parte realiza, mas em parte muito maior se afasta da figura que dezeja. Deixa-o. Mas deixa-o para ir sempre em busca do mesmo tipo. E Bourget escreve num risonho paradoxo : « Mas sua inconstância é uma constância ; sua infidelidade uma fidelidade. Ela julgará ver no seu segundo amor o homem ideal que tinha julgado ver no primeiro — exatamente o mesmo. E isso é tão assim, quer no moral, quer no físico, que comparando os diversos « caprichos » de uma rapariga ou de uma grande senhora — eu falo dos caprichos sinceros — fica-se espantado da fixidez dessas almas, que passam por volúveis. »

Toda essa teoria é um gracejo. Bourget a

fez para as mulheres, Hinzelin a poz em verso para os homens, dizendo que cada um deles só tem um amor, embora sob as formas as mais contrárias :

Nous croyons aimer bien des fois.
 Nous comptons même sur les doigts
 mille passions téméraires.
 On les distingue, on les confond...
 Hélas, on se trompe, mes frères;
 on n'a qu'un seul amour au fond,
 sous les formes les plus contraires...

Mas esta metafísica da inconstância não ilude ninguém.

Afinal, é positivo que essas duas testemunhas de defeza não são sérias. Elas não negam o crime. Justificam-n'o capciozamente.

Pois que o autor da fraze célebre : « Souvent femme varie ; bien fol est qui s'y fie » — é um rei, podíamos passar a indagar da opinião conhecida de alguns reis.

Mas, para começar, convém dizer que Francisco I nunca proferiu exatamente aquela fraze. Enfeitaram-n'a, embelezaram-n'a para uzo da posteridade, Francisco I escreveu no palácio de Chambord uma fraze ainda mais forte, pois que não abria exceção alguma :

« Toute femme varie ». Foi Victor Hugo que escreveu em *Le Roi s'amuse* :

Souvent femme varie,
 bien fol est qui s'y fie.
 Une femme souvent
 n'est qu'une plume au vent.

D'aí derivaram os versos popularíssimos do *Rigoletto* :

La donna é mobile
 qual piuma al vento :
 muta d'accento
 e di pensier...

Mas Francisco I era uma autoridade muito desmoralizada para falar de alheias inconstâncias, porque ninguém mais voluvel.

Outro monarca nas mesmas condições foi o bíblico Salomão, que teve 990 esposas e deixou uma catilinária violentíssima contra as mulheres! E' verdade que se pode dizer que exatamente por isso ele as devia conhecer bem...

Seja, porém, como fôr, quando aqui se alinhassem os nomes de todos os monarcas, reapareceria a objeção que já encontrámos : — a suspeição masculina.

Que fazer? A quem recorrer para arreda-la?

Até certo ponto, é lícito para afasta-la, pensar nos padres, nos frades, nos grandes doutôres da Igreja.

Homens são, é verdade ; mas homens que dezistiram de todos os prazeres do século. Não devem, portanto, ter parcialidade a favor de um ou do outro sexo. Sondando as almas até o fundo pelos segredos do confissionário, eles tanto conhecem as mulheres como os homens. Dá-se mesmo uma circumstância muito importante. Si eles ouvissem dos indivíduos do seu sexo confissões frequentes de que andavam... (como se ha de dizer isto?)... de que andavam pintando o padre, os padres teriam de certo uma tal ou qual inveja dessa bôa vidinha, sentiriam mais fortemente os prazeres de que se tinham privado e seriam mais fortemente implacaveis com os do seu sexo que com os do sexo oposto. Pois então, enquanto eles, homens como os outros, ali passavam o tempo a privar-se do direito de amar e ser amados, os de cá de fôra estariam uzando e abuzando dessa faculdade, passando de um a outro amor?! Às mulheres, talvez perdoassem, mas nunca aos que lhes estavam tomando o lugar !

Assim, quer por princípio teórico de jus-

tiça, quer por natural parcialidade, não ha razão para crer que os sacerdotes tenham maior benignidade para os do seu sexo. E todos, no entanto, tem denunciado a volubilidadade como um predicado essencialmente feminino.

Vá aqui apenas a citação de um — mas um que figura entre os maiores doutôres da Igreja : S. Jerónimo.

S. Jerónimo dizia : « Que querem essas miseraveis mulherezinhas, carregadas de peccados, que giram ao sopro de todas as opiniões, aprendem sempre e nunca chegam a saber a verdade? » E era dezapiedado com a inconstância feminina.

Mas é curiozo saber que os seus contemporâneos o acuzavam de perder muito tempo com essas a quem ele chamava « miseraveis mulherezinhas ». Assim que lhe faziam qualquer pergunta, ele tinha uma complacência infinita para discutir com elas as mínimas questões (1). E eram os homens que se queixavam de que ele não lhes dava atenção bastante.

S. Jerónimo talvez fizesse o que fazem todos os que falam mal dos médicos e das

(1) G. BOISSIER. — *La Fin du Paganisme*, II, 81.

mulheres. Não os podem dispensar. Basta um pequeno incómodo para que recorram aos primeiros. Basta o ligeiro frémito de uma saia para que logo percam a cabeça...

Em todo cazo, ha um fato positivo : o depoimento de todos os homens da Igreja é formalmente pela inconstância feminina.

Mas o ideal, para conhecer a verdade, seria ou fazer a estatística dos voluveis e dos não voluveis, ou buscar na história os grandes voluveis e ver a que sexo pertenciam.

Ha pouco, eu lembrei que a isso as mulheres objetam ser a quazi unanimidade dos historiadores do sexo masculino tornando, assim, natural que o tenham desculpado. Mas é uma objeção sem valor.

E' uma objeção sem valor, porque a fatuidade masculina a leva a gabar-se até de conquistas que nunca foram feitas, ao passo que os costumes, as tradições, as leis, tudo obriga as mulheres a negar, mesmo os amores mais irrecuzaveis além do único que o Código e o 7º mandamento da Santa Madre Igreja lhes permite. Os historiadores homens não tem razão para esconder uma couza que todos os homens voluveis abertamente proclamam ou habilmente deixam perceber...

O tipo de D. Juan é um tipo lendário. Mas a experiência universal demonstra que um homem faz tanto mais conquistas quanto mais as conquistadas sabem que ele foi até aí volúvel. Acontece nesse caso o mesmo que se dá com o amor ás atrizes. Com igual beleza e igual facilidade de conquista á de qualquer outra mulher — uma atriz é sempre mais requestada.

Por que? — Porque parece que se tem com isso dois prazeres : o prazer corrente de amar e ser amado e o prazer um pouco perverso de rouba-la a todos aqueles milhares de outros homens, que cada noite a vêm e aplaudem. Têm-se a impressão de que estamos furtando, de que estamos logrando todos esses que de lonje a cubiçam.

E' por igual razão que D. Juan faz tanto mais conquistas novas quanto maior é o número das que já fez. Essas conquistas novas, quando são abandonadas, não merecem muita pena. Elas sabiam o perigo que corriam. Mas a vaidade, mas o desejo de triumphar das suas concurrentes, a esperança de poderem vencer onde tantas sucumbiram, as leva a arriscar-se. Quando perdem a partida, não devem suscitar muita compaixão. E' do jogo... O que elas queriam era furtar o vo-

livel a todos os seus amores anteriores.

Por tudo isso, o que eu quero fazer sentir é que os historiadores masculinos não teriam motivo algum para esconder a nossa volubilidade... si nós fôssemos voluveis, porque os raros que o são tiram disso vaidade.

E o que eu alegava ha pouco, para mostrar que, si nós tivéssemos esse traço de carater, os padres seriam mais implacaveis conosco do que com as mulheres, é o que tem succedido com os historiadores.

Os historiadores são, em geral, sujeitos graves e austeros, enterrados nos seus alfarábios. Quando eles encontram alguma figura que lhes parece de quem teve muitas aventuras, sentem manifesta inveja. Comparam a frieza das suas bibliotecas á tepidez deliciosa dos carinhos do amor; comparam a insipidez da sua vida ás aventuras romancescas dos outros e atiram-se a descobrir-lhes defeitos. Ás vezes, são precisos séculos para se fazer justiça a um desses caluniados pelos historiadores mais austeros.

Querem um exemplo? — E' um exemplo um pouco longo; mas não ha melhor em toda a história!

A História — e não se fala aqui na histó-

ria fantazista e lendária de D. Juan, do Barba-Azul e de outros tipos idénticos — a séria, a grave, a solene História, que nos ensinaram no colégio, conta a vida de um homem que ficou sendo um tipo de inconstante. Um homem que se cazou com seis mulheres, tres Catarinas, duas Anas e uma Jane, que mandou matar duas, de duas se separou, viu morrer uma e deixou a outra viuva — pode haver dúvida que foi um grande voluvel?

— Pode!

Talvez o exemplo seja um tanto extenso para ser citado : mas vale a pena aponta-lo, porque é um cazo real. A fantazia dos romancistas, si creasse qualquer outra couza nesse género, passaria por inverosimil.

O homem de que se trata foi Henrique 8º da Inglaterra. Como ele viveu em uma época perturbada, como ele separou seu paiz do catolicismo romano e como o que nos ensinam é a tradição da ortodoxia católica, ele tem sido muito caluniado. Mas documentos só recentemente aproveitados permitiram reconstituir-lhe melhor a fisionomia e fazer-lhe justiça.

Henrique 7º, rei da Inglaterra, tinha dois filhos : Artur e Henrique. Era o tempo em

que a América começava a ser uma perspectiva de grandes riquezas para a Hespanha. Henrique 7º achou que seria um bom negócio cazar algum dos filhos com uma princeza hespanhola.

Dos filhos, o mais velho, Artur, tinha apenas 11 anos. A princeza hespanhola que convinha já estava com 18. Isso não pareceu embaraço a nenhuma das famílias. E foi assim que Catarina de Aragão se cazou com um reizinho creança. Mas d'aí a dois anos ele morreu. E' inutil dizer que não deixou posteridade.

Henrique 7º estava logrado nos seus sonhos de aliança. Teve, porém, uma ideia estranha. « E si ele cazasse o filho mais moço com a cunhada viuva? » Para tal fim era preciso uma licença do papa. O papa mostrou-se amavel e concedeu. Graças a isso o futuro Henrique 8º, que tinha então 18 anos, veio a cazar-se com Catarina de Aragão, que tinha 26.

Já não era um par muito igual pela idade. Resta acrecentar que não o era por nada mais. O príncipe, rapaz elegante e instruido, falava quatro linguas, sabia bem física e mecânica. Era artista : conhecia admiravelmente a múzica. De mais, era um teólogo

profundo e sutil. Quando Lutero rompeu com o papa, ele escreveu um volume em latim contra Lutero.

Catarina, oito anos mais velha que ele, era uma matrona. Não tinha elegância alguma : gorda, sem cintura, sem pescoço, com uma testa muito saliente, o queixo grande e prognata, os olhos muito rasgados, mas parados e mortos, e, além de tudo, ignorante, enfiada, orgulhoza.

Como iam entender-se os dois?

Contra o que poderiam estranhos pensar, entenderam-se ao princípio muito bem. Pouco depois do casamento, Henrique 7º morreu. O príncipe subiu ao trono e logo apoz teve uma filhinha, que foi mais tarde a célebre Maria Tudor. Mas, a seguir, vieram cinco tentativas de maternidade, que acabaram mal : todos os filhos lhe nasciam mortos.

Ora, os inglezes não tinham gostado do casamento de Henrique 8º. Os canonistas da época achavam que cunhados não se podiam cazar. E' verdade que o papa tinha dado uma dispensa especial. Mas os canonistas insistiam que lhe faltava competência para revogar um texto da Bíblia, no Levítico : « O que tomar a mulher de seu irmão faz uma couza ilícita... eles não terão filhos. »

O nascimento da pequena Maria Tudor parecêra ao princípio desmentir a afirmação do livro sagrado. Mas a série dos cinco máus sucessos da rainha e mesmo o fato de que Henrique 7º tinha morrido logo apoz o casamento do filho, despertaram o fanatismo geral : os fatos estavam mostrando que aquele eazamento era maldito.

Essa opinião crecia a cada novo insucesso de Catarina de Aragão.

Alem de tudo, a cada novo insucesso, exatamente por cauza deles, ela ficava mais adoentada, mais feia, mais irritadiça, mais ciumenta, mais insuportavel.

Henrique 8º não lhe tinha, entretanto, sido muito infiel. Só de uma ligação irregular se tem notícia perfeita. Mas é preciso figurar bem a importância que tinham naquele tempo as questões relijiozas — mórmente para ele que era tambem teólogo. As crençices do povo, a sua decendência ferida de uma espécie de maldição que parecia corroborar a opinião geral, e, de mais a mais, a transformação do carater da mulher — tudo isso era bem de natureza a faze-lo pensar no divórcio.

Ha quem diga que ele quiz separar-se de Catarina para cazar com Ana Bolena. Mas é

uma injustiça. Os documentos que hoje se possuem permitem afirmar que ele só começou a cortejar Ana Bolena depois que estava decidido a romper com sua primeira espoza.

Ao princípio, para conseguir este fim, ele se lembrou de pedir ao papa — que já então não era o que tinha dado a dispensa — que anulasse o casamento. Clemente 7º prometeu e ia fazer. Ia fazer, com tanto maior bõa vontade, quanto ele estava em luta com Carlos 5º, tio de Catarina. Era uma bõa peça que lhe prégava. Mas exatamente por cauza dessa luta as negociações demoraram. Carlos 5º teve tempo de derrotar o papa e prendeu-o. Diante disso, Clemente 7º dezistiu de dar a anulação que Henrique 8º dezejava.

Que podia este fazer? — Ainda assim, não quiz ajir por si só. Reduziu a questão a uma teze de teolojia e consultou as mais célebres faculdades dessa ciência, que então havia na Europa : si o casamento com a viuva de um irmão podia ser lícito.

As Universidades da Alemanha e da Itália deram respostas dúbias e evazivas; a de Paris e as da Inglaterra declararam categoricamente que não. E foi diante disso que ele submeteu o seu cazo ao Parlamento e este,

de acôrdo com o profundo e sincero sentimento geral, anulou o fatal enlace.

A nós, hoje, e sobretudo lonje da Inglaterra, nos custa um pouquinho a admitir esse estranho estado de espírito que leva a considerar como um crime tão grande o casamento entre cunhados, que é entre nós um fato vulgaríssimo.

No emtanto, não se pode suspeitar da sinceridade de Henrique 8º. porque ainda hoje os inglezes pensam do mesmo modo. E pensam apaixonadamente. Ha a este respeito um fato curiozo. Apresentou-se á Camara dos Comuns um projeto de lei permitindo o casamento entre cunhados — mas cunhados, entenda-se bem, um viuvo com a irmã da falecida mulher. Na hipóteze de um bravo súbdito inglez cazar-se com a viuva do irmão ninguém ouza pensar na Inglaterra! Mesmo, porém, a permissão do casamento entre um viuvo e a irmã da finada espoza foi quinze vezes apresentada á Camara dos Comuns, aprovado muitas vezes por ela e sempre rejeitado pela Camara dos Lords. Só no ano passado — em 1908 — é que a medida se converteu em lei. No emtanto, em 1883, quando o rei atual era príncipe de Gales e, como tal, tomava parte nas deliberações da

Camara dos Lords, votara por aquella reforma. Isso não adiantou nada. Passaram-se ainda 25 anos sem que aquella alta assembléa modificasse o seu modo de pensar.

Mas, ainda uma vez, a modificação foi unicamente para o cazo do cunhado que se caza com a cunhada, irmã da sua falecida mulher. O cazamento de um cunhado com a viuva de um irmão continúa a não ser permitido.

E' diante desse estado de espirito, persistindo atravez de cinco séculos, que se deve examinar o procedimento de Henrique 8°. Os que o julgam com justiça comprehendem perfeitamente que ele tenha sido sincero, quando acabou por ceder ao sentimento geral do seu povo, que parecia corroborado positivamente pelo castigo do céu. Os cinco máus sucessos de Catarina de Aragão acabaram por ter a seus olhos o caratér de uma verdadeira maldição do Senhor.

Foi quando ele já tinha decidido a anulação do cazamento que começou a namorar Ana Bolena. Esta, porém, nunca se deixou seduzir: nunca se abandonou ao seu requestador, sinão depois de cazada. Assim que o Parlamento confirmou a anulação, Henri-

que 8º a despozou secretamente, ainda esperando que o papa se conformasse.

Mas o papa, furiozo, o que achou de mais habil a fazer foi ameaça-lo de excomunhão. Já a esse tempo Ana Bolena lhe dava esperanças de ser pai. O povo entuziasmou-se com a notícia e de toda parte surjiram pedidos ao rei para que tornasse público o casamento. E foi o que ele fez, no meio da alegria delirante da população de Londres.

Ana Bolena estivera muito tempo na cõrte de Francisco 1º, de França. Era viva, alegre, spirituoza. Estava habituada a ouvir galanteios. No meio da austeridade ingleza, fõra isso mesmo que seduzira o rei; ela se destacava pela sua mocidade, pela sua graça. Mas foi tambem isso mesmo que a perdeu.

Em torno dela a intriga fervia. O rompimento do rei com o papa fazia com que os católicos tivessem começado a combate-la. Catarina de Aragão, cada vez mais desesperada, vivia conspirando. Tantas couzas disseram ao rei; que ele acabou por suspeitar da espoza e mandar submete-la a processo: submeter a ela e aos seus cinco supostos cúmplices. Henrique 8º suspeitou realmente. Fez cenas ridículas de ciume — até com o

irmão de Ana Bolena, que foi um dos cinco prisioneiros.

O que prova bem como o seu ciúme era real é que ele mandou oferecer o perdão aos cinco acuzados si confessassem a verdade. Vê-se nisso o estado de espírito do ciumento que quer saber realmente si o seu infortúnio é verdadeiro. Mas dos prezos quatro — que exatamente eram quatro fidalgos — negaram absolutamente qualquer relação suspeita com a rainha. Só o quinto, um desgraçado múzico, a quem menos se podia acreditar que a rainha favorecesse — apenas esse, tranzido de terror, esperando assim salvar a vida, confessou o seu imaginário delito.

De nada serviu. Foi executado como os outros.

Ha ainda a carta admiravel que Ana Bolena escreveu ao marido, quando estava preza.

« Senhor. Vós me tirastes de uma categoria obscura para fazer de mim vossa rainha e companheira. Foi muito mais do que eu merecia. Si Vossa Majestade me julgou digna de uma tal honra, não permitais ás invenções

loucas ou aos maus conselhos dos meus inimigos, que me retirem vossa estima real ; não deixeis essa mancha, essa mancha infame, macular vossa espoza, que sempre vos foi fiel ; mancha que cairá sobre a princeza vossa filha ».

Depois, serenamente, ella pedia que o seu julgamento se fizesse de um modo regular, afastando-se os seus acuzadores, que não deviam ser ao mesmo tempo seus juizes. E acabava dizendo :

« Mas, si minha sorte já está decidida e não só minha morte como odiosas calunias vos devem dar a felicidade a que aspirais, meu dezejo é que Deus vos perdôe... e não vos peça contas severas do tratamento cruel e pouco digno de um rei, que me fazeis sofrer. Vós e eu devemos dentro de pouco tempo comparecer diante dele e, seja o que fôr que o mundo possa pensar de mim, não tenho dúvida alguma de que o julgamento de Deus fará brilhar pública e inteiramente a minha innocência. Meu único e último ped ido é

que só eu carregue o pezo do vosso descontentamento e que não o estendais aos pobres e inocentes cavalheiros que, segundo eu soube, foram tambem presos por causa do meu processo. Si algum dia eu vali alguma couza aos vossos olhos, si algum dia o nome de Ana Bolena foi agradavel a vossos ouvidos, atendei a este pedido e eu não importunarei a Vossa Majestade. »

E assinava e datava, triste e nobremente :

De minha doloroza prizão na Torre,
a 6 de maio. Vossa mulher leal e que
sempre vos foi fiel.

Ana Bolena.

A carta é de uma tristeza comovedora. Respira sinceridade. Mas o rei estava cego de ciúme. A intriga relijioza e a intriga cortezã tanto lhe tinham torturado o espirito que ele não via mais nada.

Ana Bolena morreu com uma firme rezi-gnação. Tinham marcado a sua execução para certa hora ; depois adiaram. Ela lastimou o adiamento. Disse, entretanto, ao director da prizão, onde a iam decapitar, que

afinal, sendo o seu pescoço fino e o carrasco habil, não podia sofrer muito. E com as mãos aflagava o pescoço, realmente delicado e grácil.

No momento da morte, ela murmurou apenas :

« Si alguém ainda se interessa por mim, eu lhe peço que me julgue favoravelmente ».

Ela mesmo arrepanhou os cabêlos, metteu-os em uma coifa e inclinou-se sobre o cêpo fatal. O carrasco foi, como a infeliz previra, perfeitamente habil...

Assim que Henrique 8º enviuvou desse modo trájico, o Parlamento se reuniu e pediu-lhe que se cazasse de novo, porque, si é certo que ele tinha duas filhas, faltava-lhe um herdeiro varão e, de resto, as filhas tinham nacido, uma de matrimónio nulo e outra de mãĩ que acabára mal. E não foi só o Parlamento: todos lhe rogavam que não se demorasse.

Henrique 8º cedeu. Cazou-se pela terceira vez. Escolheu uma mulherzinha plácida e calma. Menos de um mez depois da morte de Ana Bolena, Jane Seymour era rainha

de Inglaterra. O povo festejou ruidosamente o novo enlace. A alegria ainda foi maior quando se soube que ela ia ser mãe. Mas, acabando de ter o filho, adoeceu e morreu.

Morreu — e de novo o Parlamento, os nobres, o povo — todos representaram a Henrique 8º que ele precisava cazar. Algumas súplicas mais injénuas acrescentavam : — *emquanto ainda é tempo...*

Um dos seus ministros convenceu-o de que ele devia aliar-se a uma princeza alemã e propoz-lhe Ana de Cléves.

O rei quiz saber que tal ela seria : bonita ou feia ? de bom ou máu humor ?

Naquele tempo não havia a fotografia, as viagens eram difíceis. Todos sabem como as mulheres enganam, mesmo quando é o próprio interessado que as examina. Calculem o que devia suceder nesses cazamentos por informações.

Ha ainda as instruções que o pai de Henrique 8º tinha dado a trez embaixadores, quando quiz cazar-se com a rainha de Nápoles. Dizia esse documento :

« 1º Observarão exactamente o aspeto, a estatura da joven rainha e, sobretudo, a forma do seu corpo.

2° Si seu rosto é pequeno ou não, gordo ou magro, comprido ou redondo; si seu ar é alegre e amavel ou triste e casmurro; si é constante ou leviana; si durante a conversa algumas vezes cora.

3° Notarão qual é a maciez da sua pele e a côr dos seus cabelos. Prestarão muita atenção aos seus olhos, ás suas sobrancelhas, aos seus dentes e aos seus lábios, á forma do seu nariz, á altura e sobretudo á largura da sua testa e a sua cutis.

4° Procurarão ver suas mãos descalças e observar sua forma; si são gordas ou magras, compridas ou curtas, si a pele é fina ou grossa.

5° Procurarão ver si o seu pescoço é bonito, os seios grandes ou pequenos e si tem algum pêlo em torno dos lábios.

6° Procurarão falar diretamente á rainha e falar de tão perto quanto a honestidade o permita afim de verificarem si o seu hálito é suave ou não, ou si, quando ela abre a boca, exala perfume de tempêros ou de roza e almiscar.

7º Notarão a altura da sua cintura e quanto ela pode ainda ser levantada pelos saltos das botinas; observarão, si podérem, a forma dos seus pés.

8º Informar-se-ão secretamente si ela não tem alguma moléstia, ou injénita ou escondida, algumas manchas no corpo, etc., etc.

Hoje parecer-nos-ia supremamente indiscreto que alguém fosse assim mirar, cheirar, apalpar, examinar nossa noiva! Mas naquele tempo para os reis não havia outro remédio.

Henrique 8º teria dado instruções análogas aos que ele mandou examinar Ana de Cléves? Não se sabe. O certo é, porem, que as informações que chegaram foram muito dezencontradas: uns diziam que era bonita, outras que era um pavor! O rei teve uma ideia luminoza: pediu a Holbein, grande pintor da época, que lhe fizesse um retrato da princeza.

Veio o retrato: era incontestavelmente bonita. Ele a pediu em casamento e a princeza seguiu para a Inglaterra.

Já a viagem foi atormentada. De Calais a Douvres gasta-se hoje hora e meia, no máximo. Naquele tempo a viagem era de trez

a quatro horas. Pois o navio em que Ana de Clèves foi para a Inglaterra arranhou-se de tal modo que levou quinze dias para atravessar a Mancha! Parece que o caiporismo de Henrique 8º cada vez era maior: começava a pezar até sobre as suas noivas; não esperava que chegassem a espozas.

Mas o peor não foi isso. Afinal, ao cabo dos 15 dias, Ana de Clèves sempre chegou á Inglaterra. Mas, quando Henrique 8º a viu, quando se certificou que ela era um assombro de fealdade, sem graça, sem beleza, sem elegância, ficou desesperado. Holbein tinha melhorado o retrato. O rei não se conteve: disse as maiores grosserias. Felizmente foi em inglez. E a alemã tinha tão pouca iniciativa que apezar dos longos mezes que duraram as negociações matrimoniais não se dera ao trabalho de aprender nem uma palavra da lingua do povo de que ia ser rainha.

O rei declarou ali mesmo, redondamente, que não cazava (1).

(1) E' sabido o fato que, quando D. Tereza Cristina veio da Italia para casar-se com o imperador D. Pedro II, este teve tambem uma violenta decepção, que se manifestou de um modo veemente. Em outros tempos, D. Pedro teria talvez ajido como Henrique 8º.

Mas os ministros lhe aconselharam que não fizesse isso : cazasse e anulasse logo apoz o cazamento. Era mais correto.

E foi o que ele fez. Submeteu-se á cerimónia relijioza, despachou a mulher para os seus apozentos e retirou-se ele para os que lhe eram particulares. Foi o que se chamaria hoje na França um *mariage blanc*.

A anulação não teve a mínima dificuldade — tanto mais quanto a alemã, cada vez mais fria e plácida, conformou-se admiravelmente com o que lhe sucedera. Ela era uma princeza pobre. O rei deu-lhe uma quinta espléndida e uma bôa dotação. Diante disso, Ana de Cléves não teve a mínima queixa, não se lamentou, não conspirou.

Quem mais sofreu com esse cazamento foi o ministro que o aconselhou : acabou decapitado ! O motivo alegado para a sua morte não foi esse. Mas esse constituiu de fato, o grande motivo aos olhos de Henrique 8º, para não ter com ele a mínima clemência. O rei sentia que estava ficando ridículo aos olhos da Europa.

E assim que se descazou, logo surjiram as representações para que se cazasse de novo.

Foi o que ele fez, seis mezes depois. Escolheu uma bela moça, que tinha então

27 anos. Era calma, tranquila, virtuosa. Tinha uma reputação de perfeita frieza. Só se lhe conhecia um certo gosto pelas toilettes faustozas. Nunca, porém, tivéra, que se soubesse, nenhum namoro.

Henrique 8º pareceu afinal ter achado a companheira ideal. Ele já estava velho e obezo; precisava de uma espoza quieta, de gostos cazeiros. Catarina Horward realizava esse ideal.

E foi assim durante 13 mezes. Mas um dia — ele estava auzente da Capital — recebeu uma carta do arcebispo Cranmer, dizendo-lhe que aquella virtuosa moça, tão séria, tão respeitada, tinha concedido intimidades excessivas, antes do cazamento, a, pelo menos, dois cavalheiros...

Henrique 8º não acreditou. Arranjou-se, porém, de modo que se fizesse um inquérito com segredo e segurança. Parece que depois da morte de Ana Bolena ele se convencêra de que tinha sido injusto.

Mas dessa vez a acuação era verdadeira. Verdadeira e insufficiente — porque Catarina Horward não só concedêra aquellas intimidades antes do cazamento, como as continuára com um dos cúmplices depois dele e favorecêra mesmo um novo galanteador.

Ela confessou tudo. Confessou serenamente. Declarou sem a menor restrição que o seu castigo era merecido. E fez até uma couza estupenda, o exemplo mais assombroso de que talvez a história dê noticia em matéria de preocupação de *feminilidade* — si assim pode dizer-se. Pediu que trouxessem para sua prizão o cêpo sobre o qual tinha de estender o pescoço para ser cortado, afim de ensaiar o melhor modo de nele colocar a cabeça!

É bom dizer que a preocupação de toilette acompanha as mulheres até os últimos instantes. Madame Fry, uma senhora, que se dedica a vizitar as condenadas á morte nas prizões inglezes, onde essa pena contra as mulheres se executa frequentemente, diz que a preocupação principal de todas elas é a de saber que roupa vestirão quando forem para a forca (1).

O cazo de Catarina Horward mostra que já ha muitos séculos atraz a mentalidade feminina era a mesma de hoje. Catarina Horward foi apenas um pouquinho mais lonje, não se contentando com informações e querendo fazer um ensaio prévio.

(1) Citado em NICOLAY. — *Histoire sanglante de l'Humanité*, p. 162.

Que pavorozo ensaio!

Depois de tal dezastré, Henrique 8º não queria mais cazar-se. Dessa vez não queria, realmente. Mas o seu povo tanto lhe pediu que ele mais uma vez se cazou.

Foi ainda com uma Catarina — Catarina Parr. Como, porém, ele queria estar ao menos livre de fazer indagações sobre o passado, tomou a resolução de escolher uma viuva. Com uma viuva. tem-se uma segurança : é que se deve aceitar a beneficio de inventário tudo o que se passou até a morte do espozó anterior e que ficou por conta dele...

Henrique 8º deu-se bem com a viuva, durante os trez anos e tanto que com ela viveu. Catarina Parr, ou não teve tempo para engana-lo, ou soube fazer a couza com arte, ou — tudo é possível! — era mesmo fiel.

Mas quando Henrique 8º morreu, ela só deixou passar o tempo do luto : cazou de novo! Viuva de um marido de seis mulheres, ela quiz ter ao menos trez maridos. Souvent femme varie!

A narração da vida conjugal de Henrique 8º foi um pouco longa. Tirando, porém, os tipos lendários, como D. João,

o Barba-Azul e outros, não ha talvez na história, na historia documentada e séria, tipo mais célebre de homem voluvel que o de Henrique 8º.

Mas é uma injustiça. Afinal, o desgraçado não passou de uma vítima da fatalidade (1).

Dirá alguém que esse exemplo não prova nada?

Prova!

Prova que o engano feminino não poupa os reis. Uma rainha que se quizesse cazar com um príncipe estrangeiro e mandasse tomar informações a seu respeito, tê-las-ia completas. Seriam facilimas de obter. Um homem, querendo obte-las sobre uma mulher, nunca as consegue.

Prova!

Prova como os homens, quando são acuzados de volubilidade, é sempre injustamente. Lembrem-se que se trata de um rei,

(1) Outro monarca muito acuzado de inconstância é Luiz 15, da França Mas o infeliz se cazara com uma mulher excessivamente friorenta. Ela passava a maior parte do tempo em quartos muito aquecidos e só se deitava em camas, em que havia numerosos cobertôres. Era um inferno! O rei abafava; ficava sufocado, sem ar! Várias vezes precipitou-se do leito conjugal, que era muito alto, chegando quazi a ferir-se gravemente.

Como ser constante em tais condições? (V. CABANÈS. — *Mœurs intimes du Passé* — 1ª série, pag. 53.)

de uma grande figura histórica, de um indivíduo sobre cujos atos durante sua vida e depois dela houve sempre milhares de olhos a cezos, indagando, perscrutando...

Nós, homens, jogamos uma partida dezi-gual. No amor, nós estamos á plena luz, procurando vencer um adversário perigozo, que nunca se revela inteiramente tal qual é.

Assim, quando a História nos garante que as mulheres são mais voluveis que os homens, é preciso aceitar-lhe o depoimento e dizer mesmo que esse depoimento ainda é atenuado, porque os historiadores austeros vingaram-se da sua vida falhada, falando mal, caluniando todos os homens que lhes pareceram ter tido algumas boas fortunas...

Mas, enfim, pois que nós temos de lidar com elas e somos forçados a admitir como um dogma a inconstância feminina, dois partidos se apresentam : o de querer achar as menos inconstantes ou o de abandonarmo-nos á sorte e aceitar, si não mesmo promover á categoria de virtude, essa malsinada qualidade.

Evitar é mais difficil. Como? Seria preciso conhecer quais as inconstantes — e nós acabamos de vêr Henrique 8º tomando para sua quinta espoza — já, portanto, devia

estar bem experimentado — uma bela moça, de aspeto extremamente sério, sobre a qual ninguém jámais ouzara murmurar e que, todavia, foi a que mais o traiu. Quem vê caras não vê corações — assegura um provérbio desconfiado e prudente.

Mas, cmfim, talvez fosse possible pedir ás meias-ciências um pouco fantazistas de adivinhação : grafolojia, quiromancia, fiziognomonia, quais os sinais das inconstantes.

A grafolojia assegura que a mudança frequente do cóрте dos *t t* é um indício forte de volubilidade. A mudança nas outras letras tambem é importante; mas a do *t* é mais caraterística. Ha córtes do *t* horizontais, uns pequenos e outros grandes, inclinados, baixando para a direita, baixando para a esquerda; ha cóncavos, ha convexos, ha os que se põem na baze da letra, ha os que pairam lá em cima dela, como aeroplanos vagabundos. Os grafólogos nos advertem : desconfiem da fixidez de quem vive a mudar os cortes dos *t t*.

Crépieux-Jamin, o mestre incontestado dessa ciência, nos diz que « a constância se revela na regularidade e igualdade do movimento geral da escrita, assim como nos cortes de *t*, nos sinais de pontuação, sempre

colocados do mesmo modo e com a mesma intensidade ».

Mas quando se olha de lonje para uma formoza moça, ninguem sabe como ela corta os *t t*. Para isso é já preciso estar na faze comprometedôra das cartinhas de namoro... E quando se chega a essa faze, já ninguem presta atenção á caligrafia.

Guerra Junqueiro achava delicioso que sua namorada ignorasse « os mistérios fatais da ortografia » ; Luiz Guimarães Junior, recebendo uma carta, dizia :

A cartinha gentil, que me escreveste,
é um tezouro de erros e belezas :
da tua ortografia as incertezas
dão mais valor ás couzas que disseste.

E concluia entuziasmado :

Tu é que és sábia, ó lirial Maria,
tu é **que** és sábia, milionária e nobre :
tens coração em vez de ortografia.

Quando se chega a semelhante estado de espírito, não se tem mais a lucidez precisa para olhar formas de letras...

Seria necessário portanto, achar indícios mais faceis de apreender, á primeira vista. Os quiromancistas dizem que as pessoas que

têm a baze do polegar sulcada de muitos traços em duas direções, formando uma série de quadradinhos, terão na vida muitos pequenos amores dos menos recomendaveis... O ideal, em mão de namorado é ter aí apenas um traço firme e profundo e na baze do indicador uma cruz. A cruz, nesse ponto, indica o cazamento por amor. (Entre parêntezis, pode-se dizer que, com amor ou sem amo, o cazamento é sempre uma cruz...) O traço único assevera que a pessoa só terá uma paixão ; mas essa firme e inabalavel.

Um dos grandes quiromancistas francezes d'Arpentigny, escrevia, uzando de um circumlóquio delizioso, que as mulheres de polegares pequenos e flexiveis devem ser cuidadosamente evitadas, porque essa forma de polegar indica a « necessidade de atividade fora do lar doméstico »...

Mas si todos os namoros, *pour le bon motif*, acabam pedindo-se a mão da namorada ; não é pôr aí que se deve começar. Ninguem entra em relações com uma moça, fazendo logo esse pedido da mão, para examinar, como se faz o do pé aos papagaios...

Ha a fiziognomonía. Essa é que seria a ciência ideial. Nada entretanto, mais falivel. Dizem alguns que o tipo do rosto que se

chama « venuzino » é o das mais inconstantes : esse tipo é o das que tem o rosto ligeiramente oval. Um sinal, sobretudo, alguns dão como decisivo : a boca levemente cerrada. Parece que os lábios estão apenas apoiados um no outro, com o mínimo de pressão. Dir-se-ia que eles estão sempre prontos a dizer que « sim ». « Sim » a um, « sim » a outro, « sim » a todos...

Naturalmente os que indicaram esse traço pensaram no traço contrário ao da decisão e energia. Todos conhecem a expressão das figuras cheias de resolução : trazem sempre a boca bem fechada, fechada até com uma certa energia, que lhe põe rugas nos lábios.

Vendo isso, alguns fisionomistas acreditaram que uma boca, de forma contrária a essa, deveria ser a dos irresolutos e inconstantes.

Mas ha constâncias macias e risonhas : ha gente que sabe perseverar no que quer, sem fazer nenhum gesto de energia. « Querem » de vagar — sorrindo amavelmente; mas « querem » com uma tenacidade invencível. Assim, aquele e todos os outros anúncios de inconstância não valem nada.

E' preciso dezistir de conhecer á primeira inspeção quem é e quem não é inconstante.

E' um mal cujo diagnóstico ainda não se descobriu, cujo remédio não se conhece.

Basta lembrar que os homens mais illustres foram largamente enganados pelas mulheres em que mais acreditaram. Camões dizia que a única firmeza feminina consiste no propósito de sempre mudar :

« Nunca ponha ninguem sua esperança
em peito feminino, que, de natureza,
sómente em ser mudavel tem firmeza. »

E Voltaire, com a pontinha de malicioza impertinência, que lhe era habitual, assevera que só depois de velhas é que as mulheres, não podendo mais variar, ficam constantes — e comparava-as por isso aos cataventos, que só param quando se enferrujam...

Um marido gabava-se, entretanto, de haver achado um remédio. Como é o melhor de que tenho notícia, aqui o deixo indicado. Ele convencêra a mulher que de noite ela sonhava alto e, ora dizia espontaneamente as couzas, ora respondia ás suas perguntas. Várias vezes a espionou em pequenas couzas sem importância, mas que ela, por isso mesmo, não lhe dissera. No dia seguinte ele as revelava á mulher, como si fosse ela que

as tivesse contado nos sonhos constantes, que ele lhe attribuia.

Compreende-se bem que, mantida neste terror perpétuo de indiscrições, que não podia reprimir, a mulher hezitasse em cometer qualquer falta grave.

Como astúcia, não é máu...

Mas uma mulher habil contraminaria facilmente esse plano, mesmo sem saber si a alegação era verdadeira ou falsa.

Si alguma das senhoras sonha alto, finja que sonha algumas vezes certas couzas de aparência muito grave, mas inteiramente falsas. Escolha o momento em que o marido esteja acordado, conte, em voz alta, como si fossem seus, amores, que seja possivel provar que são alheios... Ficar á assim estabelecido que os seus sonhos em voz alta não tem importância e que é seu costume, durante eles, acuzar se de pecados que não lhe cabem... Foi a processos desta natureza que alguém chamou o « método confuzo. »

Cura homeopática, de igual com igual... E d'aí em diante ficar-lhe-á livre sonhar o que quizer.

O mal, é pois, sem remédio, embora, cazo curiozo, nas coleções de quadras populares se ache um grande número de trovas, natu-

ralmente cantadas por mulheres, em que elas se defendem da acuzação e a revidam aos homens.

Diz uma :

Coração que a dois adora
que firmeza póde ter ?
Só si fôr coração de homem,
de mulher não póde ser.

Outra mais enérgica :

Os homens comparo eu
com a poeira da rua :
quanto mais mentem mais juram
por alma que não é sua.

Outra desdenhoza :

Eu estou toda admirada
do preço que os homens tem ;
ainda agora me ali davam
um cento por um vintem.

Naturalmente nós respondemos a isso que quem desdenha quer comprar,.. E preferimos, embora sem acreditar muito, ouvir alguma que cante :

Não sou pedra que rebole,
nem ladrilho mal assente :

onde ponho o meu sentido,
fico firme para sempre.

Mas a verdade é que a firmeza perene, assegurada de um modo incontestavel, não seria talvez uma grande vantagem. A inconstância, ou pelo menos o seu perigo, é um excitante deliciozo.

Nada mais frequente do que vêr pessoas baixinhas fazendo a apolojia das pequenas estaturas, pessôas morenas, achando que a còr clara não é a mais bela. Dir-se-á que é presunção. Mais vale, porém, que seja assim e cada um, satisfeito com a sua sorte, proclame que as suas qualidades realizam um ideal.

E' o que fazem os apolojistas da inconstância. Chaulieu, um poeta francez do fim do século xvii e princípio do xviii, poeta de valor que os contemporaneos chegaram a comparar a Anacreonte, cantava ouzadamente :

Loin de la route ordinaire
et du pays des amants,
je chante, aux bords de Cythère,
les seuls volages amants,
et viens, plein de confiance,
annoncer la vérité
des charmes de l'inconstance
et de l'infidelité.

E perguntava, não sei si com razão ou sem ela :

Que servirait l'art de plaire
sans le plaisir de changer ?

Desde que o mundo é mundo as mulheres são inconstantes. Isso não nos impede de ama-las cada vez mais, — de cada vez mais as acharmos sedutoras. Logo, a inconstância não é um mal, pois que não impede o amor. E, si não é um mal, talvez até seja bem.

Artur Azevedo mostrou que graças a ela as mulheres podem fazer milagres análogos, sinão superiores aos do Cristo. E' verdade que o poeta só falou de uma mulher; mas quantas estão prontas a repetir essa maravilha ! Dizia ele :

Com cinco páis, o Cristo
deu de comer a cinco mil pessoas.
Eu não me assombro disto,
pois tu, que o meu espírito magôas,
tens um só coração
e amas comtudo uma população.

Algum grave filózofo poderia mostrar que em toda a natureza nós damos tanto maior apreço ás couzas quanto mais elas são varia-

veis. E' assim que guardamos a primazia para o reino animal sobre o vegetal, ao vegetal sobre o mineral. E' assim que dentro do nosso organismo nós consideramos mais nobre o tecido nervoso, exatamente o mais instavel.

Mas seria pedantesco insistir nisso. E' um velho tema esgotado — o da afirmação de que tudo muda. Um provérbio alemão aconselhando a constância, lembra entretanto, que *mudar não é melhorar*. E tem inteira razão.

A's vezes, nós encontramos um homem tão sucumbido, tão maltratado por certas mulheres, que logo perguntamos : « *Por que ele não sacode aquelle jugo?* » Porque ele tem medo de achar peor. Mudar não é melhorar.

As vezes a constância é um dezaforo e a inconstância uma homenagem. Quem, logo ao principio da vida, cái numa dessas fatalidades terriveis, tem ás vezes medo de se arriscar, com receio de que encontre qualquer couza de igualmente ruim, si ainda não o fôr mais. Mas si o que se achou foi um bem, foi uma ventura, foi uma delícia — pode dar o dezejo de experimentar outra ventura igual. A inconstância aí pode ser um preito de reconhecimento : a prova de

que se achou tão bôa a primeira experiência
que se quer tentar uma segunda.

Por isso, no cancionero portuguez, uma
mulherzinha experimentada aconselhava ás
companheiras :

Quem tiver amor aos homens
não lh'o dê a conhecer ;
que eles são como as crianças :
o mimo as deita a perder...

Do que se gosta, se repete, muito embora
haja sempre no princípio de todo amor gran-
des juras de firmeza eterna. Mas um poeta
disse bem :

Jurei amar-te. Quem ha de
deixar de jurar amando ?
Jurei amar-te, é verdade ;
mas não te disse até quando...

Mas, ás vezes, se diz, ás vezes, se garante
que o amor durará toda a vida. Alguns vão
mais lonje : prometem até para depois da
morte. Luiz Guimarães Junior asseverava
que, si a espoza, que ele adorava, o fosse
vizitar, no cemitério, depois de morto :

O coração que toda em si te encerra,
sentindo-te chegar, mulher querida,
palpitará de amor dentro da terra.

E uma quadra hespanhola ainda diz mais enfaticamente que, dentro da sepultura, roído pelos vermes, o coração conservará vestíjios do amor passado :

Dentro de la sepultura
y de guzanos roído
se han de encontrar en mi pecho
señas de haber-te querido.

Versos... Versos... Afinal a realidade é mais poética do que isso. Pode ser que a inconstância tenha apparecido no mundo, quando a primeira mulher achou já dois pretendentes e ela tenha hezitado entre eles; pode ser que d'ali por diante essa qualidade tenha passado a ser uma das mais notaveis do seu carater; pode ser até que a inconstância feminina lonje de diminuir tenda a aumentar. Pouco importa. Só o que tem preço, o que tem valor é o que está a cada momento arriscado a ser perdido. O beijo furtivo do namorado, collido num momento, no abrir de uma porta, no vão de uma janela, aguçado pelo temor de que alguém veja — é a suprema delícia. O beijo repouzado, calmo, devido por força de um contrato em bôa forma, de acôrdo com um artigo do Código ou a lei n.º tantos, de tantos de tal dia, mez

e ano, já é incomparavelmente mais frio. Por que? Porque é mais seguro, menos inconstante.

Souvent femme varie? — Tanto melhor! E' o sentimento, o receio de vir a perder um amor que nos parece sublime, que o faz mais sublime ainda. Experimenta-se a necessidade de condensar um mundo de sensações em um instante. Cada beijo que se dá só tem muito valor porque pode ser o último... As couzas que não acabam, que pelo menos não correm risco de acabar, ganham em estabilidade o que perdem em intensidade...

Os que, entretanto, me ouviram até aqui podem dizer que ha couzas que acabam e ainda assim não prestam. Não ha mal que sempre dure... E' o cazo desta conferência. Mesmo, porém, tratando-se dela, os que a ela assistiram acharão com certeza que o que ela teve de melhor foi isto : foi acabar...



SI SE DEVE MENTIR...

~~~~~

CONFERÊNCIA FEITA EM 1910  
NO SALÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS  
EMPREGADOS NO COMÉRCIO.

**N**UNCA uma unanimidade foi tão certa... Não ha dúvida alguma que, ou íntima ou explicitamente todos os ouvintes já responderam pela afirmativa, concordando em que se deve mentir. Poder-se-ia mesmo ir um pouco mais lonje e mostrar que pela afirmativa votaram até aqueles que votaram pela negativa — porque, si alguém disse que a sua opinião era a de que não se deve mentir, esse alguém estava nesse momento mentindo. E assim, na contradição entre as palavras e os fatos, os fatos é que são eloquentes.

Deve-se mentir — é fatal, é forçozo, é inevitavel : tudo está em saber até que ponto a mentira é lícita.

E' certo que todas as religiões, ao menos

---

em teoria, protestaram contra a mentira, condenando-a de um modo formal. Mas todos mencionam mentiras que foram agradáveis, que foram inspiradas ou que foram perpetradas pelos deuses.

Logo nos primeiros capítulos do *Génezi*s não faltam exemplos. É o caso de Izaac dizendo que Rebeca era sua irmã e não sua mulher — quando era mulher e não irmã. Deus devia castiga-lo. Ao contrário, ele o abençoou. É Jacob, enganando o pai por conselho da mãe. E Deus, em vez de punir essa mentira, dá-lhe o prémio de uma longa prosperidade (1). Ninguém, mesmo entre os espíritos religiosos, admite mais que aquella história do Paraizo — Eva, a cobra, o fruto proibido — deva ser entendida literalmente. Logo, tudo aquilo, tal como está narrado, é mentira — uma mentira artística, uma alegoria, mas em todo eazo, uma alteração da verdade. De resto, é bom não esquecer que si nós hoje falamos assim despreocupadamente desse cazo, houve durante muitos séculos quem o entendesse ao pé da letra. E aliaz não se comprehende por que motivo Deus, podendo falar a verdade clara e sinjelamente,

---

(1) Genesis XXVI, 12.



---

se divertiu a fazer alegorias — e, sobretudo, uma alegoria tão pueril. Si, como a malícia corrente admite, o que essa alegoria esconde é um epizódio escabroso, não seria isso motivo para o Padre Eterno recuar, porque no próprio *Génesis* e em quasi todos os livros santos ele diz, em linguagem nua e crua, couzas do arco da velha!

Mas ha melhor, em matéria de mentira : Cristo mentiu. No Evangelho de S. João, capítulo VII, lê-se o seguinte trecho :

« Estava, porém, a chegar a festa dos judeus, chamada dos tabernáculos.

Disseram-lhe, pois, seus irmãos :  
« Sáí d'aqui e vai para a Judea, para que tambem teus discípulos vejam as obras que fazes.

Porque ninguem, que dezeja ser conhecido em público, obra couza alguma em secreto; já que fazes estas couzas, descobre-te ao mundo.

Porque nem ainda seus irmãos criam nele.

Disse-lhes, pois, Jesus : « Ainda não é chegado o meu tempo; mas o vosso tempo sempre está prompto;

O mundo não vos póde aborrecer:

---

mas ele me aborrece a mim, que são más as suas obras.

Vós outros subi a essa festa, *que eu, todavia, não vou a essa festa*; porque não é ainda cumprido o meu tempo.

Tendo dito isto, deixou-se ficar ele mesmo na Galiléa.

Mas quando seus irmãos já tinham subido, *então subiu ele também á festa, não descobertamente, mas como em segredo.* »

A mentira é flagrante. Mentiu dizendo que não ia á festa — e foi.

E foi occultamente... E foi em segredo... Todas as agravantes!

E' interessantíssimo vêr a atrapalhação dos teólogos para dos preceitos da Bíblia e das continjências da realidade extraírem uma doutrina realmente applicavel. S. Thomaz, S. Agostinho, vários outros não querem que se minta nunca. Inocéncio XI fez condenar as restrições mentais (1).

Mas tudo isso, no fim de contas, é men-

---

(1) *Examen raisonné ou décisions théologiques sur les devoirs et les péchés des diverses professions de la société* par un ANCIEN PROFESSEUR DE THÉOLOGIE DE LA SOCIÉTÉ DE SAINT-SULPICE. Vol. II, pag. 41,

---

tira... Porque, si é certo que elles assim fecham a porta ruidosamente á invazão das mentiras, abrem, para que ellas entrem, janelas e postigos...

S. Thomaz diz que a dissimulação é permitida (1). Outros teólogos asseveram que as restrições puramente mentais é que são proibidas.

O tipo das restrições mentais permitidas é talvez o caso daquelle frade, a quem perguntavam si alguém por ali passára e, embora tivesse visto a pessoa passar, dizia curvando-se e enfiando cada uma das mãos na manga oposta : « *Por aqui não passou* ». O interlocutor julgava que o « por aqui » referia-se ao lugar em que ambos estavam. Mas o frade acrescentava mentalmente : « por aqui, *por dentro de minhas mangas, não passou.* »

Um livro de cazuística dá o seguinte exemplo de dissimulação aceitavel. A alguém que nos pergunte si fizemos uma certa couza podemos responder perguntando por nossa vez :

« — E por que faria eu isso ? »

Dizem os teólogos que nesse caso não se

---

(1) PONTAS. — *Dictionnaire des cas de conscience*, publié par l'abbé Migne, II, 152.

---

mentiu, pois que não se disse o contrário da verdade (1).

Mas é um evidente sofisma. Tudo o que induz os outros a erro, dito proposital e concientemente, mentira é.

Um ponto muito discutido nos livros de cazuística é si o criado católico pôde dizer : « *Meu amo não está em casa* », quando o amo lhe tenha dado ordem para isso, mas não tenha saído.

Garantem os doutôres da Igreja que nisso não ha pecado, porque se trata de uma fórmula que quer dizer que o dono da casa não recebe vizitas (2).

Mas é uma fórmula mentiroza! E' uma velha mentira, muito desmoralizada pelo uzo, que, entretanto, por isso não perdeu o seu caráter.

Santo Afonso de Liguori, que discutiu esse intrincado problema, acha que o melhor é o criado dizer : « *Meu amo não está aqui.* » E mentalmente ele acrescentará : « *Aqui, nesta porta ou nesta janela!* »

Esta citação é aliaz apenas uma amostra

---

(1) *Examen raisonné*, II, p. 43.

(2) Id. p. 43. — PONTAS, loco citato, 138.

---

das mentiras permitidas por esse grande santo. E é bom acrescentar que Santo Afonso de Liguori tem hoje o primeiro lugar entre os mestres de moral de catolicismo. Quando ele publicou a sua obra mais importante, que precisamente se chama *Teologia Moral*, ela foi muito combatida. Houve bispos que lhe proibiram a leitura. Houve outros que não duvidaram dizer que ela era sobretudo uma *Teologia Imoral*.

Mas o jezuita Afonso de Liguori foi primeiro beatificado e depois canonizado. Isso podia, entretanto, não bastar para também canonizar-lhe todas as doutrinas. Por tal razão, querendo tranquilizar sua consciência, o cardeal francez Rohan-Chabot dirijiu-se á Santa Sé e perguntou-lhe o que se devia pensar da obra de Santo Afonso. A resposta foi dogmática e categórica : a Santa Sé aprovou solenemente todas as doutrinas do famoso livro. Todas !

Ora, Santo Afonso de Liguori declara que a mentira é condenavel ; mas admite que, por uma cauza justa, se pode recorrer ao equívoco, isto é, ao emprego de termos ambíguos. E' o cazo do frade que dizia o « por aqui não passou », enfiando cada uma das mãos na manga do braço oposto, o cazo

do criado que responde : « Meu amo não está *aqui*. »

— E que é uma « *cauza* justa » ?

— Aquela, responde o Santo, graças á qual manifestamos um « dezejo honesto de conservar bens uteis ao espirito ou ao corpo ».

Vejam bem como isso é elástico !

Um filante nos pede dinheiro. O homem mais rico pode responder — o exemplo é de Santo Afonso — « *Quem me dera que eu tivesse !* »

Si alguém nos solicita um favor, um empréstimo, uma esmola, lícito é, sem pecado, replicar-lhe : « *não tenho nada* », subentendendo « *que possa dar-lhe...* »

Uma mulher, que enganou o marido, corra a confessar-se. Voltando do confissionário, ela pode negar-lhe o fato, até sob juramento, sem por isso pecar.

Dirão que Santo Afonso dava facilidades extranhas ás mulheres. Nem sempre. Ele discute si quando alguém, para alcançar os mais íntimos favores de uma mulher lhe oferece uma soma muito grande, está obrigado a pagar o que prometeu. E sentenciosamente conclui que não, « mesmo que tenha havido juramento, porque a promessa não suprime o carater ilícito da prodigalidade ».

---

Avizo aos espertos, que quizerem conciliar o prazer e o catolicismo...

E' verdade que sempre terão pecado contra o 6º mandamento ; mas não terão feito sinão isso. Não terá havido, nem mentira nem perjúrio ainda que hajam prometido mundos e fundos e tenham depois reduzido a quazi nada a recompensa. Mas Santo Afonso, que não quer prejudicar ninguem, os adverte de que não « se pode negar que uma mulher honesta possa receber pelo dom de seu corpo mais do que outras ». « *Non negandum quin femina honesta pro usu sui corporis possit recipere quanto plus.* »

Seria longo de mais enumerar aqui todas as assombrosas tolerâncias de Santo Afonso. O essencial é fazer notar que as afirmações acima feitas não são singularidades avulsas de um escritor, que foi canonizado, mas que podia ter cometido pecados e escrito mesmo couzas condenaveis, que não são as que a Igreja recomenda.

Tudo o que eu acabo de citar está na *Teologia Moral* de Santo Afonso, que foi aprovada em todos os seus pormenores, da primeira á ultima linha, pela Igreja Católica. Mais ainda : é isso o que se ensin nos seminários.

---

Os que quizerem instruir-se a esse respeito devem ler o pequeno volume de Albert Bayet, *La Casuistique chrétienne contemporaine*, de onde são extraídas quazi todas as citações acima. Elas estão absolutamente autenticadas nesse livrinho extraordinário, que nenhum católico sincero deveria deixar de meditar.

Quanta distância entre as proibições absolutas, que condenam a mentira, e as numerosas tolerâncias, que a admitem !

Essas tolerâncias provam, como os preceitos, que se dizem divinos, acabam sempre por se acomodar ás exigências terrenas. *Même avec le ciel il y a des accommodements*. Muda-se o nome, mas a couza é a mesma. A mentira triunfa sempre.

Nas outras religiões succede couza idéntica. As anteriores e as posteriores ao catolicismo têm os mesmos rigores teóricos e as mesmas tolerâncias práticas.

Os persas gabavam-se de ensinar aos filhos trez couzas : montar a cavallo, atirar e dizer a verdade (1). De fato, o livro sagrado da religião deles o que lhes pede são estas quatro grandes virtudes : a *veracidade*, a *corajem*, a

---

(1) BRÉAL. — *Essai de semantique*, 230.



---

caridade (mesmo para com os animais) e a humildade (1).

Buda gabava-se de ter sido sempre fiel á verdade (2). E os maometanos asseveram que sempre que alguém diz uma mentira o anjo da guarda afasta-se uma milha, tanto a mentira tem para ele um gosto intensamente amargo (3). (Entre paréntezis cumpre notar que, si esse anjo deve sempre fazer essas viajens de uma milha para ir e outra para voltar, ha de junto de algumas pessoas, cansar-se muito...)

Quando nós encontramos no correr dos tempos, moralistas, relijiozos e lejisladôres, multiplicando as penalidades, as prédicas, os conselhos contra qualquer couza, podemos crêr que essa couza não acabará facilmente. E' talvez mesmo algum desses impulsos fatais da Humanidade, que virão, a despeito de tudo, a prevalecer. Ninguém encontra em todos os filózofos, prégadores e lejisladores preceitos e penas contra os que dezejem morrer de fome. E' um cazo que ocorre tão raramente, que ninguem precisa

---

(1) REINACH. — *Orpheus*, 96.

(2) A. COSTA. — *II Buddha e la sua dottrina*, 99.

(3) HUGHES. — *Dictionnary of Islam*, Lyng, p. 302.

---

ocupar-se com ele. Em compensação, pôde vêr-se o que succede com a infidelidade feminina. Moralistas, relijiosos, lejisladores — todo o exército sagrado dos que aconselham, dos que exortam, dos que punem — pretendeu ao princípio dar remédio a esse mal. E foram penas bárbaras, penas cruéis : apedrejamento, decapitação, todas as formas de morte e de ignomínia. E tudo em vão! Tão em vão que afinal os lejisladores já viram que era inutil querer vencer essa invencivel infidelidade e crearam... o divórcio.

Pois com a mentira está succedendo couza análoga. Ao princípio as lejislações não admitiam que, ao menos em juizo, perante os tribunais, se mentisse de qualquer modo. O falso testemunho devia ser sempre e rigorosamente punido. E' ainda isso o que está em muitos códigos. Já, porém, o nosso Código Penal, no seu artigo 261, distingue as mentiras para mal e as mentiras para bem — pune mais rigorosamente as primeiras do que as segundas.

Da atenuação ao perdão a tranzição é sempre possivel... E assim se vê que a mentira vai sendo cada vez mais tolerada.

Um estudo sobre as penalidades em que incorriam os mentirozos — mesmo os de peor

---

especie : os caluniadores — nos tempos antigos e modernos, mostraria como a mentira vai parecendo de dia para dia um pecado mais venial.

Montaigne, que aliaz confessava que entre os seus compatriotas a mentira chegava quazi a parecer uma virtude, comprazia-se em citar uma nação da India em que o castigo dos que diziam e ouviam mentiras era tirar-lhes sangue da lingua e dos ouvidos (1).

Um velho poeta latino ia mais lonje : queria que os caluniadores fossem, diz o padre Manoel Bernardes, enforcados pela lingua, enquanto os seus ouvintes o seriam pelas orelhas.

Os romanos marcavam os caluniadores na testa com um ou dois *KK*, impressos a ferro em braza. Era frequente que eles empregassem o *K* em vez do *C*. Um *K* queria dizer *Caluniador*; dois significavam : *Cuidado com o caluniador. Cave calumniosum.*

E o velho Manoel Bernardes assevera ainda que entre os turcos o castigo era borrar

---

(1) Ele citava um escritor latino que asseverava que para os francezes a mentira não era mentira ; era « um modo de falar ». Dizia depois que do tempo desse escritor até o seu tempo as couzas tinham ainda peorado ! — *Essais*, livre II, cap. XVIII.

---

a cara ao caluniador e fazel-o percorrer as ruas da cidade, nú, montado em um jumento, com o rosto voltado para a cauda do animal (1). Hoje a pena é de oitenta bastonadas (2).

Entre os Ejípeios e os velhos judeus havia uma pena muito mais racional : o caluniador era condenado ao mesmo castigo que soffreria o caluniado, si o fato de que o arguíam fosse verdadeiro (3). Penalidade inteiramente idéntica decretou um pontífice portuguez : S. Dámazo (4).

Os códigos modernos punem mais levemente. E durante esse tempo os moralistas se mostram tambem menos severos para os mentirozos.

Aliaz isso se justifica, porque a Natureza é mentiroza. Todos conhecem os fatos que os naturalistas chamam de *mimetismo* : os animais que tomam o aspeto, ora de certos animais, que têm mais força do que eles, ora de plantas, de pedras, de couzas inani-

---

(1) BERNARDES. — *Nova Floresta* : Calúnia.

(2) *El derecho penal musulman*. Titulo V, art. 75, nas *Instituciones de los Pueblos Modernos*, vol. X, paj. 870.

(3) NICOLAY. — *Histoire des Croyances*, III, 122.

(4) MANOEL BERNARDES. — *Floresta*, loco citato.

---

madras. Não ha quem não tenha visto ao menos uma dessas borboletas, que pouzadas, simulam completamente folhas sêcas. A possibilidade do cameleão adotar a côr do fundo em que assenta, confundindo-se com ele, fez com que passasse a sêr o símbolo dos que mudam facilmente de opiniões.

E tudo isso, no fim de contas, é a natureza mentindo.

E pois que cla mente creando essas iluzões que tantas vezes enganam os nossos sentidos, enganando-nos, ela nos ensina a enganar (1).

Taine disse que as nossas percepções são « alucinações verdadeiras ». De fato, nós não sabemos o que é realmente o mundo exterior. Sabemos apenas que ele não é como nós o sentimos.

Mentira são todas as artes, que nos procuram iludir evocando como presentes couzas auzentes. Mentira são todas as ciências, a começar pela matemática. Não ha em todo o universo dois objetos completamente, inteiramente iguais. E, si não ha, a ideia do número é uma ideia mentiroza. A Natureza

---

(1) B. PEREZ. — *L'éducation morale dès le berceau.*

---

não conhece o número 2 — nem, portanto, nenhum outro. Todos eles são abstrações do nosso espírito. E quem diz « *abstrações* » diz também implicitamente : « *falsidades, invenções, criações* ». Nenhuma das definições da geometria se encontra na realidade. A realidade é sempre ou mais, ou menos, ou outra couza do que aquilo que nós julgamos apreender.

Tudo nos mente.

E mesmo dentro da Humanidade aquilo que nos parece ser a obra prima do universo — a Mulher — é também a sua parte mais mentiroza.

Sobre isso o acordo entre moralistas, pregadores de religiões e lejisladôres é completo — e vem de todos os tempos, e dura ainda nos nossos.

Ha uma ocasião, em que se procura sempre saber a verdade com rigor : é nos depoimentos prestados perante os juizes. A regra foi que neles nunca se acreditasse no que afirmam as mulheres. As velhas, as vetustíssimas, as milenárias Leis de Manu diziam : « *O testemunho embora único de um homem izento de ambição é admissivel em certos cazos; emquanto que o de grande número de mulheres, mesmo honestas, não o é, por*

---

*cauza da inconstância do espirito das mulheres.. » (1).*

Os judeus não admitiam para testemunhas : « *nem os meninos de menos de treze anos, nem os surdos, nem os inimigos, nem os escravos, nem os guardadôres de cabras, nem os ladrões, nem as mulheres...* » A enumeração é extravagantíssima.

Os Turcos são mais amáveis : elles dizem que se pôde admitir o testemunho feminino, mas só como « meio testemunho » (2). São precisos, portanto, os testemunhos idénticos de duas mulheres para valerem o de um homem. — Sempre é melhor que aquellas disposições de Manu e dos Judeus (3).

E não creiam que isto são couzas, ou de povos atrasados e incultos, ou de leislações abolidas. Foi só em 1897 que o Código Civil francez admitiu o testemunho das mulheres em paridade com o do homem (4).

Enós ? — Nós, ao menos para certos cazos, ainda estamos com Manu e com os Judeus. Para testemunhas de um testamento público

---

(1) *Leis de Manu*. — Cap. VIII, 77.

(2) *Instituciones de los pueblos modernos*, X, p. 866.

(3) V. a este respeito um artigo de Lombroso publicado na *Revue des Revues* de setembro de 1892.

(4) Lei de 7 de dezembro de 1897.

---

a nossa lei exige varões maiores de 14 anos. Não admite mulheres. Acha que um menino, depois de 14 anos é mais digno de fé do que uma mulher, seja qual fôr a sua idade!

E', portanto, inegavel a unanimidade de opinião de todos os povos em todos os tempos sobre a pouca veracidade feminina.

Dir-se-á que neste, como em outros cazos, o que ha é um exemplo a mais da opressão masculina? Mas nesse cazo não parece que os homens tivessem interesse algum em diminuir o valor do testemunho feminino, si realmente ele costumasse ser verídico.

Em vez de negar, mais vale, portanto, procurar si ha uma explicação para o fato. E é possível procura-la com tanto mais desembaraço, quanto não falta quem prefira mentiras femininas a verdades masculinas. Um dos nossos humoristas — Bastos Tigre — já o declarava num espirituozo soneto :

#### PALAVRAS...

Palavras de mulher, leva-as o vento !...  
Triste de quem as ouça, e nelas creia.  
Elas são frájeis como frajil teia  
e é por vezes quebra-las doido intento.

Palavras que não vêm do pensamento  
e iludem, como cantos de sereia ;



---

palavras que se escrevem sobre a areia  
e a onda chega e apaga-as num momento.

Quanta mentira, em notas cristalinas  
sai da garganta musical de um anjo  
de alma traidora e de feições divinas!

No entanto em confessar me não constranjo  
que prefiro as mentiras femininas  
às maiores verdades de um marmanjo.

Essa preferência está tão generalizada que  
as mulheres devem consolar-se, sinão mesmo  
orgulhar-se do predicado que lhes é atribuído.

Neste momento, as mais elegantes, as que  
estão mais no rigor da moda nem poderiam  
tentar qualquer negação, porque nunca os  
postiços foram tão uzados — e o postiço é a  
mentira em ação. Ora, não ha um só homem  
que não as prefira com todas essas mentiras  
de fato aos homens com toda a sua fealdade —  
verdadeira. Antes uma dessas cabecinhas  
cobertas de postiços que a luzidia careca de  
qualquer homem. Estava evidentemente doido  
aquele poeta francez que escreveu que só  
a verdade era bela e amavel :

Rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable...

Assim, em vez de negar a predominância

da Mentira na mulher — fato, que é realmente incontestavel — o que deve fazer-se é procurar-se a explicação do caso. A explicação é que os fracos e perseguidos precisam da mentira como de uma defeza (1). Oprimida por leis tiránicas, sujeita á vontade de dominadores brutais, mantida constantemente, ora em completa, ora em relativa servidão, a mulher tinha de recorrer á mentira, como a ela sempre recorreram os escravos, as crianças, os povos fracos e sofredores.

Os sociolojistas examinando as instituições de povos e tribus diversas, sempre acharam a correlação quazi matemática entre o costume de mentir e a opressão de instituições autocráticas (2). Os povos fortes e vencedôres são mais verdadeiros. Os vencidos, os organicamente fracos são mentirozos.

Tomem, por exemplo, o caso de um povo de gente notoriamente fraca: o povo chinez. E' o povo em que a mentira é mais corrente. Ela se exajera nas hipérboles estupendas das fórmulas da civilidade. Ela é a baze de todas as relações sociais.

---

(1) LOMBROSO. — Loco citato.

(2) SPENCER. — *La morale des différents peuples*, ch. IX, *la Vérité*.

Os médicos, que tratam habitualmente das histéricas, notam que, quando elas se acham deprimidas fisicamente, tornam-se logo mais mentirozas que de costume. Em compensação, quando a pressão sanguínea vai aumentando, aumenta também a veracidade (1).

Mas emfim, ou a tendência á mentira seja de origem fisiológica, ou de origem psicológica, o mulher não tem culpa.

Si as causas que predominam são fisiológicas, trata-se de uma fatalidade orgânica. Si são psicológicas, o grande culpado é o homem pelo conjunto de leis e praxes opressivas, que creou contra a mulher.

Por mim, eu creio que as causas psicológicas são maiores.

Basta pensar nas exigências do pudor: elas obrigam as mulheres a uma hipocrizia constante, sobretudo nas relações entre os dois sexos. Em uma roda de homens, quaisquer que eles sejam, eu posso dizer sem causar o menor escândalo a sensação que me produz uma bela mulher que vai passando. A mulher, mesmo em uma roda de amigas, não o póde fazer sem se arriscar á desmoralização.

---

(1) M. DE FLEURY. — *Le corps et l'âme de l'enfant*, ch. XVIII. — *Sur le mensonge*.

---

Os costumes e as praxes querem, portanto, a hipocrisia feminina.

A mentira na mulher tem ainda uma base, além da fraqueza, além do pudor, além das exigências da luta para a conquista de um marido. E essa base é nobilíssima: a educação dos filhos.

A mulher é geralmente a educadora dos filhos menores. E nessa educação a regra é que se ocultem ou se neguem a eles muitas couzas.

Tudo conspira, portanto, para cultivar na mulher o hábito da mentira.

Mas o reconhecimento disto não deve ter para elas nada de desagradavel, porque, no fim de contas, mesmo os que as atacam, os que as insultam, os que procuram provar a sua inferioridade — todos acabam por adularas e — o que é mais! — por prezar o que elles proclamam inferioridade.

Esse hábito de occultar a verdade creou nelas um quê de mistério, tornou-as enigmas permanentes. E os enigmas — sobretudo esses — dão um prazer imenso a quem os procura decifrar...

Ha ou houve em uma nação qualquer —

---

talvez os senhores conheçam esse caso — um presidente de República que gostava muito que as couzas, sob o seu governo, occorressem... pela primeira vez.

Em amor, nós somos todos como esse presidente. Toda mulher, que nos dá — verdadeira ou falsa, que importa? — uma prova de amor, não deixa nunca de nos explicar que somos os primeiros a quem ela ama verdadeiramente. Mesmo que ela saiba que nós conhecemos alguns dos nossos predecessores, ela nos garante que os outros não tiveram importância alguma. Nós somos sempre os primeiros! E' verdade que talvez haja quem pense como Théophile Gautier. O grande poeta francez manifestou a respeito de primazias em amor uma ideia orijinal. Achava ele que os primeiros beijos nada tinham de particularmente saborozo. Ao contrário. Em amor ele declarava que nunca disputava a iniciativa, porque não se sentia com vocação para professor de a-b-c. Que outros se incumbissem da instrução primária. Ele preferia os beijos sabidos aos beijos injénuos.

Mas isso foi talvez uma simples fraze de espirito.

Guerra Junqueiro, dizendo que não se deve indagar da idade dos vinhos bons e das mu-

lheres formozas, escreveu aquele dístico célebre :

Si o vinho é bom e si a mulher é bela,  
que faz ao cazo a certidão de idade?

No capítulo dos amores, quando alguma diz que é a primeira vez, nós deveríamos murmurar no íntimo :

si a mulher é bela,  
que faz ao cazo ser primeiro ou último ?

Mas embora nós saibamos que aquella fraze é uma mentira de praxe, uma mentira consagrada, uma mentira, por assim dizer ritual : — não importa ! — a mulher é um ser tão misteriozo que nós ficamos a hezitar : « E quem sabe si não é verdade? » « E quem sabe si não foi aos outros que ella mentiu? » A vaidade nos aconselha a acreditarmos nelas : a acreditarmos sem acreditar de todo, a confiar desconfiando... E é afinal de contas uma sensação irritante e delicioza a de, lidando com ellas, não sabermos nunca até onde vai a verdade...

Isso é tão certo que a profissão feminina que tem mais éxito no amor é a que cultiva

---

a mentira sob todas as suas formas : a das atrizes. Juntam a todas as tendências naturais na mulher o hábito de incarnar personagens fictícios. E parece que é exatamente essa circunstância que as torna mais sedutoras.

Os criminalistas tem notado tambem como os homens acabam por ter uma extrema tolerância, que chega quazi á simpatia pelas grandes criminozas, sobretudo si são formozas e moças. Cazos recentíssimos — o de Madame Steinheil e o da condessa Tarnowska — o provaram. E' que elas conservam sempre o prestíjio do mistério. Não é o que disseram o que importa. O que importa é o que negam.

E assim é um fato geralmente observado que, quando se discute algum grande crime feminino, todos os homens — ou pelo menos a maioria deles — estão promptos a desculpar as criminozas, que, em compensação reúnem contra si todas as antipatias das outras mulheres.

Por que isso acontece? Não é porque os homens prezem o crime. E' porque, mesmo criminoza, ou sobretudo criminoza, a mulher lhes aparece como um ser múltiplo e misterioso. Eles sabem que por baixo do que ella diz ha outras couzas, que eles não conhecem

---

bem quais sejam, mas com as quais simpatizam irrezistivelmente.

Uma mulher verdadeira, que dissesse sempre claramente o que pensasse, seria para os homens um monstro destituído de toda graça. Depois de termos ensinado, de termos forçado a mulher a 'mentir, acabamos por fazer da mentira feminina uma qualidade adorável...

Mas a pensar nessa grande capacidade de ilusão e mentira, que junta ao triunfo artístico o triunfo *feminino* das atrizes, e que chega a nos induzir ao perdão das criminosas, ocorrem á memória os versos insolentes de um poeta que dizia á mulher amada :

Si o pranto ajita o teu divino seio,  
sinto um mixto de pena e de receio.

E' que não choras sem que um derrancado  
Yago, cá por dentro, me sujira

— que estás lavando um pecado,  
— ou regando uma mentira... (1)

Dirão que, dizendo-lhe isso, ele a devia amar muito pouco? E' um engano! Nem por isso ele a amaria menos!

---

(1) AUGUSTO GIL. — *O Canto da Cigarra*, p. 63.



---

Mas os homens, que falam muito das mentiras femininas, esquecem frequentemente que tambem o éxito das profissões masculinas se pode, em grande parte medir, pela capacidade de mentir que lhes é dada.

Platão, o grande filózofo grego, dizia que os majistrados e os médicos podiam mentir. (1) O que ele chamava *majistrados* é o que nós hoje chamamos os homens políticos. Por sua vez, Cícero dizia aos advogados, seus colegas, que semeassem os seus discursos com pequenas mentirinhas agradáveis : *causam mendaciunculis adspargere*. (2)

Ora, ninguem negará que as carreiras dos médicos, dos advogados e dos políticos sejam nas sociedades modernas das que têm maior éxito.

E falta uma, que Platão não previu, que Cícero não conhecia : a dos jornalistas. Nessa profissão parece que é permitido, ás vezes... falar a verdade. Mas não se deve abuzar dessa concessão...

Para que, entretanto, a mentira tenha tal successo, de modo que as profissões onde ela

---

(1) DUPRAT. — *Le mensonge*, p. 150.

(2) G. BOISSIER. — *La fin du paganisme*. I, 260.

---

é mais licita sejam as mais prezadas, é necessário que possua algum mérito, alguma vantagem social.

Anatole France sustentou, por intermédio daquele dos seus personajens em que melhor manifestou as suas próprias ideias, que a mentira tem, para vencer, a vantagem de ser múltipla.

Tolstoi dizia uma vez : « A verdade é uma só! » E o seu interlocutor lhe respondia : « Mas as opiniões sobre ela são inumeráveis. »

Exatamente o que torna a verdade facil de ser vencida é que ella é uma só. Por isso mesmo que ella é o que é, rija e imutavel, encontra numerosas resistências para ser admitida por inúmeras pessoas a quem é antipática, a quem é incompreensivel. Si se conta um fato exatamente como elle aconteceu, sem suprimir, sem acrescentar, sem alterar couza alguma, muitos o repelirão por antipatia, por incredulidade, por incapacidade de o conceberem desse modo. Mas, si o narrador é habil e conhece os seus ouvintes póde sobre o mesmo assumto forjar uma mentira especial para cada género de imaginação — e todos admitirão o que elle quizer impinjr-lhes.

---

A verdade é uma pobre e dezarmada pessoinha. A mentira é sempre um batalhão. A verdade não se póde armar. A mentira toma diante de cada pessoa as armas que convém para vencê-la.

Outros têm elojiado a mentira como a creadôra das artes. Ela multiplica as nossas possibilidades vitais. Ela nos faz colegas dos deuses. Pode dizer-se que ela é uma arte — a arte suprema e por isso mesmo, a mãe de todas as outras artes (1). Um indivíduo, que empreende passar aos olhos de todos como possuindo uma certa qualidade, acaba, ás vezes, por tê-la ; pela mentira, ele fez o que só os deuses conseguem : crearem-se a si mesmos!

A função da arte é a de fazer surgir, de exteriorizar um mundo que só existe na nossa fantazia, dando-o como real. E isso é mentira. Mentira sobre mentira — porque para forçarmos os outros a prestar atenção a essas criações precisamos fazer com que eles se esqueçam do mundo real que os

---

(1) PAULHAN. — *Le mensonge de l'art* — passim, mas especialmente, p. 32 e 85. REMY DE GOURMONT. — *Le Chemin de Voulours*. — *La femme et le langage*. — PREZZOLINI. — *L'arte di persuadere*, p. 43. — FAGUET. — *Propos littéraires*, 5ª série, *Sur le mensonge*.

---

cerca, abstraindo-o das suas cojitações. (1)

Remy de Gourmont vai mais longe e assevera que a superioridade do homem sobre os animais, de uns povos sobre outros se mede pelo poder da mentira. (2) Mas ele alarga extraordinariamente a acepção dessa palavra. E não me parece que tenha razão quando diz que os animais não mentem.

A superioridade absoluta da mentira sobre a verdade é um paradoxo, que se póde desenvolver com maior ou menor habilidade.

Mas ha um domínio em que a mentira é sériamente, socialmente util; é o domínio da cortezia, da civilidade, da etiquêta. Sem isso não ha sociabilidade possível. É muitas vezes reprimindo o primeiro movimento de incómodo e aborrecimento, que nós chegamos a tirar grandes proveitos morais e materiais de qualquer encontro. No primeiro instante, dissemos mentindo a uma pessoa, que nos parecia antipática e que preferíamos não vêr, — que tínhamos muito prazer em conhecê-la, muito prazer em apreciar-lhe a conversa. A conversa dura um pouco e

---

(1) PAULHAN. — *Op. cit.* 32.

(2) REMY DE GOURMONT. — *Op. cit.* pajs. 59-119: notes.

dentro de alguns instantes, nós estamos sentindo um prazer — que dessa vez é real. A conversa, que só pode começar graças a uma mentira, deu lugar a que fizéssemos uma boa amizade, a que realizássemos um excelente negócio. Nós, pelas mentiras da civilidade, aprendemos a dominar-nos. Elas são conselhos que os homens da sociedade se dão a si mesmos,

Houve, entretanto, um rei de Portugal, D. Afonso V, que pretendeu reduzir um pouco as fórmulas polidas dos sobrescritos. Mas perdeu tempo. Mesmo os mais anónimos e mais perversos, continuam a ser *Illustrísimos e Excelentíssimos...* embora, em reforço de D. Afonso V, tivesse depois vindo D. Felipe II. (1)

A influência moralizadora da mentira é francamente aproveitada por alguns escritores relijiozos para fins elevadíssimos. A correlação entre os gestos, a attitude exterior e os sentimentos íntimos é tão profunda que quem finje por muito tempo um sentimento, acaba por tê-lo realmente. Alguns grandes condutores de almas, querendo fazer nacer o sentimento relijiozo em espíritos

---

1) JOAO RIBEIRO. — *Frazes feitas*, II, p. 64.

---

tíbios, lhes aconselham que façam, mesmo sem convicção, todos os atos exteriores de devoção. Quem aja como si tivesse um sentimento — e agir assim é mentir, é praticar atos em desacordo com a verdade — consegue não raro tornar verdade o que era apenas aparência mentiroza. (1)

Ha, portanto mentiras uteis. Ha até mentiras heroicas.

O Condestavel de Bourbon estava comandando o assalto contra Roma. No atropêlo da luta, caíu, ferido, numa estrada, sem que os soldados déssem por isso. E seguiram. E deixaram-n'o abandonado.

Em certa ocazião, passou outro grupo de soldados, viu aquele homem ferido e, não o reconhecendo, perguntou-lhe si sabia onde estava o Condestavel.

Responder que era ele que ali estava moribundo seria fazer esmorecer todo o ardor dos combatentes. Sem uma hezitação, ele lhes respondeu :

— Bourbon já passou; está muito adiante. Sigam depressa...

E enquanto os soldados partiam, ele

---

(1) V. o livro do jezuita EYMIEU. — *Le gouvernement de soi-même*, p. 169. O livro é aliaz excelente.

---

deixou-se ficar estertorando, esvaído em sangue!

Mentira heroica!

Em compensação, nem todas as verdades são virtuosas. A mentira é, ás vezes, difficil: exige memória, para que o individuo não se contradiga; exige um certo trabalho intelectual.

Montaigne mostrou que, si um individuo só altera uma parte da verdade, o conjunto das outras partes verdadeiras tem tendência a fazer com que ele seja arrastado a dizer tambem a verdade nesse ponto, esquecendo-se da falsificação que fez.

Mas, si ele inventa tudo — o fato inteiro com todos os seus pormenores — é como si carregasse sobre os hombros toda a construção. Ao menor descuido, por preguiça ou por cansaço, deixa-o cair. (1) E é por isso que o ditado assevera que mais de pressa se apanha um mentirozo que um côxo.

Mas apanhar o mentirozo não quer dizer conhecer a verdade. Ás vezes, nós sentimos que alguém nos está mentindo. Que

---

(1) MONTAIGNE. — *Essais*, I, p. 27.

adianta o percebermos isso, si não sabemos como os fatos se passaram?

Pilatos, quando Cristo lhe disse que tinha vindo ao mundo para dar testemunho da verdade, perguntou melancolicamente :

— E que é a verdade?

Si precisamente ha alguma couza de verdade nessa lenda, de que não se encontra vestígio nenhum em nenhum escritor daquela época, deve ter sido uma frase dolorosa a desse romano, que os próprios evangelhos pintam como um sujeito compassivo, que só cedeu, graças ao clamor do povo e ás instâncias da mulher.

Que é a verdade?

Para arranca-la dos que compareciam aos tribunais houve durante séculos a tortura. Acreditava-se que a dor fazia com que os indivíduos não podessem ocultar a verdade. Por isso, era de rigor que se empregassem os meios bárbaros, que por tanto tempo foram uzados.

Havia o *frontal*, que consistia ou em um círculo de metal ou em uma corda que ia apertando progressivamente a cabeça, como os *borzeguins* esmagavam os pés, como a *catapelta* esmagava o corpo inteiro. Com as



---

*tenazes* arrancavam-se pedaços de carne, arrancavam-se as unhas... (1)

Não havia um intuito de perversidade nos que recorriam a esses processos : o que eles queriam era alcançar a certeza da verdade. Parecia-lhes inadmissível que no momento em que os acuzados estavam sofrendo tão intensamente fossem capazes de mentir. A dôr se lhes afigurava uma garantia da verdade. E tanto era assim que, embora não se desse crédito, em geral, ás mulheres, o direito antigo estabelecia que no momento exato em que entre dôres a mulher estivesse tendo o seu primeiro filho, o que ela dissesse devia ser acreditado. *Virgini parturienti creditur.* (2)

Mas a tortura era contraproducente, porque muitas vezes, para se verem livres dos seus sofrimentos, os acuzados confessavam crimes que jámais haviam praticado.

Entre os romanos havia um processo infinitamente mais suave para estimular a memória das testemunhas : os interessados os levavam para o tribunal pela orelha. Mas aí não occorria ideia alguma de os fazer sofrer.

---

(1) V. NICOLAY. — *Hist. des croyances*, III, 147.

(2) DUPRAT. — *Le mensonge*, 149.

---

Houve tempo em que se acreditou que a séde da memória ficava realmente no lóbulo inferior das orelhas — e era só para despertar nas testemunhas a memória dos fatos que se lhes apertava esse ponto. (1)

Os amigos das bebidas alcoólicas apregõam que o velho provérbio latino « in vino veritas » ensina o único caminho seguro para a descoberta da verdade. A verdade está no vinho ! Os ébrios não mentem ! E tanto Deus é dessa opinião que, no princípio do mundo, os homens, não conhecendo o vinho, não puderam conhecer a verdade e praticaram numerosos crimes. Deus para os punir afogou-os na agua, de que eles tanto gostavam e assim que Noé voltou a fazer vida nova, começou por inventar o vinho. O primeiro milagre que Cristo fez foi multiplicar o vinho nas bodas de Caná.

O direito antigo aproveitou essas indicações e em muitos cazos para que as partes, que firmavam um contrato não o esquecessem e podessem mais tarde testemunhar com verdade, bebiam, no ato solene, alguns copos de vinho : era o « vinho do testemunho. » (2)

---

(1) NICOLAY. — *Op. cit.*, III, 129.

(2) NICOLAY. — *Op. cit.*, III, 146.

Não se póde querer atenuação mais suave na escala dos meios de extrair a verdade : passar das ferocidades da tortura inquisitorial ao simples puxão de orelhas; passar do puxão de orelhas ao copo de vinho... Quantos meios para alcança-la! Mas isso mesmo prova como ela é arisca e fujidia...

Por isso, quando viram que todos os recursos terrestres e humanos falhavam, os lejisladôres pensaram em recorrer ao terror das penas do outro mundo e passaram a exigir juramentos soleníssimos. Essas fórmulas vieram até os nossos dias e só ha pouco foram substituidas pelo compromisso de dizer a verdade.

Mas os juramentos não conseguiram nada.

Os judeus, quando exigem essa formalidade, advertem á testemunha : « *Fica sabendo que nós não te fazemos prestar juramento segundo a significação que tu ligas ás palavras, mas de acordo com Deus e com o sentido que lhe dão os teus juizes (1)* ».

Essa fórmula foi adotada por cauza da esperteza de um judeu.

Chamado ao tribunal para pagar uma dívida, ele veio apoiando-se em um bastão.

---

(1) *Id.*, 163.

O credor o esperava junto ao juiz. No momento de prestar juramento, ele confiou ao próprio credor o seu bastão, arregaçou a manga e espalmou a mão sobre o livro santo jurando dizer a verdade e jurando mais que já entregára a soma pedida ao credor que o perseguia.

Não havia nenhuma outra prova; o juramento tinha sido tão solene, que ele foi absolvido.

— E era falso ?

— Não. Era verdade. Ele cavára no interior da sua bengala, do grosso bastão em que se apoiava, um espaço em que metéra o dinheiro devido. E, assim, quando dizia que já o entregára, era realmente certo, porque o credor lhe estava segurando no bastão, em cujo interior se achava o dinheiro.

Acabado o juramento, ele retomou o seu cajado das mãos do credor atónito e partiu. Chamava-se Rabbas esse judeu esperto — e por cauza do bastão de Rabbas os juizes mudaram a fórmula do juramento.

Mas seja qual fôr a maneira de procurar o exato conhecimento das couzas, sempre se ha de ouvir o grito angustiozo de Pilatos : « E que é a verdade? »

Uma ciência moderna, a grafolojia, ciência

---

que procura desvendar o caráter pela fórmula da escrita, poderia auxiliar-nos nessa pesquisa?

Os grafólogos nos dizem que as pessoas que escrevem em linhas sinuosas nunca são prodigiosamente verdadeiras. Ha efetivamente pessoas que, apesar da pauta do papel, não a podem seguir. Uns vão subindo, outros decendo, outros emfim verdadeiramente dansando com as letras. Mas ha outro sinal ainda peor: é do das palavras « gladioladas ». Os grafólogos chamam palavras « gladioladas » as que começam com letras maiores, que vão progressivamente afinando. Às vezes, as ultimas são ilejiveis: dejeneram em rabiscos. A escrita gladiolada é a dos astuciozos, dos esportos, dos finórios. Mas póde-se mentir por varios motivos. Ha pessoas que occultam sistematicamente o que sabem e o que pensam. Essas fecham sempre, com o maior cuidado, a curva dos *o*, dos *a*, dos *d*, dos *q* minúsculos. Ha emfim as pessoas dotadas de imajinação que fazem as hastes das letras, sobretudo o que chamamos correntemente as « barrigas » dos *h*, dos *j*, dos *k*, dos *l*, grandes e largas, e terminam as palavras com traços fantazistas.

Dir-me-ão que tudo isso é muito compli-

---

cado. E' certo; mas todos nós somos muito complicados... Ha pessôas que mentem por astúcia, que mentem para esconder a própria vida, que mentem por imaginação. E é preciso procurar, portanto, na letra esses diversos caracteres. Em todo cazo, os dois mais eloquentes são a escrita *gladiolada* e a escrita *sinuosa*.

Mas ainda os mentirozos falam ás vezes verdade. E quando alguém receba uma carta feminina em que se acumulem os sinais da dissimulação, da mentira, da imaginação, como saber si daquela vez ao menos a autora não estará dizendo a verdade? Porque a escrita indica o modo de ser habitual do caráter. E sob o pretexto de que alguém escreve palavras *gladioladas*, em linhas *sinuosas*, não podemos negar-lhe crédito em bloco a tudo quanto dissér. Não ha ninguem que seja nem sempre verdadeiro, nem sempre mentirozo. E para complicar as couzas, Boileau disse bem que « a verdade nem sempre é muito verosímil » :

Le vrai peut quelquefois n'être pas vraisemblable...

E' isso o que anima certos mentirozos, cujas afirmações chegam á ser verdadeira-

---

mente delirantes e que, entretanto, as vão contando tão serenamente como si fossem fatos muito naturais.

Foi diante de um destes que Fontenelle achou a mais delicioza fórmula de desmentido.

Fontenelle deixou a reputação de ser um homem de muito espírito. Achava sempre para cada cazo a fraze própria. Era ele que certa vez, não tendo notado a presença de uma senhora, de que era amigo, esta o advertiu sorrindo :

— E como é isto, Sr. Fontenelle : vai passando sem me vêr?!

E, prompto, ele parou, respondendo :

— Nem podia ser de outro modo, minha senhora, porque quem a vê, não passa : fica parado admirando-a...

Era um galanteador inimitavel, de uma cortezia, de uma delicadeza infinita.

Ouvindo uma vez, certo mentirozo contar couzas fantásticas e inacreditaveis, Fontenelle perguntou-lhe :

— Mas o senhor viu isso?

O mentirozo aprumou-solenemente :

— Pois não! Vi!

E Fontenelle redarguiu-lhe, macío e ironico :

---

— Eu acredito, porque o senhor viu. Porque si fosse eu mesmo quem tivesse visto, não acreditaria.

E' impossivel achar uma fórmula de desmentido mais categórica e mais delicada.

Mas a mentira póde ser tão bem feita, que não haja meio de saber onde ela acaba, onde começa.

Nos compêndios de filozofia dá-se como exemplo de sofisma a frase de Epiménides de Creta. Ele disse uma vez que todos os naturais de Creta só diziam mentiras.

Mas, si, sendo cretense, ele dizia isso, devia ser mentira.

Mas, si era mentira que os cretenses sempre dissessem mentiras, talvez aquilo fosse verdade.

Mas, si aquilo era verdade, todos os cretenses só diziam mentiras...

Mas, si os cretenses só diziam mentiras, aquilo devia tambem ser mentira...

— E o raciocínio nunca mais acaba.

Gracejos, paradoxos amaveis, dissertações sutis e sofismas habeis — tudo se póde fazer sobre a mentira... Mas a Verdade lhe é superior.

Não se trata de fazer apenas moralidade barata e querer, como uma simples home-



---

najem á tradição, proclamar aquella superioridade.

A verdade é a única baze possível da harmonia entre os homens.

Censuram-se, ás vezes, certos pensadores, porque eles combatem algumas mentiras, que passam por sêr consoladoras, quando elles nada têm para substituir ás afirmações que destróem. Mas a destruição por si só já é um bem : já é o campo livre, para que a verdade possa surjir. E não ha mentira nenhuma, por mais nobre e consoladôra, que possa reunir a unanimidade de sufrájos : ha sempre quem discorde, ha sempre quem procure impôr as suas crenças — e d'aí têm nascido as maiores guerras, ao passo que das afirmações positivas, reais, verdadeiras — desde que ellas ficam provadas — não é mais possível discordar...

Mintamos, ás vezes, um pouco, mas sentindo sempre que o ideal seria a verdade : um ideal remoto, de uma sociedade constituida diversamente.

E para acabar eu queria lembrar-lhes uma couza e pedir-lhes outra.

Lembrar-lhes que os mentirozos chegam frequentemente a acreditar no que afirmam.

Começam sabendo bem que estão dizendo uma inverdade. Depois, ha uma faze de obnubilação intellectual : hezitam, já não têm uma conciência muito nítida dos limites da verdade e da mentira... Por fim, acabam convencidos. Promoveram a mentira a verdade.

Era por isso que eu lhes queria pedir uma couza : não digam que esta conferência foi enfadonha. Nem todas as verdades se dizem! Mintam — um mentirão colossal — dizendo que ela foi excelente, magnífica, sublime... E assim talvez acabem, sinão por acreditar de todo nessa enormidade, ao menos por esquecer um pouco o que ela foi realmente...  
  
~~~~~

INDICE



O Silêncio é de Ouro	1
... Mas não cazar é melhor.	105
Dinheiro haja!.	155
Ciume e ciumentos.	207
O sonho	251
Souvent femme varie.	295
Si se deve mentir...	347